

Ana Clara Gonçalves Alves de Meira

**CASA DE FERREIRO, ESPETO DE PAU:** uma  
análise das relações retóricas a partir do uso dos  
provérbios como estratégia argumentativa em textos  
da internet

Belo Horizonte  
Faculdade de Letras da UFMG  
2015

Ana Clara Gonçalves Alves de Meira

**CASA DE FERREIRO, ESPETO DE PAU:** uma  
análise das relações retóricas a partir do uso dos  
provérbios como estratégia argumentativa em textos  
da internet

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em Linguística Teórica e Descritiva.

Área de concentração: Linguística Teórica e Descritiva.

Linha de Pesquisa: Linha C – Estudo da Estrutura Gramatical da Linguagem (Estudos da Língua em Uso).

Orientadora: Profa. Dra. Maria Beatriz Nascimento Decat.

Belo Horizonte  
Faculdade de Letras da UFMG  
2015

## AGRADECIMENTOS

Tudo começou assim: no meio do caminho tinha uma palavra, tinha uma palavra no meio do caminho. Essa palavra seguiu o caminho das Letras, ganhou mais força e concluiu o mestrado e, hoje, mesmo diante de muitos obstáculos, conseguiu finalizar mais uma etapa: a escrita da tese. Mas qual a importância da palavra se ela continuasse no meio do caminho? A sua trajetória seria vã, é preciso se juntar a outras palavras, produzir novos textos, novas experiências. Todavia, essa trajetória só se torna completa se houver pessoas que contribuam para que essas palavras sejam semeadas e produzam frutos.

Assim, agradeço a Deus por conduzir os meus caminhos e me dar a certeza de que, quando há fé, os obstáculos podem ser difíceis, mas não impossíveis.

Agradeço à minha mãe, minha guerreira, minha estrela, minha força, que sempre acreditou em mim e lutou pelos meus sonhos, como se fossem seus.

Ao meu pai, *in memoriam*, que me ensinou a beleza da lua cheia, de um sorriso sincero e a certeza de que a vida é mais especial, quando há amor.

Ao meu irmão Gustavo, pelo carinho, auxílio e acolhida nos momentos de dificuldade.

Ao meu irmão Bernardo, pelas piadas que trazem mais humor à vida e por sempre acreditar no meu potencial.

Ao meu irmão Pablo, por deixar a minha vida mais leve com a sua presença, pela amizade e por todo o amor.

Ao meu irmão Fred, por ser meu companheiro, meu amigo e minha força nos momentos mais difíceis.

Ao Dedé, meu irmão adotivo, pelo cuidado, paciência e risadas.

À tia Mel, pela sabedoria e por me ensinar como é importante sempre “dar o nosso melhor”, independentemente da situação.

À tia Hélia, *in memoriam*, por ter me transmitido tanta sabedoria e carinho.

À tia Má, pela confiança e por estar sempre ao meu lado.

À tia Vânia e ao Padrinho Eraldo, por me adotarem como filha.

À Ceça, por ser minha segunda mãe e sempre acreditar em mim.

Ao Anderson e Liu, pelo apoio constante.

Às minhas queridas, Paty e Bela, e aos meus lindos sobrinhos: Gabi, Dan e Thi, pelo carinho e alegria.

À Stefânia (Thê), pelo cuidado e grande apoio no início da minha carreira.

Aos meus amigos, em especial: Paulinha, Paty Rodrigues, Evi e Lu Pompeu, por deixarem a minha vida mais colorida, e a todos os amigos, que sempre estiveram ao meu lado, dando-me força e incentivando-me.

Agradeço também à minha orientadora, Maria Beatriz Nascimento Decat, por todo o cuidado, atenção, confiança, orientações teóricas e, principalmente, por me ensinar a importância de não simplesmente “passar pela vida”, mas transmitir vivacidade aos que me rodeiam.

À Arlete, pela confiança, amizade, apoio e por ser a minha eterna mestra.

À Capes, pelo apoio financeiro, concedido por meio de bolsa de estudos.

À Camila Carvalho, pelo apoio, colaboração e extremo profissionalismo com as traduções desta tese.

À professora Adriana Maria Tenuta de Azevedo, pelas valiosas contribuições teóricas, as quais foram fundamentais para o estudo da relação da metáfora com os provérbios.

Agradeço aos professores, servidores e direção do IFNMG, *campus* Salinas, em especial, aos diretores de ensino, pela compreensão e apoio na fase final do meu doutorado.

Assim, mais uma etapa chega ao fim, mas uma outra se inicia: passar um pouco do que aprendi durante esses anos de estudo e semear novas palavras... Deixo, aqui, o meu Muito Obrigada a todos que torceram por mim!

## RESUMO

Neste trabalho, estuda-se o uso de provérbios sem núcleo verbal e sem conectores em textos retirados da internet, em sua ocorrência, seja no título seja no corpo do texto, objetivando-se investigar o papel das relações retóricas na coerência e organização textual. Para alcançar esse objetivo, fundamentou-se na perspectiva funcionalista, com enfoque no Funcionalismo da Costa Oeste dos Estados Unidos, a fim de demonstrar a importância de um estudo da língua que não se resume à forma, mas contemple também a função. Dentro desse referencial teórico, elegeu-se a Teoria da Estrutura Retórica (*Rhetorical Structure Theory – RST*), que estuda as relações implícitas entre partes do texto e de que forma elas estão relacionadas à coerência textual. Como este trabalho também verifica de que modo o processo metafórico contribui para reafirmar ou justificar a escolha de uma relação retórica emergente em um determinado provérbio, foi explicitado sob qual perspectiva teórica a metáfora foi tratada neste estudo. O *corpus* se constituiu de 10 provérbios analisados em 20 textos, sendo que os provérbios foram selecionados de textos da internet, por meio da ferramenta de busca Google. Nesse contexto, analisaram-se as ocorrências de um mesmo provérbio em dois textos distintos para observar o papel da situação particular na formação das relações de sentido. A hipótese levantada foi de que as informações genéricas e específicas, presentes nos provérbios, podem contribuir para justificar a plausibilidade de análise de relações retóricas determinadas. Além disso, hipotetizou-se também que a situação particular pode exercer influência na relação retórica estabelecida para um dado provérbio. Os resultados evidenciaram que as informações genéricas e específicas dos provérbios contribuem para reafirmar uma relação definida como plausível para um determinado provérbio. Observou-se também que, mesmo em situações particulares diversas, a relação retórica de um mesmo provérbio não se modificou na maior parte dos casos. Todavia, semelhante resultado não invalida a hipótese aventada, porque, embora um provérbio exibisse uma mesma relação retórica em situações específicas diversas, as situações particulares contribuíram para, de alguma forma, construir novos sentidos para os provérbios analisados. Considera-se que uma análise sobre as relações implícitas em provérbios de textos da internet pode colaborar para um estudo que não se limite à forma da língua, mas que agregue, aos aspectos sintáticos, os semânticos e os pragmáticos, sem desconsiderar os fatores sociais e culturais.

Palavras-chave: Provérbios; Teoria da Estrutura Retórica; Informações Genéricas e Específicas; Situação de Uso; Funcionalismo.

## ABSTRACT

In this study, we analyzed the usage of proverbs with no verbal nucleus and no connectors within texts extracted from the internet, whether their occurrences happen on their titles or on the body text, aiming at investigating the role of rhetorical relations in textual coherence and organization. To achieve that objective we based upon the Functionalist Approach focusing on the North American West Coast Functionalism in order to demonstrate the importance of a language study that is not restricted to seeing language as form but that also takes function under consideration. Within that theoretical referential we elected Rhetorical Structure Theory – RST, which studies the implicit relations that exist between parts of a text and how they are connected to textual coherence. Since this work also verified the way the metaphorical process contributes to either reassuring or justifying a chosen emerging rhetorical relation at a specific proverb, we indicated which theoretical perspective was considered when analyzing the metaphor during this research. The *corpus* comprised 10 proverbs, extracted from texts from the internet using Google search engine, which were analyzed in 20 different texts. In this respect, we investigated the occurrence of a same proverb in two different texts to observe the role of a particular communicative situation in creating semantic relations. Our hypothesis was that the existing generic and specific information in the proverbs could contribute to justifying that analyzing specific rhetorical relations was plausible. Furthermore, another hypothesis was that a particular situation could have influence on the rhetorical relation established in a certain proverb. The results demonstrated that the existing generic and specific information in the proverbs contributed to reassure a relation defined as plausible to a specific proverb. We also observed that even in diverse particular situations the rhetorical relation of a same proverb was not modified in most cases. Nevertheless, such result did not invalidate the proposed hypothesis inasmuch as although a proverb could present the same rhetorical relation in diverse specific situations, the particular situations contributed to somehow building new meanings to the proverbs analyzed. We consider that studying existing implicit relations in proverbs from texts extracted from the internet can collaborate with a study that is not restricted to seeing language as form but benefits syntactic, semantic and pragmatic aspects without disregarding social and cultural factors.

**Keywords:** Proverbs; Rhetorical Structure Theory; Generic and Specific Information; Usage Situation; Functionalism.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1 – Relação retórica de Condição.....	62
FIGURA 2 – Relação Retórica de Contraste.....	62
FIGURA 3 – Relação Retórica de Sequência (Exemplo nosso) .....	62
FIGURA 4 – Relação Retórica de Lista.....	62
FIGURA 5 – Relação Retórica de Circunstância e Propósito.....	63
FIGURA 6 – Tela RSTTool – Segmentando o texto .....	84
FIGURA 7 – Tela RSTTool – Estruturando o texto .....	85
FIGURA 8 – Tela RSTTool – Definindo as relações retóricas.....	86
FIGURA 9 – Relação retórica de Causa .....	87
FIGURA 10 – Relação retórica de Concessão .....	95
FIGURA 11 – Relação retórica de Contraste .....	100
FIGURA 12 – Relação retórica de Causa .....	106
FIGURA 13 – Relação retórica de Causa .....	110
FIGURA 14 – Relação retórica de Comparação .....	116
FIGURA 15 – Relação retórica de Comparação .....	124
FIGURA 16 – Relação retórica de Causa .....	129
FIGURA 17 – Relação retórica de Causa .....	133
FIGURA 18 – Relação retórica de Contraste .....	139
FIGURA 19 – Relação retórica de Contraste .....	142
FIGURA 20 – Relação retórica de Conjunção.....	145
FIGURA 21 – Relação retórica de Conjunção.....	149
FIGURA 22 – Relação retórica de Concessão .....	155
FIGURA 23 – Relação retórica de Antítese .....	159
FIGURA 24 – Relação Retórica de Concessão.....	165
FIGURA 25 – Relação de retórica Concessão .....	169
FIGURA 26 – Relação retórica de Antítese.....	174
FIGURA 27 – Relação retórica de Concessão .....	178
FIGURA 28 – Relação retórica de Conjunção e Resultado .....	182
FIGURA 29 – Relação retórica de Conjunção e Antítese.....	183
FIGURA 30 – Relação retórica de Conjunção e Concessão .....	183
FIGURA 31 – Relação retórica de Conjunção e Contraste.....	183
FIGURA 32 – Relação retórica de Conjunção e Incondicional .....	185
FIGURA 33 – Relação Retórica de Conjunção e Incondicional.....	189

## LISTA DE QUADROS E TABELA

QUADRO 1: Noções gerais de gênero textual, tipo textual e domínio discursivo .....	25
QUADRO 2: Características do provérbio.....	29
QUADRO 3: Definições de conjunção, conectivo e conector .....	32
QUADRO 4: Classificação das metáforas conceptuais .....	70
QUADRO 5: Provérbios e textos selecionados.....	79
QUADRO 6: Trechos do texto relacionados às porções textuais Casa de ferreiro, espeto de pau.....	90
QUADRO 7: Trechos do texto relacionados às porções textuais Casa de Ferreiro, espeto de pau.....	98
QUADRO 8: Trechos do texto relacionados às porções textuais Amigos, amigos. Negócios à parte.....	103
QUADRO 9: Trechos do texto relacionados às porções textuais Amigos, amigos! Negócios à parte!.....	108
QUADRO 10: Trechos do texto relacionados às porções textuais Tal pai, tal filho.....	113
QUADRO 11: Trechos do texto relacionados às porções textuais Tal pai, tal filho? .....	122
QUADRO 12: Trechos do texto relacionados às porções textuais Rei morto, rei posto.....	127
QUADRO 13: Trechos do texto relacionados às porções textuais Rei morto, rei posto.....	132
QUADRO 14: Trechos do texto relacionados às porções textuais Alegria de uns tristeza de outros .....	137
QUADRO 15: Trechos do texto relacionados às porções textuais Alegria de uns, tristeza de outros .....	141
QUADRO 16: Trechos do texto relacionados às porções textuais Olho por olho, dente por dente .....	144
QUADRO 17: Trechos do texto relacionados às porções textuais Olho por olho, dente por dente .....	148
QUADRO 18: Trechos do texto relacionados às porções textuais Longe dos olhos, perto do coração .....	152
QUADRO 19: Trechos do texto relacionados às porções textuais Longe dos olhos, perto do coração .....	158
QUADRO 20: Trechos do texto relacionados às porções textuais Filho criado, trabalho dobrado.....	162
QUADRO 21: Trechos do texto relacionados às porções textuais Filho criado, trabalho dobrado.....	167



QUADRO 22: Trechos do texto relacionados às porções textuais Mal com ele, pior sem ele .....	172
QUADRO 23: Trechos do texto relacionados às porções textuais Mal com ele, pior sem ele .....	176
QUADRO 24: Trechos do texto relacionados às porções textuais Pai rico, filho, neto pobre.....	181
QUADRO 25: Trechos do texto relacionados às porções textuais Pai rico, filho, neto pobre.....	187
QUADRO 26: A influência da situação específica na escolha da relação retórica.....	193
TABELA 1: Ocorrência das relações retóricas encontradas numa análise dos provérbios com o texto.....	190

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
1 O GÊNERO TEXTUAL PROVÉRPIO.....	21
1.1 Visão geral sobre gênero textual .....	21
1.2 O provérbio como gênero textual.....	27
2 DELIMITANDO CONCEITOS.....	32
2.1 Conjunção, conectivo e conector.....	32
2.2 Justaposição.....	35
2.3 Texto, contexto e cotexto.....	39
3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA .....	43
3.1 Funcionalismo .....	43
3.1.1 Noções gerais.....	44
3.1.2 Principais temas do funcionalismo.....	45
3.1.3 Funcionalismo da Costa Oeste dos Estados Unidos (WCF) .....	49
3.2 A Teoria da Estrutura Retórica (RST).....	53
3.3 A relação da metáfora com os provérbios .....	68
4 METODOLOGIA.....	78
4.1 <i>Corpus</i> .....	78
4.2 Procedimentos metodológicos.....	81
4.3 O programa de diagramação RSTTool.....	83
5 O PROVÉRPIO E SEU USO EM TEXTOS DA INTERNET .....	88
5.1 Análise do <i>Corpus</i> .....	88
Texto 1.....	88
Texto 2.....	95
Texto 3.....	100

Texto 4.....	106
Texto 5.....	110
Texto 6.....	116
Texto 7.....	124
Texto 8.....	130
Texto 9.....	134
Texto 10.....	139
Texto 11.....	142
Texto 12.....	146
Texto 13.....	150
Texto 14.....	155
Texto 15.....	159
Texto 16.....	165
Texto 17.....	170
Texto 18.....	174
Texto 19.....	178
Texto 20.....	185
5.2 Sistematização dos resultados .....	189
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	198
REFERÊNCIAS .....	201
ANEXO A – DEFINIÇÕES DAS RELAÇÕES RETÓRICAS .....	210
ANEXO B – RELAÇÃO RETÓRICA DE COMPARAÇÃO .....	215
ANEXO C – RELAÇÃO RETÓRICA DE ADIÇÃO.....	216

## INTRODUÇÃO

Estruturas tais como *Rei morto, rei posto; Tal pai, tal filho; Filho de peixe, peixinho é*, entre outras, são classificadas como provérbios. Os provérbios se caracterizam, de forma geral, por serem enunciados breves que possuem uma função didática, transmitindo conselhos e orientações. A origem deles é remota, não se sabe ao certo quando surgiram. Muitos provérbios não puderam ser catalogados, ou porque faziam parte de uma tradição oral, ou porque os documentos que os registravam perderam-se com o tempo. Apesar da sua origem remota, eles ainda exercem uma forte influência na sociedade moderna.

No que se refere à autoria dos provérbios, ela se relaciona à coletividade, já que eles não possuem um autor fixo e definido. Nessa perspectiva, “pode-se dizer, portanto, que o provérbio constitui o discurso do outro. Quem o emprega tem seu dizer invencível, pois está apoiado em uma idéia tradicional estabelecida pelo senso comum, não refutada pela coletividade” (XATARA; SUCCI, 2008, p. 39).

Os provérbios constituem o objeto de estudo desta tese, a partir deles foram investigadas as relações de sentido que emergem das porções textuais que os compõem.

Essa investigação referente às relações de sentido já havia sido iniciada durante o mestrado; todavia, no presente trabalho, ela adquire dimensão e foco diferentes. Durante o mestrado, foram analisados provérbios que apresentavam núcleo verbal e conector. Neste trabalho, procura-se averiguar de que forma as relações de sentido se estabelecem em situações comunicativas diversas, mesmo com a ausência de núcleo verbal e conector. No mestrado, portanto, a análise baseou-se em estruturas oracionais, tais como *Rapadura é doce, mas não é mole*; já, nesta tese, os provérbios selecionados são classificados pela Gramática Tradicional como exemplos de frases nominais: *Tal pai, tal filho; Olho por olho, dente por dente; Amigos, amigos, negócios à parte*.

Outra diferença entre o mestrado e este estudo diz respeito ao fato de, naquele, apesar de ter sido dada uma importância à situação particular<sup>1</sup> na qual o provérbio se

---

<sup>1</sup> Ressalta-se que, neste trabalho, os termos situação particular e específica referem-se a *cotexto*. Já situação comunicativa e em uso a *contexto*, conforme se explica na seção 2.3 do Capítulo 2. Destaca-se, ainda, que os termos *cotexto* e *contexto* também são definidos na seção mencionada.

encontra para a apreensão da relação retórica, não se associou a situação específica com o processo metafórico que emerge dos provérbios, como foi feito neste trabalho.

Além disso, todos os provérbios analisados, na dissertação, eram diferentes. Nesta tese, analisou-se um mesmo provérbio presente em dois textos diferentes, isto é, os provérbios deveriam se encontrar em situações particulares distintas. O intuito foi verificar de que forma a situação em uso pode interferir na escolha das relações retóricas<sup>2</sup> de um mesmo provérbio.

Para observar as relações de sentido que emergem das porções textuais, fundamentou-se na Teoria da Estrutura Retórica (doravante RST), abordagem teórica que se propõe a observar as relações de sentido, de coerência que se estabelecem entre as unidades textuais que compõem um determinado texto. A noção de coerência, neste trabalho, pauta-se na compreensão de que a

coerência é a ausência de sequências ilógicas e lacunas. Ou seja, cada uma das partes de um texto coerente possui uma função, uma razão plausível para a sua existência, evidente para os leitores e, além disso, causa a impressão de que não lhe faltam quaisquer partes.<sup>3</sup>

Essas relações são conhecidas como relações retóricas. De acordo com Mann e Thompson (2000), a RST pode ser compreendida como um estudo das relações de coerência que emergem de um texto.

A relevância de se analisarem porções textuais que não apresentam conectores ancora-se na percepção de que a classificação de orações, pautada nos elementos de ligação que as acompanham, apresenta lacunas; por exemplo, muitas vezes, pode-se apreender um sentido diferente daquele já *consagrado* por um dado conector. Conforme Taboada e Mann (2006, p. 440), “o fato de relações não sinalizadas existirem não significa que as relações não estejam presentes, do mesmo modo que uma anáfora zero não significa que uma relação anafórica não esteja presente”.<sup>4</sup> Desse modo, a ausência de

---

<sup>2</sup> No Capítulo 3, seção 3.2, explica-se o que são relações retóricas. Além disso, um quadro detalhado com a definição das relações retóricas se encontra no ANEXO A.

<sup>3</sup> Cf. Introdução à Teoria da Estrutura Retórica. Disponível em: <<http://www.sfu.ca/rst/07portuguese/intro.html>>. Acesso em: 10 jun. 2011.

<sup>4</sup> Tradução nossa. “The fact that unsignalled relations exist does not mean that the relations are not present, in the same way that zero anaphora does not mean that an anaphoric relation is not present” (TABOADA; MANN, 2006, p. 440). Ressalta-se que todas as traduções deste trabalho são de nossa responsabilidade, por isso apenas explicitou-se o termo *tradução nossa* nessa primeira citação, nas seguintes, colocou-se somente a citação em inglês.

conectores não impede que sejam estabelecidas relações de sentido. Como afirmam Taboada e Mann (2006), nem sempre marcadores formais sinalizam de forma explícita uma relação retórica. Esses marcadores, muitas vezes, apenas limitam a possibilidade de relações retóricas que podem ser definidas.

Taboada e Mann (2006) explicam também que há uma expressiva ocorrência de relações de sentido que se estabelecem sem qualquer marcador formal, o que demonstra uma vez mais a importância de se investigar de que modo as relações de sentido se manifestam em unidades textuais que não possuem conectores. Taboada e Mann (2006, p. 441) mencionam que

a análise de textos da RST proveniente de uma gama de recursos diversos demonstra que a ausência de tais sinalizações é extremamente frequente. A frequência pode variar para diferentes tipos de textos, mas se estima que mais de 50% das relações não sinalizadas são representativas. A análise no website da RST (Mann, 2005), uma coleção muito diversa que abrange 187 unidades, tem cerca de 72% das relações não sinalizadas. Embora a estrutura relacional discursiva não sinalizada seja abundante, a sua significação não está na sua frequência. Preferivelmente, é qualitativa: a questão é como a estrutura discursiva não sinalizada pode ocorrer em qualquer frequência. Coerência textual e ausência de relação sinalizada precisam ser consideradas conjuntamente.<sup>5</sup>

Decat (2001, p. 105) também destaca que os estudos tradicionais não dão conta “da relação adverbial que emerge em estruturas comuns em provérbios ou ditos populares como ‘*Casa de ferreiro, espeto de pau*’ e ‘*De graça até injeção na língua*’”, porque priorizam o nível sentencial, considerando somente os casos que constituem cláusulas plenas, ou seja, que apresentem um núcleo verbal.

Levando em conta que este trabalho priorizou um estudo que considere as relações de sentido estabelecidas em um texto, não restringindo o estudo da língua a suas estruturas internas, mas ressaltando uma perspectiva linguística que se ancora nos aspectos externos

---

<sup>5</sup> “RST analyses of texts from a very diverse range of sources show that the absence of such signals is extremely frequent. The frequency may vary for different text types, but an estimate of over 50 percent of the relations being unsignalled is representative. The analyses on the RST website (Mann, 2005), a very diverse collection comprising 187 units, have about 72 percent of the relations unsignalled. Although unsignalled relational discourse structure is abundant, its significance is not in its frequency. Rather, it is qualitative: the issue of how unsignalled discourse structure is possible at any frequency. Coherence of text and absence of relation signaling need to be considered together” (TABOADA; MANN, 2006, p. 441).

à língua, a fundamentação teórica foi baseada na abordagem funcionalista. A escolha dessa perspectiva justifica-se porque

a abordagem funcionalista procura explicar as regularidades observadas no uso interativo da língua analisando as condições discursivas em que se verifica esse uso. Os domínios da sintaxe, da semântica e da pragmática são relacionados e interdependentes. Ao lado da descrição sintática, cabe investigar as circunstâncias discursivas que envolvem as estruturas linguísticas e seus contextos específicos de uso. Segundo a hipótese funcionalista, a estrutura gramatical depende do uso que se faz da língua, ou seja, a estrutura é motivada pela situação comunicativa (CUNHA; COSTA; CEZARIO, 2003, p. 29).

No que concerne à abordagem funcionalista, o nosso enfoque foi no Funcionalismo da Costa Oeste dos Estados Unidos (WCF),<sup>6</sup> já que o estudo da relação entre texto e contexto é um dos aspectos centrais dessa perspectiva, além de os funcionalistas da WFC considerarem que a linguagem precisa ser estudada por meio da interação comunicativa, e não de forma isolada e autônoma.

Como se trabalhou com provérbios, notou-se que a metáfora é uma característica marcante nesse gênero textual e que ela está ligada à formação de uma imagem. O sentido de imagem ao qual se faz referência está relacionado à semiologia e à comunicação, ou seja, imagem como “representação concreta que serve para representar uma idéia abstrata” (LALANDE, 1962, p. 100). Assim, a associação entre metáfora e imagem demonstra que a *concretude* proporcionada pela imagem faz com que os provérbios transmitam noções menos abstratas as quais podem ser aplicadas a um conjunto diverso de situações particulares. A formação de imagens é uma característica tão significativa nos provérbios que, em anúncios publicitários, o ideal é que sejam criados *slogans* com estatuto de provérbio, a fim de possibilitar que o consumidor memorize o anúncio com facilidade e acabe criando uma proximidade com o produto anunciado. Logo, “quando o emissor quer que o seu receptor crie uma determinada imagem do referente ou mesmo do próprio emissor, ele recorre com frequência a algum provérbio, sobretudo nos meios publicitários” (XATARA; SUCCI, 2008, p. 41).

Buscou-se também investigar como essa noção de *concretude* transmitida pelas metáforas contribui para o entendimento dos provérbios em situações específicas. Levando em conta que a imagem evocada pelas metáforas transmite um significado,

---

<sup>6</sup> Sigla em inglês para *West Coast Functionalism* (Funcionalismo da Costa Oeste).

procurou-se entender de que modo esse significado pode ser associado às relações retóricas encontradas nos provérbios analisados neste trabalho.

Os provérbios apresentam informações pertencentes ao universo de uma determinada cultura; portanto, “aprender provérbios significa reforçar a própria identidade nacional” (XATARA; SUCCI, 2008, p. 37). Essas informações transmitidas pelos provérbios possuem um aspecto de genericidade, isto é, todos os falantes que compreendem um determinado provérbio são capazes de entender as informações gerais que os provérbios compartilham. Essas informações gerais podem ser apresentadas em uma gama de situações particulares. O fato de os provérbios compartilharem informações genéricas manifestadas em diversas situações específicas remete a uma metáfora proposta por Lakoff e Johnson (1980) denominada GENÉRICO É ESPECÍFICO. A partir dos estudos de Lakoff e Johnson (1980), Lakoff e Turner (1989) estudam a metáfora GENÉRICO É ESPECÍFICO e sua relação com os provérbios. Com base nos estudos de Lakoff e Turner (1989), demonstrou-se como as informações genéricas e específicas organizam-se nos provérbios.

O levantamento das informações genéricas e específicas, embora tenha sido realizado de forma simples, sem um aprofundamento na teoria da metáfora conceptual de Lakoff e Johnson (1980), foi importante para verificar se as informações compartilhadas podiam dar *pistas* de quais relações retóricas seriam consideradas plausíveis.

O grande desafio deste trabalho foi observar se mesmo estruturas como provérbios que compartilham informações já conhecidas por uma dada comunidade podem, a partir de uma situação particular, apresentar novas informações, expressando, assim, relações de sentido que sejam diferentes da esperada em uma análise isolada do provérbio, ou seja, sem referência ao contexto.

Acredita-se que uma situação particular pode produzir novos sentidos até mesmo em estruturas que possuem informações compartilhadas culturalmente, como os provérbios. Considerando que um provérbio pode ser utilizado em uma situação particular não somente para reafirmar as ideias inerentes a esse provérbio, mas também para trazer novas informações, ou manifestar uma crítica, ou produzir um efeito diferente do esperado, pretende-se investigar se a relação retórica estabelecida para um dado provérbio pode ser determinada pela situação particular na qual ele se encontra. Xatara e Succi (2008, p. 42) explicam que



a quebra de um conceito estabelecido é, por sua vez, um recurso moderno e muito interessante em propagandas, que tomam como base provérbios de sabedoria ‘indiscutível’ e os contradizem, inserindo um novo conceito a fim de causar efeito de estranhamento, por vezes até risos, prendendo, assim, a atenção do receptor e atingindo, conseqüentemente, o objetivo almejado.

Outro desafio proposto por este estudo é observar as relações retóricas presentes em porções de textos<sup>7</sup> sem núcleo verbal. Essa questão configura-se como um desafio, porque, embora a RST permita que o analista segmente o seu texto em porções maiores ou menores do que a oração, a maioria dos estudos concentra-se numa análise em que as menores unidades textuais são as orações.

Selecionar estruturas proverbiais não se constitui uma tarefa isenta de complexidade, tendo em vista que o que alguns fraseologistas consideram como provérbios, outros denominam ditos populares, aforismos ou adágios, entre outras terminologias. Para seleção dos provérbios, adotou-se o mesmo critério utilizado por Xatara e Succi (2008), que consideram que, para um provérbio ser incluído em um dicionário, é preciso que sua ocorrência na língua seja recorrente e que apresente algumas características específicas desse gênero, as quais serão explicitadas no capítulo destinado ao gênero provérbio. Todos os provérbios selecionados, neste trabalho, foram retirados de dicionários ou coletâneas de provérbios, organizados de forma criteriosa. Para seleção, foram consultados o dicionário de provérbios *Novo PIP* e o *Almanaque Jangada Brasil*.<sup>8</sup> Esse almanaque organizou uma coletânea, disponível para *download* em pdf, com mais de 380 provérbios.

No capítulo dedicado aos provérbios, apresenta-se a dificuldade de delimitar a diferença entre provérbios e outras expressões: ditos populares, aforismos etc. Destaca-se que, por se considerarem essas distinções fluidas e difíceis de serem estabelecidas, optou-se por não realizar diferenciações entre essas terminologias. Nessa perspectiva, o

---

<sup>7</sup> Baseou-se em Mann (1984) para segmentar o texto em porções textuais. Para se referir a porções de texto, o autor utiliza o termo *span* e explica que as porções de texto seriam as unidades menores que compõem um dado texto. Assim, por meio dessa terminologia, o provérbio *Casa de ferreiro, espeto de pau*, por exemplo, poderia ser segmentado em duas unidades menores ou porções de texto, tais como: a) *Casa de ferreiro* e b) *espeto de pau*.

<sup>8</sup> Ao final do trabalho, encontra-se a referência completa.

intuito deste trabalho é delinear as características dos provérbios; entretanto, com a ressalva de que é

difícil delimitar completamente a diferença que existe entre aforismo e cada um dos termos: adágio, sentença, máxima, provérbio, refrão, axioma e apotegma, pois todos eles contêm o sentido de uma proposição ou frase breve, clara, evidente e de ensino profundo e útil. Nenhum autor antigo, nem moderno todavia conseguiu expor clara e terminantemente as diferenças [...] (OLIVEIRA, 1991, p. 19).

Nos provérbios, estão incutidos conhecimentos de uma cultura. Assim, a sua compreensão manifesta também um entendimento complexo de uma língua, já que, para compreender os sentidos presentes nele, é preciso possuir não só uma competência lexical, sintática e semântica, mas também pragmática e cultural. Portanto, os fatores extralinguísticos são essenciais para uma análise das relações de sentido dos provérbios.

Considerando que os provérbios não possuem uma autoria definida, eles podem se configurar como importantes estratégias de persuasão, já que aquele que faz menção ao provérbio não tem responsabilidade a respeito do que foi dito, a responsabilidade é da coletividade. Por sugerir *uma voz coletiva*, o falante que usa os provérbios em seus textos orais ou escritos pode partir do pressuposto de que aquilo que ele assume como verdade não é uma verdade reconhecida apenas por uma pessoa, mas por uma coletividade, o que sugere uma aceitação do outro pelo que é proferido nos provérbios.

Busca-se também, neste trabalho, demonstrar que a coerência representa aquilo que “trata da possibilidade, e mesmo da necessidade, de atribuição de sentido às produções textuais, condição básica para que essas produções sejam entendidas e assumidas como tais” (MARTELOTTA *et al.*, 2008, p. 200).

O que há em estruturas como *Tal pai, tal filho; Rei morto, rei posto* que permite que elas produzam sentido? Como a situação particular, os aspectos extralinguísticos contribuem para apreensão de sentido de porções de texto sem núcleo verbal e conectores? A partir desses questionamentos, pretende-se investigar como essas estruturas proverbiais podem ser estudadas em um nível que ultrapasse o sentencial. Acredita-se que não se deve resumir o estudo das relações de sentido às orações; é preciso tentar extrapolar o nível sintático, analisando também estruturas sem núcleo verbal, a fim de se buscar um entendimento reflexivo e interacional da língua. Logo, é necessário

investigar a língua em uso para que se possa identificar a intenção do falante, considerando as funções como parte das várias estratégias de estruturação.

Levando em conta todas essas questões, os objetivos do presente estudo são:

### **Objetivo geral:**

Analisar provérbios, que não apresentem núcleo verbal e conectores, presentes em textos da internet, por meio de um estudo que contemple as relações implícitas e a situação discursiva, procurando investigar o papel das relações retóricas na coerência e na organização textual.

### **Objetivos específicos:**

- Identificar e descrever as relações retóricas presentes nos provérbios.
- Demonstrar como o texto no qual o provérbio se encontra contribui para justificar a relação retórica definida como plausível.
- Verificar se a análise de um mesmo provérbio em dois textos diferentes interferirá na escolha da relação retórica para o provérbio.
- Observar a importância da situação particular – o texto selecionado – para o estabelecimento de relações de sentido no provérbio.
- Verificar de que forma as informações genéricas e específicas encontradas nos provérbios contribuem para reafirmar a escolha de uma dada relação retórica.

A hipótese sustentada por esta tese ancora-se em dois aspectos: a) no fato de que as informações genéricas e específicas, que fazem parte de todos os provérbios, podem ajudar a explicar a plausibilidade das relações retóricas depreendidas; e b) no fato de que os provérbios, que são caracterizados por transmitirem informações genéricas (o que conduziria a uma conclusão lógica de que as relações retóricas seriam sempre fixas), podem sofrer influência da situação particular na seleção da relação retórica considerada mais plausível para um determinado provérbio.

Este trabalho está estruturado em cinco capítulos. No primeiro capítulo, apresenta-se uma definição geral de gênero textual e, por meio dessa definição, constrói-se o

conceito de provérbio como gênero textual. No segundo capítulo, são delimitados conceitos como conjunção; conectivos, conectores; justaposição; texto, contexto e cotexto, já que essas noções são mencionadas ao longo deste trabalho. No terceiro capítulo, encontra-se a fundamentação teórica, a qual é composta pelos seguintes tópicos: Funcionalismo, com enfoque no Funcionalismo da Costa Oeste dos Estados Unidos; Teoria da Estrutura Retórica; e Relação das metáforas com os provérbios. Já no quarto capítulo, explicita-se a metodologia, explicando os procedimentos metodológicos utilizados. No quinto capítulo, apresentaram-se as análises do *corpus* e a sistematização dos resultados das análises. Por fim, demonstram-se as considerações finais.

## 1 O GÊNERO TEXTUAL PROVÉRBIO

Neste capítulo, procura-se explicitar a caracterização do provérbio como gênero textual. Para isso, inicialmente, é apresentada, na seção 1.1, uma noção geral de gênero textual.

Conforme se verificará, em capítulo posterior, acerca de *Texto, Contexto e Cotexto*, esses termos foram definidos com base na abordagem sociossemiótica de Halliday e Hasan (1989) e na Linguística Textual, seguindo os estudos de Koch (2011). Neste capítulo, não se pautou nesses pesquisadores para se definir gênero. Tal decisão se justifica, porque não se pretende ancorar em uma perspectiva teórica específica para conceituar gênero; o intuito é apenas permitir uma compreensão ampla de gênero textual.

Além disso, a abordagem de gêneros proposta por Hasan (1989) não é isenta de críticas: “Ventola (1989) considera a EPG<sup>9</sup> uma abstração sem correspondência fiel aos dados da linguagem real; Martin (1985, citado em Hasan 1995, p. 187) argumenta que, até certo ponto, a EPG impõe uma visão linear e objetiva de gêneros, o que a coloca como uma categoria desconectada do evento que lhe deu origem” (MOTTA-ROCH; HERBELE, 2005, p. 27). Assim, independentemente da perspectiva teórica adotada, sempre haverá uma crítica ou algum aspecto passível de questionamento; por isso, optou-se por não se basear em uma teoria específica, mas adotar uma definição mais abrangente de gênero textual, sem estabelecer também uma dicotomia entre gênero textual e discursivo.

Em seguida, na seção 1.2, demonstra-se de que forma o provérbio pode ser caracterizado como um gênero textual.

### 1.1 Visão geral sobre gênero textual

Conforme Koch e Elias (2011, p. 55), “todas as nossas produções, quer orais, quer escritas, se baseiam em formas-padrão relativamente estáveis de estruturação de um todo a que denominamos gêneros”. Já para Coutinho (2004), os gêneros seriam modelos correspondentes a formas sociais presentes nas diversas situações de comunicação, sendo sua estabilidade relacionada ao momento histórico-cultural no qual o gênero está inserido.

---

<sup>9</sup> Estrutura Potencial do Gênero (EPG).

Para Marcuschi (2008, p. 159), os gêneros poderiam ser sucintamente definidos como entidades “dinâmicas; históricas; sociais; situadas; comunicativas; orientadas para fins específicos; ligadas a determinadas comunidades discursivas; ligadas a domínios discursivos; recorrentes; estabilizadas em formatos mais ou menos claros”.

A definição de gênero como *formas-padrão relativamente estáveis* demonstra que os gêneros possuem uma forma característica, ou seja, quando se escreve uma carta pessoal, por exemplo, depara-se com uma estrutura que lhe é peculiar: local, data, destinatário, assunto a ser tratado. Do mesmo modo, outros gêneros, como bula de remédio, artigos científicos, editoriais, poemas, bilhetes, entre outros, possuem uma forma específica. Em contrapartida, eles são relativamente estáveis, já que são também entidades históricas e sociais; logo, aspectos sociais e históricos podem influenciar o funcionamento dos gêneros textuais, fazendo com que alguns caiam em desuso e novos gêneros surjam. Com o advento da tecnologia, por exemplo, o *e-mail* configurou-se como um novo gênero. Nesse sentido, Paiva (2010, p. 92-93) afirma que o *e-mail* é

um gênero eletrônico escrito, com características típicas de memorando, bilhete, carta, conversa face a face e telefônica, cuja representação adquire ora a forma de monólogo ora de diálogo e que se distingue de outros tipos de mensagens devido a características bastante peculiares de seu meio de transmissão, em especial a velocidade e a assincronia na comunicação entre usuários de computadores. Os seguintes aspectos – autor, leitor, comunidade discursiva, tecnologia, contexto, texto, organização retórica, léxico, sinais não verbais (*emoticons* ou *smileys*) e normas de interação – ganham características especiais quando se trata desse gênero.

Ressalta-se que o surgimento de outros gêneros não demonstra que eles são totalmente novos, pois um gênero origina-se de outro que o antecedeu. O *e-mail*, por exemplo, compartilha muitas características com a carta. Nessa perspectiva, “nem sempre temos algo essencialmente novo, mas derivado, como, por exemplo, os *chats* surgindo como uma forma de conversação por meios eletrônicos, ou os *blogs* surgindo dos diários de bordo” (MARCUSCHI, 2011, p. 22).

Apesar da forma típica de um gênero, não se pode resumi-lo à forma, é preciso observar sua função. Os gêneros devem ser relacionados às práticas sociais, ao contexto discursivo, aos objetivos de uma dada situação comunicativa, aos aspectos cognitivos, culturais, históricos. Então, ao mesmo tempo que eles possuem uma forma que os caracteriza, não se limitam a essa forma, já que se revestem de uma funcionalidade. Se

um juiz de direito, por exemplo, para proferir uma sentença, utilizar-se de uma piada, a seleção desse gênero nessa situação discursiva não seria muito coerente com as características de uma audiência e com a expectativa do público, já que se espera que o juiz profira uma sentença com objetividade, clareza e seriedade. Assim, o gênero piada, por transmitir humor e informalidade, acaba não sendo adequado à situação discursiva mencionada. Nota-se que “os gêneros não são superestruturas canônicas e determinadas, mas também não são amorfos e simplesmente determinados por pressões externas. São formações interativas, multimodalizadas<sup>10</sup> e flexíveis da organização social e de produção de sentidos” (MARCUSCHI, 2011, p. 28).

Ao definir gêneros textuais, é importante destacar as suas propriedades sociocomunicativas e o fato de serem inúmeros. No que se refere ao primeiro aspecto, infere-se que, se os gêneros se caracterizam por propriedades sociocomunicativas, eles não podem ser vistos como entidades estáticas. Assim,

desde que não concebamos os gêneros como modelos estanques nem como estruturas rígidas, mas como formas culturais e cognitivas de ação social corporificadas de modo particular na linguagem, veremos os gêneros como entidades dinâmicas (MARCUSCHI, 2011, p. 18).

Quanto ao segundo aspecto – serem inúmeros – entende-se que, ao se tratar de gêneros, não é possível reduzi-los a um conjunto fechado; portanto, além de o número de gêneros textuais ser extenso, outros podem surgir, pois eles

não são classificáveis como formas puras, nem podem ser catalogados de maneira rígida. Devem ser vistos na relação com as práticas sociais, os aspectos cognitivos, os interesses, as relações de poder, as tecnologias, as atividades discursivas e no interior da cultura. Eles mudam, fundem-se, misturam-se para manter sua identidade funcional com inovação organizacional (MARCUSCHI, 2011, p. 18).

A grande diversidade de gêneros existente aponta para uma característica de heterogeneidade, isto é, a lista que compõe os gêneros textuais não é homogênea, limitada. Nesse sentido, tanto um bilhete quanto uma monografia são gêneros textuais.

---

<sup>10</sup> A multimodalidade é definida por Kress e Van Leeuwen (2001) como um campo de estudo que se preocupa em explorar as formas de significação modernas, isto é, os modos semióticos relacionados ao processo de representação e comunicação. Nesse sentido, a multimodalidade se caracteriza pela coexistência de mais de um modo semiótico (sonoro, visual, gestual etc.).

Atualmente, há muitos estudos a respeito dos gêneros textuais; mas, como destaca Marcuschi (2008), um trabalho mais detalhado com gêneros se originou com Platão. Marcuschi (2008, p. 147) ressalta que

a expressão ‘gênero’ esteve, na tradição ocidental, especialmente ligada aos (gêneros literários, cuja análise se inicia com Platão para se firmar com Aristóteles, passando por Horácio e Quintiliano, pela Idade Média, o Renascimento e a Modernidade, até os primórdios do século XX. Atualmente, a noção de gênero já não mais se vincula apenas à literatura [...].

A existência de muitos estudos sobre gêneros textuais fez com que surgissem diversas perspectivas de análises. Marcuschi (2008) explicita que, no Brasil, há vários estudos no que se refere ao trabalho com gêneros textuais, tais como os que se baseiam em uma linha relacionada ao ensino de língua materna, como os de Schneuwly/Dolz e Bronckart. Há também aqueles em que predomina a perspectiva de John Swales (1990). Ainda, segundo Marcuschi (2008), destacam-se os trabalhos baseados na perspectiva sistêmico-funcional; além da expressiva influência de Bakhtin, Adam, Bronckart, Charles Bazerman, Carolyn Miller e outros como Gunther Kress e Norman Fairclough, em muitas universidades do país.

Como já se mencionou, não se pretende analisar uma perspectiva específica no tratamento dos gêneros textuais, mas sim apresentar uma definição geral de gênero textual. Nesse contexto, as definições de Marcuschi (2008), Coutinho (2004) e Koch e Elias (2011), já citadas, são suficientes para um conceito mais amplo sobre gêneros textuais.

Bakhtin (1992) menciona três elementos como constituintes do gênero: plano composicional, conteúdo temático e estilo. O primeiro – plano composicional – diz respeito às características estruturais que compõem um dado gênero. Com base nesse autor, pode-se dizer que, no gênero convite de casamento,<sup>11</sup> por exemplo, destacam-se, na sua composição: os nomes dos pais dos noivos, os nomes dos noivos, local da cerimônia, data e endereço da casa dos pais dos noivos. O segundo – conteúdo temático – está relacionado ao tema. Em um convite de casamento, espera-se que o intuito seja convidar alguém para uma cerimônia de matrimônio. O terceiro – estilo – relaciona-se

---

<sup>11</sup> Exemplo nosso.



tanto ao plano composicional quanto ao conteúdo temático. No exemplo citado, convite de casamento, o estilo caracterizar-se-ia pela linguagem objetiva e direta, prevalecendo a norma culta da língua.

Os estudiosos de gêneros textuais costumam estabelecer uma diferença entre gêneros, tipos textuais e domínio discursivo. Para que se possa delimitar bem o conceito de gênero, elaborou-se um quadro de acordo com Marcuschi (2008) para demonstrar essas distinções:

QUADRO 1: Noções gerais de gênero textual, tipo textual e domínio discursivo

Tipo textual	Gênero textual	Domínio discursivo
Designa uma espécie de construção teórica (em geral uma sequência subjacente aos textos) definida pela natureza linguística de sua composição (aspectos lexicais, sintáticos, tempos verbais, relações lógicas, estilo). O tipo caracteriza-se muito mais como sequências linguísticas (sequências retóricas) do que como os textos materializados; a rigor são modos textuais. Exemplos: narração, argumentação, exposição, descrição, injunção.	Refere-se aos textos materializados em situações comunicativas recorrentes. São os textos que encontramos em nossa vida diária e que apresentam padrões sociocomunicativos característicos definidos por composições funcionais, objetivos enunciativos e estilos concretamente realizados na integração de forças históricas, sociais, institucionais e técnicas. São formas textuais escritas ou orais bastante estáveis, histórica e socialmente situadas. Exemplos: telefonema, sermão, carta comercial, carta pessoal, romance, bilhete, reportagem, aula expositiva, reunião de condomínio, inquérito policial, entre outros.	Constitui muito mais ‘uma esfera da atividade humana’ no sentido bakhtiniano do termo do que um princípio de classificação de texto e indica instâncias discursivas (por exemplo: discurso jurídico, discurso jornalístico, discurso religioso etc.) Não abrange um gênero em particular, mas dá origem a vários deles, já que os gêneros são institucionalmente marcados. Constituem práticas discursivas nas quais podemos identificar um conjunto de gêneros textuais que às vezes lhe são próprios ou específicos como rotinas comunicativas institucionalizadas e instauradoras de relações de poder.

Fonte: Marcuschi (2008, p. 154-155).

A respeito dos tipos textuais, eles também recebem a denominação de sequências textuais. Conforme se percebeu, uma diferença marcante entre gêneros e tipos textuais é que estes são categorias limitadas, já aqueles correspondem a uma lista aberta. Quanto à

característica de cada tipo textual, segundo Koch e Elias (2011), na narração, ter-se-ia uma sucessão temporal de eventos. Nesse tipo textual, ressaltam-se os verbos de ação, os advérbios temporais, causais e locativos como aspectos formais. Na argumentação, ainda de acordo com Koch e Elias (2011), predomina uma sequência ideológica de argumentos e/ou contra-argumentos. Já na exposição, “tem-se uma análise ou síntese de representações conceituais numa ordenação lógica” (KOCH; ELIAS, 2011, p. 67). No que se refere à descrição, o principal objetivo é descrever, apresentando qualidades e propriedades de uma pessoa, um objeto, um lugar, um evento etc. Por fim, na injunção, ressalta-se o caráter prescritivo, por isso é comum aparecerem verbos no imperativo.

Apesar de se ter explicado cada tipo textual separadamente, salienta-se que, em um mesmo gênero textual, é possível encontrar vários tipos textuais. Desse modo, “num conto ou num romance, vamos encontrar, a par das sequências narrativas responsáveis pela ação propriamente dita (enredo, trama), sequências descritivas (descrições de situações, ambientes, personagens) e expositivas (intromissões do narrador)” (KOCH; ELIAS, 2011, p. 73).

Foram apontadas as diferenças entre gêneros e tipos e textuais, mas essas categorias não devem ser vistas de forma dicotômica, e sim como complementares e integradas. Marcuschi (2008, p. 158, grifos no original) menciona que

as definições aqui trazidas de *gênero*, *tipo*, *domínio discursivo* são muito mais operacionais do que formais e seguem de perto a posição bakhtiniana. Assim, para a noção de *tipo textual*, predomina a identificação de sequências linguísticas como norteadora; e para a noção de *gênero textual*, predomina os critérios de padrões comunicativos, ações, propósitos e inserção sócio-históricas. No caso dos *domínios discursivos*, não lidamos propriamente com textos e sim com formações históricas e sociais que originam os discursos. Eles ainda não se acham bem definidos e oferecem alguma resistência, mas seguramente, sua definição deveria ser na base de critérios etnográficos, antropológicos e sociológicos e históricos.

Conforme já foi dito, procurou-se transmitir uma noção ampla de gênero textual para que, a partir dessa definição, fosse demonstrado como os provérbios podem ser classificados como gêneros textuais, o que é explicitado na seção a seguir.

## 1.2 O provérbio como gênero textual

Conforme afirma Bakhtin (1992), um gênero pode ser caracterizado pelo seu plano composicional, conteúdo temático e estilo. Se o provérbio for considerado como gênero textual, é importante que se observe de que forma esses elementos se manifestam no provérbio. Inicialmente, buscou-se definir o provérbio e, a partir da sua definição e caracterização, demonstrou-se de que modo plano composicional, conteúdo temático e estilo se configuram nos provérbios.

No que se refere à definição de provérbios, segundo Houaiss e Villar (2009), tem-se o seguinte conceito: “frase curta, ger. de origem popular, freq. com ritmo e rima, rica em imagens, que sintetiza um conceito a respeito da realidade ou uma regra social ou moral (p.ex.: Deus ajuda a quem madruga)”. Partindo dessa definição, a denominação de provérbio como frase curta nos chama a atenção para uma característica dos provérbios: a concisão.

Seguem-se algumas definições para provérbios:

[...] enunciados tipificados que servem de identificação cultural e direcionam as atitudes e o comportamento social no tempo e no espaço. Os provérbios irradiam saberes e funcionam como respostas para situações diversas do cotidiano das pessoas (FIGUEIREDO, 2012, p. 44).

[...] uma unidade léxica fraseológica fixa, consagrada por determinada comunidade linguística, que recolhe experiências vivenciadas em comum e as formula como um enunciado conotativo, sucinto e completo, empregado com a função de ensinar, aconselhar, consolar, advertir, repreender, persuadir ou até mesmo praguejar (XATARA; OLIVEIRA, 2008, p. 19).

Observando essas definições, nota-se que o conteúdo didático, geralmente, um ensinamento ou um aconselhamento, é algo que se destaca nos provérbios. Desse modo, “constatamos que a essência educativa e moral dos provérbios são demonstradas nesses pequenos enunciados que mostram como a natureza humana é relativamente constante em determinados aspectos da vida, pois alguns valores permanecem imutáveis” (FIGUEIREDO, 2012, p. 30).

Outra característica do provérbio é a sua relação com a cultura:

Os provérbios fazem parte do folclore de um povo, assim como as superstições, lendas e canções, pois são frutos das experiências desse povo, representando verdadeiros monumentos orais transmitidos de geração em geração, cuja autoridade está justamente nessa tradição, para seus destinatários tão anônimos quanto seus provérbios (XATARA; OLIVEIRA, 2008, p. 20).

Essa relação com a cultura contribui para estabelecer a identidade de um povo e, como os provérbios possuem autoria desconhecida, aquilo que eles apresentam como verdade não se constitui como uma *verdade* individual, mas coletiva. Segundo Lyzardo-Dias (2001, p. 40), os provérbios apresentam informações genéricas que lhes conferem um aspecto de *genericidade* que

responde pelo tom moralizante ou didático do provérbio, assim como pela autonomia sintática e semântica a ele atribuídas: os enunciados genéricos remetem a uma situação ou a um estado de coisas geral e habitual; logo, eles adquirem o status de ‘verdade’, da qual se pode inferir outras ‘verdades’ relativas a situações específicas.

Como nos provérbios estão incutidas questões culturais e sociais, eles podem transmitir também preconceitos arraigados na sociedade. Assim, “a mentalidade machista, por exemplo, pode ser constada abundantemente em provérbios brasileiros: “Mulher, cachaça e bolacha, em toda parte se acha [...]; Mulher é como alça de caixão, quando um larga vem o outro e põe a mão” (XATARA; OLIVEIRA, 2008, p. 21).

O fato de os provérbios transmitirem um conselho e terem um caráter moralizante pode explicar o porquê de se encontrarem provérbios no final de muitas fábulas. Assim,

Em contos infantis, e sobretudo em fábulas, os provérbios figuram muitas vezes com o intuito de educar ou advertir, pois carregam mensagens que procuram orientar as atitudes do leitor. Exemplificando, a fábula da galinha dos ovos de ouro encerra com a moral da história ‘Quem tudo quer nada tem’; a fábula da coruja e da águia encerra com ‘Quem o feio ama, bonito lhe parece’; e a fábula da raposa e das uvas com ‘Quem desdenha quer comprar’. A da tartaruga e da lebre, com ‘Devagar se vai ao longe’; a do leão e do rato, com ‘Ninguém é tão inútil que não possa ser útil a alguém’. Na verdade, as fábulas e os provérbios encerram um posicionamento crítico sobre condutas humanas, demonstrando assim a moral da história (XATARA; OLIVEIRA, 2008, p. 22).

A complexidade na definição dos provérbios se estabelece porque o seu conceito não se resume a um único aspecto, é preciso que critérios formais, semânticos, culturais

e pragmáticos sejam observados na definição dos provérbios. Lysardo-Dias (2001, p. 21) explicita cada um desses aspectos:

- (i) do ponto de vista formal, o provérbio é uma frase ‘autônoma’ cuja estrutura é relativamente fixa; logo, essa sequência está codificada no interior de um sistema linguístico. Ele se caracteriza ainda por elementos prosódicos específicos e recorrentes;
- (ii) do ponto de vista do significado, ele se apresenta como uma verdade genérica e/ou universal, marcada pelo tom moralizante ou didático;
- (iii) do ponto de vista histórico-cultural, o provérbio é um saber enraizado numa tradição remota, partilhada coletivamente enquanto norma de comportamento dos membros de uma sociedade;
- (iv) do ponto de vista pragmático, ele tem credibilidade de uma fala antiga e tradicional e o poder persuasivo proveniente da autoridade de um discurso genérico e supostamente consensual.

No que se refere às características formais dos provérbios, destacam-se também a “elaboração trabalhada, ritmo, aliteração, assonância, construções binárias, paralelismo, repetição, violação de sintaxe e termos regionais” (XATARA; OLIVEIRA, 2008, p. 22). Tendo em vista que os provérbios não se resumem às características formais, pode-se dizer que “cada vez que um provérbio é citado ou evocado, toda uma rede de significações é estabelecida a partir da inter-relação de tais características” (LYZARDO-DIAS, 2001, p. 44).

Torna-se fundamental, então, observar os aspectos sintáticos, semânticos e pragmáticos para que se defina o provérbio não se restringindo a um único aspecto. Para mostrar essas características que compõem o provérbio de forma detalhada, apresenta-se, a seguir, um quadro de acordo com os estudos de Xatara e Oliveira (2008):

QUADRO 2: Características do provérbio

Quanto à sintaxe	Quanto à semântica	Quanto à pragmática
<ul style="list-style-type: none"> <li>- Unidade lexical (UL) conotativa e geralmente concisa;</li> <li>- Conjugado em diferentes tempos verbais, mas, sobretudo, no presente ou no futuro;</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Representa uma verdade geral, resumindo experiências vividas por mais de um indivíduo, seja sentimentos (raiva, decepção, revolta, carinho, saudade etc.), seja posicionamentos (sobre</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Atemporal e de maior frequência na modalidade oral do que na escrita;</li> <li>- Aprovado pela coletividade e</li> </ul>

<ul style="list-style-type: none"> <li>- Impessoal, na maioria das vezes;</li> <li>- Enunciado completo, dispensando qualquer especificação de sujeito ou complementos verbais;</li> <li>- Pode combinar com diferentes recursos estilísticos (rima, aliteração, assonância, elipse de artigo, repetição de palavras, hipérbole, antítese, dialogismo, paranomásia, trocadilho etc.).</li> </ul>	<p>classe social, idade, raça, sexo, religião etc.);</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Tem pretensões de ser válido universalmente, mas às vezes apresenta um valor peculiar, restrito a uma região.</li> </ul>	<p>transmitido de geração em geração;</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Não tem autoria, pois sua condição de produção foi apagada;</li> <li>- Tem como objetivo comprovar a idéia do usuário, argumentar, aconselhar, persuadir ou controlar condutas;</li> <li>- Pode ser compreendido isoladamente, mas muitas vezes revela intertextualidade e é empregado em função de um contexto;</li> <li>- Funciona como subsídios em relação a si mesmo, aos outros e às futuras gerações;</li> <li>- Consagrado por uma determinada comunidade linguística.</li> </ul>
--	--	--

Fonte: Xatara e Oliveira (2008, p. 24).

Levando em conta as características já elencadas, pode-se dizer que, ao definir o provérbio como gênero, no plano composicional, ressaltam-se o formato curto e simples, a linguagem verbal, o uso recorrente de aliterações, assonâncias e rimas, entre outros aspectos. Quanto ao conteúdo temático, o provérbio diz respeito a temas diversos inerentes à cultura de um povo, transmitindo conselhos e um conteúdo de caráter moralizante. A respeito do estilo, por estar relacionado à sabedoria popular e não ter uma comprovação científica, o provérbio possui um estilo informal, relacionado à coloquialidade.

Uma grande dificuldade no estudo de provérbios é estabelecer a distinção entre provérbio, máxima, dito popular, adágio, entre outros, levando em conta que, apesar de existirem diferenças entre esses termos, tais distinções são muito tênues e fluidas, o que dificulta uma diferenciação palpável entre essas categorias. Assim,

o termo tem sido usado nas mais diferentes acepções: Joles (1930), Fiorio (1995) e Vellasco (1996), por exemplo, consideram o provérbio e o ditado como designativos da mesma ocorrência; Greimas (1973)

distingue o provérbio do dito popular; Schapira (1997) indica o uso do termo ‘provérbio’ para referir-se genericamente a todos os tipos de formas concisas (LYSARDO-DIAS, 2001, p. 16).

Já Norrick (1985) estabelece diferenças entre provérbios, frases, aforismos, adivinhação e piada. As diferenciações entre esses termos, geralmente ditos como *formas breves*, raramente são precisas e acabam por gerar dúvidas e confusões para determinar se, em uma dada situação, há um provérbio, ou um adágio, ou um dito popular etc. Optou-se, então, por não estabelecer essas diferenciações, por isso procurou-se delimitar as características do provérbio de forma detalhada para que se considere como provérbio as porções textuais que, de modo geral, contemplem as características elucidadas no Quadro 2.

Mesmo que não seja possível encontrar todas as características citadas em um só provérbio, delimitar esse gênero é importante para explicar por que *Tal pai, tal filho*, por exemplo, pode ser considerado um provérbio.

Apesar de o provérbio ter sido considerado, neste trabalho, um gênero próprio, ressalta-se que ele pode ser encontrado em gêneros diversos. Nesse viés, há provérbios em anúncios publicitários, reportagens, piadas, entre outros.

## 2 DELIMITANDO CONCEITOS

Neste capítulo, são apresentados alguns conceitos pontuais para este trabalho, tendo em vista que foram estudados provérbios sem núcleo verbal e conectores, presentes em textos da internet; tornou-se importante definir conjunção, conectivo, conector, justaposição, texto, contexto e cotexto.

### 2.1 Conjunção, conectivo e conector

A fim de delimitar qual nomenclatura a respeito de conjunção, conectivo e conector será utilizada, foi elaborado um quadro para explicitar uma breve revisão da literatura tradicional sobre os conceitos que esses termos veiculam.

QUADRO 3: Definições de conjunção, conectivo e conector

Autores	Definição	Classificação
Oiticica (1940)	<p>Conectivo é a palavra que indica a interdependência de dois nomes ou duas frases (p. 30).</p> <p>Conjunção é a palavra que indica a relação entre dois pensamentos. Essa relação pode fazer-se por coordenação, subordinação, ou correlação (p. 59).</p>	<p>O autor classifica apenas as conjunções, que são organizadas da seguinte forma:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Coordenativas: aditivas, adversativas, alternativas, conclusivas, explicativas;</li> <li>• Subordinativas: causais, concessivas, concomitantes, condicionais, conformativas, finais, integrantes e temporais; correlativas.</li> </ul>
Ali (1964)	<p>A conjunção é geralmente tida por uma palavra invariável que serve para ligar as orações. O qualificativo “invariável” vem aqui como reminiscência do antigo sistema gramatical que dividia as palavras em flexivas e inflexivas (p. 218).</p>	<p>Chamam-se geralmente coordenativas as conjunções que estabelecem paralelismo sintático entre duas orações, e subordinativas aquelas que apresentam uma oração como elemento integrante ou modificativo de outra, isto é, dão-lhe o caráter ou de substantivo ou de advérbio (p. 221).</p>



Bueno (1968)	Conjunção é a palavra invariável que liga duas orações, indicando as relações entre elas existentes (p. 34).	Há duas classes: coordenativas e subordinativas. As primeiras exercem a mesma função no período e, mesmo separadas, a significação permanece. Já as subordinativas, a separação gera incompletude na significação (p. 35).
Camara Jr. (1985)	Conjunções são vocábulos gramaticais que como conectivos estabelecem: a) uma coordenação entre duas palavras, dois membros de oração ou duas orações (conjunções coordenativas); b) uma subordinação entre duas orações, que constituem um sintagma oracional, em que uma, como determinante, fica subordinada à outra, principal, como determinado (p. 181).	Conjunções coordenativas e subordinativas.
Bechara (2001)	Conector e transpositor – unidades que têm por missão reunir orações num mesmo enunciado (p. 319).	Os conectores representam as conjunções coordenadas e os transpositores, as subordinadas (p. 319-320).
Cunha e Cintra (2001)	Conjunção: vocábulos gramaticais que servem para relacionar duas orações ou dois termos semelhantes da mesma oração (p. 579).	Dividem-se em coordenativas e subordinativas (p. 579).
Luft (2002)	Conectivos são palavras que estabelecem conexão entre palavras, orações ou frases (p. 185).	A conexão coordenante se faz pelas conjunções ditas coordenativas; a subordinante é realizada pelas preposições, conjunções subordinativas e pronomes relativos. E há ainda o verbo de ligação, que subordina o predicativo ao sujeito (que eventualmente é zero: era noite) (p. 185).

Os autores citados, de modo geral, colocam como característica básica da conjunção, conectivos e conectores a capacidade de ligar elementos, estejam eles entre palavras, orações ou frases. Além disso, são unânimes em dividir esses elementos de

ligação em coordenativos e subordinativos. As diferenças perceptíveis entre os estudiosos se referem ao fato de apenas Bechara (2001) usar os termos transpositor e conector, enquanto a maioria utiliza o termo conjunção, com exceção de Oiticica (1940) e Luft (2002), que fazem alusão ao termo conectivo. Uma questão interessante destacada por Luft é o fato de ele considerar o verbo de ligação como conjunção, o que difere da maioria dos estudos tradicionais. Se as conjunções exercem um papel de ligar partes do texto ou até mesmo palavras, não se pode desconsiderar a sua relevância na coerência textual. Nesse sentido, como muito bem argumenta Ali (1964, p. 219), a conjunção não tem

valor de simples elo mecânico posto entre orações; mas serve à linguagem para evitar que duas proposições se apresentem ambas como iniciais. A partícula dá a uma delas o caráter de seqüente, parecendo-se de alguma sorte o seu papel com o dos sinais com que em meio de um trecho musical se anuncia mudança da tonalidade. Mas a conjunção faz mais: assinala a relação lógica em que a seqüente está para com a inicial. É pois uma partícula que exerce sua influência, não como o advérbio, e a preposição sôbre um vocábulo, mas sôbre uma oração em conjunto.

Conforme destacado por Ali (1964), as conjunções contribuem para o encadeamento das ideias, para a progressão textual, para definir a ordem em que os elementos aparecem no texto; todavia, mesmo desempenhando todas essas funções, é possível encontrar porções de textos em que a ausência da conjunção não deixe o texto ininteligível. Taboada (2009, p. 133), por exemplo, demonstra que o texto pode ou não apresentar marcadores discursivos, os quais, para o autora,

[...] são a primeira linha de ação, porque eles tendem a ser os sinais mais evidentes de que uma ligação existe. Informação sintática fornece sinais em uma variedade de casos: o discurso reportado e certos verbos indicam uma relação de atribuição (Redeker & Egg 2006); orações relativas indicam Elaboração; modo interrogativo sinaliza Solução; e as orações não finitas, Circunstância (Taboada e Mann, 2006, b). Elos lexicais ou coesivos podem ser indicadores de uma relação de elaboração. A pontuação e o layout também são indicadores de relações. Finalmente, estruturas de gênero, provavelmente, desempenham um papel, em termos dos tipos de relações que são normalmente encontrados num determinado texto, tais como Preparação e Fundo nos artigos de jornal e, também, em quais relações são mais frequentes em cada parte de um texto ou conversação (Taboada 2004).<sup>12</sup>

<sup>12</sup> “[...] are the first line of action, because they tend to be the most obvious signals that a link exists. Syntactic information provides cues in a variety of cases: reported speech and certain verbs indicate an Attribution relation (Redeker & Egg, 2006); relative clauses indicate Elaboration; interrogative mood

Taboada (2009) demonstra, assim, que os marcadores discursivos podem ser sinalizados por meio de aspectos sintáticos; relações lexicais, coesivas; pontuação; *layout* e gênero textual.

Até este momento, apresentaram-se alguns estudos que tentam conceituar, principalmente, o que vêm a ser conjunção e conectivo. Mas, tendo em vista a Linguística Textual que “trabalha com a noção de conector, ‘palavra ou expressão que conecta’, isto é, ‘liga’ partes de orações, períodos inteiros e até fragmentos de texto maiores que uma frase, estabelecendo uma relação semântica ou pragmática entre os elementos ligados” (DIAS; RODRIGUES, 2010, p. 23), foi utilizado o termo conector para este trabalho. Desse modo, conector designará qualquer termo que exerça a função de ligação, seja ele preposição, advérbio, conjunção e suas respectivas locuções, entre outros.

## 2.2 Justaposição

A justaposição é definida, de modo geral, como a ligação de sentenças sem a presença de um conector. Fazendo uma revisão da literatura a respeito desse conceito, encontraram-se as definições: “São justapostas as [orações] que se apõem a outra oração sem auxílio de conectivo [...] podemos observar que tanto orações independentes, como as dependentes, podem ser conectivas ou justapostas” (BECHARA, 1992, p. 106). Segundo Cunha e Cintra (2001, p. 596), as orações justapostas são “colocadas uma ao lado da outra sem qualquer conectivo que as enlace” (CUNHA; CINTRA, 2001, p. 596). Para Dias e Rodrigues (2010, p. 16): “coordenação e subordinação dizem respeito ao valor sintático de dependência e independência em que se acham as orações dentro do contexto; correlação e justaposição referem-se ao modo de se ligarem entre si essas mesmas orações”.

Salienta-se, como também mencionam Dias e Rodrigues (2010, p. 15), “embora não haja muitos estudos que discutam o estatuto de mecanismo sintático da justaposição, todos são unânimes em citar Oiticica (1942, 1952), como o precursor e defensor dessa

---

signals Solutionhood; and non-finite clauses Circumstance (Taboada & Mann, 2006b). Lexical or cohesive chains may be indicators of an Elaboration relation. Punctuation and layout are also indicators of relations. Finally, genre-related structures probably play a role, in terms of the types of relations that are typically found in a particular text type, such as Preparation and Background in newspaper articles, and also in what relations are most frequent in each part of a text or conversation (Taboada, 2004)” (TABOADA, 2009, p. 133).

premissa”. Assim, Oiticica (1940, p. 248) já menciona o que seria justaposição por meio de exemplos:

Juxtaposição: Exemplo: Justino, me disse o guarda, recolhe aquele carro. Nesse exemplo, há duas frases independentes, uma das quais se intercala entre dois termos da outra, suspendendo-lhe a sequência. Por isso, a frase “me disse o guarda” chama-se intercalada. As duas frases estão relacionadas apenas por mera juxtaposição.

Percebe-se que, apesar das diversas definições apresentadas para justaposição, todas apontam para uma característica comum: ausência de conectores. Partindo desse aspecto, pode-se dizer que a justaposição não estaria presente apenas em sintagmas oracionais, mas também em sintagmas nominais. Observando que a justaposição, com a qual se trabalha, encontrava-se no que a Gramática Tradicional define como frase nominal, foram resgatadas algumas definições de frase, oração e frases nominais, a fim de delimitar esses conceitos e demonstrar qual posicionamento é adotado neste trabalho.

Para Bechara (1992, p. 13), a oração é definida como

a unidade do discurso, marcada entre duas pausas. A oração constitui a menor unidade de sentido do discurso e encerra um propósito definido. Para tanto, faz uso dos elementos de que a língua dispõe de acordo com determinados modelos convencionais de estruturação oracional. Estes modelos convencionais nem sempre coincidem de idioma para idioma e vêm a formar o sistema sintático característico desse mesmo idioma ou de um grupo de idiomas.

Já Bechara (2001), ao estabelecer a diferença entre frase e oração, pauta-se na ausência e na presença de verbo, respectivamente. Desse modo, a frase não teria um núcleo verbal, já a oração teria. Além disso, ele divide a frase em duas categorias: unimembre e bimembre. Na primeira, estariam as interjeições, tal como: “Socorro!”, “Oh, meu Deus!” etc. Na segunda, ele inclui frases como: “Casa de ferreiro, espeto de pau”, “Tal pai, tal filho”. Ao conceituar a frase, ele afirma que, geralmente,

seus elementos constituintes são de natureza nominal (substantivos, adjetivos ou advérbios), e a ausência do núcleo verbal, donde dimanam as relações sintático-semânticas, impede que se identifiquem entre seus constituintes as funções que se manifestam na oração. Por outro lado, a frase aponta para asserção de uma verdade geral, já que exclui a forma

verbal responsável por uma particularização da expressão (BECHARA, 2001, p. 540).

Embora diferencie frase de oração pela ausência e presença de verbo, respectivamente, Bechara (2001) chama a atenção para o fato de que as frases são passíveis de serem parafraseadas. Desse modo,

‘entende-se’ que um enunciado como Bom dia! equivale a Desejo bom dia ou Espero que tenha bom dia!, ou Casa de ferreiro, espeto de pau valeria aproximadamente a Casa de ferreiro usa espeto de pau ou Quando a casa é de ferreiro, o espeto é de pau ou, ainda, Em casa de ferreiro não se usa espeto de ferro, mas de pau (BECHARA, 2001, p. 540).

Apesar de Bechara (2001) demonstrar que a paráfrase é possível, argumenta que não se devem realizar paráfrases com o intuito de obter orações, afirmando que “a expressividade decorre da leveza e espontaneidade com que se caracterizam [...]. A vivacidade e leveza que tais frases emprestam ao discurso explicam o largo emprego nas máximas e provérbios” (BECHARA, 2001, p. 542). Desse modo, as paráfrases não refletem exatamente a estrutura nominal, retirando, muitas vezes, o seu contorno melódico e sua expressividade.

Para Cunha e Cintra (2001, p. 119), “a frase é um enunciado de sentido completo, a unidade mínima de comunicação. A frase é constituída só de uma palavra ou de várias palavras com verbo ou sem verbo”. Assim, para eles, todo enunciado de sentido completo seria uma frase, independentemente de presença verbal. Já a oração sempre teria um núcleo verbal. Ademais, eles afirmam também que a frase se reveste de uma estrutura melódica, uma entonação.

O pensamento de Garcia (2002) assemelha-se ao de Cunha e Cintra (2001), no que concerne à distinção entre frase e oração. Nesse sentido, “a frase é todo enunciado suficiente por si mesmo para estabelecer comunicação” (GARCIA, 2002, p. 32). Já a oração se caracterizaria pela presença de uma parte predicativa. Além dessa diferenciação, Garcia (2002, p. 38) conceitua também as frases nominais: “há outro tipo de frase que também prescinde de verbo, constituída que é apenas por nomes (substantivo, adjetivo, pronome): Cada louco com sua mania, Cada macaco no seu galho, Dia de muito, véspera de nada”.

É interessante destacar que mesmo os provérbios que não apresentam núcleo verbal podem ser parafraseados (inserindo-se um verbo) com facilidade. Assim, retomando o provérbio *Cada macaco no seu galho*, é possível depreender ‘Cada macaco deve ficar no seu galho’. Conforme Garcia (2002, p. 40), nos provérbios,

o verbo é facilmente mentável. Num exame rápido de cerca de trezentos deles, dos mais comuns, verificou-se que vinte e seis eram constituídos por frases nominais do tipo ‘cada macaco no seu galho’ (uma unidade) ou ‘dia de muito, véspera de nada’ (duas unidades em paralelismo). Desses vinte e seis, dezesseis – mais de 60% – poderiam admitir o verbo ser ou correlatos; oito – cerca de 30% –, haver ou correlatos, e somente dois admitiriam verbos de outras áreas (um ir, o outro, ter).

Ressalta-se que estruturas sem verbos existem há muito tempo. Nesse contexto,

a tradição de frases sem verbo data do próprio latim (“*Ars longa vita brevis*”), particularmente na linguagem familiar, como nas comédias de Plauto. Entretanto, mesmo os clássicos puristas como César e Cícero, para não citar outros, delas se serviam habitualmente (GARCIA, 2002, p. 40).

Garcia (2002) menciona também que as frases nominais são encontradas frequentemente em provérbios.

Resgatou-se o conceito de frase e oração a fim de se estabelecerem as diferenças existentes e apresentar a definição de frases nominais. A referência às frases nominais se justifica pelo fato de os estudos tradicionais, geralmente, classificarem enunciados como *Rei morto, rei posto* como exemplos de frases nominais. Apesar de apresentar os conceitos de frase, oração e frase nominal, o propósito deste estudo não é diferenciar frase de oração; mas partir desses conceitos para demonstrar como provérbios sem conectores e núcleo verbal podem estabelecer relações de sentido.

Desse modo, considera-se importante o estudo de porções de texto sem conectores, porque entende-se que eles, por si sós, não determinam o significado das partes que se articulam em um dado texto.

### 2.3 Texto, contexto e cotexto

Na Introdução, destacou-se que a definição de um texto não pode se basear simplesmente em sua extensão ou em seus aspectos formais; todavia, não foi explicado como texto, contexto e cotexto são tratados neste trabalho.

Entende-se que a linguagem precisa ser observada como um instrumento de interação social, o qual priorize a língua em uso. Desse modo, optou-se por uma abordagem de texto, contexto e cotexto em que se levem em conta os conceitos apresentados por Halliday e Hassan (1989) e Koch (2011).

Halliday e Hassan (1989) apresentam uma abordagem sociossemiótica da linguagem. O conceito de semiótica originou-se do conceito de signo; entretanto, explicam os autores que o estudo da semiótica não pode se limitar aos signos, mas que deveria ser considerado como um estudo de sistemas de signos, ou seja, do significado no sentido mais geral. Nessa perspectiva, Halliday (1989) afirma que não se pode considerar o signo como entidade: “devemos pensar nos sistemas de significado, que podem ser considerados como se relacionando por meio de alguma forma externa de produção que chamamos de signo, mas estão internamente presentes, não como entidades individuais, mas como redes em interação” (HALLIDAY, 1989, p. 4).<sup>13</sup>

Halliday (1989) explica que o sentido que ele pretende estabelecer para semiótica estaria relacionado à percepção da linguagem como um entre diversos sistemas de significado que, juntos, constituem a cultura humana. Quanto ao termo *social*, ele o considera sob dois aspectos: tanto relacionado à cultura quanto a um sentido mais restrito cujo enfoque se dá nas relações entre linguagem e estrutura social.

Numa perspectiva sociossemiótica, Halliday (1989, p. 10) refere-se ao texto como “[...] linguagem que é funcional”.<sup>14</sup> Por funcional, ele explica que se relaciona à linguagem que exerce algum papel em um contexto, em oposição a palavras e sentenças tratadas isoladamente. Texto designaria, assim, “qualquer instância de linguagem viva que desempenha uma função em um contexto de situação [...]. Ele pode ser falado ou escrito, ou ainda qualquer outro meio de expressão em que possamos pensar”

---

<sup>13</sup> “We have to think rather of systems of meaning, systems that may be considered as operating through some external form of output that we call a sign, but that are in themselves, not sets of individual things, but rather networks of relationships” (HALLIDAY, 1989, p. 4).

<sup>14</sup> “[...] language that is functional” (HALLIDAY, 1989, p. 10).

(HALLIDAY, 1989, p. 10).<sup>15</sup> A definição de texto abrangeria, então, tanto a linguagem oral quanto a escrita.

Halliday (1989) menciona que uma característica definidora de um texto não se refere a sua constituição formal – palavras ou sentenças –, mas ao fato de ele se constituir como um todo significativo. Logo, “o texto é essencialmente uma unidade semântica. Não é algo que pode ser definido como sendo simplesmente um outro tipo de frase, apenas um pouco maior” (HALLIDAY, 1989, p. 10).<sup>16</sup> Compreende-se, dessa forma, que um texto não é determinado por sua extensão, quantidade de sentenças ou parágrafos.

O texto é conceituado por Halliday (1989) como produto e processo, simultaneamente. Desse modo,

o texto é um produto no sentido em que é uma produção, algo que possa ser registrado e estudado, dotado de uma determinada construção que possa ser representada em termos sistemáticos. É um processo no sentido de processo contínuo de escolha semântica, um movimento através de uma rede de significado potencial, com a qual cada conjunto de escolhas constitui o meio para estabelecer o próximo conjunto. (HALLIDAY, 1989, p. 10)<sup>17</sup>

O texto como processo, em uma abordagem sociossemiótica, é compreendido por meio de um processo de interação, uma troca social de significados.

A respeito da definição de contexto, Halliday (1989) divide-o em dois: de situação e de cultura.

O contexto de situação é, conforme Halliday (1989, p. 46), “o meio direto no qual o texto realmente funciona. Utilizamos essa noção para explicar por que certas coisas foram ditas ou escritas em uma determinada ocasião, e o que mais poderia ter sido dito ou escrito e não o foi”.<sup>18</sup>

---

<sup>15</sup> “[...] so any instance of living language that is playing some part in a context of situation [...]. It may be either spoken or written, or indeed in any other medium of expression that we like to think of” (HALLIDAY, 1989, p. 10).

<sup>16</sup> “A text is essentially a semantic unit. It is not something that can be defined as being just another kind of sentence, only bigger” (HALLIDAY, 1989, p. 10).

<sup>17</sup> “The text is a product in the sense that is an output, something that can be recorded and studied, having a certain construction that can be represented in systematic terms. It is a process in the sense of a continuous process of semantic choice, a movement through the network of meaning potential, with each set of choices constituting the environment for a further set” (HALLIDAY, 1989, p. 10).

<sup>18</sup> “The immediate environment in which a text is actually functioning. We use this notion to explain why certain things have been said or written on his particular occasion, and what else might have been said or written that was not” (HALLIDAY, 1989, p. 46).



A diferença entre texto e contexto de situação se pautaria no fato de o texto se configurar como

uma instância do processo e o produto do significado social em um contexto específico de situação. Já o contexto de situação, o contexto no qual o texto se desenvolve, é como uma película que envolve o texto, não de forma fragmentada, nem tão pouco, em um outro extremo, de forma mecânica; mas, através de um relacionamento sistemático entre o meio social por um lado e, por outro, a organização funcional da língua (HALLIDAY, 1989, p. 11).<sup>19</sup>

A respeito do contexto de cultura, ele se constitui, para Halliday (1989), como um *plano de fundo* ideológico que contribui para que relações de sentido sejam estabelecidas e, ao mesmo tempo, restringe as interpretações possíveis. Ao estabelecer um paralelo entre contexto de situação e de cultura, Halliday (1989, p. 46) menciona um exemplo que explicita bem a diferença entre esses dois contextos. Nessa perspectiva, em

qualquer texto no ambiente escolar – fala do professor na sala de aula, observações ou composições de aluno, trecho de um livro didático – há sempre um contexto de situação: a lição, acompanhada do conceito a ser alcançado; a relação do professor com o aluno, ou do escritor do livro didático com o leitor; o ‘modo’ pergunta-resposta, a escrita expositiva, entre outros. Mas essas são, por sua vez, instâncias derivadas da escola como uma instituição presente na cultura: o conceito de educação e de conhecimento educacional como sendo uma noção distinta do conhecimento de senso comum; a noção de grade curricular e dos ‘temas escolares’; o papel complexo das estruturas da equipe de ensino, diretores, consultores, superintendentes, os departamentos de educação e outros; além das indiscutidas presunções sobre o aprendizado e o papel que a linguagem exerce nele (HALLIDAY, 1989, p. 46).<sup>20</sup>

---

<sup>19</sup> “An instance of the process and product of social meaning in a particular context of situation. Now the context of situation, the context in which the text unfolds, is encapsulated in the text, not in a kind of piecemeal fashion, nor at the other extreme in any mechanical way, but through a systematic relationship between the social environment on the one hand, and the functional organisation of language on the other” (HALLIDAY, 1989, p. 11).

<sup>20</sup> “For any ‘text’ in school – teacher talk in the classroom, pupil’s notes or essay, passage from a textbook – there is always a context of situation: the lesson, with its concept of what is to be achieved; the relationship of teacher to pupil, or textbook writer to reader; the ‘mode’ of question-and-answer, expository writing, and so on. But these in turn are instances of, and derive their meaning from, the school as an institution in the culture: the concept of education, and of educational knowledge as distinct from commonsense knowledge; the notion of the curriculum and of school ‘subjects’; the complex role structures of teaching staff, school principals, consultants, inspectorate, departments of education, and the like; and the unspoken assumptions about learning and the place of language within it” (HALLIDAY, 1989, p. 46).

Compreende-se que o contexto de situação é mais restrito, porque corresponde a tudo aquilo que permite que se entenda um determinado texto e àquilo que envolve esse texto de forma mais imediata, como, por exemplo: os acontecimentos relatados, o tempo, o espaço, as informações transmitidas, entre outros. Já o contexto de cultura se define de forma mais ampla, pois ele está relacionado ao processo ideológico, o qual contribui para a formação e compreensão de diversos contextos de situação. Partindo dessas definições de Halliday (1989), pode-se estabelecer um paralelo entre, de um lado, contexto de situação e cotexto e, de outro, contexto de cultura e contexto. Esse paralelo é possível, porque, de acordo com Koch (2011), o cotexto se refere ao ambiente ou entorno verbal, isto é, a uma situação mais imediata na qual se podem identificar os participantes; o local e o tempo da interação; os propósitos comunicativos e o meio de propagação. Já a associação entre contexto de cultura e contexto justifica-se pelo fato de o contexto possuir uma dimensão mais ampla. Portanto, o contexto abrange tanto o cotexto quanto uma situação em que sejam considerados os aspectos sociopolítico-culturais e sociocognitivos compartilhados pelos interlocutores em uma determinada interação discursiva, como assevera Koch (2011).

Neste trabalho, situação particular ou específica refere-se a cotexto, ou seja, a situação mais imediata que corresponde ao texto selecionado da internet. A menção à situação comunicativa ou de uso foi tratada de modo mais amplo, sendo associada a contexto.

### 3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Neste capítulo, foram apresentados os principais referenciais teóricos deste trabalho. Assim, foram realizadas considerações a respeito do Funcionalismo, nas quais foram mencionadas as noções gerais sobre essa perspectiva linguística, demonstrando-se também os principais temas tratados pelo Funcionalismo. Além disso, enfatizou-se o Funcionalismo da Costa Oeste dos Estados Unidos (WCF), por meio de uma descrição e apresentação das características fundamentais dessa abordagem teórica. Em seguida, apresentaram-se as principais características da Teoria da Estrutura Retórica (RST), os pesquisadores que mais se destacam nessa teoria e a importância do estudo das relações retóricas para este trabalho. Por fim, como se pretendeu investigar a relação da metáfora com os provérbios, buscou-se delimitar uma abordagem teórica para o estudo da metáfora, além de se procurar explicitar uma associação entre metáforas e provérbios e de que forma essa associação pode contribuir para um estudo que se fundamente nas relações de sentido.

#### 3.1 Funcionalismo

Numa perspectiva funcional, a construção de sentido de um texto deve estar relacionada às funções que esse texto exerce na linguagem. O termo função é compreendido “não apenas como entidade sintática, mas como a união do estrutural (sistêmico) com o funcional” (NEVES, 2007, p. 17). Assim, em uma perspectiva funcional, objetiva-se estudar a língua em uso, o que significa que a linguagem não é analisada de forma isolada, mas por meio de uma interação. Uma abordagem funcionalista propõe-se a observar as condições discursivas em que se nota o uso da linguagem.

Conforme Neves (2007, p. 17), os pontos que se destacam numa análise funcional são: “o uso (em relação ao sistema); o significado (em relação à forma); o social (em relação ao individual)”. Para que se entendam esses aspectos característicos de uma perspectiva funcional, convém fazer um contraponto entre funcionalismo e estruturalismo. Por exemplo, no estruturalismo, a língua é vista como sistema, isto é, um conjunto de unidades que formam um todo coerente. Já na abordagem funcional, em vez de se enfatizar o *sistema*, destaca-se o uso, a análise de uma estrutura gramatical não se

resume à forma, mas considera-se a relação entre estrutura gramatical e situação comunicativa. Na abordagem estruturalista, o mais importante não seria o uso, mas a forma; pois são destacadas as estruturas internas da língua. A respeito do foco no social dado pelos funcionalistas, isso significa que, para eles, a língua é analisada não como uma estrutura isolada, e sim como um instrumento de interação social.

Por não priorizar a forma, mas destacar a junção dos aspectos sintático-semântico-pragmáticos na construção de sentido de um texto, este trabalho é baseado na abordagem funcionalista. Na próxima seção, são apresentadas algumas noções gerais da perspectiva funcionalista, a fim de se fazer alusão aos pressupostos teóricos básicos do funcionalismo.

### 3.1.1 Noções gerais

A perspectiva funcional não se constitui como uma abordagem que se configura como um todo linear, pois são encontradas propostas teóricas, objetivos de análise e métodos distintos dentro dessa perspectiva. Assim,

a abordagem funcionalista apresenta não apenas propostas teóricas distintas acerca da natureza geral da linguagem, mas diferentes concepções no que diz respeito aos objetivos da análise linguística, aos métodos nela utilizados e ao tipo dos dados utilizados como evidência empírica (CUNHA, 2008, p. 157).

Apesar de existirem propostas teóricas diferentes, uma definição ampla de funcionalismo se relacionaria, principalmente, “aos fins a que servem as unidades linguísticas, o que é o mesmo que dizer que o funcionalismo se ocupa, exatamente, das funções dos meios linguísticos de expressão” (NEVES, 2007, p. 17).

Segundo Butler (2003, p. 2), “o ponto de partida para os funcionalistas é a visão de que a língua é primeira e principalmente um instrumento para estabelecer comunicação entre seres humanos, e que esse princípio é o cerne para explicar o porquê de as línguas serem como são”.<sup>21</sup>

A análise da expressão linguística no funcionalismo não se restringe aos aspectos sintáticos ou formais, já que se refere aos “diferentes modos de significação no enunciado, que conduzem à eficiência da comunicação entre os usuários de uma língua. Nessa

---

<sup>21</sup> “[...] the starting point for functionalists is the view that language is first and foremost an instrument for communication between human beings, and that this fact is central in explaining why languages are as they are” (BUTLER, 2003, p. 2).

concepção, funcional é a comunicação, e funcional é a própria organização interna do texto” (NEVES, 2007, p. 18).

Uma abordagem funcional não considera a relação entre forma e função como estável, tendo em vista que essa relação se manifesta por meio do dinamismo da linguagem, pela interação comunicativa. Nesse sentido, a base da perspectiva funcional está fundada no dinamismo sintático-semântico-pragmático.

Para a abordagem funcionalista, a língua não é autônoma, ou seja, aspectos culturais, sociais podem exercer funções que interferem na organização interna do sistema linguístico. Portanto, as funções linguísticas não se resumem ao sistema linguístico em si, mas podem ser externas a ele. Destaca-se, então, o estudo da pragmática vinculado à sintaxe e à semântica. Givón (1984a), por exemplo, apresenta a relevância de se estudar a sintaxe como a representação de dois domínios diversos – a semântica (proposicional) e a pragmática (discursiva). Desse modo, numa perspectiva funcional,

a pragmática deixa de entrar como simples perspectiva para integrar uma gramática regulada pelas funções da linguagem, entendido que os componentes fundamentais do significado são os componentes funcionais. Ficam abrigadas na teoria as relações naturais entre discurso e gramática, tudo a partir da noção de que a produção do enunciado resulta da complicada troca que é a interação linguística (NEVES, 2007, p. 26).

Nessa perspectiva, a concepção de linguagem para o funcionalismo pauta-se na interação social, e os propósitos de uma investigação funcionalista ultrapassam a estrutura formal, levando-se em conta a situação comunicativa, o que reafirma a importância do contexto discursivo, do processo interativo entre os falantes para orientar os estudos da linguagem. Na próxima seção, a fim de complementar uma noção geral a respeito do funcionalismo, são apresentados os principais temas investigados por essa perspectiva.

### **3.1.2 Principais temas do funcionalismo**

Alguns temas são centrais numa perspectiva funcionalista, tais como: iconicidade; marcação; transitividade e planos discursivos; informatividade; gramaticalização e discursivização. Esses temas foram tratados, nesta seção, de forma superficial, pois o intuito é apenas transmitir uma noção ampla da abordagem funcionalista e suas principais características.

No que se refere à iconicidade, é um princípio que se constitui pela “correlação natural e motivada entre forma e função, isto é, entre o código linguístico (expressão) e seu significado (conteúdo)” (CUNHA, 2008, p. 167). A iconicidade pode ser explicada de modo mais radical, tal como em Bolinger (1977), para quem a língua mantém uma forma para um sentido, ou seja, uma relação isomórfica entre forma e conteúdo, como explicita Cunha (2008). Já uma versão menos radical de iconicidade subdividiria esse princípio em três subprincípios – quantidade, integração e ordenação linear:

O subprincípio da quantidade, quanto maior a quantidade de informação, maior a quantidade de forma, de tal modo que a estrutura de uma construção gramatical indica a estrutura do conceito que ela expressa [...];

O subprincípio da integração prevê que os conteúdos que estão mais próximos cognitivamente também estarão mais integrados no nível da codificação – o que está mentalmente junto coloca-se sintaticamente junto;

O subprincípio da ordenação linear diz que a informação mais importante tende a ocupar o primeiro lugar da cadeia sintática, de modo que a ordem dos elementos no enunciado revela sua ordem de importância para o falante (CUNHA; COSTA; CEZARIO, 2003, p. 32).

Quanto à marcação, esse termo foi introduzido pela Escola de Praga, o que deu origem às terminologias marcado e não marcado. De acordo com Cunha (2008, p. 170), as principais características das formas não marcadas são:

- a) maior frequência de ocorrência nas línguas em geral e em uma língua particular;
- b) contexto de ocorrência mais amplo;
- c) forma mais simples ou menor;
- d) aquisição mais precoce pelas crianças.

As formas marcadas corresponderiam a ocorrências menos frequentes na língua, já as não marcadas são mais comuns e frequentes. Além disso, a marcação também designa que um elemento será marcado se apresentar uma propriedade que está ausente em outro elemento. Numa categoria morfológica, por exemplo, dados dois elementos: flor e flores,<sup>22</sup> o primeiro seria não marcado, já o segundo seria marcado por apresentar a marca de plural [+ plural], a qual está ausente no primeiro elemento. No nível sintático,

---

<sup>22</sup> Exemplos nossos.

um aspecto predominante para determinar a marcação seria a frequência. Por exemplo, no português brasileiro, é mais comum que as sentenças se organizem na ordem SVO (sujeito-verbo-objeto). A alteração dessa ordem designaria estruturas marcadas, já as que seguem essa ordem seriam as não marcadas. Como exemplo, tem-se:

- a) Laura e Murilo foram ao cinema à tarde.
- b) À tarde, foram ao cinema Laura e Murilo.<sup>23</sup>

A primeira sentença representaria a ordem não marcada, pois é mais frequente no português brasileiro. Todavia, a segunda já constituiria uma ordem marcada, menos frequente. Ressalta-se que a escolha de uma dessas estruturas pelo falante está relacionada a fatores diversos: expressividade, propósitos discursivos, aspectos ligados à situação comunicativa, entre outros. Destaca-se

que a marcação que caracteriza uma forma linguística é relativa, pois uma construção pode ser marcada num dado contexto e não marcada em outro. Por exemplo, a voz passiva sintética ('Vende-se casa') é muito marcada na língua oral por ser bastante incomum. Entretanto, num texto escrito formal ela não é marcada, já que ocorre com relativa frequência (CUNHA, 2008, p. 171).

Em relação à transitividade e aos planos discursivos, diferentemente, da gramática tradicional em que a transitividade se restringe ao verbo, classificado como transitivo direto, indireto, bitransitivo e intransitivo, na perspectiva funcional, a transitividade refere-se à sentença como um todo, não se resumindo ao verbo. O conceito de transitividade proposto por Hopper e Thompson (1980) é definido como um "complexo de dez parâmetros sintático-semântico independentes, que focalizam diferentes ângulos da transferência da ação em uma porção diferente da sentença" (CUNHA; COSTA; CEZARIO, 2003, p. 37). De forma geral, é possível mencionar que "Hopper e Thompson associam a transitividade a uma função discursivo-comunicativa: o maior ou menor grau de transitividade de uma sentença reflete a maneira como o falante estrutura seu discurso para atingir seus propósitos comunicativos" (CUNHA; COSTA; CEZARIO, 2003, p. 38).

A respeito do plano discursivo, os termos relacionados a essa categoria são: figura e fundo. Esses termos foram estudados no tipo textual narrativo. Entretanto, Martelotta

---

<sup>23</sup> Exemplos nossos.

(1998) realiza importante trabalho, observando os parâmetros de transitividade e as noções de figura e fundo em outros tipos textuais. Quanto aos conceitos, segundo Cunha, Costa e Cezario (2003), o termo figura é compreendido como aquela unidade textual que representa a comunicação central da narrativa, ou seja, os acontecimentos mais pontuais. Já o fundo são eventos que emolduram a narrativa, correspondendo a descrições, detalhes, comentários etc. Logo, a figura se relacionaria aos elementos mais centrais do texto, já o fundo, aos mais periféricos.

O conceito de informatividade refere-se ao fato de que os interlocutores compartilham informações em um processo de interação. Essas informações podem ser diversas: “uma pessoa comunica-se para informar o interlocutor sobre alguma coisa, que pode ser algo do mundo externo, do seu próprio mundo interior, ou algum tipo de manipulação que pretende exercer sobre esse interlocutor” (CUNHA; COSTA; CEZARIO, 2003, p. 43). Essas informações podem ser divididas em dadas e novas. As informações dadas já foram compartilhadas e são do conhecimento dos interlocutores, já as novas são apresentadas pela primeira vez numa determinada situação comunicativa.

Acerca do último tema comum à perspectiva funcionalista, gramaticalização e discursividade, o primeiro termo “designa um processo unidirecional, segundo o qual itens lexicais e construções sintáticas, em determinados contextos, passam a assumir funções gramaticais e, uma vez gramaticalizados, continuam a desenvolver novas funções gramaticais” (CUNHA, 2008, p. 173). Um exemplo de gramaticalização corresponderia “ao verbo ‘querer’, que passa a ser utilizado como conjunção alternativa em ‘quer chova quer faça sol’” (CUNHA, 2008, p. 174). A respeito da discursivização,

o termo discurso está relacionado às estratégias criativas utilizadas pelo falante para organizar funcionalmente seu texto para um determinado ouvinte em uma determinada situação comunicativa. Por um lado, o discurso é tomado como o ponto de partida para a gramática; por outro, é também seu ponto de chegada. Quando algum fenômeno discursivo, em decorrência da frequência de uso, passa a ocorrer de forma previsível e estável, sai do discurso para entrar na gramática. No mesmo sentido, quando determinado fenômeno que estava na gramática passa a ter comportamentos não-previsíveis, em termos de regras relacionais, podemos dizer que sai da gramática e retorna ao discurso (CUNHA; COSTA; CEZARIO, 2003, p. 50).



Nesta seção, procurou-se elencar algumas características do funcionalismo, a fim de que fosse possível construir um entendimento geral dessa abordagem. Como se mencionou, a perspectiva funcionalista possui diversas propostas teóricas. Neste trabalho, será priorizada a proposta do Funcionalismo da Costa do Oeste dos Estados Unidos, que é explicitada na próxima seção.

### 3.1.3 Funcionalismo da Costa Oeste dos Estados Unidos (WCF)

Neste trabalho, entende-se que o contexto de uso motiva as diversas estruturas sintáticas e que a língua não se configura como um conhecimento autônomo. Conforme Givón (1995, p. xv),

Todos os funcionalistas aceitam pelo menos um pressuposto fundamental *sine qua non*, o postulado da não autonomia: que língua (e gramática) não pode ser nem descrita, nem explicada adequadamente como um sistema autônomo. Para entender o que é gramática e como e por que ela é dessa maneira, deve-se fazer referência aos parâmetros naturais que formam a língua e a gramática: cognição e comunicação, o cérebro e processamento da linguagem, interação social e cultura, mudança e variação, aquisição e evolução.<sup>24</sup>

Como se considera fundamental o estudo da língua em uso, a relação entre texto, contexto e cotexto é de grande valia para este trabalho. Desse modo, destaca-se o estudo do texto pautado em uma dada situação comunicativa, demonstrando “[...] que o contexto não é apenas um aspecto a ser considerado na análise textual: ele é inerente ao texto” (FUCHS, 2009, p. 70).

Na perspectiva funcionalista, o enfoque é no Funcionalismo da Costa Oeste dos EUA (*West Coast Functionalism*, doravante WCF), que não se configura como uma corrente unificada, mas como um agrupamento de trabalhos de vários linguistas, que compartilham características comuns. Apresenta-se, a seguir, um esboço geral dessa corrente.

---

<sup>24</sup> “All functionalists subscribe to at least one fundamental assumption *sine qua non*, the non-autonomy postulate: that language (and grammar) can be neither described nor explained adequately as an autonomous system. To understand what grammar is, and how and why it comes to be this way, one must make reference to the natural parameters that shape language and grammar: cognition and communication, the brain and language processing, social interaction and culture, change and variation, acquisition and evolution” (GIVÓN, 1995, p. xv).

Para os linguistas da WCF, a linguagem é, principalmente, um instrumento de comunicação. Conforme afirma Antonio (2009, p. 61),

Quando se diz que os funcionalistas consideram que a língua tem função primordialmente comunicativa, deve-se ressaltar que, para o funcionalismo, o conceito de comunicação não se restringe à codificação e à transmissão de informação, mas compreende todos os fatores envolvidos no evento de fala.

Ademais, os funcionalistas não concordam com a afirmação chomskiana de que a linguagem é autônoma. Nesse sentido, Givón (1979, p. 31) afirma que, partindo do pressuposto de que

a linguagem é um instrumento de comunicação, é estranho tentar entender sua estrutura sem referência a um conjunto comunicativo e a uma função comunicativa. Além disso, restrições gramaticais, regras sintáticas, transformações estilísticas e outras não estão lá ‘porque estão previamente no código genético do organismo’. [...] Mas, estão lá por servirem a funções comunicativas altamente específicas.<sup>25</sup>

Os funcionalistas da Costa Oeste não constituem um grupo homogêneo, já que há diferenças em suas definições teóricas. Butler (2003) estabelece um paralelo entre Givón (1979, 1984a, 1984b, 1989, 1993a, 1993b, 1995, 2001a, 2001 b), de um lado, e Hopper (1987, 1992) e Hopper e Thompson (1980, 1984), de outro, para mostrar essas diferenças. Conforme Butler (2003), de modo geral, Givón considera a motivação funcional da gramática, mas não exclui a existência de uma estrutura formal que também constitui a linguagem. Já Hopper e Thompson entendem que a gramática surge em consequência das necessidades discursivas, ou seja, ela seria proveniente do discurso.

Apesar das diferenças, o que sobressai nesse grupo de funcionalistas é a visão de uma linguagem como instrumento de comunicação em que há uma centralidade dos aspectos semântico-pragmático-discursivos, além de uma ênfase na dimensão cognitiva da linguagem.

---

<sup>25</sup> “[...] language is an instrument of communication, then it is bizarre to try and understand its structure without reference to communicative setting and communicative function. Therefore, grammatical constraints, rules of syntax, stylistic transformations, and the like are not there ‘because they are prewired into the genetic code of the organism’. [...] Rather, they are there to serve highly specific communicative functions” (GIVÓN, 1979, p. 31).

Outro aspecto a destacar nesse grupo de funcionalistas, de acordo com Butler (2003), é o papel central destinado à semântica e à pragmática, além do fato de a sintaxe ser vista de forma motivada. Essa centralidade da semântica e da pragmática pode ser vista de forma clara tanto nos trabalhos de Givón quanto nos de Hopper e Thompson. Por exemplo, Givón (1984a), em sua obra de dois volumes sobre sintaxe, organiza os conteúdos em três campos funcionais codificados pela sintaxe: semântica lexical, semântica proposicional e pragmática discursiva. Já a Gramática Emergente de Hopper e Thompson está profundamente enraizada no fenômeno pragmático-discursivo.

Destaca-se também que os linguistas da WCF, ainda conforme Butler (2003), têm destinado atenção à dimensão cognitiva da linguagem, como se verifica na seguinte afirmação de Givón (1984a, p. 11): “continuaremos a adotar, aqui, que a linguagem e sua organização nocional/funcional e estrutural está intimamente relacionada e motivada pela estrutura da cognição humana, percepção e neuropsicologia”.<sup>26</sup>

No que concerne ao texto, ele é visto em uma estreita relação com o contexto; logo, há enfoque para o fenômeno do texto/discurso. A Gramática Emergente de Hopper e Thompson, por exemplo, considera o discurso como central ao explicar o porquê de certas formas se tornarem gramaticalizadas.

Estabelecendo um paralelo entre o WCF, a Gramática Funcional (*Functional Grammar*, doravante FG), a Gramática de Papel e Referência (*Role and Reference Grammar*, doravante RRG) e a Gramática Sistemico Funcional (*Systemic Functional Grammar*, doravante SFG), apesar das diferenças inerentes a cada perspectiva, Butler (2003) destaca as seguintes características:

- a visão da linguagem como comunicação;
- a rejeição da afirmação de que o sistema linguístico é autônomo em relação às funções externas da língua;
- a aceitação da importância da gramática da forma, ou seja, apresentam, em seus estudos, uma abordagem estrutural-funcional;
- a centralidade dos fenômenos semântico-pragmáticos e da motivação;

---

<sup>26</sup> “We will continue to assume here that language and its notional/functional and structural organization is intimately bound up with and motivated by the structure of human cognition, perception and neuropsychology” (GIVÓN, 1984a, p. 11).

- a aproximação construcionista da aquisição da linguagem.

Ainda estabelecendo um paralelo entre essas vertentes funcionalistas, mas, agora, ressaltando as diferenças, Butler (2003) procura mostrar que:

- as quatro abordagens (FG, RRG, WCF e SFG) apresentam diferenças consideráveis quanto ao compromisso com uma orientação cognitiva;
- a abordagem da WCF tal como Givón tem um compromisso mais forte com uma orientação cognitiva. A FG tem buscado estudar as questões relacionadas à cognição mais seriamente. A RRG demonstra mais um compromisso teórico para a adequação cognitiva, o qual não se torna expressivo na prática. Por fim, a SFG explica a cognição em termos de linguagem, e não a linguagem em termos de cognição;
- essas abordagens diferem também no seu modo de analisar a estrutura do texto e as relações texto/contexto;
- na SFG, o compromisso com a relação texto/contexto destaca-se, assim como na WCF. Já na FG, os trabalhos são mais recentes e procuram construir modelos da estrutura do discurso. A respeito da RRG, embora essa abordagem se preocupe com essa questão, ela não possui um modelo do discurso e nem um sobre as relações entre texto e contexto social.

No que se refere às principais características citadas do Funcionalismo da Costa Oeste dos EUA, segundo Butler (2003), elas podem ser sintetizadas da seguinte forma:

- uma forte preocupação com o estudo da linguagem como comunicação;
- a rejeição à autonomia do sistema linguístico;
- a centralidade da noção de texto e discurso;
- a importância do fenômeno cognitivo;
- a adoção da aproximação construtivista para a aquisição da linguagem.

Depois de demonstrar as características gerais do Funcionalismo, com enfoque no Funcionalismo da Costa Oeste, na próxima seção são apresentados os principais aspectos da Teoria da Estrutura Retórica.

### 3.2 A Teoria da Estrutura Retórica (RST)

A possibilidade de estabelecer relações de sentido entre as partes do texto que não apresentam núcleo verbal e conectores permite inferir que “a aplicabilidade da definição de uma relação nunca depende diretamente da forma de análise do texto; as definições não citam conjunções, tempos verbais, ou palavras específicas. Portanto, as estruturas da RST são estruturas de funções em vez de estruturas de formas” (MANN; THOMPSON, 1987b, p. 19).<sup>27</sup>

Neste trabalho, baseou-se na Teoria da Estrutura Retórica (RST) para demonstrar como se manifestam as relações de sentido entre as unidades textuais que se articulam. As relações da RST são baseadas em critérios funcionais e não se restringem a marcas formais, conforme explicitam também Taboada e Mann (2006, p. 426): “as definições são baseadas em critérios funcionais e semânticos e não em sinais morfológicos ou sintáticos, porque não foram encontrados sinais confiáveis ou não ambíguos nas relações”.<sup>28</sup>

Segundo Taboada e Mann (2006, p. 424),

a teoria da estrutura retórica (RST) está relacionada a como os textos funcionam. É uma abordagem da linguística descritiva para uma gama de fenômenos na organização do discurso. A RST surgiu nos anos 80 no Instituto de Ciências da Informação da Universidade do Sul da Califórnia por uma equipe de pesquisadores interessados no processamento de língua natural: William Mann, Christian Matthiessen e Sandra Thompson com contribuições de Cecilia Ford, Barbara Fox e Peter Fries.<sup>29</sup>

---

<sup>27</sup> “The applicability of a relation definition never depends directly on the form of the text being analyzed; the definitions do not cite conjunctions, tense, or particular words. RST structures are, therefore, structures of functions rather than structures of forms” (MANN; THOMPSON, 1987b, p. 19).

<sup>28</sup> “Definitions are based on functional and semantic criteria, not on morphological or syntactic signals, because no reliable or unambiguous signal for any of the relations was found”.

<sup>29</sup> “Rhetorical Structure Theory (RST) is about how text works. It is a descriptive linguistic approach to a range of phenomena in the organization of discourse. RST was developed in the 1980s at the Information Sciences Institute of the University of Southern California by a group of researchers interested in Natural Language Generation: William Mann, Christian Matthiessen and Sandra Thompson, with input from Cecilia Ford, Barbara Fox and Peter Fries” (TABOADA; MANN, 2006, p. 424).

Na Teoria da Estrutura Retórica (RST), Mann e Thompson (1989) explicam que o termo estrutura é usado em um sentido organizacional, ou seja, uma teoria do texto que descreve quais são as partes que o compõem e como elas se organizam para formar o texto como um todo. Os autores destacam ainda que, como há várias estruturas reconhecidas pela RST, é importante mencionar as três principais:

- 1- Estrutura holística – estrutura derivada de propriedades de gênero ou variedades textuais [...].
- 2- Estrutura Relacional – estrutura que expressa a organização da coerência textual [...].
- 3- Estrutura Sintática – como o termo é geralmente usado. (MANN; THOMPSON, 1989, p. 4).<sup>30</sup>

No que concerne à definição de retórica, para Mann e Thompson (1989), a retórica se estabelecerá pelo fato de as relações estruturadas no texto refletirem as opções de organização e apresentação do escritor.

De acordo com Taboada e Mann (2006, p. 425),

a RST trata da organização do texto por meio de relações que se estabelecem entre as partes do texto. Ela explica a coerência ao postular uma hierarquia, uma estrutura de textos conectada, na qual cada parte do texto tem um papel, uma função para desenvolver em relação a outra parte textual. A noção de coerência textual por meio das relações do texto é amplamente aceita, e as relações foram também denominadas de relações de coerência, relações discursivas ou relações conjuntivas na literatura.<sup>31</sup>

A respeito da terminologia da RST, o termo *span*, traduzido aqui como porção de texto, refere-se a “um intervalo de texto ininterrupto. O termo escritor se refere ao escritor do texto analisado; leitor aos pretendidos leitores do texto, o público-alvo [...]. O analista é

---

<sup>30</sup> “1. Holistic Structure – structure deriving from the properties of the genre or variety of text [...].

2. Relational Structure – structure expressing the organization of coherent contiguous text [...].

3. Syntactic Structure – as the term is commonly used” (MANN; THOMPSON, 1989, p. 4).

<sup>31</sup> “RST addresses text organization by means of relations that hold between parts of a text. It explains coherence by postulating a hierarchical, connected structure of texts, in which every part of a text has a role, a function to play, with respect to other parts in the text. The notion of text coherence through text relations is widely accepted, and the relations have also been called coherence relations, discourse relations or conjunctive relations in the literature” (TABOADA; MANN, 2006, p. 425).

a pessoa que faz julgamentos a respeito do texto para realizar a análise”<sup>32</sup> (MANN; THOMPSON, 1987b, p. 4).

Ao se realizar uma análise por meio da RST, encontram-se porções textuais que desempenham o papel de núcleo e outras que são satélites. Entende-se que “a RST estabelece dois tipos de unidades diferentes. Núcleos são considerados como as partes mais importantes do texto, enquanto os satélites auxiliam o núcleo e são secundários” (TABOADA; MANN, 2006, p. 426).<sup>33</sup> Conforme Taboada e Mann (2006), o núcleo seria mais essencial para os propósitos do escritor do que o satélite. Os estudiosos citados explicam que o satélite é, geralmente, incompreensível sem o núcleo, enquanto a porção textual que representa o núcleo pode ser compreendida mesmo na ausência do satélite.

Citam-se como os principais fundadores da RST: Christian Matthiessen, Sandra Thompson e William Mann. No que concerne aos estudos atuais sobre a RST, destacam-se, como autores estrangeiros, Carlson, Da Cunha, Hovy, Iruskieta, Marcu, Taboada, entre outros. Já como estudiosos brasileiros, mencionam-se os pesquisadores Antonio, Decat e Giering.

As características gerais da RST podem ser, assim, sintetizadas:

1. Organização – Os textos se organizam de modo que suas partes sejam funcionalmente significativas; portanto, as partes se combinam, formando porções maiores de textos até constituírem o texto completo.
2. Unidade e coerência – O texto se constitui como uma unidade de sentido, sendo que todas as partes textuais contribuem na formação dessa unidade.
3. Unidade e coerência surgem da função estabelecida – A percepção de um texto como uma unidade coerente se dá pelo fato de suas partes contribuírem para que o efeito pretendido pelo escritor seja estabelecido.
4. Hierarquia – O texto se organiza de modo que partes elementares componham porções maiores que, juntas, constituem outras ainda maiores até formarem o texto completo. A hierarquia demonstra que a estrutura do texto não se resume a porções textuais adjacentes nem a um conjunto de orações lineares ou proposições semânticas.

<sup>32</sup> “A text span is an uninterrupted linear interval of text. The term writer refers to the writer of the text being described; reader refers to the intended reader(s) of the text, the audience [...]. The analyst is the person who makes judgments about the text to produce analysis” (MANN; THOMPSON, 1987b, p. 4).

<sup>33</sup> “RST establishes two different types of units. Nuclei are considered as the most important parts of a text, whereas satellites contribute to the nuclei and are secondary” (TABOADA; MANN, 2006, p. 426).

5. Homogeneidade da hierarquia – Na estrutura relacional, a RST evidencia homogeneidade: em cada nível, há um conjunto de modelos estruturais disponíveis para organizar o texto, desde grandes porções textuais, um elemento holístico de uma estrutura (por exemplo, o corpo de uma carta, o corpo de um artigo de uma revista, ou o texto completo), até níveis menores (como duas orações que se combinam).
6. Composição relacional – O modelo estrutural dominante é o relacional, isto é, observam-se as relações entre porções menores de textos e de que forma essas se relacionam até formarem partes maiores.
7. Assimetria das relações – O tipo de relação mais comum é o núcleo-satélite, que se caracteriza por ser uma relação assimétrica. Essa assimetria ocorre porque um membro da porção textual é mais central (o núcleo) e o outro mais periférico (o satélite).
8. Natureza das relações – As relações estabelecidas no texto são funcionais, ou seja, caracterizam-se por se constituírem por meio dos efeitos produzidos pelo texto.
9. Número de relações – As relações não são fixas ou constituem um inventário fechado; por isso, novas relações podem ser definidas. Apesar disso, os autores afirmam que a frequência em que novas relações são criadas é extremamente baixa<sup>34</sup> (MANN; THOMPSON, 1989, p. 6-7).

Além das características mencionadas, pode-se dizer também que a RST possibilita a

[...] combinação de atributos que demonstraram ser úteis em diversos tipos de estudos do discurso. Ela identifica a estrutura hierárquica no texto; descreve a relação entre partes do texto em termos funcionais, identificando tanto o ponto de transição de uma relação quanto a extensão dos itens relacionados; fornece uma análise compreensiva em vez de um comentário seletivo (MANN; THOMPSON, 1987a, p. 19).<sup>35</sup>

---

<sup>34</sup> Os tópicos elencados estão explicitados em Mann e Thompson (1989, p. 6-7). Ressalta-se que não foi feita uma tradução no sentido estrito sobre cada um dos tópicos, apenas foi realizada uma síntese das ideias principais para explicar cada item.

<sup>35</sup> “[...] combination of features that has turned out to be useful in several kinds of discourse studies. It identifies hierarchic structure in text. It describes the relations between text parts in functional terms, identifying both the transition point of a relation and the extent of the items related. It provides comprehensive analyses rather than selective commentary” (MANN; THOMPSON, 1987a, p. 19).



Ao analisar um texto, primeiramente, deve-se decidir como ele será segmentado. O tamanho das unidades é arbitrário, o mais comum é a segmentação em orações, mas cabe ao analista decidir se segmentará as porções textuais em unidades maiores ou menores do que uma oração.

A segmentação textual é a primeira parte do processo; assim, por meio dela, depreendem-se as relações. Essa questão tem gerado algumas controvérsias. Desde o surgimento da RST, priorizou-se uma segmentação textual baseada em orações; todavia, partes textuais que não apresentam núcleo verbal também podem se relacionar entre si, ou com outras que possuem verbo. Desse modo, Fuchs (2009, p. 43) afirma que

um dos motivos para isso é o fato de que há muitos fenômenos lingüísticos que só podem ser explicados em termos de unidades maiores que a sentença individual. Outro motivo é o fato de que há muitas expressões lingüísticas que são menores que a sentença individual, ainda que funcionem como enunciados completos e independentes dentro do discurso (partindo-se da concepção de enunciados como atos de discurso mais do que como sentenças).

A RST pode ser aplicada, então, a uma variedade de tamanhos textuais. Podem ser analisados desde itens lexicais a parágrafos completos, ou, até mesmo, porções maiores do que um parágrafo, o que se confirma em “o tamanho da unidade é arbitrário, e a divisão do texto em unidades deve ser baseada em algum tipo de teoria neutra de classificação. Sendo assim, para apresentar resultados interessantes, as unidades devem ter integridade funcional independente”<sup>36</sup> (MANN; THOMPSON, 1987b, p. 6).

Mann e Thompson (1989) afirmam que, apesar de a divisão em unidades textuais não ser fixa, eles optaram por segmentar suas análises em orações. Para reforçar a ideia de que não há uma obrigatoriedade na segmentação das unidades textuais, Mann e Thompson (1987a, p. 19) asseveram também que a RST “é indiferente com relação ao tamanho do texto e tem sido aplicada a uma ampla variedade de tamanhos textuais”.<sup>37</sup>

Além disso, Mann e Thompson (1988) apresentam alguns resultados importantes no que se refere às propriedades relacionais de um texto:

<sup>36</sup> “Unit size is arbitrary, but the division of the text into units should be based on some theory-neutral classification. That is, for interesting results, the units should have independent functional integrity” (MANN; THOMPSON, 1987b, p. 6).

<sup>37</sup> “It is insensitive to text size, and has been applied to a wide variety of sizes of text” (MANN; THOMPSON, 1987b, p. 6).

- 1) As unidades textuais não são expressas somente por meio de orações.
- 2) As proposições relacionais podem ser expressas, independentemente, de qualquer marca formal.
- 3) As proposições relacionais se referem às relações da estrutura do texto da RST.
- 4) As proposições relacionais são essenciais para a coerência textual.

Quanto a essa questão de segmentação textual em orações, Taboada e Mann (2006) afirmam que essa divisão pode apresentar problemas em alguns casos, pois

está ligada à linguagem do texto e ao processo de formação da oração. Sendo assim, transforma-se numa fonte de problemas se o texto é multilíngue, ou se está em uma língua que não se baseia numa estrutura oracional, como o inglês (isto é, em que as unidades oracionais não são facilmente delimitadas).

Isso gera um problema para a l falada, na qual as unidades normalmente são consideradas como unidade de entonação, e não necessariamente como orações independentes (TABOADA; MANN, 2006, p. 429-430).<sup>38</sup>

Segmentar o texto em unidades textuais não é uma tarefa tão simples. Muitos pesquisadores têm apontado dificuldades para realizar essa segmentação, como, por exemplo, Marcu (1998a), Nicholas (1994), Schauer (2000), Verhagen (2001) e Wiebe (1993). Para o analista definir as unidades textuais, é importante que ele observe quais são os propósitos da análise a ser realizada, o gênero textual no qual o texto se insere, as características da língua em que o texto foi escrito. Tomando como base esses aspectos, o analista poderá definir se a segmentação em orações é adequada ou não aos objetivos da sua análise.

Independentemente do texto a ser analisado, ao se trabalhar com a RST, é preciso que quatro elementos sejam considerados:

- relações;

---

<sup>38</sup> “It is tied to the language of the text, and its clause-forming processes. Thus it becomes a source of problems if the text is multilingual, or if it is in a language that is not as clause-centred as English (i.e. where clausal units are not easily established). It poses a problem for spoken language, where units are usually considered to be intonation units, and not necessarily independent clauses” (TABOADA; MANN, 2006, p. 429-430).

- esquemas;
- aplicação de esquemas;
- estrutura.

No que se refere às relações, elas se estabelecem entre duas ou mais porções textuais. Nesse sentido, entre duas porções é possível depreender uma dada relação que pode ser de: causa, condição, concessão, justificativa, entre outras. As relações podem ser núcleo-satélite ou multinucleares. Nas primeiras, uma porção do texto é ancilar à outra, já nas multinucleares, todas as porções funcionam como núcleos (MATTHIESSEN; THOMPSON, 1988).

Segundo Mann e Thompson (1987b), as relações são definidas por julgamentos de plausibilidade, isto é, o analista define a relação apresentada pelas porções textuais, levando em conta quais seriam a intenção e o efeito pretendido pelo escritor com as partes textuais que se articulam.

Em 1988, Mann e Thompson definiram 24 relações, as quais foram citadas com os nomes na língua de origem da teoria (inglês); essa lista foi denominada *Classical RST* (RST clássica):<sup>39</sup>

- 1) *Antithesis*
- 2) *Background*
- 3) *Circumstance*
- 4) *Concession*
- 5) *Condition*
- 6) *Elaboration*
- 7) *Enablement*
- 8) *Evaluation*
- 9) *Evidence*
- 10) *Interpretation*
- 11) *Justify*
- 12) *Motivation*
- 13) *Non-Volitional Cause*

---

<sup>39</sup> No ANEXO A, encontram-se as definições dessas relações retóricas.

- 14) *Non-Volitional Result*
- 15) *Otherwise*
- 16) *Purpose*
- 17) *Restatement*
- 18) *Solutionhood*
- 19) *Summary*
- 20) *Volitional Cause*
- 21) *Volitional Result*
- 22) *Contrast*
- 23) *Joint*
- 24) *Sequence* (MANN; THOMPSON, 1988, p. 272-279).

É importante destacar que, embora, inicialmente, tenham sido propostas 24 relações por Mann e Thompson (1988), elas não foram tratadas como um inventário fechado. Pardo (2005) menciona, por exemplo, as relações *Parenthetical* e *Same-Unit* definidas por Marcu (1997; 2000b), o que reafirma que novas relações podem ser propostas. A título de explicação, conforme Pardo (2005), a relação *Parenthetical* está relacionada a informações extras, tais como informações entre parênteses, colchetes e chaves, ou apresentadas em nota de rodapé. A respeito da *Same-Unit*, Pardo (2005) explica que é usada para ligar segmentos textuais não adjacentes no texto, os quais representam uma única proposição.

Segundo Taboada e Mann (2006), a RST Clássica, que compreende a lista com 24 relações proposta por Mann e Thompson (1988), foi modificada por meio de trabalhos mais recentes nos quais houve o acréscimo de relações de Lista (*List*); Método (*Means*), Preparação (*Preparation*), Incondicional (*Unconditional*), entre outras. Nessa perspectiva, na lista de Mann (2005), já se tem um rol de 30 relações.

Ressalta-se ainda que, como citam Taboada e Mann (2006), há outros pesquisadores que têm desenvolvido listas de relações alternativas à lista Clássica da RST, tais como Hovy e Maier (HOVY; MAIER, 1995; MAIER; HOVY, 1991; 1993), que propõem o uso de metafunções da linguagem (ideacional, interpessoal e textual) para chegar a aproximadamente 70 relações aplicadas à geração do texto (HOVY *et al.*, 1992). Taboada e Mann (2006) citam também Grosz e Sidner (1986), os quais propõem que duas

relações (*dominance and satisfaction-precedence*)<sup>40</sup> são suficientes para caracterizar a estrutura do discurso.

Ainda em relação a essa questão taxonômica das relações retóricas existentes, após a classificação conhecida como clássica proposta por Mann e Thompson (1988) com 24 relações, além das que já foram mencionadas neste trabalho, Da Cunha e Iruskieta (2010) citam também a classificação de Marcu de 136 relações.

O intuito de citar tais relações é reafirmar que elas não pertencem a um inventário fechado, isto é, não são fixas e determinadas. Além disso, Marcu *et al.* (1999) explicam que, se um analista escolhe uma lista de relações mais extensa e um outro opta por uma mais reduzida, com um menor número de relações, semelhante escolha não causa um impacto significativo no que se refere a divergências quanto à relação retórica que seria mais plausível em uma determinada análise. Portanto, segundo os autores, resultados mostram que escolher uma relação de um conjunto de relações retóricas semelhantes, mesmo que as listas sejam diferentes, pode gerar algumas alterações perceptíveis, mas estas não são expressivas.

Quanto aos *esquemas*, para Mann e Thompson (1989), eles definem a organização estrutural do texto. Nessa perspectiva, são modelos abstratos que consistem de um pequeno número de porções de texto, designando uma especificação das relações entre as partes textuais e de como elas são relacionadas ao texto como um todo. Os esquemas, então, especificam como as porções textuais se relacionam. Ao aplicar os esquemas, pode-se determinar as possíveis estruturas textuais que ocorrem em uma análise da RST.

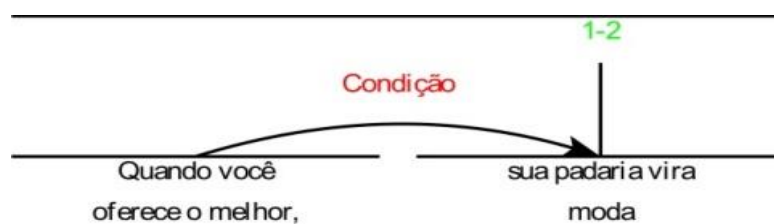
Os exemplos de esquemas utilizados na Teoria da Estrutura Retórica são:<sup>41</sup>

---

<sup>40</sup> Nos casos em que não se encontrou um termo em português que expressasse de forma clara um termo em inglês, optou-se, na tradução, por manter o termo em inglês.

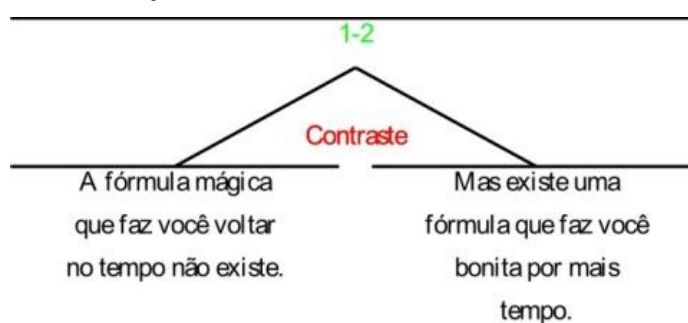
<sup>41</sup> Os quatro primeiros exemplos de esquemas, com exceção do terceiro, são anúncios publicitários retirados da tese de Campos (2013). O terceiro esquema constitui exemplo nosso, já o último foi retirado do texto “Cuidados com a Pia”.

FIGURA 1 – Relação retórica de Condição



Fonte: Campos (2013, p. 83).

FIGURA 2 – Relação Retórica de Contraste



Fonte: Campos (2013, p. 98).

FIGURA 3 – Relação Retórica de Sequência (Exemplo nosso)

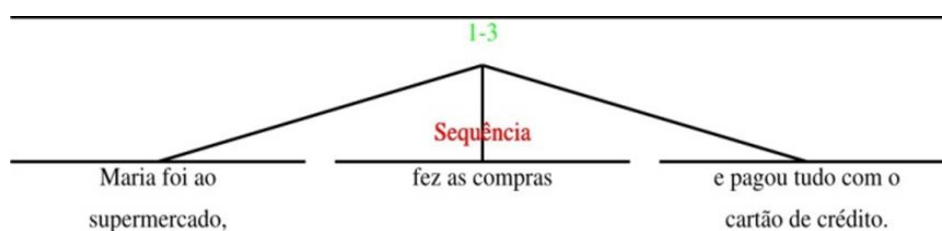
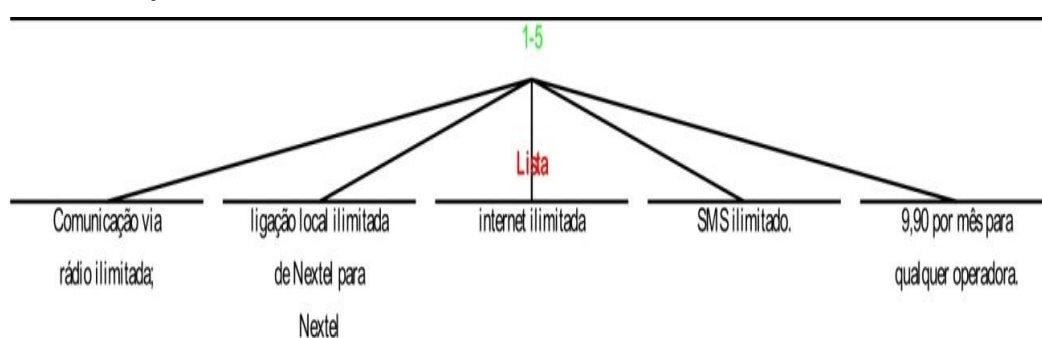


FIGURA 4 – Relação Retórica de Lista



Fonte: Campos (2013, p. 93).

FIGURA 5 – Relação Retórica de Circunstância e Propósito

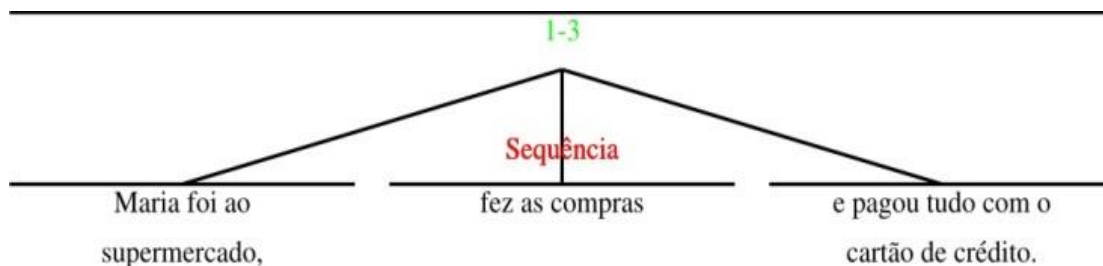


Fonte: Texto “Cuidados com a pia”.

Para que se compreendam melhor os esquemas citados, é importante explicar que as relações núcleo-satélite podem ocorrer com o satélite vindo da esquerda para a direita, caso em que o satélite vem antes do núcleo; e, também, da direita para esquerda, quando o satélite vem após o núcleo. A relação núcleo-satélite é representada por uma curva que sempre parte do satélite para o núcleo. No diagrama, o que marca o núcleo é uma linha vertical. No último diagrama apresentado (Figura 5), o núcleo seria a porção de texto *passe um guardanapo ou uma toalha de papel*, já os satélites corresponderiam a *antes de começar a lavar pratos, panelas e outros tipos de vasilhames* e a *para retirar o excesso de gordura*. Neste caso em especial, o mesmo núcleo é usado para designar duas relações diferentes. As porções de textos são numeradas sempre da esquerda para direita; assim, no diagrama citado, temos três porções de textos, as quais são respectivamente: (1) *Antes de começar a lavar pratos, panelas e outros tipos de vasilhames*; (2) *passe um guardanapo ou uma toalha de papel* e (3) *para retirar o excesso de gordura*. A linha vertical está disposta na porção (2), já que, como se explicitou, representa o núcleo das relações.

Nas relações multinucleares, como se tem dois ou mais núcleos, não haverá uma curva, tendo em vista que não há uma projeção do satélite para o núcleo. Logo, não é necessário marcar qual é o núcleo, afinal, todas as partes do texto têm o mesmo estatuto. Nesse tipo de relação, são usadas linhas diagonais para designar os diferentes núcleos. Para ilustrar, será apresentada uma relação retórica de sequência<sup>42</sup> (*sequence*), como a que está representada na Figura 3, aqui repetida:

<sup>42</sup> Exemplo nosso.



Na relação multinuclear, as partes textuais também foram numeradas, os números (1-3) demonstram que o texto foi segmentado em três partes. Conforme já foi dito, todas as partes são núcleos.

Sobre a aplicação de esquemas, pode-se dizer que há convenções que determinam as possíveis aplicações de esquemas, ou seja, elas não são sempre cópias exatas dos esquemas já definidos. Desse modo, as convenções para aplicação de esquemas são:

- 1) **Porções textuais não seguem uma ordem fixa:** os esquemas não restringem a ordem do núcleo ou satélite no texto em que são aplicados.
- 2) **Relações opcionais:** em esquemas multirrelacionais, todas as relações individuais são opcionais, mas pelo menos uma delas deve ser estabelecida.
- 3) **Relações repetidas:** uma relação que é parte de um esquema pode ser aplicada quantas vezes for necessária. (MANN; THOMPSON, 1987a, p. 6).

No que se refere à *estrutura*, citam-se os seguintes aspectos:

- 1) **Completude:** o conjunto de todas as porções textuais constitui o texto como um todo;
- 2) **Conectividade:** cada porção textual representa uma unidade mínima de análise ou é constituinte de um outro esquema da análise;
- 3) **Unicidade:** cada esquema consiste de diferentes conjuntos de porções textuais e, em um esquema multirrelacional, cada relação é aplicada a um diferente conjunto de porções textuais.
- 4) **Adjacência:** cada esquema é formado por um conjunto de porções textuais que estão dispostas próximas uma da outra (MANN; THOMPSON, 1987, p. 7-8).<sup>43</sup>

<sup>43</sup> Os termos citados correspondem no texto em inglês a: *completeness*, *connectedness*, *uniqueness* e *adjacency*, respectivamente.



Mann e Thompson (1987) destacam que as características citadas (completude, conectividade, unicidade e adjacência) contribuem para que a análise seja realizada em diagramas.

Mann e Thompson (1987b) afirmam também que podem ocorrer análises diferentes para um mesmo texto. Segundo os autores, semelhante fato não prejudica a teoria ou diminui o seu valor, pois isso acontece devido ao modo pelo qual a RST é definida. Como a teoria se pauta na plausibilidade, é possível encontrar, para um mesmo texto, análises que, embora sejam adequadas, são distintas. Mann e Thompson (1987b) utilizam o termo *Multiple Analyses* para se referirem às diferenças de análises entre analistas de um mesmo texto.

Mann e Thompson (1987b) definem alguns critérios que podem contribuir para a ocorrência de análises distintas, tais como:<sup>44</sup>

- 1- Boundary judgments: Conforme os autores, as teorias linguísticas, incluindo a RST, acabam forçando o analista a “categorizar julgamentos” sobre o fenômeno encontrado. Entretanto, por vezes, aparecem casos específicos os quais são difíceis de serem enquadrados em uma determinada categoria. Desse modo, *boundary judgments* referem-se ao fato de o analista ter que determinar uma relação para uma porção textual, mesmo que não encontre uma relação que se encaixe de forma precisa no texto analisado.
- 2- Ambiguidade da estrutura do texto: Ocorre quando o texto apresenta aspectos em sua estrutura que o tornam ambíguo, passível de mais de uma leitura. Nesse caso, todas as análises ditas como incompatíveis são plausíveis, já que o texto, por apresentar *problemas* em sua estrutura, permite mais de uma análise.
- 3- Análise simultânea: Difere do item 2, porque ocorre quando o texto não apresenta nenhum aspecto que o deixe ambíguo; mas, mesmo assim,

---

<sup>44</sup> Os critérios 2 a 5 são em inglês, respectivamente: *text structure ambiguity*; *simultaneous analyses*; *differences between analysts* e *analytical error*.

permite mais de uma análise. Os autores denominam esse fenômeno de *overlapping*,<sup>45</sup> isto é, uma sobreposição em que mais de uma relação seria possível para uma mesma porção textual.

- 4- Diferenças entre analistas – Qualquer análise na RST envolve três elementos: texto, estrutura e o analista. Como entre os analistas as diferenças pessoais são previsíveis no que se refere à reação de cada analista a respeito do texto, pode haver divergências nas análises. Contudo, os autores asseveram que, na maioria dos casos, as diferenças aparecem devido a ambiguidades na estrutura textual.
  
- 5- Erro analítico – Diz respeito ao fato de, inicialmente, a falta de contato com a teoria levar os analistas a cometerem *erros*<sup>46</sup> na análise. Nesse sentido, tais erros tenderiam a se estabilizar com a prática.

Como a RST se pauta em questões de plausibilidade, às vezes, mais de uma análise pode ser possível e compatível com o contexto discursivo. Nesses casos, o analista deve escolher uma *análise preferida*, ou seja, que seja mais pertinente à situação comunicativa apresentada. Cada relação descrita na RST possui restrições no núcleo e/ou no satélite caso sejam núcleo-satélite e, independentemente do tipo de relação, todas produzem um efeito. Ao se escolher uma relação, a escolha não é ao acaso, mas se levam em conta as características da relação, se ela está adequada ao texto analisado e se atende aos propósitos comunicativos do escritor.

As principais contribuições da RST citadas por Mann e Thompson (1987a) são:

- possibilitar uma forma geral para a descrição das relações, uma base para a retórica contrastiva – por exemplo, Cui (1986) analisou o mandarim e o inglês;

---

<sup>45</sup> Cf. Ford (1986).

<sup>46</sup> Os erros de análise estão relacionados a equívocos que um analista iniciante pode cometer ao definir uma relação retórica como plausível devido à pouca prática com a teoria.

- ser útil para o discurso narrativo (o tipo textual narrativo pode ser facilmente analisado por meio da RST) e se ocupar com a coerência textual, além de se constituir como uma ferramenta útil para uma grande variedade de textos;
- descrever as relações entre as porções textuais de um texto, além de ser um suporte importante para relacionar os significados dos elementos de ligação (conectores), a gramática das orações (articulação) e a parataxe não sinalizada;
- fornecer uma estrutura para investigar as proposições relacionais, isto é, as proposições implícitas que emergem das porções textuais que se articulam em um texto;
- contribuir para o estudo da coerência textual.

Dos aspectos elencados por Mann e Thompson (1987a), serão fundamentais para este trabalho: o fato de a RST não restringir seus estudos a unidades que sejam marcadas gramaticalmente por um conector, tal como a parataxe não sinalizada; o fato de possibilitar um trabalho com textos diversos; e, por fim, o fato de observar como a coerência textual se manifesta não se pautando simplesmente em aspectos sintáticos, mas também nas relações implícitas que emergem de uma situação de uso.

A importância dos aspectos citados justifica-se porque, como já foi dito, foram analisados provérbios que não apresentassem conector e, para que se depreendessem as relações retóricas presentes nos provérbios, foi preciso observar os aspectos extralinguísticos, perceber também como eles se relacionam com o cotexto no qual se encontram – o texto retirado da internet. Nesse viés, não se pôde deixar de lado os processos inferenciais.

A característica básica e norteadora da RST é de se preocupar com a coerência textual, com aquilo que permite que um texto seja considerado um texto e não simplesmente um conjunto de palavras postas uma ao lado da outra, o que é de grande valia para os propósitos deste trabalho.

### 3.3 A relação da metáfora com os provérbios

Os provérbios contribuem para representar o conhecimento e a experiência popular em poucas palavras. Ao se deparar com provérbios, como, por exemplo, *Casa de ferreiro, espeto de pau*; *De graça até injeção na testa*; *Rei morto, rei posto*, não se compreende o significado desses provérbios a partir do significado literal das palavras que os compõem; mas são levados em conta fatores extralinguísticos, como os aspectos culturais que permitem entender o sentido do provérbio e usá-lo em diversas situações comunicativas. Se os provérbios produzem sentido, torna-se relevante investigar de que forma essas relações de sentido são manifestadas.

Gibbs (1994) explica que os provérbios permitem conceitualizar a experiência de forma metafórica, levando-nos a compreender situações cotidianas particulares. Desse modo, pode-se pensar que um provérbio como *Casa de ferreiro, espeto de pau*, por meio de um processo metafórico, possibilita o entendimento de uma série de situações específicas. Assim, diversas situações particulares poderiam ser usadas com *Casa de ferreiro, espeto de pau*, tais como: *Meu pai é médico, mas não consegue me consultar, quando estou doente*; *Patrícia é professora de Matemática, mas não ensina álgebra para os seus filhos*.<sup>47</sup> Pode-se dizer que “aprovado pelo senso comum, o provérbio é um enunciado que utiliza muitas metáforas e sua significação se estabiliza no idioma, pois passou do uso individual para o coletivo” (XATARA; OLIVEIRA, 2008, p. 22).

Se os provérbios conceitualizam a experiência de forma metafórica, torna-se importante analisar a relação entre metáfora e provérbios. Inicialmente, serão mencionadas algumas definições de metáfora, para, depois, especificar qual conceito de metáfora será trabalhado neste estudo.

Numa visão clássica, a metáfora é considerada como “transposição de uma coisa para outra” (ARISTÓTELES, 19-- , p. 274). Como exemplo, ter-se-ia: *Maria é uma flor*.<sup>48</sup> Nesse caso, as características da flor são transpostas para Maria. Ressalta-se que a metáfora como figura de linguagem, ornamento linguístico, corresponde a uma visão tradicional. Apesar da menção a Aristóteles, a visão tradicional da linguagem “não teve, necessariamente, sua origem, como muitos poderiam supor, na chamada visão aristotélica de figuras” (VEREZA, 2010, p. 202), mas sim no percurso da retórica. Nesse percurso, a

---

<sup>47</sup> Exemplos nossos.

<sup>48</sup> Exemplo nosso.

retórica limitou-se ao *elocutio*, isto é, “o estatuto da metáfora como figura de linguagem” (*idem*). Desse modo, com a retórica restrita ao *elocutio*, o conceito de metáfora reduziu-se à figura de linguagem.

Ao se estudar metáfora, é importante observar em que *locus* ela está sendo situada, por exemplo: na linguagem, no pensamento ou no discurso. Vereza (2010) demonstra que, se a metáfora for situada na linguagem, ter-se-á uma correspondência de metáfora com figura de linguagem, como é o caso do exemplo que foi apresentado – *Maria é uma flor*. Já se a metáfora for situada no pensamento, o ponto central será a metáfora conceptual, proposta por Lakoff e Johnson (1980). No que concerne à metáfora no discurso, citam-se os trabalhos de Deignan (2005), Cameron (1999) e Vereza (2008), que se propõem a utilizar “exemplos retirados de usos autênticos da língua e não apenas da intuição do pesquisador” (VEREZA, 2010, p. 207).

Situando o *locus* da metáfora no pensamento, Lakoff e Johnson (1980 [2002], p. 43) afirmam que “é fundamental compreender a metáfora como um fenômeno altamente correlacionado com a formação do sistema conceitual humano”.

Assim, para que se entendam melhor os estudos de Lakoff e Johnson (1980 [2002], p. 11), salienta-se que a obra deles, *Metaphors we live by*,

representa uma consolidação da ruptura paradigmática que vinha ocorrendo desde a década de 1970, pondo em crise o enfoque objetivista da metáfora [...] e atribuindo a ela um status epistemológico. Essa virada paradigmática rompe com a tradição retórica iniciada com Aristóteles, no século IV a.C.

Para Lakoff e Johnson (1980 [2002]), a metáfora não é simplesmente algo usado como ornamento na linguagem, com efeitos poéticos, mas ela faz parte do nosso dia a dia. Segundo esses autores, o conceito de metáfora se diferenciaria daquele apresentado por Aristóteles, tendo em vista que em sentenças como *Por que você não gasta seu tempo com os estudos?*,<sup>49</sup> haveria uma metáfora do tipo estrutural que seria designada em letras maiúsculas por TEMPO É DINHEIRO. Segundo Vereza (2010, p. 205),

a metáfora conceptual, assim, não seria ‘propriedade’ de um indivíduo. Ela faria parte de um ‘inconsciente cognitivo coletivo’, mantendo uma relação de determinação mútua com a cultura e com a língua. Usos de

---

<sup>49</sup> Exemplo nosso.

linguagem metafórica seriam, quase sempre, ‘licenciados’ por metáforas conceptuais.

Afirmou-se que, no exemplo *Por que você não gasta seu tempo com os estudos?*, haveria uma metáfora do tipo estrutural – TEMPO É DINHEIRO –; isso se deve ao fato de as metáforas conceptuais serem passíveis de receber classificações diversas. Para explicar cada uma dessas classificações, foi elaborado um quadro com base nos estudos de Sardinha (2007), o qual se encontra a seguir.

QUADRO 4: Classificação das metáforas conceptuais

Classificação	Definição	Exemplos
Estruturais	São aquelas que resultam de mapeamentos complexos.	AMOR É VIAGEM.
Orientacionais	São aquelas que envolvem uma direção e que são gerais.	BOM É PARA CIMA.
Ontológicas	São aquelas que apenas concretizam algo abstrato, sem estabelecer os mapeamentos. Essa concretização é expressa em termos de uma ‘entidade’ (uma ‘coisa’), que pode ser contada, medida, fracionada etc.	INFLAÇÃO É UMA ENTIDADE. Por meio dessa metáfora, pode-se dizer ‘baixa inflação’, ‘mais inflação’, ‘a maior parte da inflação’ etc.
Personificação	São metáforas ontológicas em que a entidade é especificada como sendo uma pessoa.	UMA TEORIA É UMA PESSOA, que licencia ‘a teoria diz que...’, ‘os fatos revelam que...’ etc
Primárias	São metáforas ‘básicas’, presentes em muitas culturas e motivadas por aspectos físicos do corpo humano.	BOM É PARA CIMA, AFEIÇÃO É CALOR, INTIMIDADE É PROXIMIDADE, MUDANÇA É MOVIMENTO etc.

Fonte: Sardinha (2007, p. 34-35).

Conforme Teixeira (2007, p. 3), “a metáfora é para a Linguística Cognitiva muito mais do que o resultado da criatividade individual”. A metáfora conceptual não é sinônimo de figura de linguagem, já que pode ser depreendida em enunciados presentes na linguagem cotidiana, ou seja, não é necessário escrever uma poesia ou um texto literário para encontrar uma metáfora conceptual. Conforme Costa (2010, p. 20), “Lakoff e Johnson demonstram que a metáfora é usada na vida ordinária por pessoas comuns, normalmente sem qualquer esforço consciente, e não somente por indivíduos possuidores de talentos especiais na literatura ou na retórica”. Como acrescentam Lakoff e Turner (1989, p. 65): “esquemas conceptuais organizam o nosso conhecimento. Eles constituem modelos cognitivos de alguns aspectos do mundo; modelos que utilizamos na compreensão de nossa experiência e no raciocínio dela”.<sup>50</sup>

Ainda a respeito das metáforas conceptuais, menciona-se que elas são grafadas em caixa alta, como no exemplo dado, TEMPO É DINHEIRO.<sup>51</sup> A denominação de metáfora conceptual justifica-se pelo fato de algo ser conceitualizado. No exemplo citado, a metáfora apresenta um conceito de tempo. De acordo com esse conceito, o tempo estaria relacionado ao dinheiro. Esse é o conceito metafórico.

Quando se situa o *locus* da metáfora na linguagem só seriam metafóricas expressões como *Os seus olhos são espelhos da alma*; *O sorriso de Laura é um raio de sol*.<sup>52</sup> Já expressões como *Você está de alto astral*; *Precisamos combater a inflação* (ROCHA, 2012, p. 1213) não seriam consideradas metafóricas quando se determina o *locus* da metáfora na linguagem. Em contrapartida, essas duas últimas expressões seriam metafóricas se o *locus* da metáfora fosse o pensamento. Nesse sentido, *Você está de alto astral* designaria a metáfora FELIZ É PARA CIMA; no que se refere a *Precisamos combater a inflação*, a metáfora seria INFLAÇÃO É UMA ENTIDADE. Esses exemplos foram mencionados para que se compreenda que o conceito de metáfora não pode se

---

<sup>50</sup> “Conceptual schemas organize our knowledge. They constitute cognitive models of some aspect of the world, models that we use in comprehending our experience and in reasoning about it.”

<sup>51</sup> No caso dessa metáfora conceptual, é válido ressaltar que ela é tanto uma metáfora conceptual quanto uma expressão metafórica, tendo em vista que a expressão metafórica *tempo é dinheiro* pode ser encontrada em diversas situações comunicativas. Segundo Sardinha (2007, p. 34), “raramente há metáforas conceptuais que sejam também expressões metafóricas. Um exemplo é TEMPO É DINHEIRO, que licencia expressões metafóricas como ‘economizar tempo’, ‘gastar tempo’ e a própria ‘tempo é dinheiro’”.

<sup>52</sup> Exemplos nossos.

desvincular do *locus* no qual ela se situa. Além disso, os exemplos reforçam a diferença entre metáfora como figura de linguagem e metáfora conceptual.

A partir dos estudos de Lakoff e Johnson (1980), Lakoff e Turner (1989) propõem-se a estudar a metáfora literária, levando em conta a metáfora conceptual proposta por Lakoff e Johnson (1980). Conforme Andrade e Martins (2011, p. 203), ao retomarem os estudos de Lakoff e Turner (1989),

há uma continuidade entre as metáforas literárias e as metáforas cotidianas, estando estas, presentes nas obras literárias não apenas porque a literatura incorpora a linguagem do dia a dia, mas também porque, mesmo quando se desvia das formas mais cotidianas de expressão e de pensamento, o faz a partir de explorações criativas e inusitadas de mapeamentos metafóricos bastante arraigados em nossos sistemas conceptuais. As metáforas literárias são, para esses autores, extensões, combinações ou elaborações de projeções metafóricas mais básicas sugeridas pela Teoria Cognitiva da Metáfora. Assim, os poetas e escritores conseguem nos falar porque se utilizam de modos de pensamento que todos nós possuímos (ANDRADE; MARTINS, 2011, p. 203).

Lakoff e Turner (1989) demonstram que as metáforas conceptuais também são encontradas em textos literários, isto é, para eles, as metáforas literárias seriam extensões da metáfora cotidiana. Além disso, eles explicam como o processo metafórico se manifesta nos provérbios, por isso este trabalho pauta-se nos estudos desses autores para explicar como será tratada a relação entre metáforas e provérbios.

Como se mencionou, a relação dos provérbios com as metáforas é muito próxima. Uma das explicações para esse fato é que, segundo Lakoff e Turner (1989), os provérbios resgatam esquemas significativos de informação e imagem. Esses esquemas *produzidos* pelos provérbios refletem também o modo pelo qual vemos os acontecimentos do cotidiano.

Os autores propõem uma teoria complexa de metáfora para o estudo de provérbios, envolvendo vários aspectos. Assim, eles trabalham com a METÁFORA DA GRANDE CADEIA, que pode ser explicada de forma sucinta:

METÁFORA GRANDE CADEIA não é, estritamente falando, uma única metáfora. Ela é um conjunto que consiste da teoria do senso comum da Natureza das Coisas + a Grande Cadeia + a metáfora GENÉRICO É ESPECÍFICO + a Máxima da Quantidade. O que a torna caracteristicamente metafórica é a metáfora GENÉRICO É



ESPECÍFICO. A Natureza das Coisas + a Grande Cadeia dão-lhe um caráter de uma teoria do senso comum. E a Máxima da Quantidade apresenta a estrutura de um princípio comunicativo. Desse modo, a METÁFORA GRANDE CADEIA é mais que uma metáfora: é um recurso conceitual complexo formado por uma metáfora, uma teoria do senso comum e um princípio comunicativo (ROCHA, 2012, p. 1214).

Conforme explicitado em Rocha (2012), a METÁFORA DA GRANDE CADEIA, na verdade, é formada por uma única metáfora GENÉRICO É ESPECÍFICO; as outras partes que a compõem são: a Natureza das Coisas e a Máxima da Quantidade. Como se viu, a única metáfora presente na teoria citada é a GÉNÉRICO É ESPECÍFICO. Então, apesar de este estudo se pautar nos trabalhos de Lakoff e Turner (1989), não se contemplará a METÁFORA DA GRANDE CADEIA, mas sim a GENÉRICO É ESPECÍFICO.<sup>53</sup>

Segundo Lakoff e Turner (1989, p. 162), “os provérbios evocam esquemas ricos em imagens e informações: eles evocam conhecimento de animais, objetos e situações comuns”.<sup>54</sup> Eles afirmam ainda que tais esquemas incluem não apenas informações de nível genérico, como, por exemplo, relações de causa e tipos de eventos, mas também detalhes específicos e imagens concretas. Para explicitar isso, eles tomam como exemplo o provérbio *O cego acusa o buraco (idem)*.<sup>55</sup> Os autores explicam que o provérbio não se refere apenas a pessoas cegas, mas a uma grande classe de pessoas, as quais possuem alguma incapacidade. Levando em conta esse aspecto, Lakoff e Turner (1989, p. 162) questionam: “Como pode uma afirmativa sobre uma situação particular expressar uma compreensão geral? E como sabemos qual compreensão geral ela expressa?”.<sup>56</sup>

Para responder as questões citadas, os autores analisam o provérbio por meio da metáfora GENÉRICO É ESPECÍFICO. Desse modo, eles propõem a seguinte situação específica:

Suponha que um conhecido candidato à presidência cometa alguma improbidade pessoal – embora não seja ilegal e não esteja relacionada a questões políticas – e sua candidatura seja destruída pela divulgação feita pela imprensa sobre sua improbidade. Ele acusa a imprensa pela

<sup>53</sup> Ressalta-se que se pretende apresentar o conceito de metáfora apenas de forma introdutória, a fim de demonstrar como a metáfora será importante para os propósitos deste trabalho.

<sup>54</sup> “Proverbs evoke schemas rich in images and information: they evoke knowledge of common animals, objects, and situations” (LAKOFF; TURNER, 1989, p. 162).

<sup>55</sup> “Blind blames the ditch” (LAKOFF; TURNER, 1989, p. 162).

<sup>56</sup> “How can a statement about a particular situation convey a general understanding? And how do we know what general understanding it conveys?” (LAKOFF; TURNER, 1989, p. 162).

divulgação em vez de acusar a si próprio<sup>57</sup> (LAKOFF; TURNER, 1989, p. 163).

A partir do esquema relacionado a *O cego acusa o buraco*, os autores selecionam algumas informações de nível genérico, as quais são:

Há uma pessoa com uma incapacidade.  
Ela encontra uma situação na qual sua incapacidade nessa situação resulta em uma consequência negativa.  
Ela acusa a situação em vez de sua própria incapacidade.  
Ela deveria ter se responsabilizado, em vez de responsabilizar a situação<sup>58</sup> (LAKOFF; TURNER, 1989, p. 163).

Essas informações de nível genérico constituem um esquema de nível genérico, o qual pode se relacionar com informações específicas. No caso da situação dada para o provérbio citado, as informações específicas possíveis seriam:

A pessoa é o candidato à presidência;  
Sua incapacidade é sua inabilidade de compreender as consequências de suas ações impróprias;  
O contexto em que ele se encontra é ter cometido conscientemente uma improbidade e a imprensa ter divulgado;  
A consequência é ter sua candidatura ameaçada;  
Ele acusa a imprensa;  
Ele é julgado como insensato por acusar a imprensa em vez de a si mesmo (LAKOFF; TURNER, 1989, p. 164).<sup>59</sup>

Ao observar as informações genéricas e específicas, pode-se depreender uma compreensão metafórica da situação dada:

A pessoa cega corresponde ao candidato à presidência;  
Sua cegueira corresponde a sua inabilidade para compreender as consequências de suas próprias ações;  
Cair no buraco corresponde a sua improbidade e a divulgação pela imprensa;

<sup>57</sup> “Suppose a presidential candidate knowingly commits some personal impropriety (though not illegal and not related to political issues), and his candidacy is destroyed by the press’s reporting of the impropriety. He blames the press for reporting it rather than himself for committing it” (LAKOFF; TURNER, 1989, p. 163).

<sup>58</sup> “There is a person with an incapacity. He encounters a situation in which his incapacity in that situation results in a negative consequence. He blames the situation rather than his own incapacity. He should have held himself responsible, not the situation” (LAKOFF; TURNER, 1989, p. 163).

<sup>59</sup> “The person is the presidential candidate; his incapacity is his inability to understand the consequences of his own improper actions; the context he encounters is his knowingly committing an impropriety and the press’s reporting it; The consequence is having his candidacy dashed; He blames the press; We judge him as being foolish for blaming the press instead of himself” (LAKOFF; TURNER, 1989, p. 164).

Estar no buraco corresponde a estar fora da competição como candidato;  
 Acusar o buraco corresponde a acusar a divulgação da imprensa;  
 Julgar o homem cego como insensato por acusar o buraco corresponde a julgar o candidato como insensato por acusar a divulgação da imprensa (LAKOFF; TURNER, 1989, p. 164).<sup>60</sup>

Nessa perspectiva, pode-se dizer que

a metáfora GENÉRICO É ESPECÍFICO nos permite compreender uma categoria completa de situações em termos de uma situação específica. Dada uma situação específica (o candidato à presidência) e um determinado provérbio ('O cego / acusa o buraco'), GENÉRICO É ESPECÍFICO fornece uma maneira de compreender a situação metaforicamente em termos do esquema evocado pelo provérbio (LAKOFF; TURNER, 1989, p. 165).<sup>61</sup>

Como, neste trabalho, foram analisados provérbios presentes em textos diversos da internet, foi observado de que forma o processo metafórico se manifesta em um dado provérbio, tendo em vista as informações genéricas e específicas. Para isso, não foi feito um mapeamento detalhado dessas informações, pois não se pretende realizar um estudo aprofundado sobre o processo metafórico nos provérbios, mas sim explicitar de que modo as informações genéricas e específicas encontradas neles podem ser úteis para justificar a escolha da relação retórica considerada plausível para um dado provérbio.

O que se propõe, no que se refere à metáfora GENÉRICO É ESPECÍFICO, é mostrar quais são as informações genéricas de um provérbio como *Casa de ferreiro*, *espeto de pau*, ou seja, qual a compreensão geral que emerge desse provérbio e quais são as informações gerais compartilhadas por ele que permitem associá-lo a situações particulares. A partir de uma situação particular – o texto da internet –, verifica-se como as informações específicas se relacionam com o nível genérico. Se essas informações compartilhadas explicitam que, entre as partes textuais *Casa de ferreiro* e *espeto de pau*,

---

<sup>60</sup> “The blind person corresponds to the presidential candidate; His blindness corresponds to his inability to understand the consequences of his own actions; Falling into the ditch corresponds to his committing the impropriety and having it reported; Being in the ditch corresponds to being out of the running as a candidate; Blaming the ditch corresponds to blaming the press coverage; Judging the blind man as foolish for blaming the ditch corresponds to judging the candidate as foolish for blaming the press coverage” (LAKOFF; TURNER, 1989, p. 164).

<sup>61</sup> “The GENERIC IS SPECIFIC metaphor thus allows us to understand a whole category of situations in terms of one particular situation. Given a particular situation (say, the presidential candidate) and a particular proverb (say, ‘Blind / blames the ditch’), GENERIC IS SPECIFIC provides a way of understanding that situation metaphorically in terms of the schema evoked by the proverb” (LAKOFF; TURNER, 1989, p. 165).

por exemplo, é possível perceber incompatibilidades e diferenças, semelhante aspecto poderia reafirmar a plausibilidade da escolha de uma relação retórica de concessão.

A relação entre provérbios e metáforas leva a entender que “na interseção entre estrutura e enunciação, sujeito e cultura e sistema e uso, que a cognição, a semântica e a pragmática mostram-se, mais nitidamente, indissociáveis” (VEREZA, 2007, p. 2).

É válido mencionar que os provérbios exprimem uma precisão na imagem que torna a linguagem clara, transmitindo *concretude* ao que se pretende dizer. Garcia (2002, p. 188) argumenta melhor sobre isso, afirmando que

a sentença ‘onde impera a mediocridade ou a ignorância, os que têm algum merecimento se destacam facilmente’ não tem o mesmo vigor nem a mesma concisão do conhecido provérbio ‘em terra de cego, quem tem um olho é rei’. Confrontem-se a concisão, a exatidão e o pitoresco dos seguintes provérbios com a vaguidade e a imprecisão em linguagem abstrata: mais concreto, mais preciso – conotativo ou metafórico: Cada macaco no seu galho; mais abstrato, mais vago – denotativo ou não figurado: Cada qual deve limitar-se às suas atribuições [...].

Assim, segundo Garcia (2002), a diferença entre *Cada macaco no seu galho* e *Cada qual deve limitar-se às suas atribuições* é que a primeira sentença apresenta mais exatidão e concisão, o que proporciona uma linguagem mais concreta; em contrapartida, a segunda apresenta um caráter mais abstrato e vago. Em muitas situações comunicativas, portanto, o uso de um provérbio resume o que se deseja dizer em poucas palavras, transmitindo informações gerais, conhecimentos que são compartilhados culturalmente e se concretizam em diversas situações específicas. De acordo com Teixeira (2007, p. 7), “quer as expressões fixas, quer os provérbios possuem uma enorme força semântica e pragmática. Acentuam a sensação de pertença de grupo”.

Segundo Lakoff e Turner (1989), os esquemas de nível genérico possuem a força da generalidade. Desse modo, eles podem construir sentidos para uma variedade de situações; e, por serem concretos e ricos em informação, são memoráveis e se relacionam às nossas experiências diárias. Além disso, ainda conforme Lakoff e Turner (1989), os provérbios revestem-se de dois tipos de força: uma que direciona a caracterizações gerais e outra que se fundamenta na riqueza de casos específicos.

Nesse contexto, o provérbio transmite uma informação geral que pode ser projetada em diversas situações específicas. Conforme Lyzardo-Dias (2001, p. 38),

o provérbio encerra uma relação convencional entre uma forma (estrutura sintática) e um conteúdo referencial pré-determinado (o conceito que nomeia). Ele é um enunciado cujo significado lhe é atribuído previamente, pois fixado por convenção em uma dada coletividade: por isso, aprendemos o provérbio como aprendemos palavras novas de um idioma. Mas, só podemos encontrá-lo em um contexto específico: daí o processamento do conteúdo genérico e sua atualização nessa instância de uso específico.

Essa possibilidade de encontrar nos provérbios informações genéricas que podem ser aplicadas a uma série de situações específicas está relacionada, conforme Lakoff e Turner (1989), com o fato de a distinção entre informações genéricas e específicas ser comum em sistemas conceptuais em todo o mundo. Devido a essa distinção, os provérbios são encontrados em diversas culturas ao redor do mundo. Levando em conta essas questões, buscou-se investigar como provérbios presentes em textos da internet organizam as informações genéricas e específicas e de que modo essas informações se relacionam com as relações retóricas.

## 4 METODOLOGIA

### 4.1 *Corpus*

O *corpus* de análise foi constituído, inicialmente, de uma seleção de 10 provérbios retirados do dicionário de provérbios *Novo PIP* e do *Almanaque Jangada Brasil*. Foram selecionados provérbios sem conector e sem núcleo verbal. Após essa seleção inicial, utilizou-se a ferramenta de busca *Google* para localizar as ocorrências desses provérbios em textos da internet. Se, por exemplo, o provérbio pesquisado fosse *Casa de ferreiro, espeto de pau*, era preciso que ele fosse encontrado no título e/ou no corpo de algum texto da internet para que fosse selecionado.

Para um mesmo provérbio, foram escolhidos dois textos distintos. Desse modo, selecionaram-se 10 provérbios e 20 textos. O intuito dessa escolha está relacionado a um dos objetivos deste trabalho, que é observar de que forma a análise de um mesmo provérbio em dois textos diferentes pode interferir na escolha da relação retórica considerada plausível para um dado provérbio.

No que se refere à escolha dos textos, destaca-se que os critérios adotados foram que o provérbio aparecesse no título e/ou no corpo do texto e que estivesse em ambiente *online* (internet), conforme já se explicitou. Logo, não se definiu um gênero específico, ou um suporte determinado para que os textos fossem selecionados. Tal escolha justificou-se, porque o mais importante foi analisar as relações implícitas e a situação discursiva, demonstrando o papel dessas relações na coerência e na organização textual, independentemente do gênero e/ou do suporte em que o provérbio estivesse inserido.

A fim de demonstrar os provérbios e textos selecionados (os quais foram identificados por meio da apresentação do título), elaborou-se um quadro, sendo que o texto foi explicitado com sua respectiva numeração e autoria, esta última apenas não foi especificada nos casos em que não houve menção a ela no *site*. No quadro, mencionou-se também o *site* em que o texto selecionado estava disponível e a data de acesso. A seguir, apresenta-se o quadro citado.

QUADRO 5: Provérbios e textos selecionados

Provérbio	Título do textos	Sites
Casa de ferreiro, espeto de pau	1) Em casa de ferreiro, espeto de pau – fábulas e contos.  2) Casa de ferreiro, espeto de pau	1) Disponível em: < <a href="http://pt.shvoong.com/books/mythology-ancient-literature/2036113-em-casa-ferreiro-espeto-pau">http://pt.shvoong.com/books/mythology-ancient-literature/2036113-em-casa-ferreiro-espeto-pau</a> >. Acesso em: 1º set. 2012.  2) Disponível em: < <a href="http://kaminskiavalca.wordpress.com/blog/casa-de-ferreiro-espeto-de-pau">http://kaminskiavalca.wordpress.com/blog/casa-de-ferreiro-espeto-de-pau</a> >. Acesso em: 4 set. 2014.
Amigos, amigos. Negócios à parte.	3) Amigos, amigos. Negócios à parte (Bárbara Ladeia)  4) Amigos, amigos! Negócios à parte! (Danielle C. F. Barboza)	3) Disponível em: < <a href="http://vocesa.abril.com.br/organize-suas-financas/materia/amigos-amigos-negocios-parte-651205.shtml">http://vocesa.abril.com.br/organize-suas-financas/materia/amigos-amigos-negocios-parte-651205.shtml</a> >. Acesso em: 1º abr. 2012.  4) Disponível em: < <a href="http://discutindorelacoes1.blogspot.com.br/2011/03/amigos-amigos-negocios-parte.html">http://discutindorelacoes1.blogspot.com.br/2011/03/amigos-amigos-negocios-parte.html</a> >. Acesso em: 10 jan. 2013.
Tal pai, tal filho.	5) Tal pai tal filho  6) Tal pai, tal filho? (Leandro Narloch)	5) Disponível em: < <a href="http://chegueiaomundo.com.br/bebes/tal-pai-tal-filho/">http://chegueiaomundo.com.br/bebes/tal-pai-tal-filho/</a> >. Acesso em: 06 nov. 2013.  6) Disponível em: < <a href="http://super.abril.com.br/ciencia/tal-pai-tal-filho-443509.shtml">http://super.abril.com.br/ciencia/tal-pai-tal-filho-443509.shtml</a> >. Acesso em: 14 nov. 2013.
Rei morto, rei posto.	7) Rei morto, rei posto (José de Souza Martins)	7) Disponível em: < <a href="http://www.estadao.com.br/noticias/suplementos,rei-morto-rei-posto,663670,0.htm">http://www.estadao.com.br/noticias/suplementos,rei-morto-rei-posto,663670,0.htm</a> > Acesso em: 10 dez. 2012.

	8) Rei morto, rei posto: PSB supera divergência e deve lançar Marina na quarta (Cilênio Tavares).	8) Disponível em: < <a href="http://fmanha.com.br/blogs/emtempo/2014/08/16/rei-morto-rei-posto-psb-supera-divergencias-e-deve-lancar-marina-na-quarta">http://fmanha.com.br/blogs/emtempo/2014/08/16/rei-morto-rei-posto-psb-supera-divergencias-e-deve-lancar-marina-na-quarta</a> >. Acesso em: set. 2014.
Alegria de uns, tristeza de outros.	9) Chuva! Alegria de uns tristeza de outros  10) Natal: Alegria para uns, tristeza para outros (Letícia Barbieri)	9) Disponível em: < <a href="http://www.radiopaju.com.br/portal/chuva-alegria-de-uns-tristeza-de-outros">http://www.radiopaju.com.br/portal/chuva-alegria-de-uns-tristeza-de-outros</a> >. Acesso em: 10 abr. 2014.  10) Disponível em: < <a href="http://noticias.band.uol.com.br/cidades/rs/noticia/100000653316/natal-alegria-para-uns-tristeza-para-outros.html">http://noticias.band.uol.com.br/cidades/rs/noticia/100000653316/natal-alegria-para-uns-tristeza-para-outros.html</a> >. Acesso em: 10 abr. 2014.
Olho por olho, dente por dente.	11) Olho por olho, dente por dente (Rosa Morena)  12) Olho por olho, dente por dente: falta de justiça? (Manuela Berbert)	11) Disponível em: < <a href="http://www.opovo.com.br/app/jornaldoleitor/noticiassecundarias/cronicas/2013/10/28/noticiajornaldoleitorcronicas,3154218/u201colho-por-olho-dente-por-dente-u201d.shtml">http://www.opovo.com.br/app/jornaldoleitor/noticiassecundarias/cronicas/2013/10/28/noticiajornaldoleitorcronicas,3154218/u201colho-por-olho-dente-por-dente-u201d.shtml</a> >. Acesso em: jan. 2014.  12) Disponível em: < <a href="http://www.pimenta.blog.br/2014/02/12/olho-por-olho-dente-por-dente-falta-justica/">http://www.pimenta.blog.br/2014/02/12/olho-por-olho-dente-por-dente-falta-justica/</a> >. Acesso em: 10 maio 2014.
Longe dos olhos, perto do coração.	13) Longe dos olhos, perto do coração (Renan Damasceno)  14) Longe dos olhos, perto do coração	13) Disponível em: < <a href="http://www.superesportes.com.br/app/1,168/2014/11/11/noticia_futebol_nacional,297391/longe-dos-olhos-perto-do-coracao.shtml">http://www.superesportes.com.br/app/1,168/2014/11/11/noticia_futebol_nacional,297391/longe-dos-olhos-perto-do-coracao.shtml</a> > Acesso em: 15 nov. 2014.  14) Disponível em: < <a href="http://odia.ig.com.br/noticia/rio-de-janeiro/2014-06-17/longe-dos-olhos-perto-do-coracao.html">http://odia.ig.com.br/noticia/rio-de-janeiro/2014-06-17/longe-dos-olhos-perto-do-coracao.html</a> >. Acesso em: 13 nov. 2014.
Filho criado, trabalho dobrado.	15) Filho criado, trabalho dobrado (Jane M)	15) Disponível em: < <a href="http://mulheresimpossiveis.wordpress.com/2011/04/29/filho-criado-trabalho-dobrado/">http://mulheresimpossiveis.wordpress.com/2011/04/29/filho-criado-trabalho-dobrado/</a> >. Acesso em: 12 abr. 2013.



	16) Filho criado, trabalho dobrado (Mostradanus)	16) Disponível em: < <a href="http://www.recantodasletras.com.br/artigos/4013609">http://www.recantodasletras.com.br/artigos/4013609</a> >. Acesso em: 10 nov. 2013.
Mal com ele, pior sem ele.	17) Mal com ele, pior sem ele (Viviane Mansi)  18) Mal com ele, pior sem ele (Armando Costa Rocha)	17) Disponível em: < <a href="http://www.comunicacaocomfuncionario.com.br/2012/10/08/e-mail-mal-com-ele-pior-sem-ele/">http://www.comunicacaocomfuncionario.com.br/2012/10/08/e-mail-mal-com-ele-pior-sem-ele/</a> >. Acesso em: 10 maio 2013.  18) Disponível em: < <a href="http://port.pravda.ru/news/cplp/brasil/16-11-2003/3540-0/">http://port.pravda.ru/news/cplp/brasil/16-11-2003/3540-0/</a> >. Acesso em: 12 jan. 2012.
Pai rico, filho nobre, neto pobre.	19) Pai rico, filho nobre, neto pobre (Marcelo Andrade)  20) Pai rico, filho nobre e neto pobre (Carla Bottino)	19) Disponível em: < <a href="http://marcelloandrade.wordpress.com/2011/02/23/pai-rico-filho-nobre-neto-pobre/">http://marcelloandrade.wordpress.com/2011/02/23/pai-rico-filho-nobre-neto-pobre/</a> >. Acesso em: 10 jun. 2013.  20) Disponível em: < <a href="http://www.portaltudoemfamilia.com.br/cms/?p=1072">http://www.portaltudoemfamilia.com.br/cms/?p=1072</a> >. Acesso em: 20 set. 2014.

## 4.2 Procedimentos metodológicos

Para descrição e análise dos dados, baseou-se em uma análise qualitativa, considerando que o intuito não foi observar as porções de texto dos provérbios probabilisticamente, mas sim caracterizá-las, perceber suas peculiaridades e como elas se estabelecem de acordo com a situação particular na qual se encontram.

Os provérbios analisados foram segmentados em porções textuais. O uso da terminologia *porção de texto*, conforme se mencionou na Introdução e no Referencial Teórico, baseou-se no termo inglês *span*, apresentado por Mann (1984). Segundo o autor citado, *span* refere-se às partes que compõem um determinado texto. Logo, ao se considerar o provérbio como texto, as unidades que o constituem são porções de texto. Nessa perspectiva, em *Rei morto, rei posto*, por exemplo, ao segmentar essa estrutura textual em unidades textuais menores, é possível considerar as seguintes porções textuais: a) *Rei morto*; b) *rei posto*.

Os textos<sup>62</sup> selecionados foram numerados e posicionados de modo recuado, em itálico; e os provérbios, em sublinhado e negrito, a fim de facilitar a identificação do provérbio e do texto pelo leitor.

Inicialmente, para realizar a análise dos provérbios, foram observadas as informações transmitidas pelo texto, ou seja, uma compreensão geral do conteúdo informacional do texto selecionado. Em seguida, as informações foram organizadas em genéricas e específicas a partir da associação das informações presentes no provérbio com as informações dadas pelo texto. No que se refere a essas informações, é válido dizer que elas estão relacionadas ao estudo de Lakoff e Turner (1989), os quais observaram, por meio da metáfora GENÉRICO É ESPECÍFICO, como as informações genéricas e específicas desempenham um papel importante na construção de sentido dos provérbios.

O intuito de investigar as informações genéricas e específicas é verificar de que modo elas contribuem para explicar e/ou reafirmar a escolha de uma determinada relação retórica.

Em sequência, apresentaram-se as relações retóricas possíveis para uma análise isolada do provérbio, na qual fossem consideradas apenas as partes textuais que o compõem, sem referência a aspectos externos e à situação particular em que ele se encontra. Para verificar as relações retóricas plausíveis, realizou-se uma análise baseada na Teoria da Estrutura Retórica (RST), tendo em vista que, neste trabalho, considerou-se importante observar a competência comunicativa não simplesmente como um processo de codificação e decodificação de expressões, mas também como a capacidade de o falante interpretar e produzir expressões nas diversas situações de uso. Buscou-se, assim, investigar de que forma a situação comunicativa interfere na definição das relações retóricas para um mesmo provérbio. A fim de demonstrar como o contexto contribui para justificar a relação retórica dada como plausível para um provérbio, elaborou-se também um quadro no qual se explicitaram os trechos do texto que se relacionam com as porções textuais do provérbio. Depois, foram levantadas as possíveis interferências de uma análise em que se observe a situação particular na definição da relação retórica.

Por fim, apresentou-se o diagrama da relação retórica estabelecida, procurando demonstrar como o texto no qual o provérbio se apresenta pode ajudar a justificar o porquê de uma relação retórica ser considerada plausível para um determinado provérbio.

---

<sup>62</sup> Destaca-se que não foi feita qualquer alteração na redação original dos textos.

Na Introdução deste trabalho, foi levantada a hipótese de que as informações genéricas e específicas depreendidas dos provérbios podem ajudar a explicar a plausibilidade da relação retórica escolhida; e que, mesmo os provérbios sendo conhecidos por transmitirem uma sabedoria popular, o que conduziria à compreensão de que as informações evocados por eles são sempre fixas, acredita-se que eles podem ser influenciados pela situação de uso, pelo contexto e por fatores extralinguísticos. Desse modo, a hipótese construída foi de que a situação particular pode interferir na seleção da relação retórica estabelecida para um provérbio. Nesse contexto, foi importante seguir os procedimentos metodológicos referidos nesta seção a fim de investigar a hipótese sustentada neste trabalho.

### 4.3 O programa de diagramação RSTTool

Para elaborar os diagramas, utilizou-se o programa RSTTool, versão 3.45, de Mick O'Donnel, disponível para download no *site* <[www.wagsoft.com](http://www.wagsoft.com)>. Por meio do programa, pode-se segmentar os textos, determinar o tipo de relação: núcleo-satélite ou multinuclear e, desse modo, traçar os diagramas que representam as relações retóricas.

Para que se compreenda melhor o uso do RSTTool, são mostradas algumas telas do programa a fim de ilustrar, sucintamente, o passo a passo do uso da ferramenta. Como exemplo, selecionou-se um dos provérbios deste trabalho: *Amigos, amigos. Negócios à parte*.

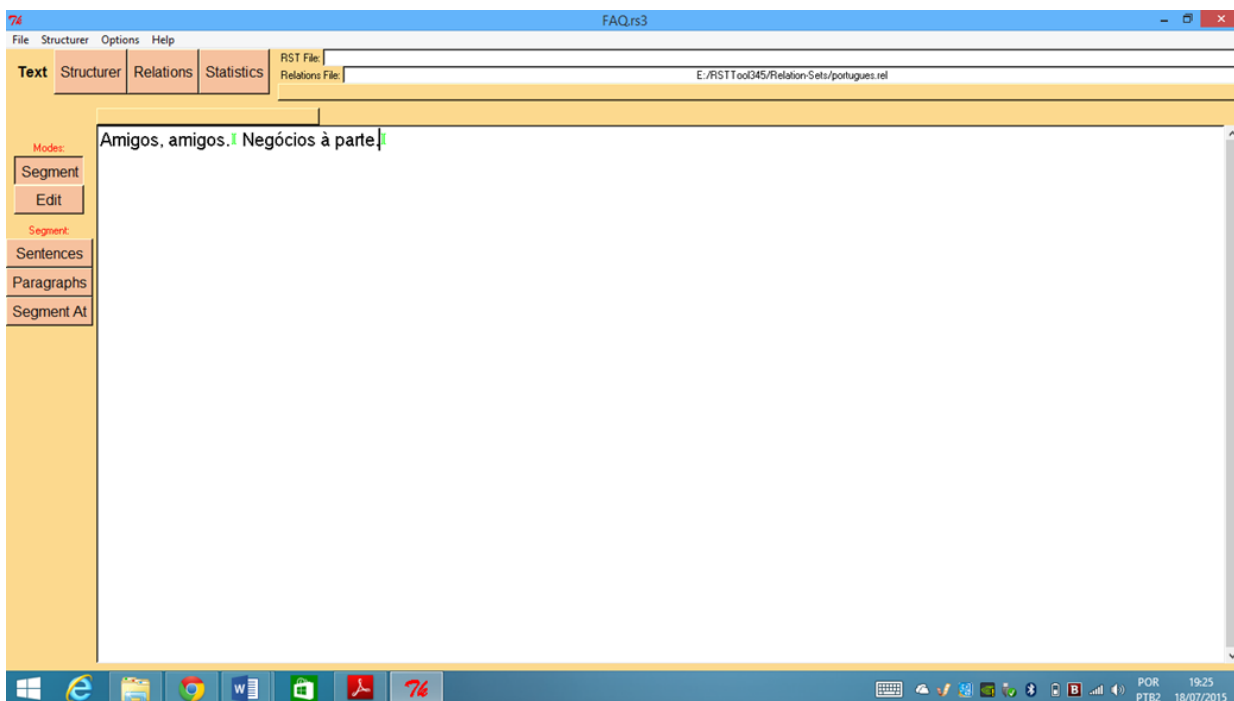
O primeiro passo para utilizar o programa é salvar o texto que será analisado no formato *texto sem formatação* (txt.). Em seguida, deve-se abrir o RSTTool e importar o texto para o programa. Depois, é preciso segmentar as partes do texto, clicando no item *Segment*.<sup>63</sup> Ao fazer a segmentação, o texto ficará do seguinte modo:<sup>64</sup>

---

<sup>63</sup> Todos os termos presentes no RSTTool encontram-se na língua inglesa.

<sup>64</sup> Ressalta-se que as telas expostas do RSTTool são apenas um meio de ilustrar, de forma geral, como é feita a representação da análise por meio de diagrama. Assim, deseja-se deixar claro que não se demonstrou todo o passo a passo para manusear o programa. Por exemplo, não se explicou como importar o texto para o programa, nem de que forma as relações multinucleares são estabelecidas.

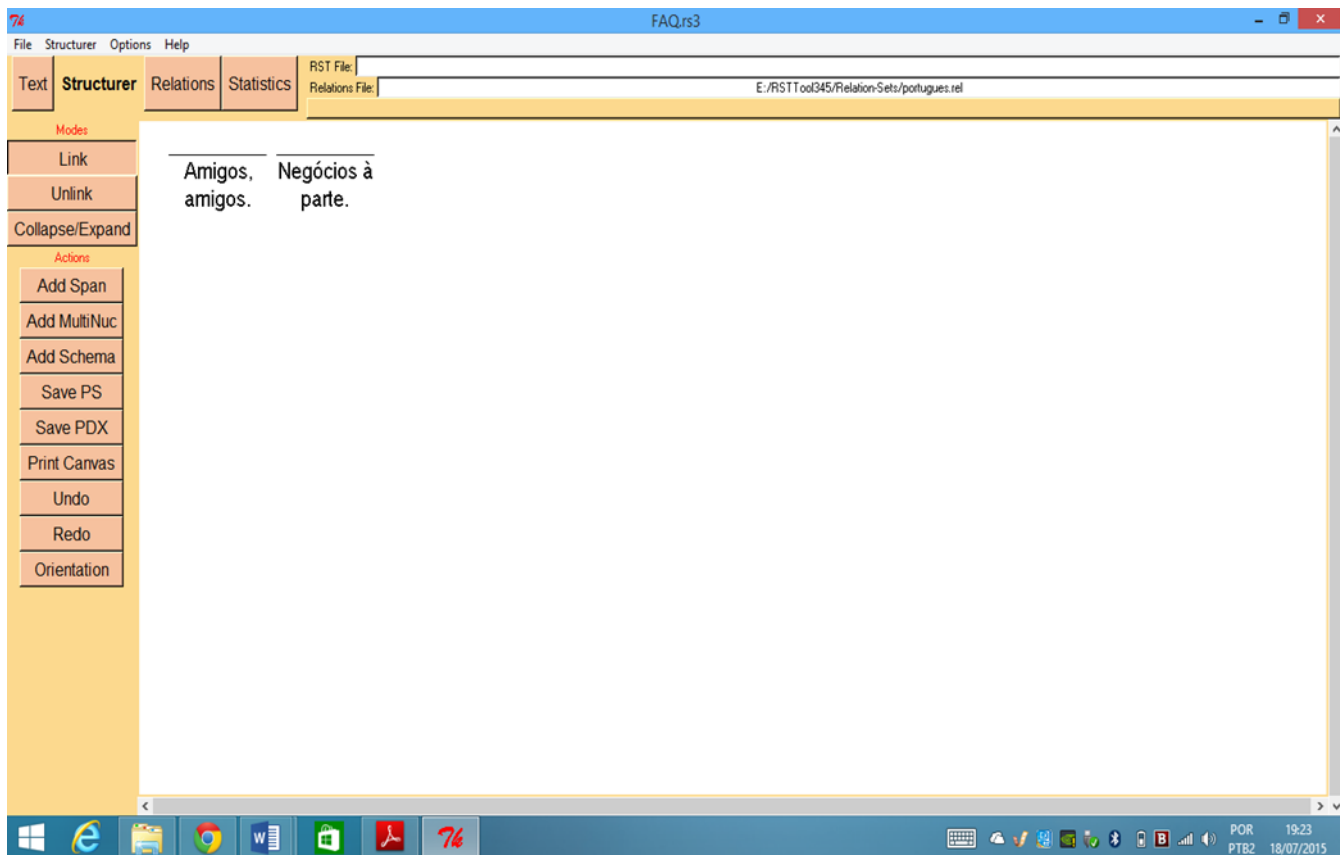
FIGURA 6 – Tela RSTTool – Segmentando o texto



É possível observar que o primeiro termo da coluna no lado esquerdo é *Segment*, no qual se deve clicar a fim de segmentar o texto em partes, cada uma sendo demarcada pela *barra* presente na figura acima. Assim, o texto exemplificado foi segmentado em duas partes: *a) Amigos, amigos; b) Negócios à parte.*

Após segmentar as porções textuais, o próximo passo é clicar em *Structurer* e, assim, tem-se a seguinte tela no RSTTool:

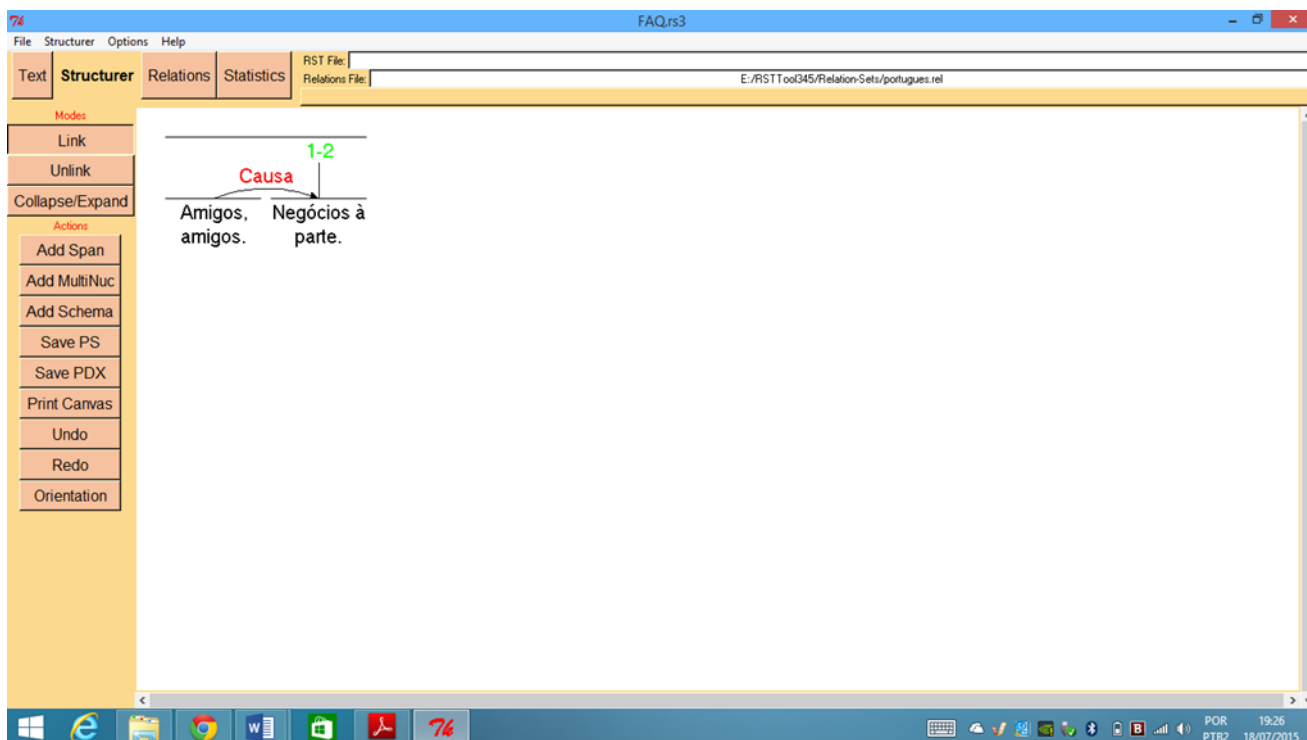
FIGURA 7 – Tela RSTTool – Estruturando o texto



Ao estruturar o texto, as porções textuais são dispostas em linhas horizontais.

Em seguida, devem-se definir as relações, que podem ser: núcleo-satélite ou multinucleares. Como nesse texto há somente relações núcleo-satélite, tem-se o seguinte diagrama:

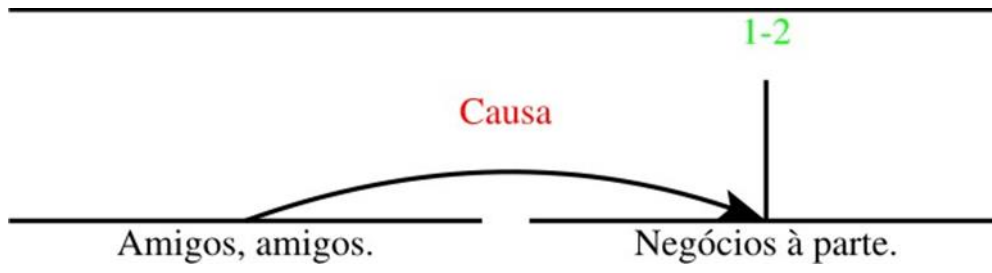
FIGURA 8 – Tela RSTTool – Definindo as relações retóricas



Ao finalizar o diagrama, nota-se que, na parte superior, há os números (1-2); eles representam duas porções textuais, sendo que a primeira é representada pelo número (1) e a segunda, pelo (2). Percebe-se também que há uma curva que parte do satélite (*Amigos, amigos*) para o núcleo (*Negócios à parte*). Para que o diagrama seja representado dessa maneira, é preciso, com o botão direito do *mouse*, arrastar a porção que designa o satélite em direção ao núcleo. Em seguida, seleciona-se o nome da relação retórica e, por fim, clica-se em *Add Span* para definir a porção textual nuclear. Essa porção nuclear é sinalizada por uma linha vertical. Por exemplo, no diagrama apresentado, a linha vertical encontra-se na porção textual (2) a qual exerce o papel de núcleo.

Para salvar os diagramas, é possível utilizar duas estratégias: copiar o diagrama e colá-lo em processador de textos (nesse caso, haverá problemas de configuração e a figura não contemplará uma boa resolução), ou salvar em um formato específico e enviar o diagrama para o programa *Corel Draw*, a fim de salvá-lo no formato foto (jpg). A vantagem dessa segunda estratégia é que o diagrama aparece sem nenhum problema no que se refere à resolução da sua imagem. Ao se salvar com o *Corel*, a imagem do diagrama será:

FIGURA 9 – Relação retórica de Causa



## 5 O PROVÉRPIO E SEU USO EM TEXTOS DA INTERNET

Conforme se mencionou na metodologia, foram selecionados provérbios que se encontravam ou no título, ou no corpo de um texto da internet e os procedimentos metodológicos seguidos foram: a) segmentar as porções textuais do provérbio; b) demonstrar como as informações genéricas e específicas se manifestam na associação do provérbio com o texto; c) apresentar as relações retóricas plausíveis numa análise isolada e numa análise do provérbio associada ao cotexto; d) elaborar um quadro a fim de explicitar os trechos do texto que se relacionam com as porções textuais do provérbio; e) apresentar um diagrama da relação retórica estabelecida para o provérbio analisado.

Em todas as análises, os textos estão numerados; os títulos se apresentam centralizados; os provérbios foram sublinhados e negritados e o texto foi disposto de modo recuado em itálico com espaçamento simples a fim de facilitar a identificação do texto pelo leitor deste trabalho.

### 5.1 Análise do *Corpus*

#### Texto 1

#### **Em CASA DE FERREIRO, ESPETO DE PAU** - fábulas e contos<sup>65</sup>

*Esopo foi desafiado a explicar essa contradição. Pediu um dia ao seu Rei e este lhe concedeu essa folga. No dia seguinte, levou ao jantar do Rei um Ferreiro trazendo espetos de ferro para que o Rei os usasse para servir aos convidados. Ao fim do Banquete Esopo perguntou ao Ferreiro se havia gostado e se havia sido bem servido. O Ferreiro disse que sim e agradeceu. O Rei lhe perguntou se na casa dele os espetos eram daqueles que ele havia trazido. Ele informou: “Não! Eu uso os de madeira.” Argumenta o Rei: “Mas você trouxe ótimos espetos de ferro! E não os usa?” Volta o súdito: “Majestade! Se eu trouxe os espetos de ferro é porque aqui eu não tive que comprar a carne! Ou gasto com os espetos ou com a carne!” E o Rei entendeu que o Povo sabe muito bem onde aperta o orçamento! Dizem que esta frase final da narrativa é a moral da história. REVISÃO - Exatamente isso continua*

<sup>65</sup> Nos títulos, manteve-se a mesma formatação do texto fonte em relação ao uso de letras maiúsculas ou minúsculas. Texto disponível em: <<http://pt.shvoong.com/books/mythology-ancient-literature/2036113-em-casa-ferreiro-espeto-pau>>. Acesso em: 1º abr. 2012.



*acontecendo com todos nossos artífices, ferreiros ou não. E os nossos reizinhos delirantes e alucinados não tiram a conclusão evidente! Ou melhor: tiram, sim! Tiram, mesmo! Tiram tudo! Tiram os espetos, os banquetes, a carne, os dinheiros para comprar a carne, a matéria prima para os espetos, e tiram por todos nós as conclusões que quiserem que tenhamos para as fábulas e para tudo na senzala geral em que transformaram nosso mundo. Em casa de brasileiros, habitantes do país mais rico do mundo, não temos nem espetos, nem comidas de carnes que se exportam, nem as riquezas que tanto dizem que são do Brasil... e em breve nem haverá de onde tirar espetos de pau.*

### **Porções textuais do provérbio:**

- 1) Em casa de ferreiro,
- 2) Espeto de pau.

O texto constrói-se como um protótipo de fábula, demonstrando uma contradição, já que o ferreiro possui *espetos de ferro*, mas usa os *de pau*. Essa contradição é associada a um tom crítico sobre as desigualdades encontradas em nosso país; embora o Brasil possua riquezas, o que predomina no país é a desigualdade social. Assim, o texto reafirma em várias partes uma ideia de contradição que pode ser sintetizada com alguns trechos, tais como:

- “O **Ferreiro** [...] informou: Não! Eu uso os de **madeira**.”
- Em casa de brasileiros, habitantes do país **mais rico do mundo**, não temos **nem espetos, nem comidas de carnes que se exportam, nem as riquezas que tanto dizem que são do Brasil...** (grifos nossos).

Essa contradição expressa no texto também é perceptível no provérbio – *Em casa de ferreiro, espeto de pau* –, por meio do contraste evocado pelos itens lexicais *casa de ferreiro versus espeto de pau* e pelas informações que o provérbio transmite: alguém possui uma habilidade, mas não usa essa habilidade a seu favor. Essas informações permitem que se forme um esquema de nível genérico associado a *Em casa de ferreiro, espeto de pau*:

- há alguém com uma habilidade ou um lugar que se caracteriza por uma especialidade;
- essa pessoa, mesmo possuindo habilidades, não as utiliza;
- esse lugar, mesmo tendo uma especialidade, não consegue que essa seja usada a seu favor.

As informações do nível genérico podem ser compartilhadas com as específicas da seguinte forma:

- *Em casa de ferreiro* corresponde ao fato de o Brasil ser um país de riquezas.
- *Espeto de pau* corresponde ao fato de os brasileiros não conseguirem usufruir da riqueza do Brasil.

As informações presentes no nível genérico e no específico conseguem explicitar que a presença de incompatibilidade – Brasil ser possuidor de riquezas *versus* brasileiros não usufruírem dessa riqueza – é algo característico do texto analisado. Assim, nota-se que tanto as informações depreendidas no texto quanto a metáfora presente no provérbio apresentam uma construção de sentido embasada no contraste, em oposição de ideias.

Essa oposição e incompatibilidade de ideias podem ser demonstradas pelos trechos do texto que representam, respectivamente, *Em casa de ferreiro* e *Espeto de pau*, como se verifica no quadro a seguir:

QUADRO 6: Trechos do texto relacionados às porções textuais

*Em casa de ferreiro, espeto de pau*

<i>Em casa de ferreiro</i>	<i>Espeto de Pau</i>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• <i>Mas você trouxe ótimos espetos de ferro!</i></li> <li>• <i>Em casa de brasileiros, habitantes do país mais rico do mundo [...]</i></li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <i>E não os usa?</i><sup>66</sup></li> <li>• <i>não temos nem espetos, nem comidas de carnes que se exportam, nem as riquezas que tanto dizem que são do Brasil... e em breve nem haverá de onde tirar espetos de pau.</i></li> </ul>

<sup>66</sup> O pronome *os* faz referência aos espetos de ferro, o que pode ser constatado pela leitura do texto.

Partindo dessa análise inicial, começa-se a pensar em qual relação retórica seria mais pertinente para o provérbio em questão, ou seja, qual relação retórica é mais plausível, considerando o provérbio não de forma isolada, mas inserido em uma situação de uso. Como o provérbio não apresenta conectores, não há uma sinalização marcada do significado que emerge das porções textuais articuladas. Todavia, sabe-se que a ausência de conectores não impede o reconhecimento de relações de sentido. No provérbio citado, uma análise isolada (sem considerar o texto da internet) poderia conduzir o analista a três relações retóricas plausíveis: antítese, concessão e contraste.

Nessa perspectiva, a relação de antítese caracteriza-se por núcleo e satélite estarem em contraste e por conduzir o leitor a, diante de duas situações incompatíveis, aceitar melhor a ideia presente no núcleo do que no satélite. Como se mostrou na seção do capítulo teórico sobre a RST, toda relação retórica possui um efeito que a caracteriza. No caso da antítese, esse efeito é levar o leitor a aceitar melhor as informações presentes no núcleo. Um analista que optasse por uma relação retórica de antítese poderia pensar que há um contraste iminente, já que *a Casa é de ferreiro, mas o espeto é de pau*.

Ainda em uma análise isolada do provérbio, o analista poderia argumentar que seria plausível uma relação retórica de concessão, já que as diferenças entre concessão e antítese são muito tênues. As duas relações possuem o mesmo efeito: levar o leitor a aceitar melhor a informação presente no núcleo. A diferença básica entre as duas relações é que, na antítese, o leitor reconhece um contraste ou uma incompatibilidade de forma mais expressiva; na concessão, essa incompatibilidade seria aparente ou potencial, ou seja, passível de ocorrer. Ao inferir uma relação de concessão, o analista poderia justificar que, apesar de se esperar que em uma casa de ferreiro o espeto seja de ferro, essa expectativa não se manifesta com a porção textual *espeto de pau*, levando a uma *quebra* de expectativa.

Outra relação possível para uma análise isolada do provérbio seria a de contraste. Uma diferença básica entre contraste, antítese e concessão reside no fato de aquela ser multinuclear, ou seja, as porções textuais presentes funcionam como núcleo; já essas são núcleo-satélite, logo as porções textuais assumem um grau de importância diferente no texto. O efeito da relação de contraste é levar o leitor a reconhecer as semelhanças e/ou diferenças entre as partes textuais presentes. Considerando uma relação plausível de contraste, o analista poderia explicar que *Em casa de ferreiro, espeto de pau* é possível

estabelecer diferenças entre *ferreiro* e *espeto de pau*. Essas diferenças acabam levando a uma comparação, já que se espera que um ferreiro produza espetos de ferro e não de pau.

Como se vê, uma análise isolada do provérbio permite a inferência de mais de uma relação retórica. Já uma análise do uso do provérbio em um texto específico pode demonstrar o porquê de uma relação retórica ser mais pertinente aos propósitos comunicativos de uma situação discursiva. Todas as relações citadas – antítese, concessão e contraste – compartilham a presença de significados que se opõem; entretanto, no texto, é possível inferir que o autor não deseja apenas comparar características que divergem, ou apresentar uma incompatibilidade perceptível. O autor pretende também partir da incompatibilidade para apresentar uma crítica:

E os nossos reizinhos delirantes e alucinados não tiram a conclusão evidente! Ou melhor: tiram, sim! Tiram, mesmo! **Tiram tudo!** Tiram os espetos, os banquetes, a carne, os dinheiros para comprar a carne, a matéria prima para os espetos, e **tiram por todos nós as conclusões que quiserem** que tenhamos para as fábulas e para tudo na senzala geral em que transformaram nosso mundo (grifos nossos).

É afirmado no texto que a exploração dos menos favorecidos e a desigualdade social são tão fortes que os mais favorecidos usam de todas as formas para se beneficiarem: *Tiram, sim!*, *Tiram, mesmo!* *Tiram tudo!*. Ao longo do texto, o autor apresenta várias situações que contradizem uma expectativa; por exemplo, quando se menciona que o ferreiro possui excelentes espetos de ferro, poder-se-ia esperar que ele os usasse, o que não ocorre, pois o ferreiro afirma: *Não! Eu uso os de madeira*. Outro exemplo seria a compreensão do rei da fábula a respeito da resposta dada pelo ferreiro: *e o Rei entendeu que o Povo sabe muito bem onde aperta o orçamento!*; não era esse entendimento que se esperava que o rei tivesse. Nota-se, no texto, uma característica de contraste reforçada por uma acentuada quebra de expectativa: espera-se algo, mas o que ocorre não condiz com o esperado. Essa quebra de expectativa faz com que se escolha como mais plausível a relação de concessão. O provérbio juntamente com a situação específica em que ele está inserido demonstra que *em casa de ferreiro* espera-se que os espetos sejam de ferro, mas eles são de pau. O autor afirma que a expectativa é que, em um país, como o Brasil, não houvesse desigualdades, entretanto elas ocorrem.

Apesar de a concessão e a antítese terem o mesmo efeito de acordo com as definições da RST, considerou-se a relação de concessão mais pertinente, já que as concessivas têm sido relacionadas às

conexões contrastivas, cujo significado básico é contrário às expectativas, um significado que se origina não apenas do conteúdo do que está sendo dito, mas, ainda, do processo comunicativo e da relação falante-ouvinte. Em muitos enunciados concessivos, pode-se tornar evidente essa noção fazendo-se uma comparação com enunciados adversativos paralelos: embora fosse sempre um homem silencioso, o seu silêncio, agora, era mais denso e triste (NEVES, 2000, p. 865).

Uma retomada dos estudos a respeito das adversativas e das concessivas revela que há muitas semelhanças entre elas, tanto é que alguns estudiosos preferem não diferenciá-las, considerando-as de uma forma mais ampla sob a denominação de contrastivas. Os linguistas Van Dijk (1989) e Mateus *et al.* (1983) afirmam que tanto as adversativas quanto as concessivas são marcadas pelo contraste.

Na RST, a relação que se assemelha às adversativas seria a de antítese. Ao se distinguirem concessivas de adversativas, uma das diferenças apontadas por Rosário (2012) é a importância de se levar em conta a situação discursiva para se definir uma relação concessiva. Como exemplo, ele cita:

- a) Mora no Rio de Janeiro e é um bom cardiologista (ROSÁRIO, 2012, p. 44).

Em seguida argumenta que

difícilmente poderíamos parafrasear o exemplo anterior por uma construção concessiva, como “Embora more no Rio de Janeiro, é um bom cardiologista” ou “Embora seja um bom cardiologista, mora no Rio de Janeiro”. Esse tipo de inferência é pouco provável pelo fato de não haver a ideia de contraste de um modo evidente entre as orações, a não ser que hipoteticamente o Rio de Janeiro fosse conhecido como tendo maus cardiologistas. Assim, para sermos mais específicos e precisos, parece ficar claro que a noção semântica de concessividade não emerge exatamente da conjunção, mas do contexto linguístico e extralinguístico em que é processada, ou seja, da situação comunicativa e interacional (ROSÁRIO, 2012, p. 44-45).

Para definir a relação retórica de concessão como plausível para o provérbio *Em casa de ferreiro, espeto de pau*, considerou-se a situação comunicativa e interacional na qual o provérbio se encontra.

Outro aspecto a destacar na concessão é seu caráter persuasivo. Ao propor no título do texto um provérbio que estabelece uma relação retórica de concessão, o autor,

além de mostrar uma quebra de expectativa, utiliza a concessão também como uma estratégia argumentativa para persuadir o leitor a ser favorável ao seu posicionamento. Segundo Ducrot (1990) *apud* Gouvêa (2001, p. 240),

concessão, no sentido retórico do termo, é a aceitação de um argumento do adversário, que não se refuta, mas que se faz seguir de um argumento em sentido inverso, a partir do qual se conclui. É um tipo de manobra que não custa caro e um meio persuasivo importante. Concordando com o adversário que seu argumento é justo e pertinente, o indivíduo, de um lado, concilia-se com ele, de outro, torna-lhe menos penoso admitir os argumentos contrários a ele.

A relação retórica de concessão na RST é representada por S (satélite): *em casa de ferreiro* e N (núcleo): *espeto de pau*. Representou-se *em casa de ferreiro* como satélite e *espeto de pau* como núcleo, pois é possível afirmar que, *embora a casa seja de ferreiro, o espeto é de pau*. A possibilidade de se definir uma relação retórica de concessão reafirma que “de uma perspectiva discursiva, em primeiro lugar, destaca-se o fato de que o valor de concessão não é veiculado somente por estruturas com conectores que tradicionalmente se chamam concessivos (embora, apesar de, mesmo, ainda que, mesmo que)” (GOUVÊA, 2001, p. 235, grifos no original). Mesmo em uma análise isolada das porções textuais, era possível designar uma relação retórica de concessão para *Em casa de ferreiro, espeto de pau*; todavia, isso não seria suficiente para os objetivos deste trabalho, tendo em vista que se considera fundamental observar a língua em uso e como a situação comunicativa pode interferir nas relações de coerência.

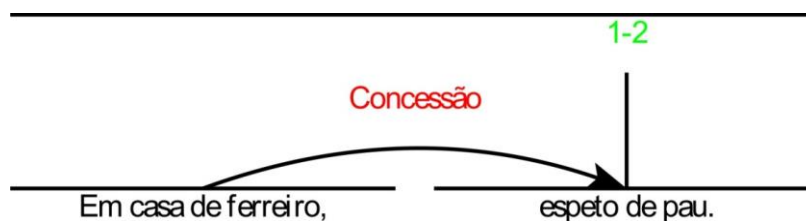
Um provérbio utiliza-se de informações gerais, compartilhadas culturalmente, que configuram um esquema de nível genérico, o qual é partilhado por informações específicas relacionadas à situação particular na qual o provérbio se encontra. Nesse caso, as informações genéricas e específicas manifestaram a característica de incompatibilidade, que também está presente na relação de concessão. As informações de nível genérico e específico contribuem também para justificar a escolha das relações retóricas plausíveis que emergem no provérbio.

Mesmo que um provérbio como *Em casa de ferreiro, espeto de pau* já tenha o seu significado internalizado pela população que o conheça, é preciso ir além de uma coerência que se restrinja a observar como as porções textuais presentes no provérbio

conduzem a relações de sentidos; é preciso verificar como essas relações se manifestam também em uma situação de uso.

Tem-se, então, o seguinte diagrama da relação retórica de *Em Casa de ferreiro, espeto de pau*:

FIGURA 10 – Relação retórica de Concessão



## Texto 2

### CASA DE FERREIRO, ESPETO DE PAU<sup>67</sup>

*É incrível o número de empresas que não conseguem aplicar em si mesmas aquilo que vendem ou pregam.*

*Nós da KaminskiAvalca sempre falamos em oferecer experiências máximas aos clientes e essas empresas realmente conseguem. Porém são inesquecivelmente ruins as experiências!! (clique aqui para verificar o mini-curso gratuito “Criando experiências máximas ao cliente”).*

*Já pensou ir ao shopping e ver um funcionário do McDonald’s comendo no Burger King? Ou numa gráfica que tem o cartão de visitas com falhas na impressão? Ou numa escola com a diretora cometendo erros de português (este também é comum!)?*

*Como você vai confiar num serviço desses? Isto faz a organização perder totalmente a credibilidade.*

*O problema é que temos muita dificuldade em diagnosticar o problema de nossa organização. Já ouviu aquela expressão “o olho não vê a si mesmo”? Aliando isto a falta de feedback dos funcionários e dos clientes e, principalmente, a falta de percepção da empresa quanto aos avisos que algo está errado (reclamações e insatisfação de clientes, alta rotatividade de funcionários, dificuldade na venda...) acaba-se criando uma casa de ferreiro que usa espeto de pau.*

*Para descobrir a própria situação não é tão difícil, basta querer enxergar. Pergunte a si mesmo e aos funcionários: aplicamos plenamente em nossa empresa aquilo que vendemos? Os princípios que pregamos aos*

<sup>67</sup> O autor desse texto não foi explicitado no site. Disponível em: <<http://kaminskiavalca.wordpress.com/blog/casa-de-ferreiro-espeto-de-pau/>>. Acesso em: 4 set. 2014.

*clientes são os mesmos na nossa empresa? Nós confiamos totalmente e consumimos nosso próprio produto? Quais exemplos reais comprovam as respostas?*

*Ter uma ideologia, algo que você e toda a organização acredite! Esse é o primeiro passo para fazer sua empresa crescer e ter diferenciais que lhe tragam muito resultado (clique aqui para verificar o mini-curso gratuito “Feitas para Durar”). Você precisa ter uma casa de ferreiro que utilize apenas espeto de ferro, e ainda, que seja a melhor empresa do ramo.*

*Agora eu que lhe pergunto: você trabalha numa casa de ferreiro que utiliza espeto de pau? Ela é a melhor em seu ramo (independente de tamanho)? Tem certeza disso?*

*Deixe seu comentário! Exemplos reais que presenciou, problemas que sua empresa passou, se concorda, discorda, o que fazer, o que não fazer... só não vale não comentar!!*

### **Porções textuais do provérbio:**

- 1) Casa de ferreiro,
- 2) Espeto de pau.

No texto apresentado, é mencionado que as empresas, muitas vezes, não usam em seu próprio benefício aquilo com que trabalham. Logo, são citadas atitudes que, se fossem tomadas, não seriam coerentes e interfeririam na credibilidade da empresa:

- “Funcionário do McDonald’s comendo no Burger King”;
- “Gráfica com cartão de visitas com falhas na impressão”;
- “Uma diretora cometendo erros de português”.

Procura-se mostrar que uma empresa precisa ser coerente com o que vende ou produz, ou seja, para ser uma empresa de qualidade, em casa de ferreiro, o espeto deve ser de ferro; portanto a empresa deve ser fiel ao que oferece para que adquira respeito no mercado.

Quanto às informações de nível genérico, como se trata do mesmo provérbio da análise 1, têm-se informações descritas de forma semelhante:<sup>68</sup>

---

<sup>68</sup> Em todos os textos nos quais os provérbios forem os mesmos, a informação de nível genérico será sempre a mesma, o que pode se alterar é a informação da situação particular, específica.



- há alguém com uma habilidade ou um lugar que se caracteriza por uma especialidade;
- essa pessoa, mesmo possuindo habilidades, não as utiliza;
- esse lugar, mesmo tendo uma especialidade, não consegue que essa seja usada a seu favor.

Essas informações de nível genérico podem ser compartilhadas com informações específicas, tais como:

- *Casa de ferreiro* remete às empresas de ramos diversos.
- *Espeto de pau* se refere ao fato de as empresas não usarem as especialidades inerentes a elas em seu próprio benefício.

A partir de uma observação das informações genéricas e específicas presentes no provérbio, compreende-se que essas informações já fazem alusão a incompatibilidades, tais como: empresas que têm especialidades, mas não as usam em benefício próprio. Assim como na primeira análise, a característica de uma incompatibilidade também se manifesta neste texto. Os trechos do texto que manifestam essa incompatibilidade e representam *Casa de Ferreiro*, *espeto de pau* no texto estão explicitados no quadro a seguir.

QUADRO 7: Trechos do texto relacionados às porções textuais  
*Casa de Ferreiro, espeto de pau*

<i>Casa de ferreiro,</i>	<i>Espeto de pau</i>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• <i>Já pensou ir ao shopping e ver um funcionário do McDonald's</i></li> <li>• <i>Ou numa gráfica</i></li> <li>• <i>Ou numa escola com a diretora</i></li> <li>• <i>acaba-se criando uma casa de ferreiro</i></li> <li>• <i>Agora eu que lhe pergunto: você trabalha numa casa de ferreiro</i></li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <i>comendo no Burger King?</i></li> <li>• <i>que tem o cartão de visitas com falhas na impressão?</i></li> <li>• <i>cometendo erros de português.</i></li> <li>• <i>que usa espeto de pau.</i></li> <li>• <i>que utiliza espeto de pau?</i></li> </ul>

A presença da incompatibilidade permite que se pense em três relações possíveis para *Casa de Ferreiro, espeto de pau*: antítese, concessão e contraste, conforme se demonstrou na análise anterior.

Diferentemente da análise 1, no texto 2, a apresentação de ideias que contrastam não está relacionada a manifestar uma crítica, mas o que se verifica é que o autor apresenta incompatibilidades para fazer com que o gestor, dono, ou funcionário de uma empresa possa refletir se a empresa está agindo de forma adequada ou não. O leitor é conduzido a pensar sobre a situação da sua empresa, o que pode ser constatado no trecho a seguir:

- “Para descobrir a própria situação não é tão difícil, basta querer enxergar. Pergunte a si mesmo e aos funcionários: aplicamos plenamente em nossa empresa aquilo que vendemos? Os princípios que pregamos aos clientes são os mesmos na nossa empresa? Nós confiamos totalmente e

consumimos nosso próprio produto? Quais exemplos reais comprovam as respostas?”

Em seguida, o autor reforça essa reflexão, questionando:

- “Agora eu que lhe pergunto: você trabalha numa casa de ferreiro que utiliza espeto de pau? Ela é a melhor em seu ramo (independente de tamanho)? Tem certeza disso?”

Esse caráter reflexivo transmitido pelo texto faz com que o leitor possa pensar sobre o que seria trabalhar em uma empresa que se constitui como uma casa de ferreiro em que os espetos são de pau *versus* em uma em que os espetos são de ferro. Essa representação de cada tipo de empresa faz com que o leitor compare as características inerentes às empresas de boa qualidade (*com espetos de ferro*) e às de má qualidade (*com espetos de pau*).

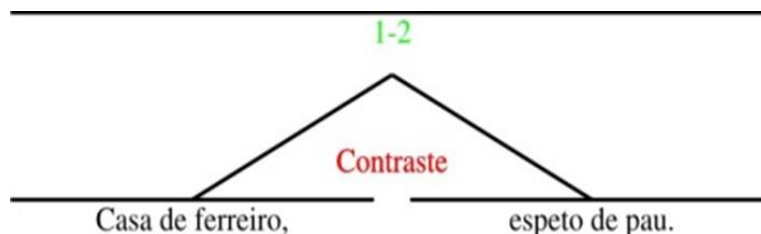
Na análise 1, constatou-se que era importante, por meio de uma contradição de ideias, afirmar uma quebra de expectativa (Embora o Brasil seja um país rico, a maioria da população não usufrui da sua riqueza). Já na análise 2, os questionamentos elencados no texto fazem com que o leitor compare as características que diferenciam uma empresa de boa qualidade (com espetos de ferro) de uma ruim (com espetos de pau). Essa comparação evocada pelos questionamentos possibilita que o leitor perceba diferenças que se opõem em empresas que utilizam *espeto de ferro* em vez de *espeto de pau*. Logo, considera-se mais plausível para o provérbio em questão, tendo em vista a comparação de ideias que se opõem, evocadas pela situação particular, uma relação retórica de contraste.

Mencionou-se que a relação de contraste é multinuclear. As situações presentes nos núcleos podem ser compreendidas como a) similares em vários aspectos; b) diferentes em vários aspectos; c) comparadas em relação a uma dessas diferenças. Entende-se que o autor do texto apresenta uma situação – questionar se uma empresa realiza seu trabalho de forma adequada; para isso, contrapõe dois aspectos: empresas com espetos de ferro *versus* com espetos de pau. Essa contraposição de aspectos distintos, ao mesmo tempo

que transmite ideias de contraste entre as porções textuais, leva à apreensão da comparação de características.

A seguir, mostra-se o diagrama de *Casa de Ferreiro, espeto de pau*:

FIGURA 11 – Relação retórica de Contraste



Se a relação retórica de *Casa de Ferreiro, espeto de pau* fosse definida de forma isolada, talvez, o analista optasse por uma relação retórica de concessão. Em contrapartida, quando se leva em conta que o provérbio está inserido em uma situação particular e que essa inserção não se dá ao acaso, nota-se que a relação de contraste pode ser considerada mais plausível numa análise na qual se associe o provérbio com o contexto.

### Texto 3

#### Amigos, amigos. Negócios à parte<sup>69</sup>

Bárbara Ladeia

*Pouco importa se você pensar duas ou três vezes antes de fechar negócio com um amigo: será impossível analisar a operação racionalmente. Essa é a conclusão do estudo brasileiro publicado na última edição do The Journal of Neuroscience.*

*“Nosso principal objetivo era identificar se o indivíduo é capaz de visualizar uma injustiça vinda de alguém próximo”, diz Paulo Boggio, coordenador da pesquisa e do Laboratório de Neurociência Cognitiva e Social do Mackenzie. Com o apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp), a equipe desenvolveu uma mecânica particular para identificar o nível de racionalidade das decisões.*

*Um voluntário, um grande amigo e um estranho participavam do chamado Ultimatum Game. Nele, os pesquisadores mostravam ao voluntário algumas*

<sup>69</sup> Disponível em: <<http://vocesa.abril.com.br/organize-suas-financas/materia/amigos-amigos-negocios-parte-651205.shtml>>. Acesso em: 1º abr. 2012.

*ofertas de divisão de um montante de 100 reais, sinalizando se a sugestão vinha do estranho ou do amigo. Cabia ao voluntário decidir se aceitava a oferta. No entanto, todas as propostas foram criadas pela equipe de pesquisa e distribuídas em número igual entre justas e injustas - sendo consideradas justas pelos voluntários as partilhas com até 80% do valor direcionado ao ofertante.*

*Em todos os casos, os participantes aceitaram mais ofertas desfavoráveis de amigos. Com eletrodos, foi possível identificar uma mudança no acionamento do sistema neuronal a partir do estímulo vindo de alguém próximo. “Há uma base neurofisiológica na tomada da decisão financeira, ainda que o indivíduo se esforce pela racionalidade”, diz Boggio.*

*Nestes casos, não há como fugir da própria mente. “A grande questão ainda não solucionada é como evitar as distorções geradas pelo emocional na hora de uma decisão financeira”, afirma o cientista”. A cautela e o estado de alerta tem de estar presentes o tempo todo, mesmo quando há segurança.”*

### **Porções textuais do provérbio:**

- 1) Amigos, amigos.
- 2) Negócios à parte.

No texto prevalece a ideia de que as pessoas têm dificuldade de agir com racionalidade diante de questões financeiras se o fator emocional estiver envolvido. Semelhante afirmação se confirma em:

- “Pouco importa se você pensar duas ou três vezes antes de fechar negócio com um amigo: será impossível analisar a operação racionalmente”;
- “Em todos os casos, os participantes aceitaram mais ofertas desfavoráveis de amigos”;
- “Com eletrodos, foi possível identificar uma mudança no acionamento do sistema neuronal a partir do estímulo vindo de alguém próximo”;
- “Nestes casos, não há como fugir da própria mente”.

Alguns aspectos podem ser destacados no texto, tais como:

- “O Laboratório de Neurociência Cognitiva e Social da Mackenzie investiga se o indivíduo percebe a injustiça de alguém próximo”;
- “No Ultimatum Game, a equipe de pesquisa criou perguntas para serem avaliadas entre justas e injustas com um participante, um amigo desse e um estranho”;
- “Os participantes aceitaram mais ofertas desfavoráveis vindas de amigos”;
- “É impossível fechar um negócio com um amigo racionalmente”;
- “Os pesquisadores procuram entender como evitar as distorções geradas pelo emocional”.

O texto demonstra que o fator emocional e o financeiro não se relacionam harmonicamente. Desse modo, se há fator emocional (*amigos, amigos*), torna-se complicado trabalhar com questões objetivas como finanças e negócios (*negócios à parte*).

No provérbio *Amigos, amigos, negócios à parte*, as informações genéricas são:

- há pessoas que possuem um vínculo emocional de amizade;
- essas pessoas devem separar negócios de relacionamento pessoal.

As informações genéricas podem ser associadas às específicas da seguinte forma:

- *Amigos, amigos* corresponde aos voluntários que participaram da pesquisa e possuíam uma relação de amizade entre si.
- *Negócios à parte* corresponde ao fato de os sujeitos da pesquisa aceitarem ofertas desfavoráveis das pessoas próximas a eles.

As informações específicas explicitam que a relação de amizade e negócios é muito complicada, o que permite concluir que, porque se é amigo de alguém, os negócios devem ser *à parte*. Desse modo, o fato de ser amigo de alguém conduz à ideia de que não se deve misturar amizade com negócios. No quadro a seguir, é possível verificar como essa ideia expressa pelo provérbio é explicitada ao longo do texto.

QUADRO 8: Trechos do texto relacionados às porções textuais  
*Amigos, amigos. Negócios à parte*

<i>Amigos, amigos</i>	<i>Negócios à parte.</i>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• <i>Pouco importa se você pensar duas ou três vezes antes de fechar negócio com um amigo.</i></li> <li>• <i>Um voluntário, um grande amigo e um estranho participavam do chamado Ultimatum Game [...]</i></li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <i>será impossível analisar a operação racionalmente.</i></li> <li>• <i>Em todos os casos, os participantes aceitaram mais ofertas desfavoráveis de amigos.</i></li> <li>• <i>Com eletrodos, foi possível identificar uma mudança no acionamento do sistema neuronal a partir do estímulo vindo de alguém próximo.</i></li> </ul>

Pensando em uma análise que se baseie na RST, nota-se que as ideias que predominam nas porções textuais são: a) o fato de ser amigo leva os negócios a serem à parte; b) os negócios devem ser realizados à parte se há uma relação de amizade; e c) a uma situação – vínculo de amizade – permite que se interprete o porquê de os negócios serem à parte. Logo, uma análise isolada do provérbio poderia conduzir o analista a uma relação de causa, condição, ou circunstância.

De acordo com a RST, a relação de causa divide-se em duas: causa volitiva e causa não volitiva. Conforme Houaiss e Villar (2009, p. 1957), volitivo significa “1. que provém da volição, da vontade ou que a exprime < cada uma das nossas escolhas é um ato v. > 2. que envolve ou se relaciona com a volição < embora muitos fatores possam determinar nosso comportamento, a maior parte deles é v.>“. Portanto, volição se relaciona com a vontade própria. Assim, uma atitude volitiva depende da vontade de alguém em executar algo; porém, um ato não volitivo não depende da vontade de alguém para ocorrer. A causa volitiva caracteriza-se, para a RST, por apresentar uma ação volitiva ou situação que poderia surgir dessa ação, então, seria uma causa que foi gerada pela vontade de alguém

ou de algo. Já a não volitiva apresenta uma ação que ocorre independentemente da vontade de alguém ou algo. No caso de *Amigos, amigos, negócios à parte*, se for considerada uma relação de causa, ela seria do tipo volitiva, tendo em vista que a decisão de se negociar ou não com um amigo é voluntária, deve partir de alguém para que a ação seja realizada. As duas causas, volitiva e não volitiva, expressam o mesmo efeito: levar o leitor a reconhecer a situação apresentada no satélite como a causa da ação presente no núcleo. Como se considera que mais importante do que observar se a causa se originou de uma ação volitiva ou não volitiva é analisar a relação de sentido estabelecida entre as porções textuais; optou-se, neste trabalho, por considerar a relação de causa, sem acrescentar qualquer outra especificação, tal como volitiva ou não volitiva.

A respeito da relação de circunstância, numa análise isolada, o analista poderia inferir que há uma situação – ser amigo de alguém – representada *por amigos, amigos*, a qual permite que se compreenda o fato de os negócios serem à parte.

No que se refere à relação de condição, o efeito é possibilitar ao leitor o reconhecimento de que a realização do núcleo depende da realização do satélite. Numa análise isolada do provérbio, a relação de condição poderia ser considerada plausível, já que a relação de amizade pode ser vista como uma condição para que negócios não sejam realizados. No entanto, levando em conta o contexto no qual o provérbio se insere, observa-se que a autora do texto não impõe uma condição de que se alguém possui um vínculo de amizade obrigatoriamente os negócios devem ser à parte, mas ela apresenta dados que revelam que as pessoas não conseguem agir racionalmente em uma situação de negócio, quando possuem um envolvimento emocional com a pessoa com quem realizam o negócio. A situação particular leva a inferir, então, que uma relação de amizade seria a causa para não se realizar um negócio.

Em *Amigos, amigos, negócios à parte*, considerando uma relação de causa, *amigos, amigos* representa o satélite, pois designa a causa da ação expressa no núcleo *negócios à parte*. A relação de causa, segundo a RST, define-se pelo fato de o satélite apresentar uma causa para o fato expresso no núcleo.

Retomando alguns estudos sobre relações causais, destaca-se que essa relação está presente em diversas situações sociais:

a relação de causalidade ocupa um papel central na comunicação e tem sido abordada sob diversos pontos de vista: lógico, semântico ou discursivo-pragmático. Essa relação representa um princípio



fundamental nas relações humanas, tanto do ponto de vista do indivíduo, como das relações que se estabelecem socialmente. Sua importância se verifica no cotidiano, pois falantes estão constantemente envolvidos em situações que exigem explicações que dizem respeito a fatos, eventos, decisões que surgem no contexto comunicativo. Grande parte das decisões, relações sociais, comerciais, noções de obrigação e responsabilidade, ou seja, muitas das questões que envolvem aspectos das ciências sociais e humanas intersectam com a noção de causalidade, o que aproxima esse conceito mais das relações sociais do que das relações objetivas do mundo real (SILVA, 2008, p. 29).

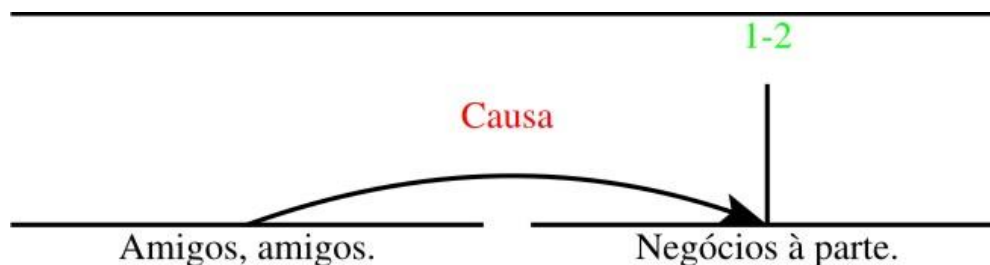
As relações causais compartilham características com as relações condicionais, já que, muitas vezes, é necessário que uma condição seja satisfeita para que uma causa se manifeste. Segundo Neves (1999, p. 461): “nas relações causais intervêm alguns esquemas lógicos ligados à relação condicional, mas a discussão sobre esses esquemas não é determinante num exame que se pretenda linguístico, já que ela implica desvinculação das implicações do enunciado”. Para exemplificar, Neves (1999) cita: “então aí eu levei minhas filhas, elas adoram, né... não queriam i(r), mas no fim foram, **porque** sabiam que iam outros jovens” (NEVES, 1999, p. 462, grifo no original).

Neves (1999) explica que essa relação das causais em esquemas lógicos com as condicionais permite, no exemplo citado, que se considere que saber que outros jovens farão a viagem é uma condição que, se estabelecida, tem como causa *ir à viagem*. Esse fato de as causais poderem expressar uma condição explícita a proximidade entre causais e condicionais. Todavia, “não é possível estreitar o conceito de causalidade às relações lógicas, seja em termos de condição suficiente ou de condição necessária, pelo fato de que esses conceitos não abarcam todos os tipos de relações que se estabelecem em termos de enunciados reais” (SILVA, 2008, p. 33).

Determinar se uma relação representa ou não uma causa não se limita a analisar a estrutura sintática e os conectores presentes, é preciso realizar uma escolha que possa ser justificada também pragmaticamente. A análise do provérbio, presente no título de um texto da internet, permite verificar como o contexto contribui para que se defina qual relação retórica será considerada mais plausível para esse provérbio. Além disso, as informações genéricas e específicas mostraram que a ideia central presente no provérbio *Amigos, amigos, negócios à parte* é que o fato de se ter uma relação de amizade causa dificuldades para agir racionalmente em situações de negócio. Logo, o processo metafórico já explicita a possibilidade de uma relação de causa.

O diagrama da relação retórica de causa, no provérbio, pode ser representado da seguinte forma:

FIGURA 12 – Relação retórica de Causa



#### Texto 4

#### Amigos, amigos! Negócios à parte!<sup>70</sup>

Danielle C. F. Barboza

*Todos nós em algum momento de nossas vidas usamos essa expressão: “Amigos, amigos! Negócios a parte!”, afinal misturar amizade com negócios pode dar um trabalho danado.*

*Infelizmente nem todo mundo pensa assim, e é aí que uma das relações mais bonitas dos seres humanos, a AMIZADE, vai por água baixo, porque o NEGÓCIO, pode falar mais alto.*

*As pessoas se esquecem que diante das situações, muda-se os papéis e que por mais amigos que se sejam, o que vai predominar é o papel mais importante para a situação, que no caso dos negócios será a função desempenhada: FUNCIONÁRIO, PATRÃO, LÍDER, EMPRESÁRIO, SÓCIO, CLIENTE... tudo menos AMIGO.*

*Eu sei que em determinados momentos a relação de AMIZADE acaba trazendo a relação de NEGÓCIO, mas é preciso saber separar muito bem os papéis, a pessoa pode ser um ótimo AMIGO, que fica horas conversando com você num churrasco, que te liga sempre que pode para saber como você está, que nunca brigou com você ou outros no jogo de futebol, que é padrinho/madrinha de um dos seus filhos, e tal; mas como cliente pode ser um mal pagador, como funcionário pode ser descomprometido, como sócio pode ser desorganizado e sem planejamento.*

*Portanto, se decidir dividir com um amigo um negócio, deixe bem claro que “Amigos, amigos. Negócios a parte!” e boa relação!*

<sup>70</sup> Disponível em: <<http://discutindorelacoes1.blogspot.com.br/2011/03/amigos-amigos-negocios-parte.html>>. Acesso em: 10 jan. 2013.

**Porções textuais do provérbio:**

- 1) Amigos, amigos!
- 2) Negócios à parte!

São apresentados, ao longo do texto, motivos para não se misturar amizade com negócios. Diferentemente da análise (3), os motivos elencados para afirmar que amigos não devem se envolver em questões financeiras (como os negócios) não estão relacionados com uma pesquisa científica, mas com conclusões retiradas de observações baseadas na experiência cotidiana. Isso se confirma em:

- “o que vai predominar é o papel mais importante para a situação, que no caso dos negócios será a função desempenhada: funcionário, patrão, líder, empresário, sócio, cliente... tudo menos amigo”;
- “a pessoa pode ser um ótimo amigo [...] mas como cliente pode ser um mal pagador, como funcionário pode ser descomprometido, como sócio pode ser desorganizado e sem planejamento”.

A partir das informações presentes no texto, têm-se as seguintes informações no nível genérico:

- Há pessoas que possuem um vínculo emocional de amizade.
- Essas pessoas devem separar negócios de relacionamento pessoal.

Já no que se refere às informações específicas, mencionam-se:

- *Amigos, amigos* refere-se às pessoas que possuem um vínculo de amizade, exemplificadas no texto como: uma pessoa que fica horas conversando com você num churrasco, que te liga sempre que pode para saber como você está, que nunca brigou com você ou outros no jogo de futebol, que é padrinho/madrinha de um dos seus filhos.
- *Negócios à parte* corresponde ao fato de uma negociação entre amigos poder apresentar problemas, pois um amigo pode se tornar um mau

pagador, como funcionário pode ser descomprometido, como sócio pode ser desorganizado e sem planejamento.

As informações genéricas e específicas explicitam que há motivos que levam a afirmar que negociação entre amigos é uma questão complexa, por isso o fato de haver um envolvimento afetivo configura-se como uma razão para não se iniciar um negócio. Os trechos do texto que estão relacionados à porção textual *Amigos, amigos* e à porção textual *Negócios à parte* estão apresentados no quadro a seguir.

QUADRO 9: Trechos do texto relacionados às porções textuais *Amigos, amigos! Negócios à parte!*

<i>Amigos, amigos!</i>	<i>Negócios à parte!</i>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• [...] <i>afinal misturar amizade com negócios.</i></li> <li>• <i>por mais amigos que se sejam,</i></li> <li>• <i>a pessoa pode ser um ótimo AMIGO, que fica horas conversando com você num churrasco, que te liga sempre que pode para saber como você está [...]</i></li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <i>pode dar um trabalho danado.</i></li> <li>• <i>o que vai predominar é o papel mais importante para a situação, que no caso dos negócios será a função desempenhada: FUNCIONÁRIO, PATRÃO, LÍDER, EMPRESÁRIO, SÓCIO, CLIENTE... tudo menos AMIGO.</i></li> <li>• <i>mas como cliente pode ser um mal pagador, como funcionário pode ser descomprometido, como sócio pode ser desorganizado e sem planejamento.</i></li> </ul>

Se esse provérbio fosse analisado de forma isolada também seria possível afirmar como plausível uma relação de condição, ou causa, ou circunstância, conforme se explicou na análise anterior (texto 3). Todavia, a situação particular demonstra que o fato de ser amigo não é uma condição no sentido de que sempre que houver uma relação de amizade os negócios devem necessariamente ser à parte. Ao longo do texto, nota-se que é difícil realizar negócios entre amigos e essa dificuldade conduziria a não misturar

amizade com negócios, ou seja, entre *Amigos, amigos e negócios à parte* predominaria mais uma relação de causa do que de condição e circunstância. Apesar de a autora do texto elencar motivos para que negócios entre amigos não devam ser realizados, ela enfatiza que, mesmo assim, alguém pode optar por negociar com um amigo; mas, se isso acontecer, é necessário que as pessoas saibam separar as relações, dividir os papéis e não confundir amizades com negócios, o que se confirma em:

- “Portanto, se decidir dividir com um amigo um negócio, deixe bem claro que ‘Amigos, amigos. Negócios a parte!’ e boa relação!”

O trecho apresentado mostra que o fato de ser amigo não representa uma condição para não se realizar um negócio, já que alguém pode optar por fazer negócios com amigos. Caso essa escolha seja feita, é preciso ter em mente que o envolvimento emocional conduz a negócios à parte, por isso se devem separar os papéis, estar ciente de que naquele momento se trata de um negócio; logo, não se pode confundir a amizade com questões relativas a uma negociação, conforme é demonstrado no texto.

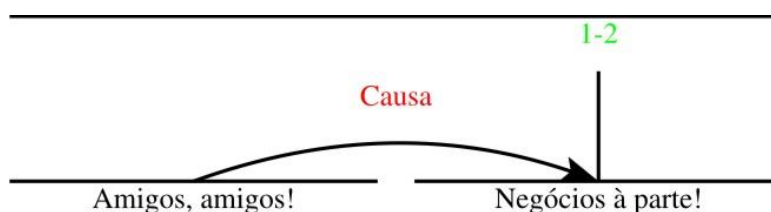
Entende-se, portanto, que, nesta análise, também seria mais plausível uma relação de causa. A porção textual *amigos, amigos* designaria o satélite, já que o satélite apresenta uma situação que pode ter causado o núcleo (representado por *negócios à parte*). Logo, sem o satélite (*amigos, amigos*), o leitor poderia não compreender o que causou a situação expressa no núcleo (*negócios à parte*). Assim, em *Amigos, amigos! Negócios à parte*, o efeito expresso é levar o leitor a reconhecer *amigos, amigos* como a causa de *negócios à parte*.

Embora, para os textos (3) e (4), a relação retórica estabelecida pelo provérbio tenha sido a mesma, observa-se que, nos dois textos, o uso do mesmo provérbio constrói efeitos de sentido diferentes. O uso do provérbio nos dois textos ressalta que relações de negócios entre amigos tendem a não dar certo. Todavia, no texto (3), os fatores que demonstram que não se deve misturar amizade com negócios são apresentados por meio de uma pesquisa científica na qual se comprovou que não se deve misturar amizade com questões financeiras. Já no texto (4), a causa de negócios entre amigos não ser possível é baseada no senso comum, sem uma explicação científica, o que transmite mais uma ideia de aconselhamento, como se a autora do texto, de uma forma mais coloquial, que se

assemelha a um *bate-papo*, alertasse o leitor de que negócios entre amigos podem não dar certo. Esse alerta feito pela autora do texto (4) é manifestado também pelo uso do sinal gráfico de exclamação que contribui para enfatizar que os negócios devem ser à parte quando há uma relação de amizade.

O diagrama é representado da seguinte forma:

FIGURA 13 – Relação retórica de Causa



## Texto 5

### Tal pai tal filho<sup>71</sup>

bebês, bebês com estilo, papais famosos

*Que criança não quer ficar parecida com os pais? E que pai não fica todo bobo com o olhar dos pequenos quando estão “se sentindo” iguaizinhos? A combinação de roupas no melhor estilo tal pai tal filho acaba sendo no mínimo fofo e muito divertida!*

*Ela pode ser feita na base do improviso, usando cores ou estampas parecidas (listrados/quadrículados etc.). Mas temos visto cada vez mais lojas de moda adulto lançando coleções “mini”, e é uma mais fofo que a outra!*

*Para inspirar vocês, seguem algumas fotos de papais famosos passeando com looks parecidos com seus filhos!*

<sup>71</sup> Apenas apresentaram-se as imagens quando elas estavam diretamente relacionadas aos textos. Disponível em: <<http://chegueiaomundo.com.br/bebes/tal-pai-tal-filho/>>. Acesso em: 06 nov. 2013.







### Porções textuais do provérbio:

- 1- Tal pai
- 2- Tal filho.

O texto transmite como ideia principal o fato de crianças desejarem ficar parecidas com seus pais e esses também gostarem de ver seus filhos parecidos com eles. As imagens apresentadas no texto, mostrando pais e filhos vestindo as mesmas roupas, reforçam essa ideia de um querer se parecer com o outro. Além disso, demonstram que essa vontade se exterioriza no modo de vestir, influenciando a moda: “temos visto cada vez mais lojas de moda adulto lançando coleções ‘mini’”.

O provérbio *Tal pai, tal filho* transmite uma noção de semelhança, ou seja, destaca a ideia de que o filho é igual ao pai. As características similares entre pais e filhos são enfatizadas no texto em:

- “Que criança não quer ficar parecida com os pais?”
- “quando estão ~se sentindo” iguaizinhos?”
- “looks parecidos [...]”



No texto, as similaridades entre pais e filhos concentram-se na tendência de pais e filhos usarem roupas parecidas, ou seja, a comparação se estabelece no fato de pais e filhos optarem por *looks* semelhantes.

Para o provérbio *tal pai tal filho*, as informações do nível genérico podem ser sistematizadas da seguinte forma:

- Os filhos reproduzem as qualidades e os defeitos dos pais.

As informações genéricas podem ser partilhadas com as específicas do seguinte modo:

- *Tal pai* refere-se às crianças que vestem roupas parecidas com seus pais;
- *Tal filho* refere-se aos pais que vestem roupas parecidas com seus filhos.

A metáfora GENÉRICO É ESPECÍFICO demonstra, por meio das informações específicas, que as similaridades entre pais e filhos manifestam-se no texto pelo uso de vestimentas semelhantes. Esse desejo de pais se parecerem com os filhos e vice-versa pode ser verificado no texto nos trechos citados no quadro que se segue.

QUADRO 10: Trechos do texto relacionados às porções textuais *Tal pai tal filho*

<i>Tal pai</i>	<i>Tal filho.</i>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• <i>Que criança não quer ficar parecida com os pais?</i></li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <i>E que pai não fica todo bobo com o olhar dos pequenos quando estão “se sentindo” iguaizinhos?</i></li> <li>• <i>Para inspirar vocês, seguem algumas fotos de papais famosos passeando com looks parecidos com seus filhos!</i></li> </ul>

Como as informações da situação específica já apresentam as semelhanças entre pais e filhos, elas conduzem a uma compreensão de que é possível estabelecer uma

comparação entre pais e filhos. Nesse sentido, em *Tal pai tal filho*, a relação retórica que predomina também é de comparação. A relação de comparação não foi apresentada por Mann e Thompson (1987), mas em Carlson e Marcu (2001) já há uma definição para essa relação. Como o próprio nome indica, a relação de comparação apresenta características que são comparadas, ou sobre semelhanças, ou sobre diferenças. O núcleo designará a característica de algo ou alguém, já o satélite apresentará uma característica que é comparável com o que é expresso no núcleo. No provérbio analisado, representou-se *tal pai* como satélite por designar que o filho é como o pai, já *tal filho* seria o núcleo por apresentar a característica de alguém, isto é, do filho o qual se assemelha ao pai.

Se fosse realizada uma análise isolada do provérbio sem alusão ao cotexto também se encontraria plausibilidade numa relação de comparação, mas a situação particular permitiu especificar essa comparação. O uso do provérbio no texto da internet não pretendeu especificar características emocionais ou comportamentais entre pais e filhos, mas a comparação era para destacar aspectos físicos, especificamente, relativos ao uso de roupas como uma estratégia de assemelhar fisicamente pais e filhos. Portanto, o cotexto permite delimitar essa comparação, mostrando suas especificidades.

No que concerne às comparativas, Rodrigues (2002, p. 1) afirma que

as construções comparativas não têm recebido interpretação uniforme. Para se definir comparação, ora se aplicam critérios estritamente semânticos, ora formais e ora se combinam os dois. Poucos trabalhos, até o momento, questionam se todas as estruturas comparativas devem ser tratadas como oracionais.

Rodrigues (2002) usa a terminologia *construções comparativas*, porque constatou que a maioria das relações de comparação é expressa por meio de estruturas não oracionais. Essa constatação feita pela pesquisadora se deu a partir da análise de dados de um *corpus* de Língua Escrita dos séculos XVIII, XIX e XX, e de outro, de Língua Oral, gravado nas décadas de 1970 e 1990 (*corpus* do Projeto NURC, do Português Fundamental e de Portugal – anos 1990). Além disso, foram analisadas 20 peças teatrais em Língua Escrita e em Língua Falada, 30 inquéritos do PB e 42, do PE. Rodrigues (2002) notou que a maioria dos trabalhos a respeito das comparativas considera que o fenômeno da elipse está estritamente relacionado à comparação, o que leva a interpretar as estruturas comparativas como oracionais. Todavia, Rodrigues (2002, p. 5) adverte que “a oração

comparativa elíptica poderá ser restituída: ou a partir do contexto ou do conhecimento compartilhado entre os interlocutores. No entanto, nem sempre essa reconstituição pelos falantes acontecerá da mesma forma, visto ser subjetiva”.

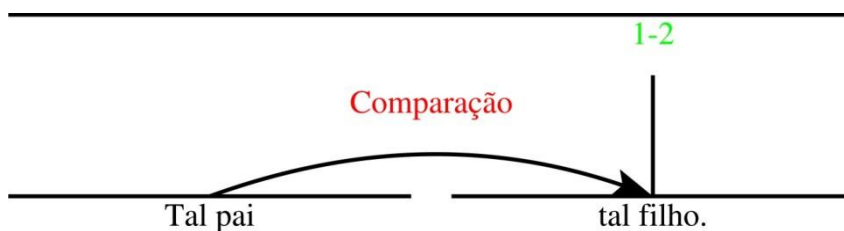
Ao analisar *Tal pai tal filho*, foi possível depreender a relação de comparação em uma estrutura não oracional como o provérbio citado, sem considerá-la como estrutura elíptica, isto é, não há necessidade de formar uma estrutura oracional, por meio de uma paráfrase do provérbio, para reconhecer uma relação de comparação entre *tal pai* e *tal filho*.

Uma característica interessante da comparação é a possibilidade de ela transmitir mais *concretude* ao texto. Assim, se, no lugar do provérbio, o autor tivesse escolhido o título *Pais e filhos querem ser parecidos*, o efeito argumentativo-persuasivo no sentido de convencer o leitor de que filhos e pais realmente gostam de se parecer um com outro não seria tão forte como a comparação explicitada no provérbio. Como se mencionou, a comparação possibilita uma ideia mais concreta do que se pretende dizer, permitindo que o leitor crie imagens do que significaria *tal pai tal filho*. Garcia (2002, p. 106) explica essa noção de *concretude* presente na comparação do seguinte modo:

Na declaração ‘Fulano é muito forte’, a idéia de força raia pela abstração: há mil coisas fortes assim como há mil graus de força ou fortaleza. A idéia nova e desconhecida que o emissor quer transmitir – a força de fulano – pode ser mais facilmente, mais concretamente apreendida no seu exato matiz, se expressa de uma comparação com outra mais conhecida, mais evidente – a força do touro: ‘Fulano é forte como um touro’.

Levando em conta que se considerou a relação retórica de comparação como predominante entre as porções textuais *Tal pai tal filho*, apresenta-se o seguinte diagrama:

FIGURA 14 – Relação retórica de Comparação



## Texto 6

### Tal pai, tal filho?

*Um pai inteligente vai gerar um filho inteligente?<sup>72</sup> Afinal: talento, comportamento e vocação estão impressos nos genes?*

Leandro Narloch

dez. 2002<sup>73</sup>

*O escritor Alexandre Dumas, de Os Três Mosqueteiros, é pai do escritor Alexandre Dumas, de A Dama das Camélias. Isso prova que o talento está nos genes? O cantor Xororó é pai de uma dupla que faz mais sucesso do que ele – Sandy e Júnior. Prova cabal de que não só a voz, mas também a empatia com o público estão gravadas no DNA? Então, como explicar que Leopold, um esforçado violinista austríaco, tenha gerado Mozart? Que mistério separou Pelé, o maior jogador da história, de seu filho Edinho, um goleiro no máximo dedicado. Afinal, talento, inteligência e mesmo comportamento passam de pai para filho? Como? Pelos genes, como a cor dos olhos e a calvície, ou pela convivência familiar? O que teria tido maior influência na formação do escritor Luís Fernando Veríssimo: o DNA ou a biblioteca do pai Érico?*

*A polêmica é velha, mas está atualizadíssima por novos estudos da neurociência e da genética comportamental, que tornaram quase inegável a tese de que o que há dentro da nossa cabeça sofre influência dos genes. No entanto, tem muita gente que ainda não está convencida.*

*Não é à toa que esse papo de inteligência ser hereditária gera polêmica. A crença na hereditariedade de traços intelectuais deu origem a muitas tragédias no passado. Tudo começou no século 19, logo após Charles Darwin publicar A Origem das Espécies. Seu primo Francis Galton aplicou a teoria da seleção natural para humanos, criando a infame teoria eugênica.*

<sup>72</sup> Disponível em: <<http://super.abril.com.br/ciencia/tal-pai-tal-filho-443509.shtml>>. Acesso em: 14 nov. 2013.

<sup>73</sup> Explicitaram-se as datas de publicação apenas quando elas estavam disponíveis no texto.

*Imaginou algo que hoje dá medo: a possibilidade de aprimorar a raça humana com cruzamentos genéticos planejados. Nessa época, “cientistas” saíam pela África com colete de caçador e cachimbo, medindo crânios, para disparar conclusões deste tipo: os europeus são mais inteligentes que os africanos porque têm o cérebro dois centímetros maior. Era o ápice da crença na inteligência como parte da natureza, inata e portanto imutável. Acontece que, por trás das mãos precisas, munidas de régua e embasadas pelo imparcial discurso científico, estavam os preconceitos da época. As pesquisas partiam do princípio de que a raça branca é superior.*

*Não é à toa que histórias como a de Tarzan surgiram no fim do século 19. Vivendo na selva desde menino, Tarzan é um homem que conservou o nível de inteligência, a moral e os valores ocidentais mesmo vivendo entre árvores e bichos.*

*A preocupação com a “degeneração da raça” era comum no começo do século 20. Os cientistas saíram em busca do humano ideal, livrando-se do “imperfeito”. Em 1907, o estado americano de Indiana aprovou uma lei de esterilização obrigatória para “criminosos, idiotas, estupradores e imbecis”.*

*A lei virou moda nos Estados Unidos. Estima-se que 60000 esterilizações forçadas tenham sido realizadas por lá. Em 1927, a Suprema Corte americana permitiu a esterilização de uma doente mental argumentando que “três gerações de imbecis são o bastante”. A eugenia esteve presente em todo o mundo, não só na Alemanha nazista, que se notabilizou por isso.*

*Esses desastres deram um mau nome para a genética e a tese de que o talento passa de pai para filho passou a ser identificada como antidemocrática e preconceituosa. Hoje, entretanto, a própria ciência oferece substrato para o multiculturalismo e a tolerância racial. Sabe-se que a diferença de DNA entre dois brancos pode ser maior que entre um negro e um branco. A mal falada genética comportamental deu o braço a torcer e admitiu que os genes só apontam tendências, agindo em interação com o ambiente, e não impondo destinos inexoráveis. “As influências genéticas no intelecto existem, mas estão mergulhadas na interação entre genes, psicologia e desenvolvimento. Não são diretas, nem irreversíveis, nem inescapáveis, nem inevitáveis”, diz o cientista alemão Volkmar Weiss.*

*Uma pesquisa de neurocientistas americanos e finlandeses, de dezembro de 2001, avançou muito na questão da falta de ligação entre hereditariedade e inteligência. O estudo comparou dez pares de gêmeos idênticos e dez pares de gêmeos fraternos. Todas as 40 pessoas, na idade entre 33 e 51 anos, passaram por testes de QI e exames cerebrais de ressonância magnética. O resultado: 95% dos gêmeos idênticos – com exatamente o mesmo genoma – alcançaram níveis de QI muito semelhantes.*

*Já entre os gêmeos fraternos – que compartilham metade dos genes – isso aconteceu com só 60% deles. Bateu direitinho com o que os geneticistas esperavam: quem tinha genoma igual tirou nota quase sempre igual; quem tinha genoma 50% igual tirou nota 50% diferente. Outra coisa: os pares que se deram bem nos testes de QI tinham, segundo os exames de ressonância magnética, a região do córtex frontal do cérebro (área acima dos olhos) e regiões de processamento da linguagem maiores e mais desenvolvidas. Ou*

*seja, a inteligência parece mesmo estar associada, senão ao tamanho do crânio, pelo menos à quantidade de massa cinzenta.*

*Isso não significa que quem tem um lóbulo frontal mais desenvolvido está com a vida feita – nem que os recrutadores do departamento de recursos humanos deveriam admitir o pessoal analisando radiografias do cérebro. Primeiro, porque o que se herda, segundo a pesquisa, é a capacidade de ser inteligente, e não a inteligência em si (as potencialidades precisam interagir com o ambiente). Segundo, porque o que se chama de nível de QI não é a medida da capacidade em todas as técnicas e áreas de conhecimento.*

*QI mediria o raciocínio lógico, que ajuda as pessoas a irem bem na escola, mas não as torna mais criativas. “Nossa pesquisa mostra que os genes determinam os limites”, diz Paul Thompson, professor da Universidade da Califórnia e coordenador do estudo. Quer dizer então que não é certeza que um casal talentoso gerará apenas gente talentosa?*

*Não. E quem pode negar essa hipótese com autoridade é a estudante Ann McMillan Nunes, 19 anos, americana de Santa Clara, Califórnia. Ela é fruto do Repositório de Escolha Germinal, um banco de esperma criado em 1981 por um magnata californiano chamado Robert Graham. Usando apenas o esperma de vencedores de Prêmios Nobel e óvulos de mulheres de alto QI, Graham pretendia criar uma geração de gênios. Ann, nascida a partir de um espermatozóide de Edwin McMillan, Nobel de Química de 1951, deveria ser um deles. “Eu me considero uma pessoa inteligente e feliz, mas não mais inteligente nem mais feliz que a média”, diz ela.*

*A saída que os neurocientistas encontram para explicar casos assim é que as influências do DNA no intelecto não são determinadas pelas simples leis mendelianas – de genes recessivos e dominantes, que a gente aprende na escola. As tendências seriam poligênicas, determinadas pela combinação de vários genes. Ou seja: para a ciência, caracteres intelectuais podem ou não passar de pai para filho – depende das complexas e imprevisíveis combinações de um monte de genes.*

*Um modelo ótimo para testar essas teorias são os gêmeos idênticos. Essas pessoas têm o código genético absolutamente igual. Ou seja, se talento e inteligência estão mesmo no DNA, então é de se esperar que esses pares de irmãos tenham capacidades bem parecidas, mesmo quando criados longe. “Nos últimos dez anos, vários estudos mostraram gêmeos idênticos que viviam há muitos anos em ambientes diferentes – experimentando cultura, religião e situação financeira diversas – e apresentavam características comportamentais parecidas, como depressão ou QI”, diz Marco Calegari, professor de Psicologia da Universidade do Sul de Santa Catarina.*

*Em 1996, psicólogos americanos apresentaram um estudo polêmico mostrando que o irmão idêntico de alguém que se divorcia tem seis vezes mais chances de tomar o mesmo caminho e se separar da mulher. Entre gêmeos fraternos, a estatística deu o esperado: a probabilidade cai pela metade. Os pesquisadores sabem que o divórcio é um conceito cultural e restrito – seria absurdo que se divorciar fosse genético.*

*O que aumentava, segundo eles, era algo mais amplo: a tendência de não se limitar a apenas um parceiro.*

*Outro método de pesquisa bastante útil é o de comparar filhos adotivos com os pais sociais e os biológicos. Se os garotos têm comportamento parecido com o dos pais adotivos, então a transmissão foi cultural. Se eles lembram mais os pais biológicos, de quem se separaram com poucos meses de vida, ponto para a herança genética. Em 1977, os pesquisadores dinamarqueses Mednick e Christiansen compararam a ficha policial de homens adultos que foram crianças adotadas na década de 50 com a ficha policial dos pais adotivos e dos pais naturais. O resultado mostrou que o comportamento era mais influenciado pela genética que pela convivência. Quando o pai adotivo tinha a ficha suja, 12% dos filhos seguiam o mesmo caminho. Quando os pais biológicos tinham conduta violenta, a estatística passava para 22% dos filhos com o mesmo comportamento.*

*Mas a pesquisa também ajudou a demonstrar que o ambiente tem seu poder: quando os dois pares de pais haviam cometido crimes, o número de filhos criminosos pulava para 36%. Mesmo assim, em nenhum dos casos a taxa passava de 50%. Prova de que o que passa de pai para filho, seja pela genética ou pelo convívio familiar, são tendências e não destinos inexoráveis. E os dons? O que explica a presença de habilidades especiais para a música ou para o desenho em crianças de 5 anos? Segundo Carmen Mendoza, professora de Psicologia da Universidade Federal de Minas Gerais, talentos inatos podem aparecer em forma de maior habilidade cognitiva necessária para cada expressão artística. Há poucos números sobre isso, mas, segundo ela, as habilidades mais influenciadas geneticamente são o raciocínio verbal (essencial para escritores), o raciocínio numérico e o espacial (aquele usado para enxergar em um tronco uma escultura). Na música, o talento inato aparece em forma de “ouvido absoluto”, a capacidade de reconhecer uma nota musical sem a referência de outra.*

*Há controvérsias. Para Paulo Venturelli, escritor e professor de educação infantil na Universidade Federal do Paraná, talento não pode ser hereditário porque é um conceito que depende mais dos outros que de nós mesmos. Tanto que cada época define o que considera talentoso. A história tem vários exemplos de pessoas hoje consideradas gênios que passaram despercebidas no passado. Bach foi considerado em sua época um ótimo organista e um mau músico. O pintor Van Gogh, tido hoje como genial, morreu na miséria. Segundo Carmen, o peso da genética na formação da inteligência é de 70%, e não se pode aumentar muito a inteligência de uma pessoa. A professora se baseia em três estudos realizados na década de 70 com crianças de até dez anos. Nos três, melhoraram a saúde, a nutrição e a educação das crianças, mas o QI subiu só dez pontos.*

*Enquanto isso, cientistas mais humanistas sequer reconhecem a validade dos testes de QI, usados em quase todas as pesquisas sobre hereditariedade de traços intelectuais. “Inteligência é um processo de ligação com o mundo, de se entender e se colocar no mundo. Sendo um processo, não é algo pronto, não é mensurável”, diz Venturelli. “Por isso, elucubrações acerca de características inatas são bobagem”, afirma. Será? “É claro que a inteligência pode ser medida”, diz Carmen. Por acaso deficientes mentais são iguais a gênios? Cada especialista pode ter sua opinião, mas para*

*convencer a comunidade científica é preciso apresentar dados, e não usar a base emocional”, afirma.*

*O assunto desperta paixão porque acerta em cheio na concepção do ser humano. Tem gente que acha que o homem é único, contraditório, imprevisível, não um robzinho determinado pelos botões do genoma. Outras pessoas fascinam-se com esse complexo mecanismo bioquímico e interpretam como uma vã rebeldia a vontade do homem de se achar maior que ele. A essência da vida são as experiências adquiridas ou a longa cadeia de DNA? Tudo indica que não seja nem um nem outro, mas um pouquinho de cada.*

### **Porções textuais do provérbio:**

- 1) Tal Pai,
- 2) Tal filho?

O texto inicia-se com questionamentos: “um pai inteligente vai gerar um filho inteligente? Afinal: talento, comportamento e vocação estão impressos nos genes?”. Esses questionamentos levam o autor a apresentar uma dúvida acerca da afirmação de que pai e filho serão sempre semelhantes. Essa dúvida manifesta-se no próprio provérbio, o qual é finalizado por um sinal de interrogação – Tal pai, tal filho?

Para explicitar essa dúvida, no primeiro parágrafo, já são apresentados casos em que os filhos possuem talentos semelhantes aos pais e outros em que, mesmo com pais talentosos, os filhos não conseguiram se sobressair, como se pode verificar em:

- “O escritor Alexandre Dumas, de Os Três Mosqueteiros, é pai do escritor Alexandre Dumas, de A Dama das Camélias”.
- “O cantor Xororó é pai de uma dupla que faz mais sucesso do que ele – Sandy e Júnior”.
- “Que mistério separou Pelé, o maior jogador da história, de seu filho Edinho, um goleiro no máximo dedicado”.

No texto, notam-se vários argumentos que procuram investigar se o comportamento, a inteligência e os dons são determinados por fatores genéticos ou não.



Há exemplos de que nem sempre os genes serão determinantes no comportamento dos filhos:

- “Ann McMillan Nunes, 19 anos, americana de Santa Clara, Califórnia. Ela é fruto do Repositório de Escolha Germinal, um banco de esperma criado em 1981 por um magnata californiano chamado Robert Graham. Usando apenas o esperma de vencedores de Prêmios Nobel e óvulos de mulheres de alto QI, Graham pretendia criar uma geração de gênios. Ann, nascida a partir de um espermatozóide de Edwin McMillan, Nobel de Química de 1951, deveria ser um deles. ‘Eu me considero uma pessoa inteligente e feliz, mas não mais inteligente nem mais feliz que a média’, diz ela”.

Esse exemplo demonstra que os genes não são fatores determinantes para indicar com certeza que alguém será talentoso, inteligente ou terá um dom específico, entretanto eles podem apontar tendências, como é perceptível em:

- “Quando o pai adotivo tinha a ficha suja, 12% dos filhos seguiam o mesmo caminho. Quando os pais biológicos tinham conduta violenta, a estatística passava para 22% dos filhos com o mesmo comportamento.”

A respeito das informações genéricas, elas podem ser esquematizadas do seguinte modo:

- Os filhos reproduzem as qualidades e os defeitos dos pais.

Em relação às informações específicas, mencionam-se:

- *Tal pai*: refere-se ao fato de que os filhos podem ou não herdar o talento, comportamento e vocação dos seus pais.
- *Tal filho?* remete ao fato de que os pais podem ou não transmitir talento, comportamento e vocação aos seus filhos.

A metáfora GENÉRICO É ESPECÍFICO já aponta para uma diferença em relação à análise anterior (5) em que o provérbio também é *Tal pai, tal filho*. No texto 5, destaca-se a possibilidade de se inferir uma afirmação: o desejo dos pais de que seus filhos se pareçam com eles e vice-versa. Já nesta análise (6), o provérbio *Tal pai, tal filho?* não se constitui como uma afirmação, o que é perceptível pela interrogação presente no final do provérbio e, também, pelas informações específicas, que explicitam que nem sempre os filhos herdam talentos, dons e comportamentos dos seus pais. A comparação entre pais e filhos e esse questionamento explicitado pelo provérbio podem ser verificados nos trechos do texto que se referem a *Tal pai, tal filho?*, como se nota no quadro a seguir.

QUADRO 11: Trechos do texto relacionados às porções textuais *Tal pai, tal filho?*

<i>Tal pai,</i>	<i>tal filho?</i>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• <i>O escritor Alexandre Dumas, de Os Três Mosqueteiros,</i></li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <i>é pai do escritor Alexandre Dumas, de A Dama das Camélias.</i></li> </ul>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• <i>O cantor Xororó é pai</i></li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <i>de uma dupla que faz mais sucesso do que ele – Sandy e Júnior.</i></li> </ul>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• <i>Então, como explicar que Leopold, um esforçado violinista austríaco,</i></li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <i>tenha gerado Mozart?</i></li> </ul>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• <i>Que mistério separou Pelé, o maior jogador da história</i></li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <i>de seu filho Edinho, um goleiro no máximo dedicado.</i></li> </ul>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• <i>Quando o pai adotivo tinha a ficha suja,</i></li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <i>12% dos filhos seguiam o mesmo caminho.</i></li> </ul>

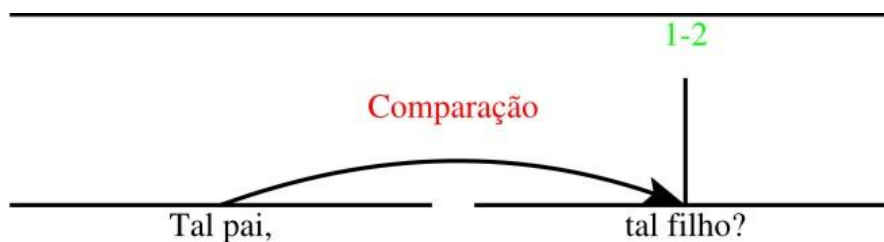
<ul style="list-style-type: none"> <li>• <i>Quando os pais biológicos tinham conduta violenta,</i></li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <i>a estatística passava para 22% dos filhos com o mesmo comportamento.</i></li> </ul>
---	---

Quanto à relação retórica plausível em *Tal pai, tal filho?*, é possível afirmar que a situação particular apresenta argumentos para mostrar se os filhos serão ou não semelhantes aos seus pais e de que forma o fator genético interfere nas características que se manifestarão nos filhos. Ao observar se as características que podem ser compartilhadas ou não por pais e filhos dependem da genética, o autor do texto acaba estabelecendo uma comparação entre pais e filhos, a fim de mostrar se o ser humano é o resultado do seu genótipo ou se a genética não exerce tanta influência no comportamento humano. Considerando uma relação retórica de comparação, *tal filho* representa o núcleo, e *tal pai*, o satélite – que indica que as características dos pais podem ser relacionadas às dos filhos. O efeito da relação de comparação é reconhecer que o satélite pode ser comparado ao núcleo em certos aspectos.

A situação particular contribui para deixar claro que a interrogação é usada para transmitir um questionamento do autor: se os filhos sempre se assemelharão aos pais, ou seja, se o talento, o comportamento e o dom serão definidos pelos genes. Apesar de a análise anterior também apresentar uma comparação, ela se manifesta por meio do desejo de pais e filhos serem semelhantes, levando-os a usarem roupas parecidas. Todavia, no texto (6), a comparação entre pais e filhos não se estabelece por causa de aspectos físicos, mas comportamentais. Nessa perspectiva, mesmo quando se tem a mesma relação retórica, o contexto contribui para especificar alguns aspectos sobre a relação definida. Na análise (5), por exemplo, o provérbio é compreendido como uma afirmação de que filhos são como os pais; já neste texto, há um questionamento: *será que sempre o filho é como o pai?*

O diagrama da relação retórica de *Tal pai, tal filho?* pode ser representado do seguinte modo:

FIGURA 15 – Relação retórica de Comparação



### Texto 7

#### Rei morto, rei posto<sup>74</sup>

*Na cessação do mandato, o que resta a um ex-presidente é a memória do povo, mas poucos se tornam memoráveis*

*José de Souza Martins*

*Essa história de “rei morto, rei posto”, ditado presente na boca de Lula nas semanas finais de seu governo, esconde um bocado de coisas. Raramente prestamos atenção ao dia seguinte do ex-governante após o rito de passagem em que um presidente entrega o poder a outro e se despe dos atributos de instituição, como pessoa que personifica o poder e a nação. O dia seguinte inaugura na biografia dos ex-governantes a híbrida condição de “ex”. Ele já não é a instituição da Presidência da República, mas continua sendo: teve acesso a segredos de Estado, a informações privilegiadas que não estão ao alcance dos mortais comuns, vê coisas que os outros não enxergam. Não terá condições de se livrar da roupagem de símbolo. Não poderá andar nas ruas sem ser notado. Nem sequer poderá comer um proletário pastel de feira sem o risco de virar notícia. O que na vida da pessoa comum é mera transgressão alimentar, na de um ex-presidente é comida politicamente incorreta. O que na rua é comida de esquerda, na vida dos ex-poderosos é comida de direita.*

<sup>74</sup> Disponível em: <<http://www.estadao.com.br/noticias/suplementos,rei-morto-rei-posto,663670,0.htm>>. Acesso em: 10 dez. 2012.



*Daniel Teixeira*

*Lula, com d. Marisa, acenando do apartamento deles um dia depois de passar a faixa presidencial*

*A passagem de presidente a ex-presidente se dá em questão de minutos. É metamorfose visível nas reportagens de transmissão de poder. Na posse de Dilma, foi possível ver a súbita mudança de interesse e orientação dos acólitos do poder. Literalmente, viram as costas para o ex, deixam de sorrir-lhe, não lhe estendem a mão. É uma forma simbólica de despojamento da coroa, do cetro e do manto. Simbólica e mal-educada.*

*Um ex-presidente tem que fazer esforços para voltar a ser o que era. E nunca o conseguirá plenamente. Em entrevista à revista Piauí, Fernando Henrique Cardoso referiu-se a isso: ter que fazer o próprio check-in nos aeroportos, carregar as próprias malas, procurar ele mesmo o táxi, enfrentar filas. No curtíssimo espaço de um mandato, muita coisa muda; de dois mandatos, muda muito mais. É preciso reaprender a movimentar-se. Quem depender de emprego para sobreviver terá que aprender muito mais. Lula, se tivesse que voltar para a fábrica, teria que aprender uma nova profissão, pois a sua, a de torneiro mecânico, praticamente não existe mais, substituída por computadores.*

*Getúlio personificou um modelo híbrido de ex-presidente, combinando o recolhimento com o retorno posterior à política. Destituído da Presidência, recolheu-se ao exílio em sua fazenda de São Borja. Seu refúgio se tornou lugar de romaria dos políticos, o caso mais emblemático de que o ex, de certo modo, continua sendo. Voltaria ao poder em 1950. Sua opção pelo suicídio, em 1954, foi mais do que expressão de um beco sem saída de circunstância. Em seu diário, relativo ao primeiro longo mandato de presidente, suas anotações falam do poder como um lugar de solidão e desamparo. A solidão do Palácio do Catete, no entanto, era sua companheira, amiga e refúgio. A proximidade do fim do mandato tornou insuportável a ideia de um novo exílio, de uma separação definitiva, do fim da solidão, de ter que voltar ao assédio de muitos e enfrentar-lhes a hipocrisia.*

*Já no fim do governo FHC, perguntei a Ruth Cardoso se o casal tinha planos de passar um tempo fora do Brasil. Com seu fino humor, ela me respondeu que não. Ao contrário, pretendia retornar ao Brasil. Um lugar fora do Brasil era o Palácio da Alvorada.*

*Ex-presidentes correm o risco de se tornar prisioneiros do passado. O general Garrastazu Médici, após o poder, voltou para sua terra, o Rio Grande do Sul. Ficava no portão de casa puxando conversa com os passantes para falar sobre as excelências de seu governo, como este País nunca antes tivera. As pessoas, que mal o conheciam ou nem o conheciam, achavam que estava delirando. Um indício de que a descontextualização do ex-governante envolve o risco de que ele seja lançado no que se pode chamar de lugar nenhum e se torne irreconhecível. Isso mostra que seu retorno ao mundo do homem comum é praticamente impossível.*

*Na cessação do mandato que engendra o ex-presidente, o único que lhe resta é a memória do povo. Mas nem todos se tornam memoráveis. De todos os homens que passaram pela Presidência da República apenas três receberam o galardão, por diferentes motivos e de diferentes modos. Getúlio, JK e FHC. A memória de Getúlio é imperecível, gravada numa definição do tempo histórico: o “tempo de Getúlio”; JK, porque se confunde com sua obra, especialmente Brasília; e Fernando Henrique descobre seus méritos de governante nos aplausos espontâneos que recebe nos lugares a que vai e por onde passa.*

*Algo parecido deve acontecer com Lula. A multidão que foi à Praça dos Três Poderes para a posse foi para aplaudi-lo e não para aplaudir Dilma. Foi para resgatar Lula do poder que o fizera refém, trazê-lo de volta para o povo. Depoimentos e manifestações de populares mostram isso claramente: o boteco, o grupo de futebol, os restaurantes de comida gordurosa, tudo afetuosamente a sua espera. Lugares e pessoas que não mudaram à espera do homem que já não pode ser o mesmo.*

### **Porções textuais do provérbio:**

- 1) Rei morto,
- 2) Rei posto.

Ao longo do texto, o autor procura demonstrar que uma figura de autoridade, como um presidente da república, quando é substituída, acaba ficando esquecida, sendo que apenas alguns presidentes tornam-se *memoráveis*. Assim, aquele que era tido como *rei*, ao perder o poder, pode acabar perdendo todas as regalias e prestígios que possuía.

No que se refere à metáfora que emerge do provérbio, as informações de nível genérico podem ser esquematizadas da seguinte forma:

- alguém é destituído de sua função ou cargo;
- imediatamente, é colocada outra pessoa para ocupar o lugar que se tornou vago.

Quanto às informações específicas, citam-se:

- *Rei morto* refere-se a todos aqueles que já foram presidentes da república.
- *Rei posto* refere-se aos presidentes que, ao serem substituídos por seus sucessores, podem ser esquecidos pelo povo.

As informações genéricas e específicas demonstram que, quando alguém ocupa um cargo, essa pessoa pode ser substituída por outra. Nas informações específicas, acrescenta-se a informação de que aquele que é substituído pode ser esquecido pelo povo. Desse modo, o fato de *o rei estar morto* faz com que *ele seja posto*, isto é, outra pessoa assumo o seu lugar. O quadro a seguir apresenta os trechos do texto que se referem a *rei morto* e *rei posto*, respectivamente.

QUADRO 12: Trechos do texto relacionados às porções textuais *Rei morto*, *rei posto*

<i>Rei morto,</i>	<i>Rei posto</i>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• <i>Raramente prestamos atenção ao dia seguinte do ex-governante após o rito de passagem</i></li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <i>em que um presidente entrega o poder a outro e se despe dos atributos de instituição, como pessoa que personifica o poder e a nação.</i></li> <li>• <i>A passagem de presidente a ex-presidente se dá em questão de minutos.</i></li> <li>• <i>Literalmente, viram as costas para o ex, deixam de sorrir-lhe, não lhe estendem a mão. É uma forma simbólica de</i></li> </ul>

	<i>despojamento da coroa, do cetro e do manto.</i>
--	--

Uma análise das relações retóricas do provérbio, sem levar em conta a situação discursiva, poderia conduzir o analista a considerar como plausível a relação de condição, justificando que, em *Rei morto, rei posto*, o fato de não se ocupar mais um cargo de poder é condição para que uma dada autoridade seja substituída.

Outra relação que poderia ser plausível, numa análise isolada, é a de circunstância, porque essa relação tem como efeito fazer com que o leitor reconheça que o satélite fornece uma situação na qual o núcleo deve ser interpretado. Se, nesse caso, *Rei morto* fosse considerado como satélite, poder-se-ia dizer que o fato de o rei ser morto contribuiu para que ele fosse substituído, ou seja, o núcleo *Rei posto* poderia ser interpretado a partir de *Rei morto*.

Em contrapartida, uma análise do provérbio em que se considere o contexto destaca que a relação de causa seria mais pertinente aos propósitos comunicativos do texto, já que é possível afirmar que a situação expressa por *rei morto* seria a causa de o rei ser substituído (*posto*). Nesse sentido, quando ocorre a substituição daquele que detinha o poder por outro, *o rei será posto*:

- “literalmente, viram as costas para o ex, deixam de sorrir-lhe, não lhe estendem a mão. É uma forma simbólica de despojamento da coroa, do cetro e do manto. Simbólica e mal-educada”;

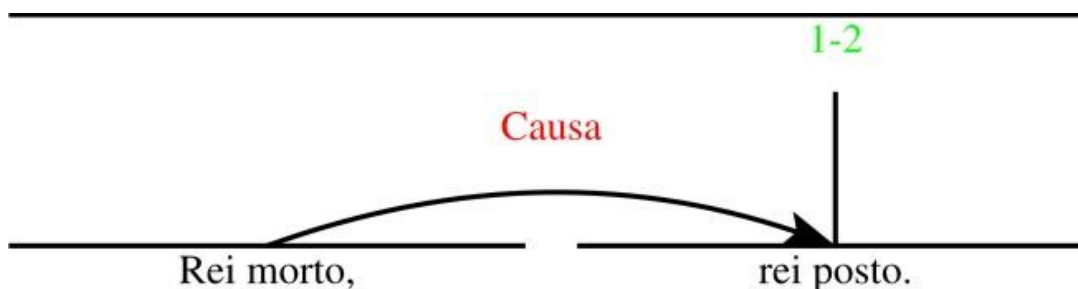
A situação particular permite inferir que *porque o rei for morto, ele será posto*, o que torna plausível considerar uma relação de causa. A relação de causa caracteriza-se pelo fato de o leitor reconhecer a situação apresentada no satélite – *rei morto* – como causa da ação apresentada no núcleo – *rei posto*.

As informações específicas ressaltam que os presidentes, porque são substituídos por seus sucessores, podem ser esquecidos pelo povo. Nota-se que há uma causa – não exercer mais um cargo de poder – que pode levar o *ex* presidente ao esquecimento. Portanto, as informações específicas contribuem também para justificar a plausibilidade da relação de causa.



Pode-se, então, apresentar o seguinte diagrama para esse provérbio:

FIGURA 16 – Relação retórica de Causa



Considerou-se a relação retórica de causa, mas não se pode deixar de mencionar que o autor do texto chama a atenção para o fato de que “essa história de ‘rei morto, rei posto’, ditado presente na boca de Lula nas semanas finais de seu governo, esconde um bocado de coisas”. Ao usar o verbo *esconder*, é como se o autor já declarasse, desde o início de seu texto, que *nem tudo é como se parece*. Assim, é mencionado que, apesar de nem todos os presidentes serem lembrados pelo povo, todos têm dificuldade de se desvincular da sua posição de *presidente*, como é perceptível em:

- “Ele já não é a instituição da Presidência da República, mas continua sendo: teve acesso a segredos de Estado, a informações privilegiadas que não estão ao alcance dos mortais comuns, vê coisas que os outros não enxergam. Não terá condições de se livrar da roupagem de símbolo. Não poderá andar nas ruas sem ser notado”;
- “Um ex-presidente tem que fazer esforços para voltar a ser o que era. E nunca o conseguirá plenamente”;
- “É preciso reaprender a movimentar-se”;
- “Ex-presidentes correm o risco de se tornar prisioneiros do passado”;
- “Lugares e pessoas que não mudaram à espera do homem que já não pode ser o mesmo”.

Sublinharam-se algumas partes dos trechos selecionados para demonstrar que o autor reforça, no contexto, a ideia de que, mesmo que os presidentes sejam esquecidos pelo povo, para eles jamais serão *ex*, já que é como se carregassem sempre essa posição de

presidente. Nesse sentido, entende-se que, embora os presidentes sejam substituídos, de algum modo, não conseguem voltar a ser pessoas comuns. É como se o autor afirmasse que, *mesmo que alguém não seja mais presidente, ele sempre se sentirá como se presidente fosse.*

Verificou-se que o autor do texto é coerente com as informações genéricas transmitidas pelo provérbio de que aquele que não ocupa mais um cargo ou função será substituído por outro. Todavia, ele traz novas informações para o provérbio, pois argumenta que o presidente substituído, mesmo que seja esquecido pelo povo, terá dificuldades em aceitar sua posição de *ex*.

Essa possível interpretação do texto não faz com que se altere a escolha da relação retórica para o provérbio; entretanto, demonstra que o cotexto pode, por meio de inferências, trazer novas informações e uma nova forma de analisar, até mesmo, estruturas consideradas fixas, como os provérbios.

## **Texto 8**

“**Rei morto, rei posto**”: PSB supera divergências e deve lançar Marina na quarta<sup>75</sup>

Cilênio Tavares

16/08/2014



*A ex-senadora Marina Silva deve ser anunciada oficialmente como candidata à Presidência da República na próxima quarta-feira.*

<sup>75</sup> Disponível em: <<http://fmanha.com.br/blogs/emtempo/2014/08/16/rei-morto-rei-posto-psb-supera-divergencias-e-deve-lancar-marina-na-quarta>>. Acesso em: 10 set. 2014.

*Matéria publicada na coluna Painel de hoje, na versão online da Folha de São Paulo, fala em superação de divergências dentro do PSB, leia-se Roberto Amaral, presidente do partido, para que o nome dela, que disputou a Presidência em 2000, na época pelo PV, seja confirmado.*

*Embora ainda não seja oficial, era uma tendência natural que Marina assumisse o lugar de Campos, que morreu esta semana em acidente aéreo (veja aqui). Agora o partido trabalha pela indicação do vice.*

*Toda essa movimentação em meio ao funeral de Eduardo Campos, que nem aconteceu ainda e nem se sabe se acontecerá neste fim de semana por causa da demora no reconhecimento dos corpos.*

*É a política que não espera e adota o ditado: “Rei morto, rei posto”.*

### **Porções textuais do provérbio:**

- 1) Rei morto,
- 2) Rei posto.

Observa-se que, neste texto, a palavra *morto*, em *Rei morto, rei posto*, não se refere apenas ao ato de uma autoridade ser substituída por outra, mas faz referência ao uso literal do vocábulo *morto*, conforme se nota em:

- “Embora ainda não seja oficial, era uma tendência natural que Marina assumisse o lugar de Campos, que morreu esta semana em acidente aéreo”.

O texto refere-se ao fato de que, por causa da morte de Eduardo Campos, candidato à presidência da república em 2014, ocorre a vacância do seu cargo, o qual será ocupado por Marina Silva.

A respeito das informações de nível genérico, citam-se:

- alguém é destituído de sua função ou cargo;
- imediatamente, é colocada outra pessoa para ocupar o lugar que se tornou vago.

Quanto às informações específicas, podem ser detalhadas da seguinte forma:

- *Rei morto* refere-se ao candidato à presidência do Brasil, Eduardo Campos, o qual faleceu em um acidente aéreo.

- *Rei posto* refere-se à candidata Marina Silva, que substituirá Eduardo Campos.

As informações genéricas e específicas demonstram que algo ocorreu: a morte de Eduardo Campos; e isso levou Marina Silva a assumir o lugar de Campos. Os trechos do texto que se referem às porções textuais do provérbio foram organizados no quadro seguinte.

QUADRO 13: Trechos do texto relacionados às porções textuais *Rei morto, rei posto*

<i>Rei morto,</i>	<i>Rei posto</i>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• <i>o lugar de Campos, que morreu esta semana em acidente aéreo</i></li> <li>• <i>Toda essa movimentação em meio ao funeral de Eduardo Campos, que nem aconteceu ainda e nem se sabe se acontecerá neste fim de semana</i></li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <i>A ex-senadora Marina Silva deve ser anunciada oficialmente como candidata à Presidência da República na próxima quarta-feira.</i></li> <li>• <i>era uma tendência natural que Marina assumisse</i></li> </ul>

Uma análise do provérbio de forma isolada poderia levar o analista a julgar como plausíveis as relações de condição, causa e circunstância, conforme se explicitou na análise anterior (8), para *Rei morto, rei posto*. Já uma análise do provérbio em que se considere também a situação particular – o texto retirado da internet – faz com que se compreenda que o que levou Marina Silva a ser indicada para se candidatar à presidência da república foi o falecimento de Eduardo Campos.

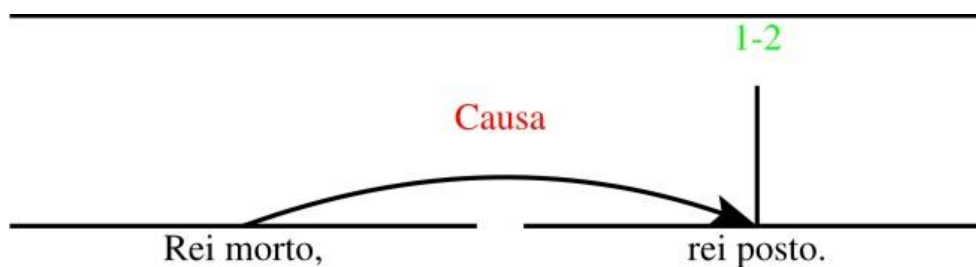
Neste texto (9), nota-se a possibilidade das perguntas: *por que Eduardo Campos foi substituído?; o que levou Marina Silva a ser cogitada para ocupar o cargo de candidata à presidência da república?* Essas perguntas implicam respostas: porque Eduardo Campos faleceu, Marina Silva será anunciada como candidata à presidência da república. O uso do provérbio no texto (9) exerce um papel diferente do texto (8). No

primeiro texto, o provérbio não se refere a um candidato à presidência em particular, como no texto (9), o qual faz menção explícita a Eduardo Campos e Marina Silva. No texto (8), o uso do provérbio realça as diversas situações que levam uma pessoa que ocupava um cargo de poder a ser esquecida pela população, e, ao mesmo tempo, traz uma nova informação de que o povo pode esquecer os presidentes, mas eles têm dificuldade de desvincular-se do cargo que ocuparam um dia. Em contrapartida, no texto (9), nota-se que foi um fato específico que possibilitou a indicação de Marina Silva como candidata; e o uso do provérbio no texto não traz um novo modo de interpretar as porções textuais *Rei morto, rei posto*, limitando-se a dizer que *quando o rei é morto, ele será substituído*.

No que concerne ainda ao texto (9), considera-se como mais plausível também a relação de causa para *Rei morto, rei posto*, já que essa relação se caracteriza por apresentar uma causa que gerou uma determinada ação. A ação – Marina Silva ser escolhida como candidata à presidência da república – possui uma causa específica – a morte de Eduardo Campos. O efeito da relação de causa é levar o leitor a reconhecer a situação apresentada no satélite (*Rei morto*) como causa para a ação apresentada no núcleo (*rei posto*). O processo metafórico também já dá indícios de que uma relação de causa seria coerente com o cotexto, pelo fato de explicitar que a morte de um candidato configurou-se como causa para que outro assumisse o seu lugar, conforme se mostrou nas informações específicas.

O diagrama da relação de causa para *Rei morto, rei posto* é:

FIGURA 17 – Relação retórica de Causa



## Texto 9

### *Chuva! Alegria de uns tristeza de outros<sup>76</sup>*

17 fevereiro de 2014

*Na tarde desta segunda-feira (17), uma forte chuva caiu em Afogados da Ingazeira, segundo informações que chegaram até a redação foram 33mm de chuva, mas a impressão é de bem mais, era nítida a alegria estampada nos rostos dos Sertanejos que há muito tempo vem sofrendo com um grande período de estiagem.*

*Mas como nem tudo é perfeito foram registrados vários problemas, que comprovam que a cidade não está preparada para grandes volumes de chuva. Sem ter para onde escoar, as águas formaram verdadeiros lagos artificiais em vários pontos da cidade.*

*Na rua Dr. Roberto Nogueira Lima um verdadeiro rio se formou, impossibilitando a passagem de carros pequenos, motos e pedestres.*



*A água chegou a cobrir as rodas de um caminhão. Foto: André Luis*

*Na Manoel Borba a internauta Elâine Gonçalves, registrou em vídeo a força da água que saiu arrastando lixo pelas ruas e entrando na empresa de informática JR Assistec.*

*Na Cazuzinha Lopes a internauta Karla Daniella registrou um carro de lotação que caiu em um buraco que estava encoberto por conta do grande volume d'água e quase causou um acidente.*

---

<sup>76</sup> Disponível em: <<http://www.radiopajeu.com.br/portal/chuva-alegria-de-uns-tristeza-de-outros>>. Acesso em: abr. 2014.



*Foto: Karla Daniella*

*Houve ainda relatos de ruas e casas alagadas em vários pontos de Afogados.*





Fotos: Blog do Nill Júnior

### Porções textuais do provérbio:

- 1) Alegria de uns
- 2) Tristeza de outros.

O texto faz menção a uma forte chuva numa cidade do sertão nordestino chamada Afogados da Ingazeira. A chuva foi motivo de alegria e de tristeza. Alegria, porque muitos esperam a chuva no sertão; tristeza, porque a chuva trouxe vários problemas para a cidade, os quais são revelados na reportagem e nas fotos apresentadas.

O processo metafórico de *Alegria de uns tristeza de outros*, em um esquema de nível genérico, revela as seguintes informações:

- Algo causa alegria em alguém, mas causa também tristeza em outros.

As informações de nível genérico podem ser partilhadas com as específicas da seguinte forma:

- *Alegria de uns* refere-se às pessoas que se alegram com a chuva no sertão.
- *Tristeza de outros* refere-se ao fato de a chuva ter ocasionado diversos problemas.

Analisando as informações específicas, a ideia que sobressai é de contradição: o que é alegria para uns, é tristeza para outros. Numa análise isolada do provérbio, é



possível considerar relações retóricas que demonstrem incompatibilidades, tais como: antítese, concessão e contraste. Essas incompatibilidades são manifestadas nos trechos do texto que se referem a *Alegria de uns tristeza de outros*, conforme se demonstra no quadro que se segue.

QUADRO 14: Trechos do texto relacionados às porções textuais  
*Alegria de uns tristeza de outros*

<i>Alegria de uns</i>	<i>Tristeza de outros</i>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• <i>Na tarde desta segunda-feira (17), uma forte chuva caiu em Afogados da Ingazeira, segundo informações que chegaram até a redação foram 33mm de chuva, mas a impressão é de bem mais, era nítida a alegria estampada nos rostos dos Sertanejos que há muito tempo vem sofrendo com um grande período de estiagem.</i></li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <i>Mas como nem tudo é perfeito foram registrados vários problemas, que comprovam que a cidade não está preparada para grandes volumes de chuva.</i></li> <li>• <i>Sem ter para onde escoar, as águas formaram verdadeiros lagos artificiais em vários pontos da cidade.</i></li> <li>• <i>Na rua Dr. Roberto Nogueira Lima um verdadeiro rio se formou, impossibilitando a passagem de carros pequenos, motos e pedestres.</i></li> <li>• <i>A água chegou a cobrir as rodas de um caminhão.</i></li> <li>• <i>Na Manoel Borba a internauta Elâine Gonçalves, registrou em vídeo a força da água que saiu arrastando lixo pelas ruas e entrando na empresa de informática JR Assistec.</i></li> </ul>

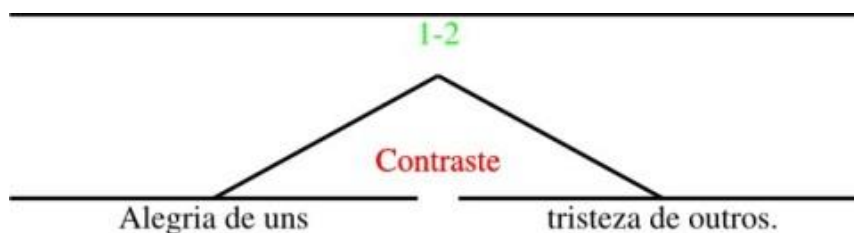
- |  |  |
|--|--|
|  | <ul style="list-style-type: none"> <li>• <i>Na Cazuzinha Lopes a internauta Karla Daniella registrou um carro de lotação que caiu em um buraco que estava encoberto por conta do grande volume d'água e quase causou um acidente.</i></li> </ul> |
|--|--|

Ao analisar o cotexto, percebe-se que, ao longo do texto, são apresentadas situações que podem ser comparadas em termos das diferenças que elas evocam. Ao fazer menção à chuva, o autor do texto argumenta que ela pode ser tanto motivo de alegria quanto de tristeza. Numa relação de contraste, o efeito é fazer com que o leitor reconheça a possibilidade de comparação e a diferença que emerge dessa comparação. No caso do texto em questão, a diferença revela-se no fato de que, como o sertão nordestino é carente de chuvas, a chuva seria motivo de alegria; entretanto, uma grande quantidade de chuva seria motivo de tristeza, devido às consequências advindas do excesso de água e da falta de estrutura local. Logo, a situação específica faz com que se considere como mais pertinente uma relação de contraste. Nessa relação, as duas unidades textuais *alegria de uns* e *tristeza de outros* funcionariam como núcleos, porque se trata de uma relação multinuclear.

Apesar de em uma análise isolada também ser possível observar uma relação de contraste, a situação específica contribui para reafirmar a plausibilidade dessa relação retórica, mostrando, a partir de uma situação particular, o porquê de uma relação de contraste ser coerente.

A representação do diagrama de uma relação de contraste para *Alegria de uns* *tristeza de outros* é:

FIGURA 18 – Relação retórica de Contraste



### Texto 10

Natal: **Alegria para uns, tristeza para outros**<sup>77</sup>

Letícia Barbieri, do Metro

24 de dezembro de 2013

*Enquanto muitas pessoas comemoram conquistas nesta época, outras têm no período um acúmulo de sentimentos não tão positivos. Para amparar estas pessoas existe o CVV.*

*O fim de ano é um período marcado por alegrias e confraternizações. Para muitas pessoas, no entanto, esse balanço do que aconteceu e também o sentimento de obrigação de exibir conquistas pode trazer tristeza e solidão.*

*É para combater estes sintomas que o CVV (Centro de Valorização da Vida) trabalha oferecendo ajuda gratuita 24 horas por dia há 43 anos, aqui na Capital.*

*O serviço é feito por voluntários que recebem capacitação para prestar apoio aos usuários e para lidar com situações complicadas, inclusive quando a pessoa ao telefone está prestes a cometer suicídio. “A ideia principal é a valorização da vida, mas em último caso trabalhamos na prevenção ao suicídio. Recebemos até ligações de pessoas que estão bem e querem apenas dividir coisas boas, mas o normal são os casos tristes mesmo”, explica a voluntária Nilsa. Ela conta que as ligações duram geralmente entre 1h e 1h30 e que pessoas de diversas idades procuram o atendimento.*

*O Rio Grande do Sul é o Estado que lidera o trágico ranking de suicídios no país, segundo Ricardo Nogueira, psiquiatra do Hospital Mãe de Deus e do Hospital Universitário de Canoas. “No ano passado tivemos o maior índice de toda a história”, explica o psiquiatra, que aponta os meses de dezembro e janeiro como recordistas de casos, principalmente pelas avaliações que são feitas neste período.*

*Nogueira coloca o aumento no consumo de álcool nestas épocas como um agravante. “É um momento muito delicado e o álcool induz a impulsividade e a agressividade. Temos que tentar ajudar as pessoas”.*

<sup>77</sup> Disponível em: <<http://noticias.band.uol.com.br/cidades/rs/noticia/100000653316/natal-alegria-para-uns-tristeza-para-outros.html>>. Acesso em: abr. 2014.

### **Porções textuais do provérbio:**

- 1) Alegria para uns,
- 2) Tristeza para outros.

O final do ano é visto como época de comemorações e festividades, o que seria motivo de alegria para muitas pessoas; porém, nessa mesma época, muitos podem se sentir tristes e decepcionados por não terem conseguido alcançar seus objetivos.

O provérbio *Alegria para uns, tristeza para outros*, em um esquema de nível genérico, teria as seguintes informações:

- Algo causa alegria em alguém, mas causa também tristeza em outros.

As informações específicas poderiam ser elencadas da seguinte forma:

- *Alegria para uns* remete ao final do ano que é visto, por muitos, como uma época de alegrias e festividades.
- *Tristeza para outros* refere-se ao fato de o final de ano representar para outros um período de tristezas.

Uma análise das relações retóricas do provérbio *Alegria para uns, tristeza para outros* também conduzirá a uma relação retórica de contraste, antítese e concessão, conforme explicitado na análise anterior (9). Todavia, a situação particular compara os sentimentos divergentes que a época do final do ano pode evocar: tristeza *versus* alegria. O sentimento de alegria e tristeza é expresso nos trechos do texto citados no quadro a seguir.

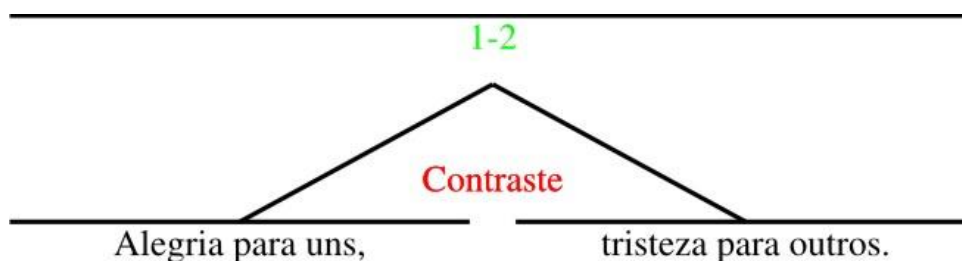
QUADRO 15: Trechos do texto relacionados às porções textuais  
*Alegria para uns, tristeza para outros*

<i>Alegria de uns,</i>	<i>tristeza de outros</i>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• <i>Enquanto muitas pessoas comemoram conquistas nesta época,</i></li> <li>• <i>O fim de ano é um período marcado por alegrias e confraternizações.</i></li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <i>outras têm no período um acúmulo de sentimentos não tão positivos.</i></li> <li>• <i>Para muitas pessoas, no entanto, esse balanço do que aconteceu e também o sentimento de obrigação de exibir conquistas pode trazer tristeza e solidão.</i></li> </ul>

No texto, menciona-se uma época – final de ano – que pode gerar sentimentos de alegria e de tristeza; logo, o leitor é capaz de perceber a possibilidade de comparação entre aquilo que geraria alegria e tristeza e as diferenças decorrentes dessa comparação, o que caracterizaria uma relação de contraste. Numa relação de contraste, as unidades textuais *Alegria para uns* e *tristeza para outros* representam os núcleos, os quais manifestam aspectos diferentes que se contrastam entre si. Apesar de nesse texto a relação de contraste ter sido considerada, a situação específica, além de suscitar o contraste, faz uso dessa relação para divulgar o CVV (Centro de Valorização da Vida). Assim, no texto (10), o contraste contribui para mostrar ao leitor também uma alternativa de superar suas tristezas: entrar em contato com o CVV, caso ele se encontre em momento de dificuldades. Já na análise anterior (9), o contraste apenas cita as diferenças de sentimentos ocasionadas pela chuva sem apresentar uma alternativa para os problemas gerados por ela. Mesmo quando a relação retórica é a mesma, a situação particular pode especificar os objetivos do texto. No texto anterior (9), por exemplo, o intuito é apresentar as consequências ocasionadas pela chuva sem apresentar formas de superá-las; já no (10), pretende-se divulgar o CVV, mostrando de que forma esse serviço pode contribuir para ajudar pessoas que estão passando por um momento difícil.

O diagrama de *Alegria para uns, tristeza para outros* pode ser representado do seguinte modo:

FIGURA 19 – Relação retórica de Contraste



### Texto 11

#### *Olho por olho, dente por dente*<sup>78</sup>

Rosa Morena

11 de outubro de 2013

*Hoje quero iniciar essa conversa, sem nenhum teor científico e afeita à prosa poética, para falar um pouco sobre as imagens anteriores a este tempo, talvez de 20 anos, quando podíamos transitar livremente em nossa rua, em nossa cidade. Tínhamos o sagrado direito de frequentar festas, visitar os amigos ou ainda colocar as cadeiras na calçada e bater animados papos com os vizinhos, “papos fiados”, sem os apavoramentos e as sombras que a violência tem nos causado. A rua a qual me refiro, repleta de saudosismo, aproxima-se das descrições de Nelson Gonçalves, quando de forma lírica apresenta em seus versos a rua onde mora como uma rua modesta, mas que se ilumina com a passagem da amada e se transforma em uma paisagem de festa, uma cascata de luz.*

*Onde está a rua simples, modesta, essa paisagem de festa à qual se refere o cantor e que faz parte de nossas memórias? Para muitos de nós, habitantes*

<sup>78</sup> Disponível em: <<http://www.opovo.com.br/app/jornaldoleitor/noticiassecundarias/cronicas/2013/10/28/noticiajornaldoleitorcronicas,3154218/u201colho-por-olho-dente-por-dente-u201d.shtml>>. Acesso em: jan. 2014.

*de grandes centros urbanos, essa paisagem está distante. O que impera é o medo, fruto da falta de segurança e do agravamento de crimes dos mais diversos tipos. Para se proteger, as pessoas, cujo poder aquisitivo permite, aumentam suas torres, digo, muros. Colocam grades, reforçam os cadeados, cercas elétricas e outros tantos aparatos e trancam-se em suas casas.*

*Outras tantas, não menos assustadas, têm reagido a essa onda violenta fazendo justiça com as próprias mãos, num retorno obtuso à lei de talião expressa pela máxima “olho por olho, dente por dente”. Ratifico o que digo relatando uma cena extremamente violenta de um grupo de pessoas correndo atrás de um homem que tentou assaltar uma residência. O rapaz recebeu uma pancada com um tijolo e o impacto foi tão forte que o derrubou. Como se não bastasse, algumas pessoas o acertavam com chutes e pontapés contínuos, mesmo depois do rapaz estar totalmente mutilado.*

*Em pleno século XXI, estamos assistindo a essas cenas grotescas em nossas ruas. E nós, seres conectados e altamente desenvolvidos em inúmeras tecnologias, estamos resolvendo os nossos problemas de forma individual.*

*Em Gandhi encontro eco e encerro minhas considerações: “Olho por olho, e o mundo acabará cego”.*

### **Porções textuais do provérbio:**

- 1) Olho por olho,
- 2) Dente por dente.

O texto chama a atenção para a violência que se alastra no mundo moderno. Para combatê-la, as pessoas utilizam-se de alternativas diversas, desde aumentar a segurança da sua casa até *fazer justiça com as próprias mãos*.

As informações genéricas do provérbio *Olho por olho, dente por dente* podem ser esquematizadas do seguinte modo:

- Alguém deve punir outrem e essa punição deve ser na mesma proporção da ofensa.

As informações específicas são:

- *Olho por olho*: pessoas que tentam *fazer justiça com as próprias mãos*.
- *Dente por dente*: uma das maneiras de exemplificar o *fazer justiça com as próprias mãos* é buscando punir ladrões por conta própria.

As informações específicas apontam que *olho por olho e dente por dente* possuem significados semelhantes, ambas as unidades textuais transmitem a mesma ideia; logo, as duas unidades textuais juntas enfatizam que o castigo deve ser do mesmo tamanho da ofensa. Como nesse provérbio as unidades textuais desempenham papéis semelhantes, no quadro a seguir não se elaboraram duas colunas como nos outros, mas apenas uma, pois o papel atribuído às porções textuais *Olho por olho e dente por dente* foi o mesmo.

QUADRO 16: Trechos do texto relacionados às porções textuais  
*Olho por olho, dente por dente*

---

*Olho por olho, dente por dente.*

---

- *Outras tantas, não menos assustadas, têm reagido a essa onda violenta fazendo justiça com as próprias mãos [...].*
  - *Ratifico o que digo relatando uma cena extremamente violenta de um grupo de pessoas correndo atrás de um homem que tentou assaltar uma residência. O rapaz recebeu uma pancada com um tijolo e o impacto foi tão forte que o derrubou. Como se não bastasse, algumas pessoas o acertavam com chutes e pontapés contínuos, mesmo depois do rapaz estar totalmente mutilado.*
- 

As unidades textuais permitem inferir que se tenha uma adição de ideias: *olho por olho e dente por dente*. Nessa perspectiva, numa análise isolada, tanto a relação de adição quanto a de conjunção são possíveis. A relação de adição caracteriza-se por ser núcleo-satélite, sendo que o satélite acrescenta informações para o núcleo. Essa relação foi definida por Correia (2011).<sup>79</sup> Segundo a pesquisadora, o efeito dessa relação é fazer com que o leitor reconheça que a informação se torna mais completa com a união das informações presentes nas porções textuais do núcleo e do satélite. Já a relação de conjunção se define pela existência de elementos que se unem para formar uma unidade em que os papéis desempenhados por esses elementos são semelhantes, tratando-se de

---

<sup>79</sup> Um quadro detalhado dessa definição encontra-se nos anexos.



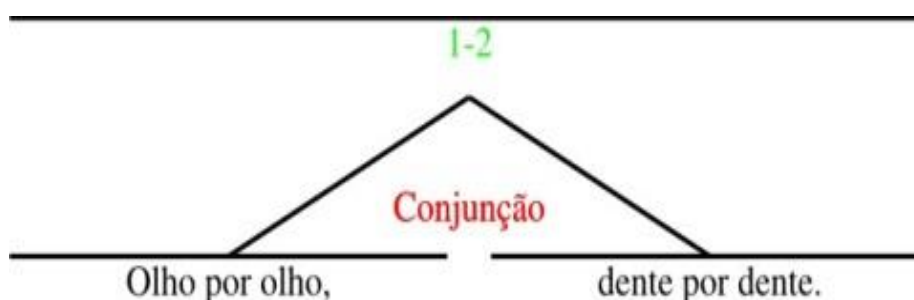
uma relação multinuclear. Desse modo, em uma relação de conjunção, o efeito é fazer com que o leitor reconheça que os elementos relacionados constituem um todo de sentido. Como essa relação é multinuclear, as porções textuais funcionam como núcleos.

O cotexto contribui para reafirmar a plausibilidade da análise que considere a relação retórica de conjunção, pois tanto a porção textual *olho por olho* quanto *dente por dente* desempenham papéis semelhantes e o seu sentido desenvolve-se na junção das duas partes, constituindo um todo de sentido mais do que um acréscimo de ideias. Além disso, o uso do provérbio no texto contribui para estabelecer uma crítica em relação à mensagem evocada pelo provérbio de que a punição deve ser proporcional à ofensa. Essa crítica é nítida em:

- “E nós, seres conectados e altamente desenvolvidos em inúmeras tecnologias, estamos resolvendo os nossos problemas de forma individual. Em Gandhi encontro eco e encerro minhas considerações: ‘Olho por olho, e o mundo acabará cego’”.

O diagrama da relação retórica de Conjunção, em *Olho por olho, dente por dente*, configura-se da seguinte forma:

FIGURA 20 – Relação retórica de Conjunção



**Texto 12****OLHO POR OLHO, DENTE POR DENTE: FALTA JUSTIÇA?**<sup>80</sup>

12 de fevereiro de 2014

Manuela Berbert

*Embora amedrontada com essa onda de violência que assola o nosso país, ainda tenho receio dessa sede de vingança que cega o ser humano.*

*Que me perdoem os estudiosos do comportamento humano, mas como mera observadora dos tempos modernos, a sensação que tenho é de que estamos retrocedendo, marchando em sentido contrário ao do progresso. Estamos nos nivelando a Hamurabi, rei da Babilônia no século XVIII, não coincidentemente, antes de Cristo. Para governar, baseava leis na lei de talião, onde a vingança era a base de qualquer justiça: olho por olho e dente por dente.*

*Domingo o Fantástico mostrou um grupo de justiceiros que age fazendo rondas nos bairros de classe média do Rio de Janeiro. Em um dos tantos episódios da matéria, um grupo cercou e imobilizou um menor de idade usando uma trava de bicicleta e prendeu o mesmo ao poste pelo pescoço. Depois, tiraram sua roupa e o deixaram nu, numa cena que se assemelhava àquelas estudadas sobre a Idade Média, quando as pessoas eram apedrejadas em praça pública. A que ponto chegamos?*

*Porém, essas práticas não crescem apenas nas cidades grandes. Circula nas redes sociais, por exemplo, um vídeo de um jovem estirado no chão, no Centro de Itabuna, após um assalto frustrado e troca de tiros com um policial. O que me assusta é poder escutar a população ao redor do delinquente bradando frases como Menos um, Deixem ele morrer e Bem feito para esse marginal. Embora amedrontada com essa onda de violência que assola o nosso país, ainda tenho receio dessa sede de vingança que cega o ser humano.*

*Entre tantos questionamentos sobre motivos e soluções, são muitas perguntas e poucas respostas para esse assunto. Ainda assim, duas sobressaem na discussão que me proponho a fazer: Falta justiça? Que consequências esse tipo de reação da população pode trazer?*

**Porções textuais do provérbio:**

- 1) Olho por olho,
- 2) Dente por dente.

---

<sup>80</sup> Disponível em: <<http://www.pimenta.blog.br/2014/02/12/olho-por-olho-dente-por-dente-falta-justica/>>. Acesso em: 10 maio 2014.

Este texto se assemelha muito ao anterior (11), pois apresenta uma indignação sobre a violência que se espalha de maneira crescente e sobre a forma usada pelas pessoas para combatê-la. Assim, como no texto (11), chama-se a atenção para o fato de algumas pessoas reagirem contra essa violência, buscando fazer *justiça com as próprias mãos*.

No que se refere às informações de nível genérico, elas podem ser assim esquematizadas:

- Alguém deve punir outrem e essa punição deve ser na mesma proporção da ofensa.

Já as informações específicas são:

- *Olho por olho*: pessoas que tentam fazer justiça com as próprias mãos.
- *Dente por dente*: uma das maneiras de exemplificar o fazer justiça com as próprias mãos seria o caso dos justiceiros que fazem ronda em bairros de classe média no Rio de Janeiro.

Como os textos (11) e (12) apresentam ideias bem semelhantes, as informações específicas compartilhadas por esses textos são bem parecidas. Nessa perspectiva, em ambos os textos, as unidades textuais *olho por olho* e *dente por dente* desempenham papéis semelhantes, sendo que os significados que emergem dessas porções são análogos. O quadro a seguir explicita os trechos do texto que se referem a *olho por olho*, *dente por dente*.

QUADRO 17: Trechos do texto relacionados às porções textuais  
*Olho por olho, dente por dente*

---

*Olho por olho, dente por dente.*

---

- *Estamos nos nivelando a Hamurabi, rei da Babilônia no século XVIII, não coincidentemente, antes de Cristo. Para governar, baseava leis na lei de talião, onde a vingança era a base de qualquer justiça [...]*
  - *Domingo o Fantástico mostrou um grupo de justiceiros que age fazendo rondas nos bairros de classe média do Rio de Janeiro. Em um dos tantos episódios da matéria, um grupo cercou e imobilizou um menor de idade usando uma trava de bicicleta e prendeu o mesmo ao poste pelo pescoço. Depois, tiraram sua roupa e o deixaram nu, numa cena que se assemelhava àquelas estudadas sobre a Idade Média, quando as pessoas eram apedrejadas em praça pública. A que ponto chegamos?*
  - *Porém, essas práticas não crescem apenas nas cidades grandes. Circula nas redes sociais, por exemplo, um vídeo de um jovem estirado no chão, no Centro de Itabuna, após um assalto frustrado e troca de tiros com um policial.*
- 

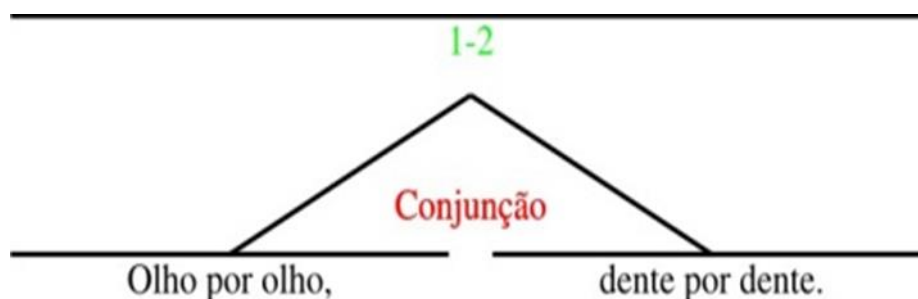
O texto (12), assim como o (11), numa análise isolada, apresentaria como plausíveis as relações de adição e conjunção.

Analisando o cotexto, considera-se também mais pertinente uma relação retórica de conjunção no texto (12), já que tanto *olho por olho* quanto *dente por dente* desempenham juntos papéis semelhantes, o que faz com que se considere mais plausível uma relação multinuclear (conjunção) do que núcleo-satélite (adição). Ademais, o fato de essas unidades textuais formarem um todo de sentido, ou seja, relacionarem-se para constituir um conjunto, reforça o reconhecimento da relação retórica de conjunção. Segundo a RST, o efeito da relação de conjunção é levar o leitor a reconhecer que os elementos inter-relacionados encontram-se em conjunto. Mesmo em situações particulares muito semelhantes, como é o caso dos textos (11) e (12), há diferenças de sentido que podem ser apontadas. No texto (11), da menção ao provérbio *Olho por olho, dente por dente* depreende-se uma crítica ao ato de se fazer justiça com as próprias mãos; já no texto (12), nota-se mais um questionamento de quais seriam as consequências de atitudes que seguem o que é dito no provérbio *Olho por olho, dente por dente*, o que pode ser confirmado em:

- “Ainda assim, duas sobressaem na discussão que me proponho a fazer: Falta justiça? Que consequências esse tipo de reação da população pode trazer?”

Como a relação de conjunção é considerada plausível para a análise desse provérbio, a representação do diagrama é:

FIGURA 21 – Relação retórica de Conjunção



**Texto 13****Longe dos olhos, perto do coração**<sup>81</sup>

Renan Damasceno

11 nov. 2014

*Fora do Brasil, torcedores atleticanos e cruzeirenses transformam casas e bares em embaixadas alvinegras e celestes. Sem TV, muitos acompanharão o jogo pelo computador.*

*Torcedor, quando é apaixonado mesmo, arruma jeito para tudo. Não importa a distância, fuso-horário, se a televisão vai ou não transmitir o jogo. Sempre existe um jeito de ver o time do coração em campo. Ainda mais quando o adversário é um arquirrival, valendo título nacional, como vai ocorrer amanhã, às 22h, com Atlético e Cruzeiro decidindo o título da Copa do Brasil – final que promete parar Belo Horizonte e mexer com atleticanos e cruzeirenses dos quatro cantos do planeta.*

*Em Washington, por exemplo, os vizinhos do pesquisador Bruno Bueno, mesmo não fazendo ideia do que esteja se passando, vão tomar ciência se o Cruzeiro balançar as redes. Supersticioso, o mineiro que trabalha como pesquisador convidado na Universidade de Georgetown não abre mão de acompanhar as partidas em casa, com a esposa. Neste ano, ele assinou um pacote de pay-per-view para ver pela televisão, mas o esforço era muito maior quando ele chegou aos Estados Unidos, no fim do ano passado. “Graças à paciência da minha esposa, que então vivia no Brasil, eu assistia aos jogos pela webcam. Ela focalizava a tela da TV e eu conseguia assistir aos jogos. Foi assim que vi, por exemplo, o Cruzeiro ser campeão mineiro este ano.”*

*Em Dublin, na Irlanda, o estudante Gustavo Borest não quer saber de tranquilidade. A expectativa é que cerca de 50 atleticanos se reúnam em um pub que virou ponto de encontro alvinegro na cidade. O fuso – o jogo vai começar à 0h de quinta-feira, no horário local – não o incomoda. “Os horários aqui são complicados e nem em todos os jogos dá para o pessoal reunir. Mas, na fase final, está animado: contra o Flamengo éramos de 20 a 30 pessoas. Agora vai ser muito mais”, conta Borest, que é diretor da embaixada do Galo em Dublin.*

*Também no Reino Unido, em Londres, o cervejeiro Tiago Guimarães Falcone vai ter de ficar acordado até tarde. Ele e o amigo português Tito Macedo, que se “converteu ao atleticanismo” durante sua estadia em Belo Horizonte, vão assistir ao confronto em casa, já que no outro dia fazem prova de qualificação pela manhã. “A gente compra umas cervejas, liga no computador aqui e assiste pelo streaming”, explicou Tiago, que viajou de bicicleta pela Europa antes de se estabelecer na capital inglesa para estudar.*

**EMOÇÃO NA MADRUGADA**

*Converter estrangeiros em alvinegros também é um dos esportes favoritos do arquiteto Olimar Marinho, que vive há oito anos em Barcelona. Ele,*

---

<sup>81</sup> Disponível em: <[http://www.superesportes.com.br/app/1,168/2014/11/11/noticia\\_futebol\\_nacional,297391/longe-dos-olhos-perto-do-coracao.shtml](http://www.superesportes.com.br/app/1,168/2014/11/11/noticia_futebol_nacional,297391/longe-dos-olhos-perto-do-coracao.shtml)>. Acesso em: 15 nov. 2014.

*juntamente com amigos dominicanos, austríacos, franceses e espanhóis vai vestir a camisa do Atlético amanhã. O sofrimento não é só pelo drama do jogo, mas pela qualidade da imagem. “Veremos o jogo pela internet. Ligamos o computador na televisão grande e sofreremos com a imagem pixelada, com as falhas de conexão. Ainda temos a expectativa de uma televisão local transmitir. Ligamos para lá e eles falaram que vão decidir”, disse Olimar, que criou com amigos a torcida Madrugalo, pelas madrugadas acordado para ver o alvinegro.*

*O empresário cruzeirense André Spinola também vai ter de recorrer ao computador para acompanhar o clássico, já que nenhuma tv sueca transmite o campeonato. Ele vive há sete anos em Estocolmo, na Suécia, e vai ver o jogo em casa, já que o frio do norte europeu não é nada convidativo à 1h, hora local do início da partida. “O Brasileiro é transmitido por um canal daqui, mas a Copa do Brasil é pela internet. Temos um grupo de cinco cruzeirenses. Geralmente nos reunimos, mas como tenho filhos pequenos, a final vai ser em casa”.*

### **Porções textuais do provérbio:**

- 1) Longe dos olhos,
- 2) Perto do coração.

O texto afirma que torcedores amantes do Atlético e do Cruzeiro, que moram em outros países, não deixam de acompanhar os seus times. Assim, apesar das dificuldades – distância, não transmissão do jogo pela TV do país no qual os torcedores moram, fuso horário distinto –, eles ainda se organizam para acompanhar os jogos e torcer para os seus times.

As informações de nível genérico presentes no provérbio são:

- Algo ou alguém está distante de uma outra pessoa, ou de algo, mas isso não acarreta um enfraquecimento de um sentimento verdadeiro.

No que se refere às informações específicas, citam-se:

- *Longe dos olhos* remete ao fato de que, mesmo morando em outros países, torcedores como Bruno Bueno, Gustavo Borest, Thiago Guimarães, Olimar Marinho e André Spinola continuam torcendo pelos seus times.

- *Perto do coração* refere-se ao amor ao time que não se altera com a distância.

As informações genéricas e específicas transmitem a ideia de contraste, ou seja, apesar das adversidades existentes, os torcedores ainda acompanham seus times no exterior. Essa ideia de contraste pode ser percebida também ao se relacionarem os trechos do texto que se referem às porções textuais do provérbio *Longe dos olhos, perto do coração*, como se verifica no quadro a seguir.

QUADRO 18: Trechos do texto relacionados às porções textuais  
*Longe dos olhos, perto do coração*

<i>Longe dos olhos</i>	<i>perto do coração</i>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• <i>Fora do Brasil, torcedores atleticanos e cruzeirenses</i></li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <i>transformam casas e bares em embaixadas alvinegras e celestes. Sem TV, muitos acompanharão o jogo pelo computador.</i></li> </ul>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• <i>Não importa a distância, fuso-horário, se a televisão vai ou não transmitir o jogo.</i></li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <i>Torcedor, quando é apaixonado mesmo, arruma jeito para tudo.</i></li> <li>• <i>Sempre existe um jeito de ver o time do coração em campo.</i></li> </ul>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• <i>Bruno Bueno [...] o mineiro que trabalha como pesquisador convidado na Universidade de Georgetown</i></li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <i>não abre mão de acompanhar as partidas em casa, com a esposa.</i></li> </ul>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• <i>Em Dublin, na Irlanda, o estudante Gustavo Borest</i></li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <i>não quer saber de tranquilidade. A expectativa é que cerca de 50 atleticanos se reúnam em um pub que virou ponto de encontro alvinegro na cidade.</i></li> </ul>



<ul style="list-style-type: none"> <li>• <i>Também no Reino Unido, em Londres, o cervejeiro Tiago Guimarães Falcone vai ter de ficar acordado até tarde.</i></li>   <li>• <i>[...] Olimar Marinho, que vive há oito anos em Barcelona. O sofrimento não é só pelo drama do jogo, mas pela qualidade da imagem. “Veremos o jogo pela internet. Ligamos o computador na televisão grande e sofremos com a imagem pixelada, com as falhas de conexão [...].</i></li>   <li>• <i>[...] já que nenhuma tv sueca transmite o campeonato.</i></li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <i>Ele e o amigo português Tito Macedo, que se “converteu ao atleticanismo” durante sua estadia em Belo Horizonte, vão assistir ao confronto em casa, já que no outro dia fazem prova de qualificação pela manhã.</i></li>   <li>• <i>Ele, juntamente com amigos dominicanos, austríacos, franceses e espanhóis vai vestir a camisa do Atlético amanhã.</i></li>   <li>• <i>O empresário cruzeirense André Spinola também vai ter de recorrer ao computador para acompanhar o clássico.</i></li> </ul>
---	---

As relações retóricas que expressam essa ideia de oposição e contraste são: antítese, concessão e contraste; portanto, numa análise isolada, qualquer uma dessas relações seria plausível.

Como se mencionou, tanto a antítese quanto a concessão possuem o mesmo efeito, de acordo com a definição das relações retóricas. Esse efeito é fazer com que a atitude positiva do leitor em relação ao núcleo aumente. Já o contraste possui, como efeito, levar o leitor a reconhecer a possibilidade de comparação e as diferenças manifestadas por essa

comparação. Nota-se, então, que as diferenças entre essas relações são muito tênues, o que torna difícil, muitas vezes, determinar qual dessas relações retóricas seria mais plausível para uma determinada análise.

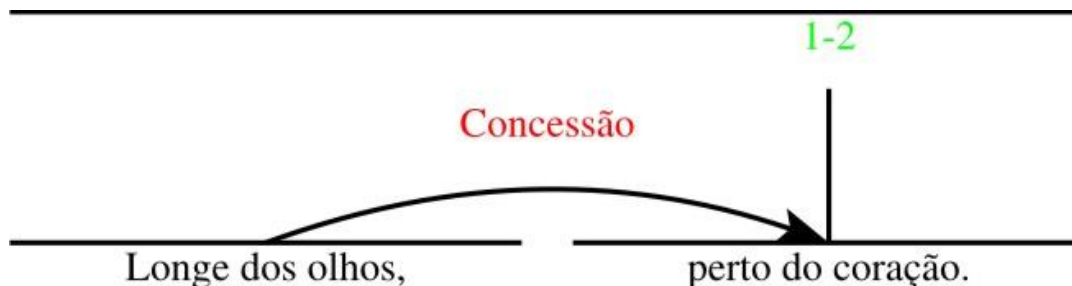
Uma diferença que se estabeleceu neste trabalho para distinguir essas relações foi levar em conta que as concessivas manifestam os seguintes valores:

- (i) a ocorrência/existência de uma situação inesperada relativamente a outra, tendo em conta o nosso conhecimento/percepção do curso normal dos acontecimentos no(s) mundo(s) que nos são acessíveis.
- (ii) a ocorrência/existência de uma situação que não é conforme às expectativas de um dado indivíduo sobre o curso previsível/desejável dos acontecimentos (MATEUS *et al.* 1983, p. 470).

Nessa perspectiva, ao se analisarem as porções textuais presentes no provérbio, observando a relação entre os provérbios e a situação específica na qual eles se encontram, considerou-se antítese, quando a relação de oposição se manifesta de forma mais expressiva, e concessão, quando a quebra de expectativa exerce uma ideia predominante entre as porções textuais; e, por fim, contraste, quando o aspecto comparativo entre as características que divergem é mais incisivo.

Analisando-se a situação particular, observa-se de forma acentuada a quebra de expectativa: esperava-se que torcedores brasileiros que moram em outros países não pudessem acompanhar ou não acompanhassem o time para o qual torcem; todavia, mesmo com as adversidades, eles continuam torcendo. Desse modo, entende-se que a relação retórica de concessão seria mais pertinente quando se analisa o provérbio, levando em conta o contexto no qual ele se encontra. Numa relação de concessão, é possível reconhecer uma potencial ou aparente incompatibilidade entre o núcleo – *perto do coração* – e o satélite *longe dos olhos*. Na relação de concessão, o reconhecimento da potencial ou aparente incompatibilidade entre o núcleo e o satélite aumenta a atitude positiva do leitor em relação ao núcleo – *perto do coração*. Nessa perspectiva, mesmo com as incompatibilidades existentes, o leitor é capaz de reconhecer que a informação presente no núcleo pode ser pertinente. A representação do provérbio *Longe dos olhos, perto do coração*, no diagrama, pode ser expressa da seguinte forma:

FIGURA 22 – Relação retórica de Concessão

**Texto 14****Longe dos olhos, perto do coração**<sup>82</sup>

*Torcedores cariocas contam como é trabalhar na hora do jogo da Seleção Brasileira*

*Rio - Assim como Neymar, Oscar, Julio Cesar e companhia suaram a camisa em Fortaleza, muitos cariocas tiveram que bater ponto e ir ao trabalho, ontem à tarde, mesmo enquanto a maior parte da população torcia e vibrava a cada ataque da Seleção. Sem poder assistir ao jogo pela TV, alguns deles contaram como é estar na 'contramão da História'.*

*Silvano Morais, 52 anos, é despachante dos ônibus da empresa Expresso Pégaso e sua visão durante o jogo era diferente da maioria dos cariocas. Durante os 90 minutos da partida não viu nada além de uma pouco movimentada Avenida Chile, no Centro. Segundo ele, em 23 anos de profissão, trabalhou em todos os dias de jogos do Brasil em Copas do Mundo.*

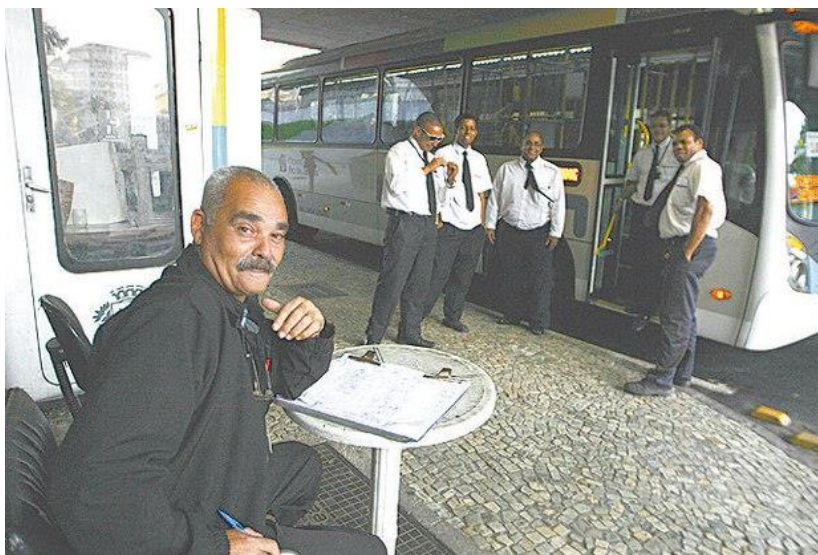


*Empregados de uma padaria em Vila Isabel: movimento foi intenso  
Foto: Alexandre Vieira / Agência O Dia*

<sup>82</sup> Disponível em: <<http://odia.ig.com.br/noticia/rio-de-janeiro/2014-06-17/longe-dos-olhos-perto-do-coracao.html>>. Acesso em: 13 nov. 2014.

Em 17 de julho de 1994, porém, resolveu chegar mais cedo ao serviço. “Consegui sair a tempo de ver o Baggio chutar o pênalti para fora e o Brasil ser tetracampeão do mundo”, lembra Silvano, falando sobre a final da Copa do Mundo de 1994, quando o Brasil venceu a Itália nos pênaltis e conquistou o tetracampeonato nos Estados Unidos.

Nesta terça-feira, Silvano estava desolado pelo fato de não poder acompanhar a família no churrasco que foi realizado em Campo Grande, bairro da Zona Oeste onde mora. Mesmo assim, sentia que, em sua função, estava ajudando a cidade. “Já me acostumei a não ver Copa do Mundo. É meu dever ficar aqui e ajudar na mobilidade da cidade. O mundo todo está aqui. Se eu falhar, posso prejudicar a imagem do país”, diz Silvano, consciente da importância de sua função. Ele não é grande fã de futebol — torcedor do Fluminense, disse que acompanha o clube sem fanatismo. O cenário muda quando o assunto é a seleção brasileira. “Se nós formos hexacampeões, minha família irá me avisar. E eu estarei aqui sozinho, comemorando muito”, resume, sem firulas.



O despachante Moraes: ‘Se eu falhar, posso prejudicar a imagem do país’  
Foto: Alexandre Vieira / Agência O Dia

### **Um dia de trabalho dobrado**

O posto de trabalho de Úrsula de Souza, 30 anos, pode ser privilegiado para fãs do futebol, já que fica perto de uma das entradas do Maracanã. Ela trabalha no atendimento aos turistas num quiosque de informações montado no estádio e também não pode assistir ao jogo desta terça. “Contra a Croácia também fiquei aqui, sem rádio ou TV. Meus parentes e amigos avisaram por mensagem de texto quando o Brasil marcou os gols”, disse ela, que, mesmo nervosa, parou de checar o telefone para atender um francês, que pedira informações.

A temperatura estava quente em campo e no Bar e Padaria Vilarejo, em Vila Isabel, que recebeu dezenas de clientes durante o jogo. O chefe de cozinha Luiz Gonzaga, 50, se desdobrava para atender aos pedidos. “Para muitos, é dia de comemoração. Para mim, é de trabalho dobrado”.

**Porções textuais do provérbio:**

- 1) Longe dos olhos,
- 2) Perto do coração.

O texto apresenta depoimentos de torcedores que não podem assistir aos jogos da seleção brasileira, pois trabalham nos horários das partidas.

No que se refere às informações genéricas presentes no texto, menciona-se:

- Algo ou alguém está distante de uma outra pessoa, ou de algo, mas isso não acarreta um enfraquecimento de um sentimento verdadeiro.

Já no que diz respeito às informações específicas, podem-se mencionar:

- Longe dos olhos remete aos torcedores que trabalham nos dias de jogos da seleção brasileira.
- Perto do coração refere-se aos torcedores que, mesmo não assistindo aos jogos, continuam torcendo pela seleção brasileira.

As informações genéricas e específicas demonstram que há uma ideia de oposição que se manifesta no texto. Assim, apesar de alguns torcedores trabalharem nos dias de jogos da seleção brasileira e, por isso, não assistirem aos jogos, eles continuam torcendo pela seleção.

Essa oposição pode ser verificada também nas porções textuais presentes no texto que se referem a *Longe dos olhos* e a *perto do coração*, conforme se explicita no quadro a seguir:

QUADRO 19: Trechos do texto relacionados às porções textuais  
*Longe dos olhos, perto do coração*

<i>Longe dos olhos</i>	<i>perto do coração</i>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• <i>Durante os 90 minutos da partida não viu nada além de uma pouca movimentada Avenida Chile, no Centro. [...] em 23 anos de profissão, trabalhou em todos os dias de jogos do Brasil em Copas do Mundo.</i></li> <li>• <i>Ela trabalha no atendimento aos turistas num quiosque de informações montado no estádio e também não pode assistir ao jogo desta terça.</i></li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <i>E eu estarei aqui sozinho, comemorando muito.</i></li> <li>• <i>Meus parentes e amigos avisaram por mensagem de texto quando o Brasil marcou os gols, disse ela, que, mesmo nervosa, parou de checar o telefone para atender um francês [...].</i></li> </ul>

Embora o texto anterior (13) utilize-se do mesmo provérbio do texto (14), nota-se que, no texto (13), os torcedores, ainda que haja dificuldades, procuram acompanhar os jogos do seu “time do coração”, mesmo longe do Brasil. Assim, a quebra de expectativa é bem acentuada, já que se esperava que pessoas que residam em outros países não acompanhassem os jogos. Já no texto (14), verifica-se também a possibilidade da inferência de uma quebra de expectativa, porque os torcedores que trabalham e não podem assistir aos jogos também torcem para o Brasil. Todavia, nota-se, ao longo do texto, um contentamento dos torcedores, que aceitam essa situação e não tentam fazer algo para alterá-la, como se percebe em:

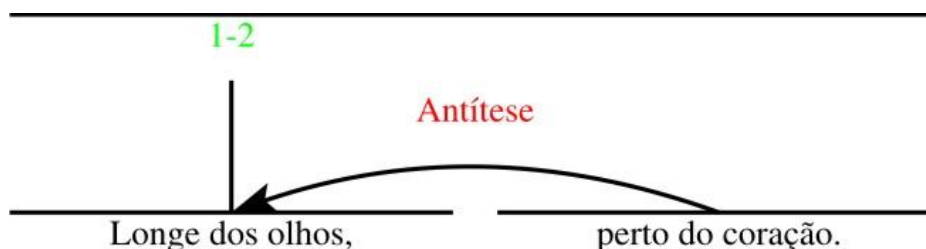
- “Já me acostumei a não ver Copa do Mundo. É meu dever ficar aqui e ajudar na mobilidade da cidade. O mundo todo está aqui. Se eu falhar, posso prejudicar a imagem do país”, diz Silvano, consciente da importância de sua função.
- “Para muitos, é dia de comemoração. Para mim, é de trabalho dobrado”.

Esse contentamento por parte dos torcedores permite compreender que, ao associar este provérbio com o cotexto, verifica-se uma ideia mais acentuada de oposição

do que de quebra de expectativa. Essa ideia que se destaca possibilita que se considere como mais plausível a relação de antítese do que de concessão. Ressalta-se a ideia de oposição; diferentemente do texto (13), em que os torcedores usam de todos os meios possíveis para acompanhar os jogos, no texto (14) os torcedores aceitam o fato de não poderem assistir aos jogos; entretanto, continuam torcendo para o Brasil. Desse modo, a presença da incompatibilidade que permite a inferência de um contraste é bem nítida na relação desse provérbio com a situação específica. Entende-se que a ideia predominante no texto (14) poderia ser parafraseada da seguinte forma: *longe dos olhos, mas perto do coração*.

Em *Longe dos olhos, perto do coração*, como se determinou mais plausível a relação de antítese, o núcleo é *longe dos olhos* e o satélite é *perto do coração*. Na relação de antítese, o núcleo e o satélite estão em contraste. Assim, o leitor precisa perceber a incompatibilidade suscitada pelo contraste e que ela não impossibilita que algo esteja *longe dos olhos, mas perto do coração*. O diagrama da relação de antítese pode ser representado da seguinte forma:

FIGURA 23 – Relação retórica de Antítese



## Texto 15

### *Filho criado, trabalho dobrado*<sup>83</sup>

Jane M

29 de abril de 2011

*Aquela frase “filho criado, trabalho dobrado” me parecia algo bem distante, talvez referente a um trabalho que se tem com filhos adolescentes, numa fase em que já os consideramos como criados no sentido bíblico, ou seja, alimentados e crescidos o suficiente para cuidarem de si mesmos.*

<sup>83</sup> Disponível em: <<http://mulheresimpossiveis.wordpress.com/2011/04/29/filho-criado-trabalho-dobrado/>>. Acesso em: 12 abr. 2013.

*Mas tenho verificado – e olha que minha verificação nem é tão antiga, verifico somente há 5 anos – que o trabalho dobrado começa bem mais cedo do que eu imaginava.*

*Eu admito que bebês dão muito trabalho (tanto que optei por não ter mais bebês, traumatizei), mas talvez seja mais uma questão de insegurança ~~das~~ mães<sup>84</sup> dos pais. Bebês não falam o que se sentem e, se considerarmos que o choro é proporcional à dor ou ao incômodo, concluímos que se estão chorando muito estão sofrendo absurdamente. O fato é que isso nem sempre é verdade.*

*Quando as crianças já sabem falar o que dói fica bem mais fácil saber porque tanto choram. Só que se a criança pára de brincar e vem contar que algo está doendo pode ter certeza que é porque o machucado foi feio. Ou algum pedaço já foi arrancado. Ou o tombo foi do lugar mais alto possível.*

*Também comer passa a ser um drama nacional, porque eles não só falam o que querem, como param de gostar das coisas de uma hora pra outra. O João é expert em falar que não gosta mais disso ou daquilo. O detalhe é que ele não gosta mais de algo que ele gostava até ontem, por exemplo.*

*Filhos maiores dão trabalhos maiores, os tombos são mais feios, as brigas na escola são promovidas de mordidas à seções de luta-livre, eles escolhem amigos que os maltratam (e as vezes as mães se matam e eles seguem se amando), eles se acham burros, ficam irados porque não conseguem fazer algo que querem (mesmo não sendo a hora ainda), enfm...*

*As únicas criaturas que acham que o fato de estarem criados não seria motivo de tanta preocupação são os próprio filhos, e eles inclusive usam com muita frequência a célebre frase: – mamãe, eu não sou mais um bebê! Traduzindo: RELAXA!!!*

*Mas como relaxar?*

### **Porções textuais do provérbio:**

- 1) Filho criado,
- 2) Trabalho dobrado.

Ao fazer alusão ao provérbio *Filho criado, trabalho dobrado*, a autora do texto argumenta que o uso do provérbio pode transmitir a ideia de que só quando os filhos estão maiores, a partir da adolescência, é que darão mais trabalho. Todavia, ela apresenta sua própria experiência para mostrar que, ainda crianças, as dificuldades já são perceptíveis:

---

<sup>84</sup> Grifo presente no texto original.



- “Mas tenho verificado – e olha que minha verificação nem é tão antiga, verifico somente há 5 anos – que o trabalho dobrado começa bem mais cedo do que eu imaginava”.

Observando as informações presentes na metáfora GENÉRICO É ESPECÍFICO, no nível genérico, o esquema possível seria:

- Há alguém na condição de filho, o qual já foi educado pelos seus pais ou responsáveis.
- Essa pessoa, mesmo tendo recebido educação, ainda necessita do auxílio daqueles que a educaram.
- Os pais ou responsáveis terão um trabalho maior quando o filho já for considerado *criado*.

As informações específicas podem ser organizadas da seguinte forma:

- *Filho criado* remete ao crescimento dos filhos, isto é, não é necessário que eles sejam adolescentes ou adultos para se inserirem na condição de *filho criado*.
- *Trabalho dobrado*: à medida que os filhos crescem, as preocupações e o trabalho aumentam.

As informações específicas revelam que o provérbio *Filho criado, trabalho dobrado* contradiz o que, geralmente, se espera dos filhos: *quanto maiores eles estiverem, menos trabalho darão*. Assim, as informações do provérbio transmitem uma contraexpectativa, como se verifica ao organizar um quadro com os trechos do texto correspondentes ao provérbio *Filho criado, trabalho dobrado*.

QUADRO 20: Trechos do texto relacionados às porções textuais  
*Filho criado, trabalho dobrado*

<i>Filho criado,</i>	<i>trabalho dobrado.</i>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• [...] verifico somente há 5 anos</li>   <li>• Filhos maiores</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• – que o trabalho dobrado começa bem mais cedo do que eu imaginava.</li>   <li>• dão trabalhos maiores, os tombos são mais feios, as brigas na escola são promovidas de mordidas à seções de luta-livre, eles escolhem amigos que os maltratam (e as vezes as mães se matam e eles seguem se amando), eles se acham burros, ficam irados porque não conseguem fazer algo que querem (mesmo não sendo a hora ainda) [...].</li> </ul>

Essa contraexpectativa poderia conduzir o analista a compreender uma incompatibilidade entre as unidades textuais. Em uma análise isolada do provérbio, sem a situação particular na qual ele se encontra, seria possível considerar coerentes as relações de antítese e concessão. Nesse caso, mesmo em uma análise isolada, não seria tão plausível a relação de contraste, já que o seu efeito é levar o leitor a reconhecer a possibilidade de comparação e a(s) diferença(s) suscitada(s) por essa comparação. Compreende-se que, mais do que comparar *filho criado com trabalho dobrado*, a característica principal dessas unidades seria expressar uma incompatibilidade, o que justifica a plausibilidade das relações de antítese e concessão.

Conforme se afirmou em outras análises, as relações de antítese e concessão possuem o mesmo efeito: aumentar a atitude positiva do leitor em relação ao núcleo. Isso significa que, mesmo que, entre núcleo e satélite, existam ideias que não são compatíveis, o leitor é capaz de aceitar essa incompatibilidade e ser favorável ao que é mencionado no

núcleo. O fato de antítese e concessão terem efeitos semelhantes faz com que, muitas vezes, como já foi dito, seja difícil estabelecer uma diferença entre elas. Isso também se verifica em uma abordagem tradicional na diferenciação entre adversativas e concessivas.

No caso da RST, como já se mencionou, não há uma relação denominada adversativa, mas a antítese seria a que mais se assemelharia a essa nomenclatura. Segundo Neves (1999),

A resolução da relação entre adversativas e concessivas não é simples, como não é simples a implicação que se pode apontar entre as relações causais, condicionais e concessivas, todas elas expressivas de uma conexão “causal” *lato sensu* estendida, e todas elas explicáveis em dependência de satisfação/ não satisfação de necessidade/de suficiência de determinadas condições (NEVES, 1999, p. 545).

Embora as diferenças entre adversativas e concessivas sejam tênues, há algumas características que contribuem para definir uma concessiva, tais como o fato de elas negarem “conclusões possíveis a partir de premissas dadas” (SALGADO, 2007, p. 32). Além disso, como afirmam Rodrigues *et al.* (1999), a concessão representaria a não satisfação de uma determinada condição.

Observa-se que a ideia que sobressai no texto é de que quanto maiores forem os filhos, mais trabalho eles darão, conforme se nota no trecho do texto:

- “Filhos maiores dão trabalhos maiores, os tombos são mais feios, as brigas na escola são promovidas de mordidas à seções de luta-livre, eles escolhem amigos que os maltratam (e as vezes as mães se matam e eles seguem se amando) [...]”.

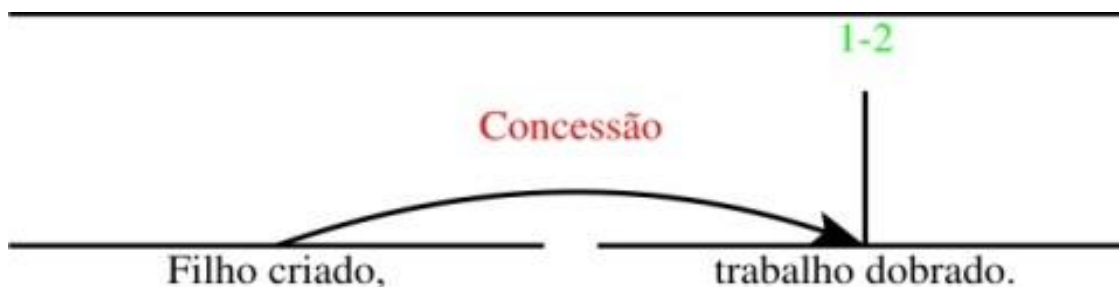
Se, quanto maiores os filhos, maior é o trabalho, isso contraria uma conclusão lógica possivelmente esperada: *filhos maiores, mais maduros, menores seriam os trabalhos dos pais*. Assim, verifica-se que a quebra de expectativa é uma ideia que perpassa o texto em que o provérbio está inserido. Essa quebra de expectativa é um aspecto definidor da relação de concessão, o que permite que se julgue como mais plausível a relação de concessão do que antítese para o provérbio em questão. Na relação de concessão para *Filho criado, trabalho dobrado*, a primeira unidade textual representa o satélite (*Filho criado*), já que se pode afirmar que, embora o filho seja *criado*, ou já

esteja crescendo, o trabalho dos pais com os filhos aumenta em vez de diminuir. Já o núcleo é representado pela segunda porção textual (*trabalho dobrado*). Na relação retórica de concessão, a restrição sobre o núcleo refere-se ao fato de o leitor conseguir julgar o núcleo válido, ou seja, é válido dizer *trabalho dobrado*, mesmo quando os filhos já estão criados. Quanto às restrições ao satélite na relação de concessão, considera-se que o escritor não afirma que o satélite pode não ser válido. Assim, apesar de o núcleo ser válido (*trabalho dobrado*), isso não inviabiliza dizer que a informação do satélite não seja pertinente (*filho criado*). Uma diferença da relação de concessão para a de antítese é que nesta não há restrições para o satélite, já naquela há. As diferenças entre relações de concessão e antítese são muito fluidas e o que se observa é que a RST não consegue propor uma diferenciação palpável para essas duas análises. Para estabelecer se a relação de antítese ou de concessão seria mais plausível, só as definições apresentadas pela RST não foram suficientes, foi preciso que se consultassem outros estudiosos que trabalham com a concessão para que se conseguisse estabelecer uma diferenciação mais concreta entre concessão e antítese. Neves (1999) afirma que uma característica marcante da concessiva é a *quebra de expectativa*; logo, com base nos estudos de Neves (1999), considerou-se essa característica como norteadora para diferenciar *concessão* de *antítese*.

A situação específica na qual o provérbio se encontra reafirma a plausibilidade de uma relação retórica de concessão, mas também transmite um sentido a mais, pois explicita que a palavra *criado* não remete apenas a filhos que já estão na adolescência ou já atingiram a idade adulta, mas até a crianças, referindo-se ao crescimento natural dos filhos.

O diagrama da relação retórica de concessão para *Filho criado, trabalho dobrado* foi representado a seguir:

FIGURA 24 – Relação Retórica de Concessão

**Texto 16****Filho criado, trabalho dobrado**<sup>85</sup>

Mostradanus

30 de novembro de 2012

*O maior problema dos filhos ou filhas que criamos com todo carinho, dedicando toda nossa vida e esforço para educá-los corretamente e fazê-los pessoas de bem, é que eles(as) não absorvem os ensinamentos, tais como disciplina, organização, gastos e critérios na hora de comprar objetos de consumo.*

*Querem sempre o mais caro, as griffes, influenciados(as) por amigos(as) que esbanjam dinheiro, ou porque os pais têm sobrando, ou porque mesmo não sendo ricos, são filhos de famílias descontroladas que vivem endividadas para satisfazer o luxo e como se diz, padecer o bucho.*

*Então, o maior problema com os filhos(as) não é, ou não tem sido, pelo menos para alguns pais, sustentá-los, mas mantê-los em casa obedecendo as regras disciplinares.*

*Eles(as) avacalham com tudo, quartos desarrumados, querem o carro na hora que não é possível e se julgam no direito de exigir. Não querem assumir as responsabilidades, usam as coisas e não retornam ao lugar de onde tiraram.*

*Existem objetos de uso comum e que você guarda naquele lugar de sempre (uma casa organizada é assim) e eles crescem e você não acha mais nada. Até um telefone celular, você tem que comprar da marca diferente da que eles usam, para que o seu carregador não desapareça, isso pra citar um pequeno exemplo, dos atrevimentos que eles(as) são capazes.*

*Por isso justifica-se o antigo ditado, que atualmente se justifica mais ainda:*

**Filho criado, trabalho dobrado.**

*Resultado, nervosismo, desagregação familiar, cada um trancado nos quartos, cada um com seu computador, com sua TV e a infelicidade invade e toma conta, como se o mundo estivesse desabando.*

<sup>85</sup> Disponível em: <<http://www.recantodasletras.com.br/artigos/4013609>>. Acesso em: 10 nov. 2013.

*É preciso ter muita conversa, muito dialogo e muita paciencia para enfrentar esse tipo de situação, até que a maturidade chegue, devagarinho e vá tomando conta do pedaço.*

*É uma fase complicada, inevitável, mas como diria aquele cantor petit-pois, “tudo passa, tudo passará”.*

### **Porções textuais do provérbio:**

- 1) Filho criado,
- 2) Trabalho dobrado.

O texto argumenta que, apesar de os pais procurarem educar bem seus filhos, estes, muitas vezes, não usam sempre os ensinamentos transmitidos pelos pais, como é perceptível nos trechos do texto:

- “Querem sempre o mais caro, as griffes, influenciados (as) por amigos(as)”;
- “Eles (as) avacalham com tudo, quartos desarrumados, querem o carro na hora que não é possível e se julgam no direito de exigir”.
- “[...] e eles crescem e você não acha mais nada”.

Se os pais transmitem ensinamentos aos seus filhos, a expectativa é de que os filhos sigam aquilo que lhes foi ensinado; todavia, segundo o texto, não é isso que ocorre. Essa incompatibilidade também se manifesta nas informações do nível genérico:

- Há alguém na condição de filho, o qual já foi educado pelos seus pais ou responsáveis.
- Essa pessoa, mesmo tendo recebido educação, ainda necessita do auxílio daqueles que a educaram.
- Os pais ou responsáveis terão um trabalho maior quando o filho já for considerado *criado*.

Já as informações específicas possíveis são:

- *Filho criado*: aqueles que receberam uma orientação e uma educação dos pais.
- *Trabalho dobrado*: não seguem a orientação recebida pelos pais, acabam agindo de forma diversa daquela que os pais desejam.

O processo metafórico expressa, assim, uma não satisfação do que se deseja numa perspectiva lógica: que os filhos sigam as orientações dos pais. No quadro a seguir, apresenta-se essa incompatibilidade por meio dos trechos do texto que se referem ao provérbio.

QUADRO 21: Trechos do texto relacionados às porções textuais  
*Filho criado, trabalho dobrado*

<i>Filho criado,</i>	<i>trabalho dobrado</i>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• <i>O maior problema dos filhos ou filhas que criamos com todo carinho, dedicando toda nossa vida e esforço para educá-los corretamente e fazê-los pessoas de bem,</i></li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <i>é que eles(as) não absorvem os ensinamentos, tais como disciplina, organização, gastos e critérios na hora de comprar objetos de consumo.</i></li> <li>• <i>Então, o maior problema com os filhos(as) não é, ou não tem sido, pelo menos para alguns pais, sustentá-los, mas mantê-los em casa obedecendo as regras disciplinares.</i></li> <li>• <i>Eles(as) avacalham com tudo, quartos desarrumados, querem o carro na hora que não é possível e se julgam no direito de exigir. Não querem assumir as responsabilidades, usam as coisas e não retornam ao lugar de onde tiraram.</i></li> </ul>

	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <i>Existem objetos de uso comum e que voce guarda naquele lugar de sempre (uma casa organizada é assim) e eles crescem e você não acha mais nada. Até um telefone celular, voce tem que comprar da marca diferente da que eles usam, para que o seu carregador não desapareça, isso pra citar um pequeno exemplo, dos atrevimentos que eles(as) são capazes.</i></li> </ul>
--	--

Essa não satisfação e incompatibilidade que se manifestam nas porções textuais também conduziriam o analista a considerar, numa análise isolada, como plausíveis as relações de antítese e concessão, do mesmo modo que aconteceu na análise anterior (15). Todavia, o cotexto reforça a ideia de quebra de expectativa, o que justifica a escolha da relação de concessão como mais plausível. Essa quebra de expectativa é sintetizada em:

- “O maior problema dos filhos ou filhas que criamos com todo carinho, dedicando toda nossa vida e esforço para educá-los corretamente e fazê-los pessoas de bem, é que eles(as) não absorvem os ensinamentos, tais como disciplina, organização, gastos e critérios na hora de comprar objetos de consumo”.

A relação de concessão caracteriza-se, como já se mencionou, por apresentar uma incompatibilidade aparente ou potencial entre o núcleo e o satélite. No caso desse provérbio, o núcleo seria representado por *trabalho dobrado* e o satélite por *filho criado*. A relação de concessão seria coerente ao se compreender que, *embora o filho esteja criado, o trabalho seja dobrado*.

O provérbio *Filho criado, trabalho dobrado*, mesmo sendo apresentado em situações particulares diferentes, teve a mesma relação retórica emergente – concessão – considerada plausível. Foi observado em análises anteriores que, até mesmo quando a relação retórica é a mesma para um provérbio, o cotexto contribui para trazer uma informação a mais, ou diferente, e possibilitar outras construções de sentido. Na análise

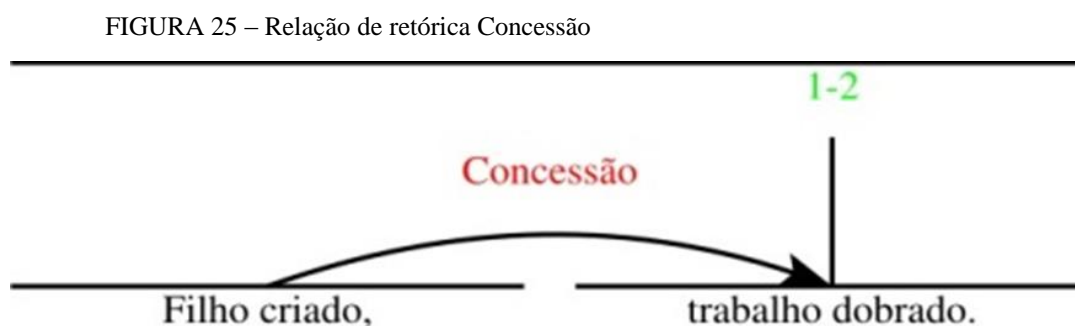


do texto (15), o uso da palavra *criado* foi feito de forma ampla, sendo atribuído não apenas a adolescentes ou a adultos, mostrando que, à medida que os filhos crescem, independentemente da idade, mesmo que sejam crianças ainda, eles darão trabalho. Já na análise (16), o uso de *criado* não é tão amplo, pois refere-se aos filhos em uma idade maior e não a crianças, depois que já receberam uma orientação e uma educação mais detalhada por parte dos pais, considerando aspectos como organização e disciplina. Além disso, o texto (16) acrescenta uma ideia que não está presente no texto (15) – uma maneira de lidar com essa situação de *filho criado, trabalho dobrado*, conforme é perceptível em:

- “É preciso ter muita conversa, muito dialogo e muita paciencia para enfrentar esse tipo de situação, até que a maturidade chegue, devagarinho e vá tomando conta do pedaço”.

Desse modo, o texto (16) oferece uma sugestão, um conselho, mesmo que superficial, de como os pais devem agir diante das situações difíceis em que eles precisam lidar com os filhos. Apesar de os textos (15) e (16) apresentarem a mesma relação retórica como plausível, o cotexto permite que novos sentidos sejam estabelecidos e acrescentados às informações gerais e fixas inerentes aos provérbios.

A representação do diagrama para esse provérbio pode ser expressa do seguinte modo:



**Texto 17****MAL COM ELE, PIOR SEM ELE**<sup>86</sup>

VIVIANE MANSI

8 DE OUTUBRO DE 2012

*Muita gente reclama da quantidade de e-mails que recebe todos os dias. Duas consultorias, chamadas The Grossman Group e LCWA Research Group, olharam em detalhes essa questão e publicaram este ano o resultado de uma pesquisa em que avaliam qual o tamanho do problema e as possíveis soluções.*

*Simplificadamente, a pesquisa diz que:*

*1) E-mails são de fato uma ferramenta de comunicação interna efetiva. Pelo menos é o que dizem 84% dos executivos, 83% dos gerentes e 77% dos funcionários entrevistados.*

*2) Precisamos repensar o uso, mas eliminá-lo não é a solução. 47% dos executivos, 57% dos gerentes e 35% dos funcionários concordam com a afirmação de que os e-mails (só aqueles voltados para o trabalho, que era o foco da pesquisa) devem ser repensados.*

*Os gerentes estimam investir uma média de 24 minutos por dia com e-mails irrelevantes. O número parece baixo se considerarmos um único dia, mas somam mais de 100 horas do ano.*

*Se muita gente reclama, pelo menos também dá umas dicas de que como melhorar a questão: reforçar a etiqueta no uso dos e-mails, limitar quantidade de e-mails fora do horário de trabalho e até durante o expediente são soluções apresentadas pelos entrevistados.*

*Sobre uso inadequado de e-mails, as principais queixas são: muitos replies na mesma mensagem, uso do reply all, cópia para muita gente sem necessidade, falta de clareza na mensagem, usar e-mail quando reunião ou telefone são mais apropriados.*

*3) Gerentes são especialmente afetados pelo mau comportamento no uso da ferramenta. Esse grupo acessa mais e-mails fora da jornada regular de trabalho do que seus funcionários. Eles dizem que o hábito se criou para evitar que nada importante seja esquecido, preparar o próximo dia de trabalho, ler/responder e-mails que eles não tiveram tempo de responder durante o dia e evitar o workload do dia seguinte. Os números são críticos: 79% dos gestores entrevistados disseram responder e-mails fora do horário de trabalho. Desse grupo, 68% diz que acessa e-mails via smartphone.*

*Para quem quiser buscar detalhes da pesquisa, ela se chama 2012 World-Related Email Perception Study. No reporte que eu tive acesso, infelizmente não é mencionado o tamanho da amostra. Diz apenas que a pesquisa foi feita 70766 com as 1000 maiores companhias listadas na Fortune.*

---

<sup>86</sup> Disponível em: <<http://www.comunicacaocomfuncionario.com.br/2012/10/08/e-mail-mal-com-ele-pior-sem-ele/>>. Acesso em: 10 maio 2013.

**Porções textuais do provérbio:**

- 1) Mal com ele,
- 2) Pior sem ele.

O texto diz respeito aos *prós e contras* gerados pelo uso de *e-mail* em empresas. Ademais, a argumentação construída pelo autor possibilita a compreensão de que, apesar dos aspectos negativos relacionados ao uso do *e-mail*, ainda assim, ele se configura como uma ferramenta importante nas empresas, conforme se pode ver a seguir:

- “E-mails são de fato uma ferramenta de comunicação interna efetiva. Pelo menos é o que dizem 84% dos executivos, 83% dos gerentes e 77% dos funcionários entrevistados”.

Quanto aos aspectos negativos relacionados ao *e-mail*, cita-se:

- “Sobre uso inadequado de e-mails, as principais queixas são: muitos replies na mesma mensagem, uso do reply all, cópia para muita gente sem necessidade, falta de clareza na mensagem, usar e-mail quando reunião ou telefone são mais apropriados”.

A respeito das informações genéricas e específicas presentes no provérbio, no nível genérico, depreendem-se:

- Há algo ou alguém que possui alguma característica que não é favorável à outra pessoa.
- Mesmo algo ou alguém possuindo aspectos negativos, esses não são maiores que os positivos.

Já as informações específicas podem ser organizadas da forma que se segue:

- *Mal com ele* remete aos pontos negativos referentes ao uso do *e-mail* no trabalho.
- *Pior sem ele* remete à importância do *e-mail* como ferramenta de trabalho.

O uso do *e-mail* no trabalho gera aspectos positivos e negativos, o que é expresso por um contraste de características, as que manifestam os problemas decorrentes do uso do *e-mail* no trabalho e as que reafirmam a importância do *e-mail* no trabalho. As informações presentes no nível genérico e no específico reforçam a incompatibilidade de ideias perceptível no provérbio e no texto: há pontos negativos sobre o uso do *e-mail*, mas isso não invalida seu uso no trabalho. Esse contraste é perceptível também no quadro a seguir, que se refere aos trechos do texto relacionados ao provérbio *Mal com ele, pior sem ele*.

QUADRO 22: Trechos do texto relacionados às porções textuais  
*Mal com ele, pior sem ele*

<i>Mal com ele,</i>	<i>Pior sem ele</i>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• <i>E-mails são de fato uma ferramenta de comunicação interna efetiva. Pelo menos é o que dizem 84% dos executivos, 83% dos gerentes e 77% dos funcionários entrevistados.</i></li> <li>• <i>Os gerentes estimam investir uma média de 24 minutos por dia com e-mails irrelevantes. O número parece baixo se considerarmos um único dia, mas somam mais de 100 horas do ano.</i></li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <i>Precisamos repensar o uso, mas eliminá-lo não é a solução. 47% dos executivos, 57% dos gerentes e 35% dos funcionários concordam com a afirmação de que os e-mails (só aqueles voltados para o trabalho, que era o foco da pesquisa) devem ser repensados.</i></li> </ul>

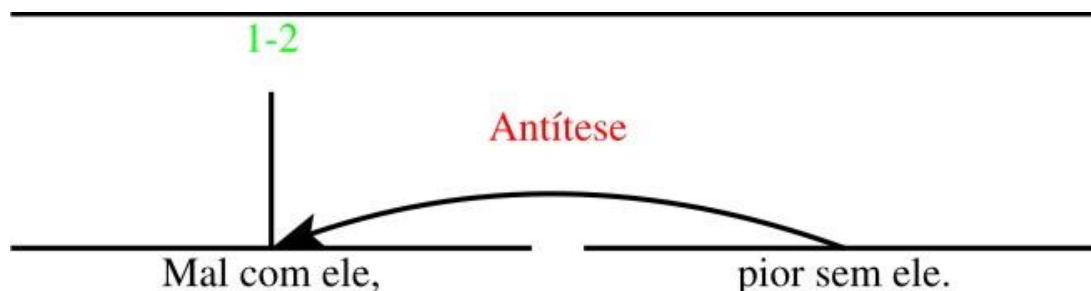
- |   |  |
|---|--|
| <ul style="list-style-type: none"> <li>• <i>Sobre uso inadequado de e-mails, as principais queixas são: muitos replies na mesma mensagem, uso do reply all, cópia para muita gente sem necessidade, falta de clareza na mensagem, usar e-mail quando reunião ou telefone são mais apropriados.</i></li> </ul> |  |
|---|--|

Uma análise isolada das unidades textuais do provérbio levaria o analista a identificar a plausibilidade das relações retóricas de antítese, concessão e contraste. Nas análises anteriores, já se demonstrou que a incompatibilidade de ideias, a qual emerge das porções textuais, justifica a plausibilidade dessas relações. Observando a situação específica em que o provérbio se encontra, compreende-se que o texto explicita as incompatibilidades no uso do *e-mail*, mas ressalta que o *e-mail* não pode ser desconsiderado. Uma diferença, que pode ser apontada para a relação de antítese e de concessão, conforme já foi dito, é que, nesta, destaca-se uma *quebra de expectativa*, já aquela revela as oposições e incompatibilidades de forma mais acentuada. Desse modo, na relação de antítese, o núcleo e o satélite estão em contraste; devido à incompatibilidade suscitada pelo contraste, não é possível ser favorável às duas situações. Analisando o provérbio juntamente com o cotexto, o que se infere é que o autor do texto conduz o leitor a pensar que a melhor escolha é continuar usando o *e-mail*. Entende-se que, mais que uma *quebra de expectativa*, o provérbio foi selecionado pelo autor do texto para enfatizar a tese de que o uso do *e-mail* no trabalho tem aspectos negativos, mas isso não invalida a importância dessa ferramenta de comunicação. A escolha da relação de antítese, para a análise, sustenta-se por se ter duas unidades textuais em contraste – Mal com ele *versus* pior sem ele – as quais, devido a essa incompatibilidade, fazem com que o leitor não possua uma atitude positiva para as duas situações: ter *e-mail* no trabalho *versus* não ter *e-mail* no trabalho.

Percebe-se que é mais destacada no texto a iminência forte de uma incompatibilidade do que de uma comparação entre esses aspectos opostos; por isso, optou-se pela escolha de uma relação de antítese, em vez de contraste.

Para uma relação de antítese, a unidade textual *mal com ele* representa o *núcleo* e *pior sem ele*, o satélite. O diagrama da relação retórica de antítese é representado do seguinte modo:

FIGURA 26 – Relação retórica de Antítese



### Texto 18

#### **MAL COM ELE, PIOR SEM ELE**<sup>87</sup>

Armando COSTA ROCHA

16 de novembro de 2003

*Sim! Com Fernando Henrique Cardoso, os brasileiros acreditavam estar submetidos aos Estados Unidos da América do Norte, apesar de que, eu sabia, dadas às matérias contrárias a FHC publicadas, em especial pelas Organizações Globo de Jornalismo, que as coisas não eram bem assim.*

*Na realidade, se via FHC, depois de tentar chamar por diversas vezes o Lula para apoiar o seu governo, como dizia ele, para poder tomar medidas mais para a esquerda; se chegar mais, internamente, para a direita.*

*Na política exterior, FHC sempre tomou atitudes, completamente contrárias, não diria contra os EUA, mas, às maneiras ilegais de ações deles! Sentia-se que o povo brasileiro queria ações e mudanças, imediatamente, e as promessas, tanto do FHC como as do candidato Serra, não pareciam nos levar a nada.*

*Entra Lula! Esperança! Mudanças! Humanismo! Socialismo! Justiça! Encontramos nessa época, discursando, uma grande figura internacional, Leonardo Boff, que dada a sua grande capacidade e conhecimento profundo da alma dos homens, declarou, mais ou menos isso: O presidente é esperança, mudança, socialismo, humanismo, e caso ele não faça o que*

<sup>87</sup> Disponível em: <<http://port.pravda.ru/news/cplp/brasil/16-11-2003/3540-0/>>. Acesso em: 12 jan. 2012.

*prometeu, eu irei pessoalmente nas rádios e TVs, comunicar ao povo brasileiro as seguintes palavras: “Lula é um traidor da pátria!”*

*Pois bem, creio que a figura tão importante para nós, Leonardo Boff, ou não tem coragem de cumprir as suas palavras, ou está esperando que a bandeira brasileira seja arriada do mastro!*

*Mas, eis que um homem, com o seu, também, prestígio internacional, se levanta e fala o que até os analfabetos já sabem! Lula é um traidor! Dito em rede nacional!*

*Nessa hora, triste, não só para os petistas, mas para TODO o Brasil; uma onda sonora, que cada vez se avoluma, repete: Mal com ele, pior sem ele!*

### **Porções textuais do provérbio:**

- 1) Mal com ele,
- 2) Pior sem ele.

No texto, argumenta-se que, durante a gestão do presidente Fernando Henrique Cardoso (FHC), o povo brasileiro demonstrava querer mudanças. Assim, a entrada do presidente Lula simboliza um recomeço, conforme é explicitado em:

- “Entra Lula! Esperança! Mudanças! Humanismo! Socialismo! Justiça!”

Apesar da expectativa em relação ao governo Lula, o autor revela uma decepção a respeito dessa expectativa:

- “Mas, eis que um homem, com o seu, também, prestígio internacional, se levanta e fala o que até os analfabetos já sabem! Lula é um traidor! Dito em rede nacional!”

A ideia construída no texto é de que havia uma esperança de mudança com a entrada de Lula no poder, mas essa mudança não se manifesta. Assim, o uso do provérbio *Mal com ele, pior sem ele* no texto permite compreender que, mesmo com as críticas ao governo de FHC, como o governo Lula não consegue atingir as expectativas, subentende-se que melhor seria o governo de FHC.

Numa análise das informações genéricas e específicas, no nível genérico, têm-se:

- Há algo ou alguém que possui alguma característica que não é favorável para outra pessoa.
- Mesmo algo ou alguém possuindo aspectos negativos, estes não são maiores que os positivos.

Já nas informações específicas, citam-se:

- *Mal com ele*: críticas ao governo FHC;
- *Pior sem ele*: o governo de Lula não atende às expectativas, o que reafirma que melhor seria a gestão de FHC.

Essas informações específicas podem ser confirmadas no quadro a seguir.

QUADRO 23: Trechos do texto relacionados às porções textuais  
*Mal com ele, pior sem ele*

<i>Mal com ele,</i>	<i>Pior sem ele</i>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• [...] Com Fernando Henrique Cardoso, os brasileiros acreditavam estar submetidos aos Estados Unidos da América do Norte, [...].</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• apesar de que, eu sabia, dadas às matérias contrárias a FHC publicadas, em especial pelas Organizações Globo de Jornalismo, que as coisas não eram bem assim.</li> <li>• [...] Lula é um traidor</li> <li>• Nessa hora, triste, não só para os petistas, mas para TODO o Brasil; uma onda sonora, que cada vez se avoluma, repete: Mal com ele, pior sem ele! não eram bem assim.</li> </ul>



Assim, as informações de nível genérico e específico ressaltam a presença da incompatibilidade, como se observou também no texto anterior, o que justifica a plausibilidade das relações de antítese, concessão e contraste, numa análise isolada. No texto anterior, verifica-se que, mais que uma *quebra de expectativa*, o reforço da incompatibilidade entre as porções textuais se sobrepõe; já, neste texto, a quebra de expectativa é ressaltada. Esperava-se que críticas iniciais ao governo de FHC, tais como “*com Fernando Henrique Cardoso, os brasileiros acreditavam estar submetidos aos Estados Unidos da América do Norte*”, seriam mantidas até o final, sugerindo que o mais importante seria uma mudança no modo de governar o Brasil, conforme se observa em:

- “Sentia-se que o povo brasileiro queria ações e mudanças, imediatamente, e as promessas, tanto do FHC como as do candidato Serra, não pareciam nos levar a nada”.

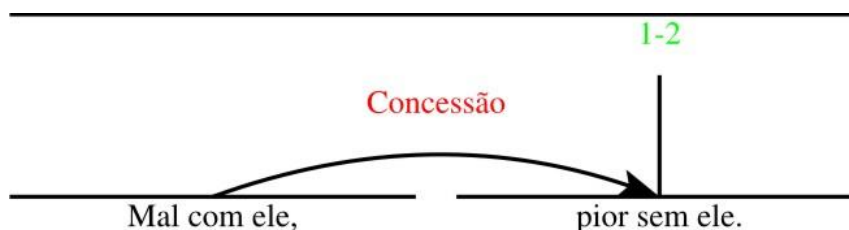
Todavia, essas mudanças não ocorrem, mesmo com a posse de Lula, o que leva o leitor a compreender que, embora FHC tivesse perdido a sua credibilidade como presidente por parte da população, melhor teria sido continuar com ele do que com Lula, como pode ser citado em:

- “Leonardo Boff, que dada a sua grande capacidade e conhecimento profundo da alma dos homens, declarou, mais ou menos isso: O presidente é esperança, mudança, socialismo, humanismo, e caso ele não faça o que prometeu, eu irei pessoalmente nas rádios e TVs, comunicar ao povo brasileiro as seguintes palavras: ‘Lula é um traidor da pátria!’ Pois bem, creio que a figura tão importante para nós, Leonardo Boff, ou não tem coragem de cumprir as suas palavras, ou está esperando que a bandeira brasileira seja arriada do mastro!”

Essa quebra de expectativa, que pode ser explicitada nas informações genéricas e específicas e no cotexto, possibilita a escolha de uma relação retórica de concessão. Desse modo, é como se fosse dito que, apesar de FHC ter sido substituído por Lula, como a gestão de Lula não atendeu às expectativas, melhor seria se FHC tivesse continuado. Nesse sentido, a unidade textual *Mal com ele* representaria o satélite de uma relação de

concessão por manifestar uma potencial incompatibilidade com o núcleo *pior sem ele*. A presença dessa incompatibilidade tem como efeito fazer com que o leitor seja favorável ao que é dito no núcleo *pior sem ele*. O diagrama de uma relação retórica de concessão para esse provérbio pode ser assim expresso:

FIGURA 27 – Relação retórica de Concessão



### Texto 19

#### **PAI RICO, FILHO NOBRE, NETO POBRE**<sup>88</sup>

Marcelo Andrade

23 de fevereiro de 2011

*O que você faria se recebesse hoje uma grande fortuna através de herança? Como você se comportaria em relação a ela?*

*Talvez tenha pensado em uma porção de coisas excelentes para gastar esse dinheiro no mundo de hoje com tantos produtos e serviços que podem nos trazer bem estar, conforto e prazer.*

*Apesar de todo conhecimento disponível em livros e na internet sobre Educação Financeira, o dito popular “pai rico, filho nobre, neto pobre” tão comumente conhecido por nós e que já foi tema de livro é realidade para muitas famílias ainda hoje.*

*Padrões comportamentais indesejados que levam uma pessoa a perder uma fortuna em pouco tempo são muito comuns e freqüentemente, vemos acontecer com quem ganha muito dinheiro até mesmo através do seu próprio trabalho, como é o caso recente de um famoso jogador de futebol do Rio de Janeiro que está falido depois de ser milionário.*

*Ao contrário do que muitos imaginam, herdar uma grande fortuna não significa dizer que a vida esteja ganha e que o dinheiro irá durar para sempre ou que o que vem fácil, vai fácil e por isso, deve-se sair por aí gastando indiscriminadamente. Estas são apenas algumas maneiras de pensar e que podem conduzir a ações e resultados desfavoráveis para a vida financeira.*

<sup>88</sup> Disponível em: <<http://marcelloandrade.wordpress.com/2011/02/23/pai-rico-filho-nobre-neto-pobre/>>. Acesso em: 10 jun. 2013.

*Os principais fatores que determinarão como cada pessoa lidará com a sua riqueza ou herança depende do que está programado em seu modelo pessoal de dinheiro (crenças, hábitos e valores) e do quanto de dinheiro se considera capaz de lidar (do seu limite financeiro). São estes os fatores que determinarão se irá cuidar para que sua fortuna se torne uma fonte inesgotável de dinheiro para o futuro ou se a gastará totalmente, vivendo apenas o momento.*

*A grande maioria das pessoas que participaram do nosso treinamento sobre Inteligência Financeira, o RICHMIND, afirmaram sonhar em deixar para seus filhos carros e imóveis. Particularmente considero isso importante, pois poderá facilitar o trajeto em busca da independência financeira a ser percorrido ao longo da vida. No entanto, em matéria de dinheiro, a melhor herança que um pai e uma mãe podem deixar aos seus filhos é o ensinamento de como administrar bem o seu dinheiro e como formar e multiplicar seu próprio patrimônio mantendo a integridade dos seus valores pessoais.*

*Esse ensinamento deve ser feito através do exemplo de suas atitudes e crenças financeiras possibilitantes, que certamente serão copiados pelos seus filhos; do consumo conscientemente e responsável; da definição e compartilhamento de regras e objetivos tanto para o consumo e quanto para a poupança da família; do estabelecimento de datas para celebrações e presentes; de conversas sobre dinheiro, administração pessoal e financeira, trabalho, sustento da família, estudos, escolha da profissão e do incentivo à independência e liberdade através de práticas como “mesada” e gratificações por bom comportamento ou cumprimento de alguma tarefa doméstica. A esta altura você deve ter percebido que para transformarmos esse velho ditado popular de “pai rico, filho nobre, neto pobre” em “preservação de geração em geração” depende muito mais da transformação dos pais do que das crianças na educação financeira. E que possivelmente seus filhos e os filhos dos seus filhos terão dificuldades em lidar com dinheiro se você não identificar e transformar suas próprias deficiências quanto ao modo como usa o dinheiro e ao tempo que quer dedicar à educação financeira deles.*

*Escolha sempre aprender a lidar melhor com as suas finanças e em seguida compartilhe seus conhecimentos com seu filho. Você estará construindo um futuro muito mais próspero.*

### Porções textuais do provérbio:

- 1) Pai rico,
- 2) Filho nobre,
- 3) Neto pobre.

O texto afirma que, mesmo com grandes heranças, é possível que alguém perca tudo o que conseguiu. Desse modo, compreende-se que herdar uma fortuna não é garantia de dinheiro eterno. Para o autor do texto, mais importante do que grandes heranças é que os pais transmitam ensinamentos para os filhos a fim de que estes consigam gerir de forma adequada o que receberem ou adquirirem ao longo da vida, conforme é perceptível em:

- “Os principais fatores que determinarão como cada pessoa lidará com a sua riqueza ou herança depende do que está programado em seu modelo pessoal de dinheiro (crenças, hábitos e valores) e do quanto de dinheiro se considera capaz de lidar (do seu limite financeiro). São estes os fatores que determinarão se irá cuidar para que sua fortuna se torne uma fonte inesgotável de dinheiro para o futuro ou se a gastará totalmente, vivendo apenas o momento”.

As informações genéricas do provérbio podem ser assim esquematizadas:

- Há alguém que é detentor de uma fortuna.
- Essa pessoa possui um filho que não será tão rico quanto ela.
- Ela possui também um neto o qual será pobre.

As informações específicas podem ser organizadas da seguinte forma:

- *Pai rico* remete a pessoas na condição de pai que são ricos.
- *Filho nobre* remete a pessoas que, embora sejam filhos de pais ricos, não conseguiram construir a mesma fortuna que seus pais; com a ressalva de que, a depender do caso, essa situação pode se alterar, se houver uma boa educação e orientação financeira em casa.

- *Neto pobre*: pessoas que, apesar de terem pais nobres e avós ricos, ficaram pobres; com a ressalva de que, a depender do caso, essa situação pode se alterar, se houver uma boa educação e orientação financeira em casa.

Conforme se verifica, neste texto, as informações específicas possuem uma característica bem geral, pois não se especifica quem seria esse pai, esse filho e esse neto. Desse modo, é possível preencher esse lugar de pai, filho e neto por qualquer pessoa que se inclua em algum nível dessa hierarquia familiar. Os trechos do texto que fazem referência ao provérbio *Pai rico, filho nobre, neto pobre* estão representados no quadro a seguir:

QUADRO 24: Trechos do texto relacionados às porções textuais  
*Pai rico, filho nobre, neto pobre*

---

*Pai rico, filho nobre, neto pobre*

---

- *Padrões comportamentais indesejados que levam uma pessoa a perder uma fortuna em pouco tempo são muito comuns e frequentemente, vemos acontecer com quem ganha muito dinheiro até mesmo através do seu próprio trabalho [...].*
  - *Herdar uma grande fortuna não significa dizer que a vida esteja ganha e que o dinheiro irá durar para sempre ou que o que vem fácil, vai fácil e por isso, deve-se sair por aí gastando indiscriminadamente.*
  - *Os principais fatores que determinarão como cada pessoa lidará com a sua riqueza ou herança depende do que está programado em seu modelo pessoal de dinheiro (crenças, hábitos e valores) e do quanto de dinheiro se considera capaz de lidar (do seu limite financeiro).*
- 

Numa análise isolada do provérbio, é possível inferir uma relação de resultado, que se caracteriza pela apresentação de uma situação que causa uma consequência. Pode-se dizer, então, que o fato de o pai ser rico tem como consequência um filho nobre e um neto pobre. Conforme já se afirmou, uma análise isolada limita-se a observar as porções textuais constituintes do provérbio: a) *pai rico*; b) *filho nobre*; e c) *neto pobre*, sem levar em conta a situação de uso. Essa relação de resultado poderia ser percebida ao se

analisarem as porções textuais b) *filho nobre* e c) *neto pobre* em relação a a) *pai rico*. Outra possibilidade é identificar, como informação implícita, uma ideia de incompatibilidade que pode demonstrar que, *apesar de o pai ser rico, os filhos e netos não construíram a mesma riqueza do pai*. Essa incompatibilidade pode ser demonstrada ao se analisarem as porções textuais b) *filho nobre* e c) *neto pobre* em relação a a) *pai rico*. Se o analista considerasse a incompatibilidade como mais plausível, as relações que poderiam ser consideradas seriam: antítese, concessão e contraste. Nota-se que, tanto no caso de se inferir um resultado, quanto uma incompatibilidade, tem-se dois níveis diferentes de análise. Em um nível, há porções textuais que desempenham papel semelhante: b) *filho nobre* e c) *neto pobre*; em um outro nível, seria demonstrada a associação entre essas porções textuais e a) *pai rico*. Essa associação poderia ser de resultado; ou, então, de contraste, concessão, ou antítese, se o analista considerasse uma ideia de incompatibilidade. Para que se compreendam melhor esses dois níveis, elaboraram-se dois diagramas a fim de que se pudesse visualizar o que foi mencionado acima. Ressalta-se que esses diagramas não representam a análise final do texto (19), ou seja, foram inseridos apenas com o intuito de deixar clara de que forma os níveis citados se configuram. Assim, os diagramas possíveis, em uma análise isolada, podem ser demonstrados da seguinte forma:

FIGURA 28 – Relação retórica de Conjunção e Resultado

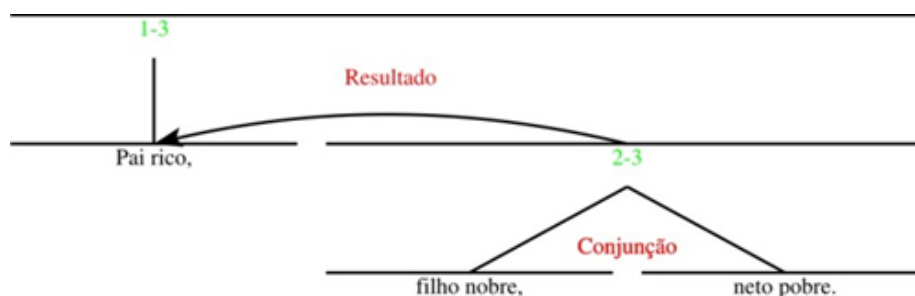


FIGURA 29 – Relação retórica de Conjunção e Antítese

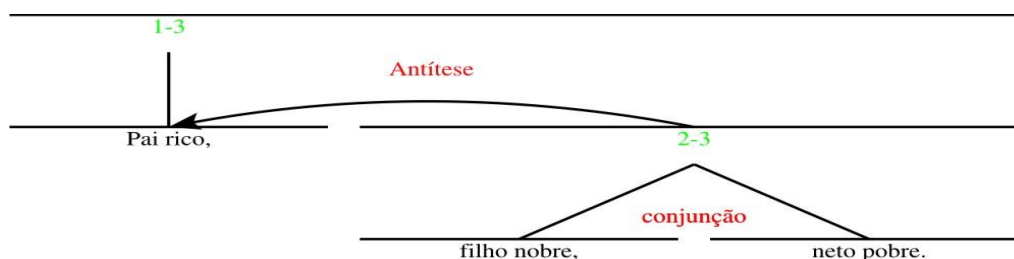


FIGURA 30 – Relação retórica de Conjunção e Concessão

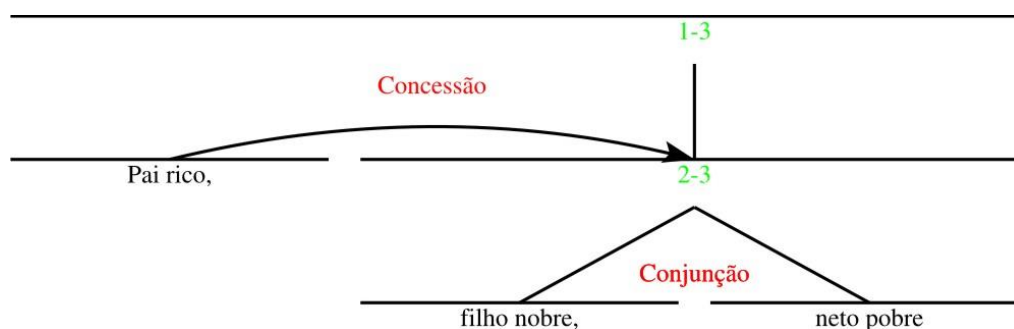
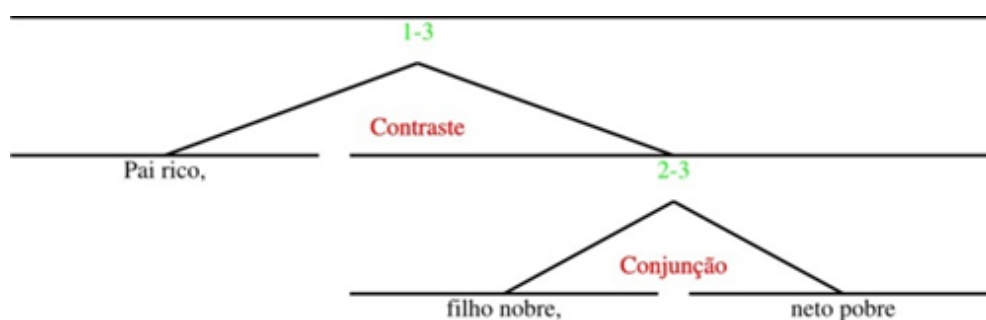


FIGURA 31 – Relação retórica de Conjunção e Contraste



Em contrapartida, levando em conta o cotexto, nota-se que, ao longo do texto, o autor usa o provérbio para afirmar também que a ideia geral nele veiculada pode ser modificada, se a herança que os pais passarem para os filhos estiver relacionada a um fator comportamental, ou seja, a ensiná-los como administrar suas finanças e seus bens, conforme se verifica em:

- “em matéria de dinheiro, a melhor herança que um pai e uma mãe podem deixar aos seus filhos é o ensinamento de como administrar bem o seu

dinheiro e como formar e multiplicar seu próprio patrimônio mantendo a integridade dos seus valores pessoais”.

A situação particular permite inferir que o uso do provérbio no texto não teve como propósito apenas reafirmar as informações de nível genérico do provérbio, mas dizer que um filho de pai rico também pode ser rico, desde que ele tenha aprendido como lidar com suas finanças. Numa análise em que seja considerado o cotexto, a relação de resultado não seria plausível, já que não significa que o fato de o pai ser rico terá como consequência filhos pobres. Do mesmo modo, se as relações de concessão, antítese, ou contraste fossem consideradas plausíveis, não seria possível depreender que os filhos e os netos também poderiam ser ricos, caso tivessem uma educação financeira adequada.

Com uma análise que leve em conta a situação comunicativa e considere o provérbio em relação ao seu cotexto, infere-se que o uso do provérbio no texto demonstra que nem sempre um pai rico terá filhos e netos com condições inferiores a ele. Essa conclusão não permite que se considere plausível uma relação de resultado, nem uma relação em que predomine a ideia de incompatibilidade numa associação do provérbio com sua situação específica – o texto selecionado da internet. Dessa forma, pôde-se perceber que, por mais que os provérbios manifestem relações de sentido preestabelecidas por uma dada comunidade linguística, essas relações podem ser modificadas pela situação de uso. Nesse contexto, o provérbio analisado em relação ao texto no qual se encontra explicita que a relação de sentido mais plausível seria a incondicional (não depende de condições), isto é, o fato de um pai ser rico não teria como consequência obrigatória filhos e netos com um menor poder aquisitivo.

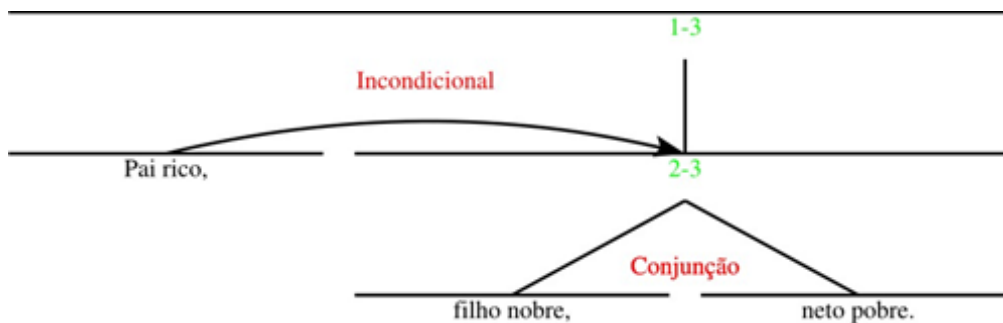
Levando em conta essas questões, para elaboração do diagrama, segmentou-se o provérbio em três partes: 1) *pai rico*; 2) *filho nobre*; e 3) *neto pobre*. Entre as porções textuais 2 e 3, depreende-se uma relação retórica de conjunção, já que esses elementos se unem para formar uma unidade em que cada um desempenha um papel semelhante. Na relação de conjunção, o efeito é permitir que o leitor reconheça que os elementos relacionados constituam um conjunto, uma unidade. As porções 2 e 3 juntas estabelecem uma relação retórica com a porção textual 1. Nessa relação, as porções 2 e 3 representam o núcleo e a porção 1 designa o satélite de uma relação incondicional, o efeito produzido é fazer com que o leitor reconheça que o núcleo não depende do satélite. No provérbio



*Pai rico, filho nobre, neto pobre*, relacionado ao seu contexto, entende-se que o fato de o filho ser nobre ou o neto pobre não depende do satélite – pai rico.

O diagrama desse provérbio pode ser representado da seguinte forma:

FIGURA 32 – Relação retórica de Conjunção e Incondicional



## Texto 20

### Pai rico, filho nobre e neto pobre<sup>89</sup>

Por Carla Bottino

A cada 100 empresas familiares fundadas no Brasil e no mundo apenas 30 passam para a 2ª geração, dessas, 15 passam para a 3ª e 4 passam para a 4ª geração (HSM Management, 2003). Parece que vai ficando mais fácil e que o difícil mesmo é passar da 1ª para a 2ª geração e, as razões são várias. Existe um ditado popular que comprova ou reforça a crença de que empresa familiar não vai dar certo por muito tempo e diz o seguinte “Pai rico, filho nobre e neto pobre.” E esse ditado existe em várias línguas.

Brasil – “Pai rico, filho nobre e neto pobre”.

Inglaterra – “Shirtsleeves to shirtsleeves in three generations” (De mangas de camisa a mangas de camisa em 3 gerações)

Itália – “Dalle stalle alle stelle alle stalle” (dos estábulos, às estrelas, aos estábulos em três gerações).

México – “Padre bodeguero; hijo millionario; nieto pordiosero” (pai comerciante, filho milionário, neto mendigo)

China – “De tamancos a tamancos em três gerações” e “Fu bu guo san dai” (as riquezas nunca se mantêm por três gerações)

Apesar desse ditado existir em vários países, ele é mais um mito que cerca as empresas familiares. O neto pobre é uma possibilidade que pode estar relacionada com uma formação acadêmica e profissional inadequada. As organizações Globo, os grupos Votorantin e Pão de Açúcar demonstram uma não ligação entre fundador rico e 3ª geração pobre.

<sup>89</sup> Disponível em: <<http://www.portaltudoemfamilia.com.br/cms/?p=1072>>. Acesso em: 20 set. 2014.

*Essa trajetória do pai rico, filho nobre e neto pobre pode ser consequência de uma formação não adequada dos herdeiros, pode estar relacionada com conflitos familiares ou até com problemas do mercado, pois, se o fundador tem uma idéia, consegue implementá-la e ela é aceita, sua empresa cresce, mas se ele não inovar, sua empresa pode quebrar. As empresas familiares duradouras são aquelas que inovam já que os ciclos de vida dos produtos estão cada vez mais curtos.*

### **Porções textuais do provérbio:**

- 1) Pai rico,
- 2) Filho nobre,
- 3) Neto pobre.

Nota-se que o uso do provérbio no título do texto não se configura como uma afirmação de que necessariamente um pai rico terá, como consequência, filhos e netos com menor poder aquisitivo do que ele. Assim, no texto, encontra-se exemplo de que filhos e netos de pais ricos também podem ser ricos. Semelhante fato pode ser comprovado em:

- “As organizações Globo, os grupos Votorantin e Pão de Açúcar demonstram uma não ligação entre fundador rico e 3ª geração pobre”.

Além disso, no texto, há informações que demonstram que o que faz com que as gerações futuras sejam mais pobres do que as anteriores não é algo definido, mas sim uma formação familiar inadequada. Como se verifica em:

- “uma formação não adequada dos herdeiros, pode estar relacionada com conflitos familiares ou até com problemas do mercado, pois, se o fundador tem uma idéia, consegue implementá-la e ela é aceita, sua empresa cresce, mas se ele não inovar, sua empresa pode quebrar”.

Ao serem observadas as informações do nível genérico, citam-se as seguintes:

- Há alguém que é detentor de uma fortuna.

- Essa pessoa possui um filho que não será tão rico quanto ela.
- Ela possui também um neto o qual será pobre.

No que se refere às informações específicas, elas podem ser organizadas do seguinte modo:

- *Pai rico*: remete à primeira geração das empresas familiares.
- *Filho nobre*: remete à segunda geração das empresas familiares, que não conseguiram se manter, o que pode ser consequência de uma formação não adequada dos herdeiros, conflitos familiares ou problemas do mercado.
- *Neto pobre*: remete à terceira e à quarta gerações das empresas familiares, que não conseguiram se manter, o que pode ser consequência de uma formação não adequada dos herdeiros, conflitos familiares ou problemas do mercado.

Os trechos do texto que se referem ao provérbio *Pai rico, filho nobre, neto pobre* estão organizados no quadro a seguir:

QUADRO 25: Trechos do texto relacionados às porções textuais  
*Pai rico, filho nobre, neto pobre*

---

*Pai rico, filho nobre, neto pobre*

---

- *A cada 100 empresas familiares fundadas no Brasil e no mundo apenas 30 passam para a 2ª geração, dessas, 15 passam para a 3ª e 4 passam para a 4ª geração (HSM Management, 2003). Parece que vai ficando mais fácil e que o difícil mesmo é passar da 1ª para a 2ª geração e, as razões são várias.*
  - *O neto pobre é uma possibilidade que pode estar relacionada com uma formação acadêmica e profissional inadequada. As organizações Globo, os grupos Votorantim e Pão de Açúcar demonstram uma não ligação entre fundador rico e 3ª geração pobre.*
  - *Essa trajetória do pai rico, filho nobre e neto pobre pode ser consequência de uma formação não adequada dos herdeiros, pode estar relacionada com*
-

---

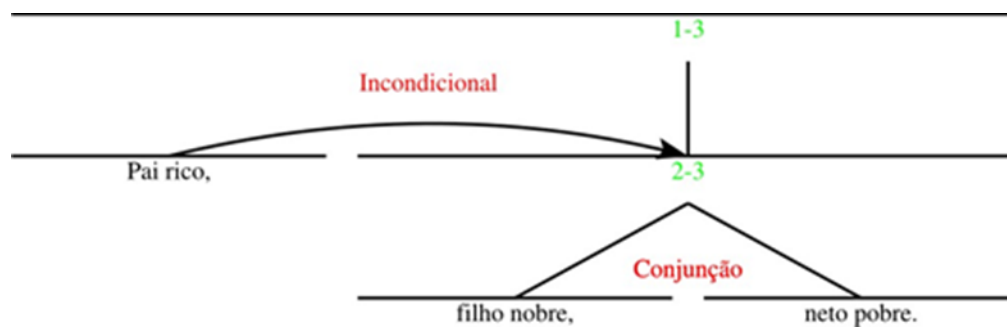
*conflitos familiares ou até com problemas do mercado, pois, se o fundador tem uma idéia, consegue implementá-la e ela é aceita, sua empresa cresce, mas se ele não inovar, sua empresa pode quebrar.*

---

Numa análise isolada do provérbio, o analista pode optar pelas mesmas relações retóricas apresentadas no texto (19), as quais são: a) resultado e conjunção e b) antítese, ou concessão, ou contraste e conjunção. Em contrapartida, numa análise em que seja considerado o cotexto, a escolha de uma relação de resultado, bem como de concessão, antítese e contraste não manifestaria todas as ideias presentes no texto, tendo em vista que essas relações especificariam que filhos e netos não conseguem construir e/ou manter o mesmo patrimônio que seus pais. Assim, nessas relações, não seria possível depreender que os filhos e netos também podem ser ricos, conforme é demonstrado no texto.

Por esses motivos, também para o texto (20), considerou-se mais plausível a relação de conjunção entre as porções textuais b) *filho nobre* e c) *neto pobre*, porque, de forma semelhante ao texto (19), considera-se que essas porções textuais desempenham papéis similares. No que concerne à porção textual a) *pai rico* e sua relação com as porções: b) *filho nobre* e c) *neto pobre*, também se considerou mais pertinente uma relação incondicional, pois o fato de o pai ser rico não se constitui como condição para filhos e netos serem pobres. Dessa forma, a representação desse provérbio no diagrama pode ser exemplificada do seguinte modo:

FIGURA 33 – Relação Retórica de Conjunção e Incondicional



## 5.2 Sistematização dos resultados

Nesta seção, os resultados são sistematizados para que se possa destacar e analisar alguns aspectos principais para este trabalho, tais como: (1) as relações retóricas encontradas numa análise do provérbio com sua situação de uso; (2) a influência da situação específica na escolha da relação retórica mais plausível para um mesmo provérbio.

Para se analisar as relações retóricas mais frequentes nos provérbios, organizou-se a tabela a seguir, como forma de facilitar a compreensão dos resultados obtidos. Ressalta-se que a análise deste trabalho é qualitativa e o uso da tabela é apenas um meio de explicar os resultados de modo mais claro e objetivo.

TABELA 1: Ocorrência das relações retóricas encontradas numa análise dos provérbios com o texto

Tipo de relação	Relações retóricas encontradas	Textos																				Total	%
		T.1	T.2	T.3	T.4	T.5	T.6	T.7	T.8	T.9	T.10	T.11	T.12	T.13	T.14	T.15	T.16	T.17	T.18	T.19	T.20		
Núcleo Satélite	Antítese													1			1					2	9%
	Causa			1	1			1	1													4	18%
	Comparação					1	1															2	9%
	Concessão	1											1		1	1		1				5	23%
	Incondicional																			1	1	2	9%
Multinuclear	Conjunção										1	1							1	1	4	18%	
	Contraste		1							1	1											3	14%
																						22	100%

Ao analisar as ocorrências da Tabela 1, observa-se que as relações núcleo-satélite encontradas no *corpus* são cinco: antítese, causa, comparação, concessão e incondicional. Já as multinucleares são apenas duas: contraste e conjunção.

A ocorrência mais significativa é da relação de concessão, correspondendo a 23% dos casos. Essa frequência demonstra que a ideia de quebra de expectativa destaca-se nos provérbios selecionados. Considera-se que essa noção acentuada de quebra de expectativa nos provérbios funciona como uma importante estratégia argumentativa e, também, como uma forma de persuasão no sentido de permitir que as divergências, evocadas pela ideia que emerge dos provérbios, constituam uma maneira de levar o leitor a aceitar a informação central transmitida pelo provérbio.

Levando em conta que os provérbios transmitem ensinamentos passados de geração para geração, acredita-se que relações retóricas que se caracterizam, de algum modo, por apresentarem um aspecto persuasivo são importantes para que o provérbio consiga se firmar como uma *verdade universal*, como um conselho que, mesmo inerente à sabedoria popular, seja considerado válido.

As relações de causa e conjunção correspondem, cada uma, a 18% dos casos; portanto, elas representam a segunda maior ocorrência dos dados analisados. A respeito da relação de causa, essa ocorrência também pode estar relacionada à característica do gênero proverbial de transmitir um aconselhamento. A relação de causa explicita a razão ou o motivo que gerou uma determinada situação. Se essas razões não forem boas, isso contribui para que o leitor do provérbio se convença de que ele não pode tomar determinadas atitudes que gerem consequências negativas. Por exemplo, no provérbio *Amigos, amigos. Negócios à parte*, uma relação de causa, que mostra que negócio entre amigos não dá certo, contribui para convencer o ouvinte ou o leitor a não realizar negócios com amigos.

Sobre a frequência da relação de conjunção, uma explicação possível para essa ocorrência pode ser baseada na característica dessa relação: formar uma unidade em que os elementos desempenham papéis semelhantes. Assim, ideias semelhantes, que emergem das porções textuais, podem contribuir para reforçar e reafirmar as informações transmitidas pelos provérbios.

Quanto ao menor número de ocorrências, citam-se as relações de antítese, comparação e incondicional, as quais representam, cada uma, 9% dos casos. A ocorrência

de apenas duas relações de antítese pode ser justificada pelo fato de que, em muitos dos textos analisados, as relações mais plausíveis foram: antítese, concessão e contraste; todavia, o cotexto permitiu que se percebesse uma *quebra de expectativa*, ou uma comparação entre aspectos divergentes, características que foram incisivas para a escolha de uma relação retórica de concessão ou contraste, respectivamente, em vez de antítese.

No que se refere à relação de comparação, observou-se que, nos provérbios analisados, a ideia de comparação esteve, frequentemente, relacionada a comparar aspectos distintos, o que leva a estabelecer uma relação de contraste em vez de comparação propriamente dita. Assim, a relação de contraste correspondeu a 14% dos casos, já a de comparação a 9% dos casos.

No que se refere à relação incondicional, a sua pequena ocorrência, 9% dos casos, pode ser compreendida pelo fato de que essa relação só foi considerada plausível numa associação do provérbio com o cotexto. Desse modo, foi o texto, no qual o provérbio se encontra, que possibilitou a inferência de uma incondicional para *Pai rico, filho nobre, neto pobre*. Caso o provérbio tivesse sido analisado isoladamente, sem referência a uma situação particular, semelhante relação retórica não teria sido considerada plausível.

Nota-se que mesmo a relação de ocorrência mais significativa, a de concessão, não representa uma quantidade tão expressiva dos dados, pois correspondeu a 23% dos casos.

Em contrapartida, observa-se que as relações de antítese, concessão e contraste totalizam 46% dos casos, o que demonstra uma significativa ocorrência da ideia de incompatibilidade, que está presente nessas três relações. Entende-se que essa expressiva ocorrência da ideia de incompatibilidade pode ser explicada partindo-se do pressuposto de que, por transmitirem ensinamentos, esse aspecto de contraste dos provérbios revelaria tais aconselhamentos de forma mais concreta, já que, por trás dessas incompatibilidades, é possível inferir: *faça-se isso, mas não aquilo*.

No Quadro 26, a seguir, procurou-se demonstrar a influência da situação específica (ou cotexto) na escolha da relação retórica mais plausível para a análise de um mesmo provérbio.



QUADRO 26: A influência da situação específica na escolha da relação retórica

Provérbios	Relações plausíveis em uma análise isolada	Relações determinadas pela situação específica
Casa de ferreiro, espeto de pau	Antítese, Concessão e Contraste	Concessão (Texto 1) Contraste (Texto 2)
Amigos, amigos, negócios à parte	Causa, condição	Causa (Textos 3 e 4)
Tal pai, tal filho	Comparação	Comparação (Textos 5 e 6)
Rei morto, rei posto	Condição, causa, circunstância	Causa (Textos 7 e 8)
Alegria de uns, tristeza de outros	Antítese, concessão e contraste	Contraste (Textos 9 e 10)
Olho por olho, dente por dente	Conjunção e adição	Conjunção (Textos 11 e 12)
Longe dos olhos, perto do coração	Contraste, antítese e concessão	Concessão (Texto 13) Antítese (Texto 14)
Filho criado, trabalho dobrado	Antítese e concessão	Concessão (Textos 15 e 16)
Mal com ele, pior sem ele	Antítese, concessão e contraste	Antítese (Texto 17) Concessão (Texto 18)
Pai rico, filho nobre, neto pobre	Conjunção e resultado; Conjunção e antítese; Conjunção e concessão; Conjunção e contraste.	Conjunção e Incondicional (Textos 19 e 20)

Ao se analisar o Quadro 26, nota-se que, dos dez provérbios estudados, apenas três modificaram a relação retórica em textos diferentes. Apesar de esse número ser pequeno, em quase todos os casos, uma análise isolada do provérbio possibilitou que mais de uma relação retórica fosse plausível. Desse modo, o único caso em que se encontrou

apenas uma relação retórica possível, numa análise isolada, foi em *Tal pai, tal filho*. Percebe-se, então, que a situação específica permite que se escolha, entre as relações retóricas plausíveis, qual seria mais pertinente para os propósitos comunicativos e para o efeito que o autor do texto pretende causar no leitor. Como os provérbios estudados não apresentam conectores para ligar as suas porções textuais, isso leva o analista a uma possibilidade maior de relações retóricas. Todavia, não se enfatiza com isso que os conectores determinam as relações retóricas, mas eles acabam limitando, ou restringindo a gama de relações possíveis.

Apesar de o número de provérbios em que as relações retóricas se modificaram não corresponder nem à metade dos casos analisados, semelhante fato não invalida a importância da situação comunicativa, já que, mesmo nos casos em que mudando-se o texto a relação retórica permanece a mesma, o contexto trouxe novas informações ou diferentes modos de se analisar um mesmo provérbio.

Nessa perspectiva, em *Casa de ferreiro, espeto de pau*, no texto (1), a quebra de expectativa é mais acentuada. Já no texto (2), em que esse provérbio também se apresenta, o que sobressai é estabelecer uma diferença entre o que seria uma empresa boa (com espetos de ferro) e uma empresa ruim (com espetos de pau). No primeiro texto, a situação específica conduz a considerar como mais plausível uma relação retórica de concessão para os propósitos comunicativos desse texto, devido ao caráter acentuado da quebra de expectativa. Em contrapartida, no texto (2), a possibilidade de comparação, evocada pela diferenciação entre empresas de boa qualidade *versus* de qualidade ruim, permite determinar como mais plausível uma relação de contraste.

Em *Amigos, amigos. Negócios à parte*, embora a situação específica tenha se alterado, a relação retórica tida como mais plausível não se modificou. Nesse sentido, tanto no texto (3) quanto no (4), a relação retórica definida para o provérbio foi de causa. Todavia, no texto 3, a relação de causa explicita uma razão baseada em pesquisa científica para argumentar que negócios entre amigos não tendem a dar certo. Já no texto (4), essa razão se fundamenta no senso comum, em experiências cotidianas, o que demonstra que, mesmo não alterando as relações de sentido, a situação específica permite que novas informações sejam apresentadas ainda que a relação retórica seja a mesma.

O provérbio *Tal pai, tal filho*, no texto (5), explicita uma comparação por meio de uma semelhança física. Já o uso do provérbio no texto (6), apesar de também expressar

uma relação retórica de comparação, não foi com o intuito de revelar uma comparação física, mas sim comportamental. Logo, no texto (6), as semelhanças comparadas dizem respeito a comportamento, talento e dom. Além disso, o uso do provérbio no texto (6) revela um questionamento do autor se pais e filhos serão sempre semelhantes, o que é explicitado também pelo uso do sinal de interrogação no provérbio.

No provérbio *Rei, morto, rei posto*, no texto (8), a palavra *morto* é usada no sentido literal; já no texto (7), o vocábulo *morto* refere-se a qualquer pessoa que não ocupe mais um cargo de poder. Ademais, o uso do provérbio no texto (7) não serve apenas para dizer que, quando um cargo se torna vago, ele será ocupado por outra pessoa, mas também para ressaltar que pessoas que ocupam cargos de alto nível têm dificuldades de se desvincular dessa posição, mesmo não exercendo mais o poder.

*Alegria de uns, tristeza de outros* manifesta a plausibilidade da relação retórica de contraste numa análise em que se considere a situação específica – os textos (9) e (10). Em contrapartida, no texto (9), o contraste evocado pelo provérbio contribui para reforçar o que é dito no texto: a chuva como motivo de alegria e de tristeza. No texto (10), entretanto, o contraste não é utilizado apenas para demonstrar o que causa *alegria para uns e tristeza para outros*, mas também para apresentar uma forma de superar esse sentimento de tristeza, a partir da divulgação do Centro de Valorização da Vida (CVV).

*Em olho por olho dente por dente*, a relação retórica considerada foi de conjunção tanto no texto (11) quanto no (12). Nota-se que, no texto (11), há uma crítica sobre o ato de fazer justiça com as próprias mãos. No que se refere ao texto (12), não se percebe uma crítica, mas sim um aspecto mais reflexivo que se revela por meio de um questionamento ao leitor sobre as consequências de se *fazer justiça com as próprias mãos*.

O provérbio *Longe dos olhos, perto do coração*, no texto 13, destaca uma quebra de expectativa, o que justifica determinar uma relação retórica de concessão para essa análise. Já no texto (14), a quebra de expectativa não se manifesta de forma tão incisiva, tendo em vista que os torcedores, citados no texto, contentam-se em não assistir aos jogos da seleção e aceitam essa situação. Esse contentamento revela mais uma incompatibilidade e oposição de ideias do que uma quebra de expectativa, o que contribui para a plausibilidade da relação de antítese no provérbio apresentado no texto (14).

Embora nos textos (15) e (16) a relação retórica tenha sido a mesma – concessão – para o provérbio *Filho criado, trabalho dobrado*, o vocábulo *criado* assume uma

acepção diferente em cada situação particular. No texto (15), o uso de *criado* faz referência a várias faixas etárias, isto é, até uma criança se encaixaria nessa definição de *criado*. A respeito do texto (16), a palavra *criado* já assume uma definição mais restrita, pois faz alusão a filhos adolescentes ou adultos. Além disso, no texto (16), o uso do provérbio não só expressa uma relação de concessão, mas também apresenta uma maneira de lidar com filhos que dão trabalho, mesmo depois de já terem recebido ensinamentos e orientações dos seus pais.

Em *Mal com ele, pior sem ele*, no texto (17), o uso do provérbio relacionado à situação específica ressalta a ideia de incompatibilidade, demonstrando que o uso do *e-mail* pode apresentar aspectos negativos, mas também positivos. Já o uso do provérbio no texto (18) destaca uma quebra de expectativa, o que contribuiu para estabelecer uma relação retórica de concessão.

As relações retóricas determinadas para o provérbio *Pai rico, filho nobre, neto pobre* foram incondicional e conjunção tanto para o texto (19) quanto para o (20). Todavia, essas relações revelam-se de formas diferentes, já que, no texto (19), o autor chama a atenção para o fato de que mais importante do que deixar uma herança aos filhos é ensiná-los a cuidar dos seus próprios bens e a controlar suas finanças. Quanto ao texto (20), o que sobressai mais do que ensinamentos dos pais para os filhos a respeito de educação financeira é apresentar as possíveis causas e consequências de filhos e netos não conseguirem atingir o mesmo patamar financeiro dos seus pais.

Hipotetizou-se, na introdução deste trabalho, que as informações genéricas e específicas, presentes nos provérbios, podem contribuir para explicar a plausibilidade das relações retóricas percebidas. Ademais, afirmou-se também que a situação particular pode interferir na seleção da relação retórica pertinente para um dado provérbio, apesar de os provérbios transmitirem informações genéricas, o que conduziria a uma conclusão lógica de que as relações retóricas, que emergem deles, seriam sempre fixas.

No que se refere à primeira afirmação da hipótese, observou-se que semelhante aspecto realmente se manifesta, já que as informações genéricas e específicas apresentam características que colaboram para justificar a plausibilidade da relação retórica escolhida para análise de um provérbio. Como exemplo, cita-se *Amigos, amigos. Negócios à parte*, texto (3), em que as informações de nível genérico mencionadas foram as de que existem pessoas com um forte vínculo emocional de amizade e que essas pessoas devem separar

negócios de relacionamento pessoal. No que se refere às informações específicas, demonstrou-se que *amigos*, *amigos* remete aos voluntários que participaram da pesquisa e que *negócios à parte*, ao fato de esses voluntários terem aceitado ofertas desfavoráveis de amigos. Desse modo, as informações genéricas e específicas já permitem inferir que há razões que levam a acreditar que negócios entre amigos não dão certo. A inferência dessas razões faz com que se pense na plausibilidade da relação de causa; logo, as informações genéricas e específicas já manifestam características presentes na relação retórica escolhida como plausível.

A respeito da segunda afirmação da hipótese, os dados mostraram que, dos dez provérbios analisados em vinte textos, apenas três tiveram a relação retórica alterada, quando o mesmo provérbio foi encontrado em textos diferentes. Ainda que esse número seja pequeno, isso demonstra que a situação específica, de alguma forma, exerce influência para se determinar qual relação retórica é mais plausível. Ressalta-se que, como se observou, até nos casos em que a relação retórica foi a mesma, o cotexto sempre trouxe uma informação a mais, ou, até mesmo, um modo diverso de se compreender um provérbio semelhante.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo de provérbios ressalta alguns aspectos característicos desse gênero, tais como uma *crença* aceita pela coletividade e o caráter prescritivo, o qual, como forma de aconselhamento, recomenda o que deve ou não ser feito. Nessa perspectiva, Lyzardo-Dias (2001, p. 58) afirma que, no que concerne

ao ambiente coletivo, o provérbio corresponde a uma necessidade de normatização das relações sociais e das condutas dos indivíduos, normatização intrínseca à vida em sociedade. Ele instaura (e reforça) o senso comum em termos de crença coletiva (certos valores e certos comportamentos são dados como consensuais) e em termos de esquema de ação (prescrição de ‘o que fazer’).

Essas características evocadas pelo provérbio contribuem para demonstrar como a persuasão se manifesta nesse gênero, levando em conta que a *crença coletiva* inerente ao provérbio funciona como um forte recurso de persuasão, pois quem profere um provérbio não se responsabiliza pelo que é dito, tendo em vista que aquilo que é enunciado não pertence a um autor específico, mas a uma coletividade. Se o provérbio possui traços prescritivos, determinando o que *deve ser feito*, para dar uma ordem ou convencer o outro de algo, é preciso ter bons argumentos; portanto, argumentos que se baseiam em aspectos culturais, sociais e que se tornaram senso comum de uma sociedade exercem um papel persuasivo para que o outro aceite o que é dito.

Na análise do *corpus* deste trabalho, pôde-se perceber a persuasão como estratégia argumentativa presente nos provérbios. Desse modo, o uso do provérbio contribui para reforçar ou reafirmar a ideia principal defendida pelo autor do texto. Por exemplo, no texto (13), o provérbio *Longe dos olhos, perto do coração*, presente no título, deixa bem claro o contraste evocado pelo texto, a partir da quebra de expectativa de que, *mesmo longe, os torcedores acompanham seu time de coração*. Além disso, se o título do texto (13) fosse substituído por *torcedores acompanham seu time do coração no exterior*, o aspecto persuasivo poderia não ser tão nítido, pois o uso do provérbio desperta também curiosidade para saber a que se refere *longe dos olhos, perto do coração*. Ademais, o provérbio resume, de forma breve, a ideia principal presente no texto, manifestando essa ideia por meio da formação de imagem, o que transmite concretude ao que é dito.

Ao identificar e descrever as relações retóricas que emergem entre as partes que constituem os provérbios, observou-se que a situação específica em que o provérbio se encontra contribui para demonstrar a plausibilidade de uma dada relação retórica. Desse modo, se as porções textuais do provérbio, analisadas isoladamente, manifestam características de contraste, esse aspecto também é perceptível ao longo do texto.

No que se refere à análise de um mesmo provérbio em textos diferentes, verificou-se que as relações retóricas emergentes do provérbio não se modificaram em 70% dos casos (dos 10 provérbios analisados, apenas três tiveram a relação retórica alterada em função da situação específica). Todavia, isso não invalida a importância do contexto para reafirmar a escolha, na análise, de uma dada relação retórica, pois a situação específica apresenta aspectos que contribuem para justificar a plausibilidade da relação retórica definida. Além disso, apesar de a maioria dos casos não ter a relação retórica modificada, quando o mesmo provérbio se encontrava em textos diferentes, a situação particular, em todos os casos, possibilitou uma nova maneira de compreender as informações evocadas pelo provérbio, conforme se explicitou na sistematização dos resultados. Destaca-se também que a plausibilidade da relação incondicional, nos textos (19) e (20), só foi possível por meio de uma associação do provérbio com o contexto, isto é, uma análise isolada não possibilitaria a inferência dessa relação retórica.

Este trabalho destacou também como as características do gênero provérbio podem apontar as relações de sentido perceptíveis para um dado texto. Uma das características do provérbio é a presença das metáforas. A metáfora manifestada pelas informações genéricas e específicas demonstra que os aspectos expressos nessas informações já apresentam traços que colaboram para explicitar a plausibilidade de uma relação retórica. O texto (8), por exemplo, com o provérbio *Rei morto, rei posto*, no nível genérico, afirma que o fato de alguém ser destituído do cargo faz com que outra pessoa ocupe o lugar que se tornou vago. Já no específico, mencionou-se que a morte de Eduardo Campos fez com que Marina Silva se tornasse a pessoa mais indicada a assumir o cargo. As informações genéricas e específicas manifestadas já revelam o motivo ou a razão de *o rei morto ser posto*, o que reafirma a plausibilidade de uma relação de causa.

Notou-se que, nos casos em que as relações retóricas plausíveis poderiam ser de antítese, concessão e contraste, apesar do papel fundamental da situação específica para determinar qual dessas três relações retóricas seria mais plausível, sempre houve muita

fluidez na definição dessas relações. Essa fluidez se estabelece pelo fato de essas relações terem características muito próximas, o que se confirma pela leitura das definições das relações retóricas da RST (*vide* ANEXO A), nas quais se verifica que as relações de antítese e concessão possuem o mesmo efeito. A constatação da dificuldade de diferenciação entre essas relações pode ser útil para trabalhos futuros que procurem estudar mais detalhadamente uma maneira de dirimir essa dificuldade de definir, em certos casos, qual relação retórica seria mais pertinente: antítese, concessão, ou contraste. Uma possibilidade poderia ser agregar todas as características dessas três relações e elaborar uma única relação; para isso, seria necessário analisar um número maior de dados em que essas relações ocorressem. A partir disso, poder-se-ia chegar à demonstração das características dessa nova relação e do seu efeito.

Acredita-se que o estudo, aqui apresentado, venha a contribuir também para o ensino da Língua Portuguesa, no sentido de evidenciar como os provérbios podem despertar nos discentes o interesse por aspectos culturais. Além de levá-los a perceber que os provérbios funcionam como estratégia argumentativa, colaborando no desenvolvimento da persuasão no trabalho de leitura e produção textual.



## REFERÊNCIAS

- ALI, Said. *Gramática histórica da língua portuguesa*. São Paulo: Melhoramentos, 1964.
- ALMANAQUE JANGADA BRASIL. *Seleção de provérbios*. Disponível em: <<http://www.jangadabrasil.com.br/almanaque/index.asp>>. Acesso em: 11 ago. 2012.
- ANDRADE, M. Pai rico, filho nobre, neto pobre. Disponível em: <<http://marcelloandrade.wordpress.com/2011/02/23/pai-rico-filho-nobre-neto-pobre/>>. Acesso em: 10 jun. 2013.
- ANDRADE, V. L. V; MARTINS, H. F. Sobre a identidade da metáfora literária: uma análise do Romance d'A Pedra do Reino e o príncipe do sangue do vai-e-volta. *Veredas On Line*, Temática, p. 202-220, 2011.
- ANTONIO, J. D. O texto como objeto de estudo na linguística funcional. In: ANTONIO, J. D; NAVARRO, P. (Org.). *O texto como objeto de ensino, de descrição linguística e de análise textual e discursiva*. Maringá: Eduem, 2009. p. 61-80.
- ARISTÓTELES. *Arte retórica e arte poética*. Rio de Janeiro: Tecnoprint, [19--].
- BAKHTIN. M. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1992 [1953].
- BARBIERI, L. Natal: alegria para uns, tristeza para outros. *Band notícias*. Disponível em: <<http://noticias.band.uol.com.br/cidades/rs/noticia/100000653316/natal-alegria-para-uns-tristeza-para-outros.html>>. Acesso em: 10 abr. 2014.
- BARBOZA, D. C. F. Amigos, amigos! Negócios à parte! *Discutindo relações*. Disponível em: <<http://discutindorelacoes1.blogspot.com.br/2011/03/amigos-amigos-negocios-parte.html>>. Acesso em: 10 jan.2013.
- BECHARA, E. *Moderna gramática portuguesa*. 37. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2001.
- BECHARA, Evanildo. *Lições de Português pela análise sintática*. Rio de Janeiro: Padrão, 1992.
- BERBERT, Manuela. Olho por olho, dente por dente: falta justiça?. *Pimenta blog*. Disponível em: <<http://www.pimenta.blog.br/2014/02/12/olho-por-olho-dente-por-dente-falta-justica/>>. Acesso em: 10 maio 2014.
- BOLINGER, D. *Meaning and form*. Londres: Longmans, 1977.
- BOTTINO, C. Pai rico, filho nobre e neto pobre. *Portal tudo em família*. Disponível em: <<http://www.portaltudoemfamilia.com.br/cms/?p=1072>>. Acesso em: 20 set. 2014.
- BUENO, Francisco da Silveira. *Gramática Normativa da Língua Portuguesa*. 7. ed. São Paulo: Saraiva, 1968.

- BUTLER, C. S. *Structure and function: a guide to three major structural-functional theories. Part 1: approaches to the simple clause*. Amsterdam; Philadelphia: J. Benjamins, 2003.
- CAMARA JR., J. M. *Dicionário de Linguística e Gramática*. Petrópolis: Vozes, 1985.
- CAMERON, L. Identifying and describing metaphor in spoken discourse data. In: Cameron, L. e G. LOW. *Researching and applying metaphor*. Cambridge: Cambridge University Press, 1999.
- CAMPOS, R. C. S. *Anunciou: vendeu????*. O anúncio publicitário na mídia impressa e os mecanismos de sua construção como gênero: uma análise funcional-discursiva. 2013. 175 f. Tese (Doutorado em Linguística Teórica e Descritiva/Estudos da Língua em Uso). Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013.
- CARLSON, L.; MARCU, D. *Discourse Tagging Reference Manual*. 2001. ISI Technical Report ISI- TR- 545, 2001.
- CHEGUEI AO MUNDO. Tal pai tal filho: bebês com estilo, papais famosos. Disponível em: <<http://chegueiaomundo.com.br/bebes/tal-pai-tal-filho/>>. Acesso em: 06 nov. 2013.
- CORREIA, M. R. de F. R. *Estrutura retórica do texto e a articulação de orações no gênero artigo de opinião: uma abordagem funcionalista*. 2011. 117f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2011.
- COSTA, C. N. *Metáforas do casamento do discurso religioso*. 2010. 141f. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2010.
- COUTINHO, A. Schematisation (discursive) et disposition (textuelle). In: ADAM, GRIZE, J-B; BOUACHA, M. A. (Ed.). *Texte et discours: catégories pour l'analyse*. Dijon: Editions Universitaires de Dijon, 2004. p. 29-42.
- CUNHA, C; CINTRA, L. *Nova gramática do português contemporâneo*. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- CUNHA, M. A. F. Funcionalismo. In: MARTELOTTA, M. E. (Org.). *Manual de Linguística*. São Paulo: Contexto, 2008. p. 157-176.
- CUNHA, M. A. F; COSTA, M. A; CEZARIO, M. M. Pressupostos teóricos fundamentais. In: CUNHA, M. A. F; OLIVEIRA, M. R; MARTELOTTA, M. E (Org.). *Linguística Funcional: teoria e prática*. Rio de Janeiro: DP & A, 2003. p. 29-55.
- DA CUNHA, I; IRUSKIETA, M. Comparing rhetorical structures in different languages: the influence of translation strategies. *Discourse Studies*, p. 563-598, 2010.

DAMASCENO, Renan. Longe dos olhos, perto do coração. *Super Esportes*. Disponível em: <[http://www.superesportes.com.br/app/1,168/2014/11/11/noticia\\_futebol\\_nacional,297391/longe-dos-olhos-perto-do-coracao.shtml](http://www.superesportes.com.br/app/1,168/2014/11/11/noticia_futebol_nacional,297391/longe-dos-olhos-perto-do-coracao.shtml)> Acesso em: 15 nov. 2014.

DECAT, M. B. N. A articulação hipotática adverbial no português em uso. In: DECAT, M. B. N *et al.* *Aspectos da gramática do português: uma abordagem funcionalista*. Campinas: Mercado de Letras, 2001. Cap. 3: p. 103-166.

DEIGNAN, A. *Metaphor and Corpus Linguistics*. Amsterdam: John Benjamins, 2005.

DIAS, M. L. V. S; RODRIGUES, V. V. Justaposição: processo sintático distinto da coordenação e da subordinação? In: RODRIGUES, V. V. (Org.). *Articulação de orações: pesquisa e ensino*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2010. p. 11-30.

FIGUEIREDO, G. R. 2012. *O gênero proverbial na imprensa: usos e funções retóricas*. 185f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2012.

FORD, C. E. Overlapping relations in text structure. In: *Proceedings of the second annual meeting of the Pacific Linguistics Conference*. Scott Delancey and Russel S. Tomlin Eds. Department of Linguistics, University of Oregon, 1986.

FUCHS, J. T. *Rhetorical structure theory: limites e possibilidades de representação da organização textual*. 2009. 150f. Dissertação (Mestrado) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2009.

GARCIA, O. M. *Comunicação em prosa moderna: aprenda a escrever, aprendendo a pensar*. 21. ed. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2002.

GIBBS JR., R. W. *The poetics of mind: figurative thought, language and understanding*. University of California, Santa Cruz: Cambridge University Press, 1994.

GIVÓN, T. *Functionalism and Grammar*. Amsterdam; Philadelphia: John Benjamins, 1995.

GIVÓN, T. *On Understanding Grammar*. New York: Academic Press, 1979.

GIVÓN, T. *Syntax: a Functional-Typological Introduction*. Amsterdam; Philadelphia: J. Benjamins, 1984a. v. 1.

GOUVÊA, L. H. M. A articulação. *Revista Scripta*, Belo Horizonte, v. 5, n. 9, p. 234-240, 2001.

HALLIDAY, M. A. K. Part A. In: HALLIDAY, M. A. K; HASAN, R. *Language, context, and text: aspects of language in a social-semiotic perspective*. Oxford: [s.n.], 1989. p. 1-49.

HOPPER, P.; THOMPSON, S. Transitivity in grammar and discourse. *Language*, p. 251-299, 1980.

HOUAISS, A.; VILLAR, M. S. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

JANE M. Filho criado, trabalho dobrado. *Mulheres impossíveis*. Disponível em: <<http://mulheresimpossiveis.wordpress.com/2011/04/29/filho-criado-trabalho-dobrado/>>. Acesso em: 12 abr. 2013.

KAMINSKIAVALCA. Casa de ferreiro, espeto de pau. Disponível em: <<http://kaminskiavalca.wordpress.com/blog/casa-de-ferreiro-espeto-de-pau/>>. Acesso em: 4 set. 2014.

KOCH, I. V; ELIAS, V. M. *Ler e escrever: estratégias de produção textual*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2011.

KRESS, G.; VAN LEEUWEN, T. *Multimodal discourse: the modes and media of contemporary communication*. London: Arnold Publishers, 2001.

LADEIA, B. Amigos, amigos. Negócios à parte. *Você S.A.* Disponível em: <<http://vocesa.abril.com.br/organize-suas-financas/materia/amigos-amigos-negocios-parte-651205.shtml>>. Acesso em: 1º abr. 2012.

LAKOFF, G.; TURNER, M. *More than cool reasons: a field guide to poetic metaphor*. Chicago; London: The University of Chicago Press, 1989.

LAKOFF, G; JOHNSON, M. *Metáforas da vida cotidiana*. Tradução de Maria Sophia Zanotto (Coord.). São Paulo: Mercado das Letras, 2002. Título original: *Metaphors we live by* (1980).

LALANDE, A. *Vocabulaire e Technique et critique de la philosophie*. Paris: PUF, 1962.

LUFT, C. P. *Moderna gramática brasileira*. 2. ed. São Paulo: Globo, 2002.

LYSARDO-DIAS, D. *Provérbios que são notícia: uma análise discursiva*. 2001, 276f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2001.

MANN, W. C.; THOMPSON, S. *Rhetorical Structure Theory and Text Analysis*. California: University of Southern California. ISI/RR-89-242, 1989.

MANN, W. C.; THOMPSON, S. *Rhetorical Structure Theory: a framework for the analysis of texts*. California: University of Southern California. ISI/RR-87-190, 1987a.

MANN, W. C.; THOMPSON, S. *Rhetorical Structure Theory: a theory of text organization*. California: University of Southern California. ISSI/RR-87-190, 1987b.

MANN, W. C.; THOMPSON, S. Rhetorical Structure Theory: toward a functional theory of text organization. *Text*, v. 8, n. 3, p. 243-281, 1988.

MANN, W. C.; *Discourse structures for text generation*. California: University of Southern California. ISI/RR-84-127, 1984.

MANN, W.C; THOMPSON, S. A. Toward a theory of reading between the lines: an exploration in discourse structure and implicit communication. In: IPRA – International Pragmatics Conference, 7. University of California Santa Barbara, 2000. p. 1-13.

MANSI, V. Mal com ele, pior sem ele. Comunicação com funcionário. Disponível em: <<http://www.comunicacaocomfuncionario.com.br/2012/10/08/e-mail-mal-com-ele-pior-sem-ele/>>. Acesso em: 10 maio 2013.

MARCU, D. A surface-based approach to identifying discourse markers and Elementary textual units in unrestricted texts. In: PROCEEDINGS OF COLING-ACL WORKSHOP ON DISCOURSE RELATIONS AND DISCOURSE MARKERS. Montreal, 1998a. p. 1-7.

MARCU. *Instructions for manually annotating the discourse structures of texts*. 1999. Disponível em: <<http://www.isi.edu/~marcu>>. Acesso em: 15 jan. 2013.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: configuração, dinamicidade e circulação. In: KARWOSKI, A. M.; GAYDECZKA, Brito K. S (Org.). *Gêneros textuais: reflexões e ensino*. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

MARCUSCHI, L. A. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MARTELOTTA, M. E. *et al.* (Org.). *Manual de Lingüística*. São Paulo: Contexto, 2008.

MARTELOTTA, M. E. *Figura e fundo*. Uma proposta prática de análise. Rio de Janeiro: UFRJ, 1998.

MARTINS, J. S. Rei morto, rei posto. *Estadão*. Disponível em: <<http://www.estadao.com.br/noticias/suplementos,rei-morto-rei-posto,663670,0.htm>>. Acesso em: 10 dez. 2012.

MATEUS, M. H. M. *et al.* *Gramática da língua portuguesa: elementos para a descrição da estrutura, funcionamento e uso do português actual*. Coimbra: Almedina, 1983.

MATTHIESSEN, C.; THOMPSON, S. A. The structure of discourse and subordination. In: HAIMAN, J.; THOMPSON, S.A. (Ed.). *Clause combinig in grammar and discourse*. Amsterdam: John Benjamins, 1988. p. 275-329.

MEIRA, A. C. G. A. *A articulação de orações em provérbios do português em uso: uma análise das relações retóricas*. 2011. 150f. Dissertação (Mestrado em Linguística Teórica e Descritiva) – Faculdade de Letras, UFMG, Belo Horizonte, 2011.

MORENA, R. Olho por olho, dente por dente. *O povo*. Disponível em: <<http://www.opovo.com.br/app/jornaldoleitor/noticiassecundarias/cronicas/2013/10/28/noticiajornaldoleitorcronicas,3154218/u201colho-por-olho-dente-por-dente-u201d.shtml>>. Acesso em: jan. 2014.

MOSTRADANUS. Filho criado, trabalho dobrado. *Recanto das Letras*. Disponível em: Disponível em: <<http://www.recantodasletras.com.br/artigos/4013609>>. Acesso em: 10 nov. 2013.

MOTTA-ROTH, D.; HERBELE, V. M. O conceito de “estrutura potencial do gênero” de Ruqayia Hasan. In: MEURER, J. L; BONINI, A; MOTA-ROTH, D. (Org.). *Gêneros: teorias, métodos e debates*. São Paulo: Parábola Editorial, 2005. p. 12-28.

NARLOCH, L. Tal pai, tal filho? *Super Abril*. Disponível em: <<http://super.abril.com.br/ciencia/tal-pai-tal-filho-443509.shtml>>. Acesso em: 14 nov. 2013.

NEVES, M. H de M. As construções causais. In: NEVES, M. H. de M. (Org.). *Gramática do Português Falado*. Campinas: Ed. Unicamp, 1999. v. VII, p. 461-495.

NEVES, M. H de M. As construções concessivas. In: NEVES, M. H. de M. (Org.). *Gramática do Português Falado*. Campinas: Ed. Unicamp, 1999. v. VII, p. 544-591.

NEVES, M. H. de M. *Gramática de usos do Português*. São Paulo: UNESP, 2000.

NEVES, M. H. M. *Texto e Gramática*. São Paulo: Contexto, 2007.

NICHOLAS, N. *Problems in the application of rhetorical structure theory to text generation*. University of Melbourne, 1994. Unpublished.

NORRICK, Neal R. *How Proverbs mean: semantic studies in English Proverbs*. Amsterdam: Mouton, 1985.

O DIA. *Longe dos olhos, perto do coração*. Disponível em: <<http://odia.ig.com.br/noticia/rio-de-janeiro/2014-06-17/longe-dos-olhos-perto-do-coracao.html>>. Acesso em: 13 nov. 2014.

OITICICA, J. *Manual de Análise (Léxica e Sintática)*. 5. ed. São Paulo; Belo Horizonte: Livraria Francisco Alves, 1940.

OLIVEIRA, M. L. *Como se faz o provérbio: uma abordagem da conjuntura do provérbio enquanto realidade discursiva*. 1991. 385 f. Tese (Doutorado) – UNESP, Araraquara, 1991.

PAIVA, V. L. M. O. E-mail: um novo gênero textual. In: MARCUSCHI, L. A.; XAVIER, A. C. (Org.). *Hipertextos e gêneros digitais: novas formas de construção de sentido*. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2010. p. 81-108.

PARDO, T. A. S. *Métodos para Análise Discursiva Automática*. 2005. 211f. Tese (Doutorado) – Instituto de Ciências Matemáticas e de Computação, Universidade de São Paulo, São Carlos, 2005.

RADIO PAJEÚ. Chuva! Alegria de uns tristeza de outros. Disponível em: <<http://www.radiopajeu.com.br/portal/chuva-alegria-de-uns-tristeza-de-outros>>. Acesso em: 10 abr. 2014.

ROCHA, A. C. Mal com ele, pior sem ele. *Pravda.ru*. Disponível em: <<http://port.pravda.ru/news/cplp/brasil/16-11-2003/3540-0/>>. Acesso em: 12 jan. 2012.

ROCHA, F. C. Análise metafórica do provérbio “(em) casa de ferreiro, espeto de pau”, em um texto da mídia eletrônica brasileira, sob a perspectiva da lingüística cognitiva. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE LETRAS E LINGÜÍSTICA, XI.; SIMPÓSIO INTERNACIONAL, I., 2006, Uberlândia. *Anais...* Disponível em: <<http://www3.unisul.br/paginas/ensino/pos/linguagem/cd/index1.htm>>. Acesso em: 1º abr. 2012.

RODRIGUES, A. C. S. *et al.* Correlação modo-temporal nas construções complexas do português do Brasil: orações concessivas. In: NEVES, M. H. de M. (Org.). *Gramática do Português Falado*. Campinas: Ed. Unicamp, 1999. v. VII, p. 653-672.

RODRIGUES, V. V. As construções comparativas em língua portuguesa. *Revista do Gelne*, v. 4, n. 1, p. 1-6, 2002.

ROSÁRIO, I. C. *Expressão da concessividade em construções do português do Brasil*. 2012. 271 f. Tese (Doutorado) – Departamento de Letras Vernáculas, Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

RST. Definições das relações. Disponível em: <<http://www.sfu.ca/rst/07portuguese/definitions.html>>. Acesso em: 10 jun. 2011.

RST. Introdução à teoria da estrutura Retórica. Disponível em: <<http://www.sfu.ca/rst/07portuguese/intro.html>>. Acesso em: 10 jun. 2011.

SALGADO, E. *As construções concessivas no português brasileiro no século XIX*. 2007. 93 f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

SARDINHA, T. B. *Metáfora*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

SCHAUER, H. From Elementary Discourse Units to Complex Ones. In: PROCEEDINGS OF 1ST SIGDIAL WORKSHOP ON DISCOURSE AND DIALOGUE, Hong Kong, 2000. p. 46-55.

SHOVOONG, COM. Em casa de ferreiro, espeto de pau. Disponível em: <<http://pt.shvoong.com/books/mythology-ancient-literature/2036113-em-casa-ferreiro-espeto-pau>>. Acesso em: 1º set. 2012.

SILVA, M. J. F. *Propriedades formais e semântico-discursivas das orações causais com porque*. 2008. 115 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

TABOADA, M. Implicit and Explicit Coherence Relations. In: RENKEMA, J. (Ed.). *Discourse, of Course*. Amsterdam; Philadelphia: John Benjamins, 2009. p. 125-138.

TABOADA, M.; MANN, W. C. Rhetorical Structure Theory: looking back and moving ahead. *Discourse Studies*, v. 8, n. 3, p. 423-459, jun. 2006. Disponível em: <<http://dis.sagepub.com/cgi/content/abstract/8/3/423>>. Acesso em: 10 jan. 2010.

TAVARES, C. Rei morto, rei posto: PSB supera divergências e deve lançar Marina na quarta. *Folha da Manhã Online*. Disponível em: <<http://fmanha.com.br/blogs/emtempo/2014/08/16/rei-morto-rei-posto-psb-super-divergencias-e-deve-lancar-marina-na-quarta>>. Acesso em: set. 2014.

TEIXEIRA, J. Mecanismos metafóricos e mecanismos cognitivos: provérbios e publicidade. In: ACTAS DEL VI CONGRESO DE LINGÜÍSTICA GENERAL. Madrid: Arco Libros, 2007. p. 1-12.

VAN DIJK, T. A. *Text and context: explorations in the semantics and pragmatics of discourse*. London: Longman, 1989.

VEREZA, S. C. Exploring metaphors in corpora: a study of war in corpus generated data. In: ZANOTTO, M. S. *et al. Confronting metaphor in use: an applied linguistic approach*. Amsterdam: J. Benjamins, 2008.

VEREZA, S. C. Metáfora e argumentação: uma abordagem cognitivo-discursiva. *Revista Linguagem em (Dis)curso*, v. 7, n. 3, 2007.

VEREZA, S. C. O lócus da metáfora: linguagem, pensamento e discurso. *Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: Letras e Cognição*, n. 41. p. 199-212, 2010.

VERHAGEN, A. Subordination and discourse segmentation revisited, or: why matrix clauses may be more dependent than complements. In: SANDERS, T; SCHILPEROORD, J; SPOOREN, W. *Text Representation: Linguistic and Psycholinguistic Aspects*. Amsterdam; Philadelphia: John Benjamins, 2001. p. 337-357.

WIEBE, J. Issues in linguistic segmentation. In: PROCEEDINGS OF ACL SIG WORKSHOP ON INTENTIONALITY AND STRUCTURE IN DISCOURSE RELATIONS. Columbus, 1993. p. 148-151.



XATARA, C. M; OLIVEIRA, W. L. *Novo PIP*: dicionário de provérbios, idiomatismos e palavrões em uso: francês-português. 2. ed. São Paulo: Editora de Cultura, 2008.

XATARA, C. M; SUCCI, T. M. Revisitando o conceito de provérbio. *Veredas On Line*, p. 33-481, 2008.

## ANEXO A – DEFINIÇÕES DAS RELAÇÕES RETÓRICAS

Definições das relações de apresentação			
Nome da relação	Condições em S ou N, individualmente	Condições em N + S	Intenção do A
Antítese	Em N: A tem atitude positiva face a N	N e S estão em contraste (cf. a relação de Contraste); devido à incompatibilidade suscitada pelo contraste, não é possível ter uma atitude positiva perante ambas as situações; a inclusão de S e da incompatibilidade entre as situações aumenta a atitude positiva de L por N	A atitude positiva do L face a N aumenta
Concessão	Em N: A possui atitude positiva face a N em S: A não afirma que S não está certo	A reconhece uma potencial ou aparente incompatibilidade entre N e S; reconhecer a compatibilidade entre N e S aumenta a atitude positiva de L face a N	A atitude positiva de L face a N aumenta
Elaboração	Em N: apresenta uma acção de L (incluindo a aceitação de uma oferta), não realizada face ao contexto de N	A compreensão de S por L aumenta a capacidade potencial de L para executar a acção em N	A potencial capacidade de L para executar a acção em N aumenta
Evidência	Em N: L pode não acreditar em N a um nível considerado por A como sendo satisfatório em S: L acredita em S ou considera-o credível	A compreensão de S por L aumenta a crença de L em N	A crença de L em N aumenta
Fundo	Em N: L não compreende integralmente N antes de ler o texto de S	S aumenta a capacidade de L compreender um elemento em N	A capacidade de L para compreender N aumenta
Justificação	Nenhuma	A compreensão de S por L aumenta a sua tendência para aceitar que A apresente N	A tendência de L para aceitar o direito de A a apresentar N aumenta
Motivação	Em N: N é uma acção em que L é o ator (incluindo a aceitação de uma oferta), não realizada face ao contexto de N	A compreensão de S aumenta a vontade de L para executar a acção em N	A vontade de L para executar a acção em N aumenta

Preparação	Nenhuma	S precede N no texto; S tende a fazer com que L esteja mais preparado, interessado ou orientado para ler N	L está mais preparado, interessado ou orientado para ler N
Reformulação	Nenhuma	Em N + S: S reformula N, onde S e N possuem um peso semelhante; N é mais central para alcançar os objectivos de A do que S	L reconhece S como reformulação
Resumo	Em N: N deve ser mais do que uma unidade	S apresenta uma reformulação do conteúdo de N, com um peso inferior	L reconhece S como uma reformulação mais abreviada de N

Fonte: Site da RST. Disponível em: <<http://www.sfu.ca/rst/07portuguese/definitions.html>>. Acesso em: 10 jun. 2011.

<b>Definições das relações de conteúdo</b>			
<b>Nome da relação</b>	<b>Condições em S ou N, individualmente</b>	<b>Condições em N + S</b>	<b>Intenção do A</b>
Alternativa (anti-condicional)	Em N: N representa uma situação não realizada em S: S representa uma situação não realizada	Realização de N impede a realização de S	L reconhece a relação de dependência de impedimento que se estabelece entre a realização de N e a realização de S
Avaliação	Nenhuma	Em N + S: S relaciona N com um grau de atitude positiva de A face a N	L reconhece que S confirma N e reconhece o valor que lhe foi atribuído
Causa involuntária	Em N: N não representa uma ação voluntária	S, por outras razões que não uma ação voluntária, deu origem a N; sem a apresentação de S, L poderia não conseguir determinar a causa específica da situação; a apresentação de N é mais importante para cumprir os objetivos de A, ao criar a combinação N-S, do que a apresentação de S	L reconhece S como causa de N
Causa voluntária	Em N: N constitui uma ação voluntária ou mesmo uma situação	S poderia ter levado o agente da ação voluntária em N a realizar essa ação; sem a	L reconhece S como a causa da ação voluntária em N

	possivelmente resultante de uma ação voluntária	apresentação de S, L poderia não perceber que a ação foi suscitada por razões específicas ou mesmo quais foram essas razões; N é mais importante do que S para cumprir os objetivos de A, na criação da combinação N-S	
Circunstância	Em S: S não se encontra não realizado	S define um contexto no assunto, no âmbito do qual se pressupõe que L interprete N	L reconhece que S fornece o contexto para interpretar N
Condição	Em S: S apresenta uma situação hipotética, futura, ou não realizada (relativamente ao contexto situacional de S)	Realização de N depende da realização de S	L reconhece de que forma a realização de N depende da realização de S
Condição inversa	Nenhuma	S afecta a realização de N; N realiza-se desde que S não se realize	L reconhece que N se realiza desde que S não se realize
Elaboração	Nenhuma	S apresenta dados adicionais sobre a situação ou alguns elementos do assunto apresentados em N ou passíveis de serem inferidos de N, de uma ou várias formas, conforme descrito abaixo. Nesta lista, se N apresentar o primeiro membro de qualquer par, então S inclui o segundo: conjunto :: membro abstração :: exemplo todo :: parte processo :: passo objeto :: atributo generalização :: especificação	L reconhece que S proporciona informações adicionais a N. L identifica o elemento do conteúdo relativamente ao qual se fornece pormenores
Incondicional	Em S: S poderia afetar a realização de N	N não depende de S	L reconhece que N não depende de S
Interpretação	Nenhum	Em N + S: S relaciona N com várias ideias que não se encontram diretamente relacionadas com N, e que	L reconhece que S relaciona N com várias ideias que não se encontram relacionadas com o

		não estão relacionadas com a atitude positiva de A	conhecimento apresentado em N
Método	Em N: uma actividade	S apresenta um método ou instrumento que tende a aumentar as probabilidades de realização de N	L reconhece que o método ou instrumento de S tende a aumentar as probabilidades de realização de N
Propósito	Em N: N é uma actividade. Em S: S é uma situação que não se encontra realizada	S será realizado através da actividade de N	L reconhece que a actividade em N se inicia para realizar S
Resultado involuntário	Em S: S não representa uma ação voluntária	N causou S; a apresentação de N é mais importante para cumprir os objetivos de A, ao criar a combinação N-S, do que a apresentação de S	L reconhece que N poderia ter causado a situação em S
Resultado voluntário	Em S: S constitui uma situação ou ação voluntária possivelmente resultante de uma ação voluntária	N pode ter causado S; a apresentação de N é mais importante para cumprir os objetivos de A do que a apresentação de S	L reconhece que N pode ser uma causa da ação ou situação em S
Solução	Em S: S apresenta um problema	N constitui uma solução para o problema apresentado em S	L reconhece N como uma solução para o problema apresentado em S

Fonte: Site da RST. Disponível em: <<http://www.sfu.ca/rst/07portuguese/definitions.html>>. Acesso em: 10 jun. 2011.

<b>Definições das relações multinucleares</b>		
<b>Nome da relação</b>	<b>Condições em cada par de N</b>	<b>Intenção de A</b>
Conjunção	Os elementos unem-se para formar uma unidade onde cada um dos elementos desempenha um papel semelhante	L reconhece que os elementos inter-relacionados se encontram em conjunto
Contraste	Nunca mais de dois núcleos; as situações nestes dois núcleos são (a) compreendidas como sendo as mesmas em vários aspectos (b) compreendidas como sendo diferentes em alguns aspectos, e (c) comparadas em termos de uma ou mais destas diferenças	L reconhece a possibilidade de comparação e a(s) diferença(s) suscitadas pela comparação realizada

Disjunção	Um dos elementos apresenta uma alternativa (não necessariamente exclusiva) à(s) outra(s)	L reconhece que os elementos inter-relacionados constituem alternativas
Junção	Nenhuma	Nenhuma
Lista	Um elemento comparável a outros e ligado a outro N através de uma relação de Lista	L reconhece a possibilidade de comparação dos elementos relacionados
Reformulação multi-nuclear	Um elemento constitui, em primeiro lugar, a repetição de outro, com o qual se encontra relacionado; os elementos são de importância semelhante aos objectivos de A	L reconhece a repetição através dos elementos relacionados
Sequência	Existe uma relação de sucessão entre as situações apresentadas nos núcleos	L reconhece as relações de sucessão entre os núcleos

Fonte: Site da RST. Disponível em: <<http://www.sfu.ca/rst/07portuguese/definitions.html>>. Acesso em 10 jun. 2011.

**ANEXO B – RELAÇÃO RETÓRICA DE COMPARAÇÃO**

**Nome da relação:** COMPARISON

**Restrições sobre N:** apresenta uma característica de algo ou alguém

**Restrições sobre S:** apresenta uma característica de algo ou alguém comparável com o que é apresentado em N

**Restrições sobre N+S:** as características de S e N estão em comparação

**Efeito:** o leitor reconhece que S é comparado a N em relação a certas características

Fonte: Pardo (2005, p. 136).

**ANEXO C – RELAÇÃO RETÓRICA DE ADIÇÃO**

<b>Nome da relação:</b> ADIÇÃO
<b>Restrições sobre N:</b> não há
<b>Restrições sobre S:</b> S baseia-se no que é apresentado em N
<b>Restrições sobre N+S:</b> apresenta uma porção, trazendo uma informação que se acrescenta à que é apresentada no núcleo
<b>Efeito:</b> o leitor reconhece que a informação se torna mais abrangente e mais completa, devido à união de N+S

Fonte: Correia (2011, p. 36).